

Emanoela Cristina Lima

**A TOPONÍMIA AFRICANA
EM MINAS GERAIS**

POSLIN
FALE/UFMG
Belo Horizonte
2012

Emanoela Cristina Lima

A TOPONÍMIA AFRICANA EM MINAS GERAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística

Linha de pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística (1A)

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Coorientadora: Profa. Dra. Sônia Maria de Melo Queiroz

Belo Horizonte
2012

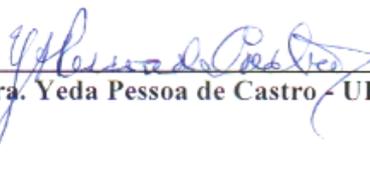
Dissertação intitulada *A toponímia africana em Minas Gerais*, defendida por EMANOELA CRISTINA LIMA em 14/06/2012 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:



Dra. Maria Cândida Trindade Costa Seabra - UFMG
Orientadora



Dra. Sônia Maria de Melo Queiroz (co-orientadora) - UFMG



Dra. Yeda Pessoa de Castro - UFBA



Dr. Lúcia Monteiro de Barros Fulgêncio - UFMG

Agradecimentos

A Deus, por toda força e sabedoria concedida e por ser o meu amparo diante das dificuldades.

À Profa. Dra. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra, pela dedicação durante a orientação desta pesquisa, e, muito mais, pelo grande incentivo dado às investigações toponímicas, desde os tempos da graduação, despertando em mim o interesse e gosto por essa área. Sou grata também por todo conhecimento construído, desde os tempos de iniciação científica, durante minha participação nas pesquisas do projeto ATEMIG. Agradeço, sobretudo, pela amizade, pela postura sempre carinhosa e exigente, e por todos os valiosos ensinamentos transmitidos.

À Profa. Dra. Sônia Maria de Melo Queiroz, pelo exemplo de pessoa e profissionalismo, por desde a graduação me mostrar o quão importante é o estudo das contribuições dos negros africanos à nossa língua e cultura. Agradeço também pela dedicação como coorientadora, pelo constante incentivo e disposição à leitura crítica e construtiva desse trabalho.

À Profa. Dra. Ana Cristina Fricke Matte e a toda equipe de tutores e monitores da disciplina Oficina de Leitura e Produção de Textos, agradeço pela troca de experiências durante o trabalho de tutoria na educação à distância.

Ao projeto ATEMIG, ao qual essa pesquisa encontra-se vinculada. E às pesquisadoras e amigas desse projeto, Cassiane Freitas, Christiane Togethoff, Gláucia Franklim, Gisele Ribeiro, Mônica Carvalho, Sônia Machado e Tatiane Martins, pela convivência sempre entusiasmada e alegre, durante as tardes de coleta de dados do IBGE.

À bibliotecária Zuleide Filgueiras e ao funcionário Nivaldo Pimentel, pelo acolhimento, atenção e interesse em ajudar na procura pelas cartas topográficas do IBGE, durante as pesquisas para o projeto ATEMIG.

À amiga Cassiane Freitas, agradeço pela alegria e tranquilidade que sua presença transmitiu durante toda a graduação, iniciação científica e mestrado.

Aos colegas da Pós-Graduação, Vander Lúcio, Ana Paula Mendes, Raquel Costa, pelas informações e materiais úteis à escrita da dissertação, e também pelo incentivo constante.

Agradecer é mostrar ao outro a sua contribuição e valor em nossas realizações. Então minha gratidão estende-se também a todos aqueles que estiveram constantemente ao meu lado durante esses dois anos. À Cristina Trindade, à Zalfa Trindade, ao Thiago Lima, ao Pedro Cotta e a todos os meus amigos, agradeço por me ajudarem das mais variadas formas, sobretudo, com carinho, orações, apoio, palavras de incentivo e coragem.

Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na idéia dos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto mais embaixo, bem diverso do que em primeiro se pensou [...] o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia...

(ROSA, 1986, p. 26-52)

Resumo

Neste trabalho, buscando contribuir com as investigações linguístico-culturais referentes à formação do português do Brasil, realizamos o estudo dos nomes de lugar de provável origem africana que compõem parte da realidade toponímica do território mineiro. Como se sabe, a presença significativa do negro, iniciada nos séculos XVIII e XIX, período em que ocorreu povoamento do território mineiro, deixou marcas em diversos aspectos da cultura local e, conseqüentemente, no léxico toponímico de Minas Gerais. Tendo ciência desse fato e, ainda, sabendo que os topônimos testemunham parte da história da língua, já que os contatos linguísticos e culturais entre os povos costumam ser registrados e conservados por esses signos linguísticos, propusemo-nos a estudá-los, apontando suas ocorrências, descrevendo-os e investigando-os, seguindo os embasamentos teórico-metodológicos de Dauzat (1926) e Dick (1990a, 1990b e 2004). O *corpus* da pesquisa é proveniente do banco de dados do projeto ATEMIG (FALE/UFMG), no qual estão registrados todos os topônimos mineiros presentes em cartas topográficas do IBGE. Para análise linguística das bases léxicas, utilizamos dicionários gerais, etimológico, morfológico e vocabulários diversos que reúnem palavras de possível origem africana. A análise das bases léxicas revelou que as palavras de origem banto foram predominantes na toponímia mineira; dos 1480 africanismos que compõem nosso *corpus*, 898 são de origem banto. Os hibridismos também foram bastante recorrentes, principalmente os formados por *banto + português*. A análise das taxionomias toponímicas mostrou que, dentre os topônimos de Minas Gerais de provável origem africana, houve maior ocorrência de taxionomias de natureza antropocultural. A motivação toponímica mais recorrente nesse estado foi representada pelos nomes relativos às atividades sociais do homem, os sociotopônimos. A quantificação dos africanismos mineiros revelou uma baixa margem percentual de topônimos de base africana em todas as regiões mineiras. A região Oeste de Minas apresentou maior ocorrência e o Jequitinhonha, menor.

Palavras-chave: Africanismo, Toponímia, Léxico, Minas Gerais.

Abstract

In this assignment, aiming to contribute to the linguistic-cultural investigations concerning to the formation of the portuguese language in Brazil, we have accomplished the study of the places names which were probably of african origin that compose part of the toponymic reality of the territory of Minas Gerais. As it is known, the significant presence of black people, initiated in the 18th and 19th centuries, period in which began the process of population of the territory of Minas Gerais, has left residues in several aspects of local culture and, consequently, in the lexicon toponymic of Minas Gerais. Being aware of this fact and also knowing that the toponyms testify the history of language, since the linguistic and cultural contacts between peoples are often recorded and kept by these linguistic signs, we proposed to study them, pointing to their occurrences, describing and investigating them, according to Dauzat (1926) and Dick (1990a, 1990b and 2004) theoretical and methodological base. The *corpus* of this research is originating from the database of the ATEMIG Project (FALE/ UFMG), in which are recorded all toponyms of Minas Gerais that are present in the IBGE topographic maps. For linguistic analysis of lexical databases, we used general, etymological and morphological dictionaries, and various vocabularies that bring together words of the possible african origin. The analysis of lexical databases demonstrated that the words of bantu origin were predominant in the toponymy of Minas Gerais; of 1480 africanisms that composes our *corpus*, 898 are of bantu origin. The hybridisms were also quite recurring, especially those ones formed by *bantu + portuguese*. The analysis of toponymic taxonomies showed that, among the toponyms of probable african origin of Minas Gerais, there was a greater occurrence of taxonomies of antropocultural kind. The most recurrent toponymic motivation in this state was represented by the names related to social activities of man, the sociotoponyms. The quantification of africanisms of Minas Gerais showed a low percentage margin of toponyms of african base in all regions of Minas Gerais. The Oeste de Minas presented the most frequency of african base toponyms and the Jequitinhonha Region presented the less of them.

Key-words: Africanism, Toponymy, Lexicon, Minas Gerais.

LISTA DE ABREVIATURAS

ADJpl – adjetivo plural
ADJsing – adjetivo singular
ADV – advérbio
Apl – artigo plural
Asing – artigo singular
Bd.– bundo
Cg. – congo
Fb. – fongbe da Daomeia
Kik. – quicongo
Kimb. – quibundo
n/e – não encontrado
NCf – nome composto feminino
NCm – nome composto masculino
Nf – nome feminino
Nm – nome masculino
Nmf – nome de dois gêneros (masculino e feminino)
or. inc. – origem incerta
port. – português
Prep – preposição
Spl – substantivo plural
Ssing – substantivo singular
suf. – sufixo
Umb. – umbundo
V – verbo
Yor. – iorubá

LISTA DE SIGLAS

ATB – Atlas Toponímico do Brasil
ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais
ATEMS – Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul
ATESP – Atlas Toponímico do Estado de São Paulo
CEDEFES – Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Campo das Vertentes: relação de topônimos por municípios.....	65
TABELA 2 – Central Mineira: relação de topônimos por municípios.....	72
TABELA 3 – Jequitinhonha: relação de topônimos por municípios.....	78
TABELA 4 – Mata: relação de topônimos por municípios.....	84
TABELA 5 – Metropolitana: relação de topônimos por municípios	92
TABELA 6 – Mucuri: relação de topônimos por município.....	101
TABELA 7 – Noroeste: relação de topônimos por município	105
TABELA 8 – Norte: relação de topônimos por município	110
TABELA 9 – Oeste de Minas: relação de topônimos por município.....	117
TABELA 10 – Rio Doce: relação de topônimos por município	125
TABELA 11 – Sul: relação de topônimos por município	131
TABELA 12 – Triângulo/Alto Paranaíba: relação de topônimos por município.....	142
TABELA 13 – Minas Gerais: africanismos por mesorregião	149
TABELA 14 – Bases léxicas de provável origem africana	156

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Campo das Vertentes: origem.....	68
GRÁFICO 2 – Campo das Vertentes: bases de possível origem africana.....	68
GRÁFICO 3 – Campo das Vertentes: acidentes	69
GRÁFICO 4 – Campo das Vertentes: natureza das taxionomias toponímicas	69
GRÁFICO 5 – Campo das Vertentes: taxionomias toponímicas	70
GRÁFICO 6 – Campo das Vertentes: topônimos de natureza antropocultural.....	70
GRÁFICO 7 – Campo das Vertentes: topônimos de natureza física	72
GRÁFICO 8 – Central Mineira: origem.....	75
GRÁFICO 9 – Central Mineira: bases de possível origem africana	75
GRÁFICO 10 – Central Mineira: acidentes	75
GRÁFICO 11 – Central Mineira: natureza das taxionomias toponímicas	76
GRÁFICO 12 – Central Mineira: taxionomias toponímicas	76
GRÁFICO 13 – Central Mineira: topônimos de natureza antropocultural	77
GRÁFICO 14 – Central Mineira: topônimos de natureza física	77
GRÁFICO 15 – Jequitinhonha: origem.....	80
GRÁFICO 16 – Jequitinhonha: bases de possível origem africana	81
GRÁFICO 17 – Jequitinhonha: acidentes	81
GRÁFICO 18 – Jequitinhonha: natureza das taxionomias toponímicas	82
GRÁFICO 19 – Jequitinhonha: taxionomias toponímicas	82
GRÁFICO 20 – Jequitinhonha: topônimos de natureza antropocultural	83
GRÁFICO 21 – Jequitinhonha: topônimos de natureza física	83
GRÁFICO 22 – Mata: origem.....	89
GRÁFICO 23 – Mata: bases de possível origem africana.....	89
GRÁFICO 24 – Mata: acidentes	90
GRÁFICO 25 – Mata: natureza das taxionomias toponímicas	90
GRÁFICO 26 – Mata: taxionomias toponímicas	91
GRÁFICO 27 – Mata: topônimos de natureza antropocultural.....	91
GRÁFICO 28 – Mata: topônimos de natureza física	92
GRÁFICO 29 – Metropolitana: origem.....	97
GRÁFICO 30 – Metropolitana: bases de possível origem africana	98
GRÁFICO 31 – Metropolitana: acidentes	98
GRÁFICO 32 – Metropolitana: natureza das taxionomias toponímicas	99
GRÁFICO 33 – Metropolitana: taxionomias toponímicas.....	99
GRÁFICO 34 – Metropolitana: topônimos de natureza antropocultural	100
GRÁFICO 35 – Metropolitana: topônimos de natureza física	100
GRÁFICO 36 – Mucuri: origem	102
GRÁFICO 37 – Mucuri: bases de possível origem africana	102
GRÁFICO 38 – Mucuri: acidentes.....	103
GRÁFICO 39 – Mucuri: natureza das taxionomias toponímicas.....	103

GRÁFICO 40 – Mucuri: taxionomias toponímicas.....	104
GRÁFICO 41 – Mucuri: topônimos de natureza antropocultural	104
GRÁFICO 42 – Mucuri: topônimos de natureza física.....	105
GRÁFICO 43 – Noroeste: origem.....	107
GRÁFICO 44 – Noroeste: bases de possível origem africana	107
GRÁFICO 45 – Noroeste: acidentes	108
GRÁFICO 47 – Noroeste: taxionomias toponímicas.....	108
GRÁFICO 46 – Noroeste: natureza das taxionomias toponímicas	109
GRÁFICO 48 – Noroeste: topônimos de natureza antropocultural	109
GRÁFICO 49 – Noroeste: topônimos de natureza física	110
GRÁFICO 50 – Norte: origem	114
GRÁFICO 51 – Norte: bases de possível origem africana.....	114
GRÁFICO 52 – Norte: acidentes.....	115
GRÁFICO 53 – Norte: natureza das taxionomias toponímicas	115
GRÁFICO 54 – Norte: taxionomias toponímicas	116
GRÁFICO 55 – Norte: topônimos de natureza antropocultural.....	116
GRÁFICO 56 – Norte: topônimos de natureza física.....	117
GRÁFICO 57 – Oeste de Minas: origem	122
GRÁFICO 58 – Oeste de Minas: bases de possível origem africana	122
GRÁFICO 59 – Oeste de Minas: acidentes.....	122
GRÁFICO 60 – Oeste de Minas: natureza das taxionomias toponímicas.....	123
GRÁFICO 61 – Oeste de Minas: taxionomias toponímicas.....	123
GRÁFICO 62 – Oeste de Minas: topônimos de natureza antropocultural	124
GRÁFICO 63 – Oeste de Minas: topônimos de natureza física.....	124
GRÁFICO 64 – Rio Doce: origem	128
GRÁFICO 65 – Rio Doce: bases de possível origem africana	128
GRÁFICO 66 – Rio Doce: acidentes	128
GRÁFICO 67 – Rio Doce:natureza das taxionomias toponímicas	129
GRÁFICO 68 – Rio Doce: taxionomias toponímicas	129
GRÁFICO 69 – Rio Doce: topônimos de natureza antropocultural.....	130
GRÁFICO 70 – Rio Doce: topônimos de natureza física	130
GRÁFICO 71 – Sul: origem.....	138
GRÁFICO 72 – Sul: bases de possível origem africana	138
GRÁFICO 73 – Sul: acidentes	139
GRÁFICO 74 – Sul: natureza das taxionomias toponímicas	139
GRÁFICO 75 – Sul: taxionomias toponímicas	140
GRÁFICO 76 – Sul: topônimos de natureza antropocultural.....	140
GRÁFICO 77 – Sul: topônimos de natureza física	141
GRÁFICO 78 – Triângulo/ Alto Paranaíba: origem	146
GRÁFICO 79 – Triângulo/ Alto Paranaíba: bases de possível origem africana.....	146
GRÁFICO 80 – Triângulo/ Alto Paranaíba: acidentes.....	147

GRÁFICO 81 – Triângulo/ Alto Paranaíba: natureza das taxionomias toponímicas.....	147
GRÁFICO 82 – Triângulo/ Alto Paranaíba: taxionomias toponímicas.....	148
GRÁFICO 83 – Triângulo/ Alto Paranaíba: topônimos de natureza antropocultural	148
GRÁFICO 84 – Triângulo/ Alto Paranaíba : topônimos de natureza física	149
GRÁFICO 85 – Minas Gerais: topônimos de provável origem africana	150
GRÁFICO 86 – Minas Gerais: bases de possível origem africana	150
GRÁFICO 87 – Minas Gerais: acidentes	151
GRÁFICO 88 – Minas Gerais: natureza das taxionomias toponímicas	151
GRÁFICO 89 – Minas Gerais:	152
GRÁFICO 90 – Minas Gerais: topônimos de natureza antropocultural	152
GRÁFICO 91 – Minas Gerais: topônimos de natureza antropocultural	153
GRÁFICO 92 – Variação das bases de provável origem africana	168

LISTA DE MAPAS

MAPA 1: As mesorregiões de Minas Gerais	39
MAPA 2: Tratos portugueses e brasílicos nos séculos XVII e XVIII.....	45
MAPA 3: Núcleos de resistência cultural afro-negra em Minas	49
MAPA 4: Esboço de mapa etnológico africano no Brasil.....	52
MAPA 5: Campo das Vertentes	65
MAPA 6: Central Mineira	72
MAPA 7: Jequitinhonha	78
MAPA 8: Mata	84
MAPA 9: Metropolitana.....	93
MAPA 10: Mucuri.....	101
MAPA 11: Noroeste	105
MAPA 12: Norte	110
MAPA 13: Oeste de Minas.....	117
MAPA 14: Rio Doce	125
MAPA 15: Sul	131
MAPA 16: Triângulo/ Alto Paranaíba.....	141

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: A Day at the Market	17
FIGURA 2: Les Gardiens de la Terre.....	20
FIGURA 3: Onomástica	35
FIGURA 4: Cenas de Candomblé	43
FIGURA 5: Números aproximados da importação de escravos negros para o Brasil	46
FIGURA 6: Os quatro grandes troncos linguísticos propostos por Greenberg	50
FIGURA 7: Unique	53
FIGURA 8: Ala de mariposas	64
FIGURA 9: Women's Work is Never Done	154
FIGURA 10: Carícias	173
FIGURA 11: Rush hour.....	207
FIGURA 12: La reunión.....	210

Sumário

Introdução	17
Capítulo 1 – Língua, Cultura e Nomeação	20
1.1 Língua: cultura, sociedade e ambiente	20
1.2 Léxico	25
1.2.1 Lexicologia e Lexicografia	26
1.2.2 A formação lexical do português brasileiro	29
1.2.2.1 A contribuição lexical africana ao português do Brasil	32
1.3 Onomástica	34
1.3.1 Toponímia	35
1.3.1.1 Estudos toponímicos	36
1.3.1.2 Projeto ATEMIG	38
1.3.1.3 A toponímia africana	40
1.3.1.4 A toponímia africana em Minas Gerais	41
1.3.1.5 A toponímia africana no âmbito do Projeto ATEMIG	41
Capítulo 2 – A presença africana em Minas Gerais	44
2.1. Breve histórico do negro no Brasil	44
2.2 A presença negra no povoamento da Capitania das Minas	47
2.2.1 Remanescentes das culturas africanas em Minas Gerais	49
2.3 As línguas africanas	50
2.2.1 As línguas africanas no Brasil	52
Capítulo 3 – Procedimentos teórico-metodológicos	53
3.1 Formação do <i>corpus</i> a partir dos dados do projeto ATEMIG	54
3.2 Elaboração das fichas toponímicas resumidas	55
3.3 Análise dos dados	56
3.3.1 Análise linguística dos dados	56
3.3.2 Análise quantitativa dos dados	56
3.3.2.1 Análise dos topônimos	57
3.3.2.2 Análise das bases léxicas de provável origem africana	57
3.4 Sobre a elaboração do Glossário	57
3.4.1 A macroestrutura do Glossário	57
3.4.1.1 A microestrutura do glossário pelo critério semasiológico	58
3.4.1.1.1 Entrada	58
3.4.1.1.2 Estrutura morfológica	58
3.4.1.1.3 Origem	60
3.4.1.1.4 Taxionomias toponímicas	61
3.4.1.1.5 Definição	62
3.4.1.1.6 Nomeações e ocorrências	62
3.4.1.1 A microestrutura do glossário pelo critério semasiológico	63

Capítulo 4 – Apresentação e análise do <i>corpus</i>	64
4.1 Campo das Vertentes.....	65
4.2 Central Mineira	72
4.3 Jequitinhonha	78
4.4 Mata.....	84
4.5 Metropolitana	92
4.6 Mucuri	101
4.7 Noroeste	105
4.8 Norte.....	110
4.9 Oeste de Minas	117
4.10 Rio Doce.....	125
4.11 Sul.....	131
4.12 Triângulo/ Alto Paranaíba	141
4.13 A toponímia africana em Minas Gerais: análise quantitativa dos dados.....	149
Capítulo 5 – Análise das bases léxicas	154
5.1 Análise das bases léxicas de provável origem africana.....	155
5.2 A variação das bases africanas nos topônimos mineiros.....	166
5.3 Análise e quantificação das origens	167
5.3.1 Os topônimos de origem banto.....	168
5.3.2 Os topônimos de origem kwa.....	170
5.3.3 Os topônimos de origem incerta.....	171
5.3.4 Os topônimos de origem híbrida	171
Capítulo 6 – Glossário	173
6.1. Apresentação dos verbetes pelo critério semasiológico	174
6.2. Apresentação dos verbetes pelo critério onomasiológico	199
6.2.1. Topônimos de natureza antropocultural	199
6.2.2. Topônimos de natureza física.....	204
Considerações finais	207
Referências	210

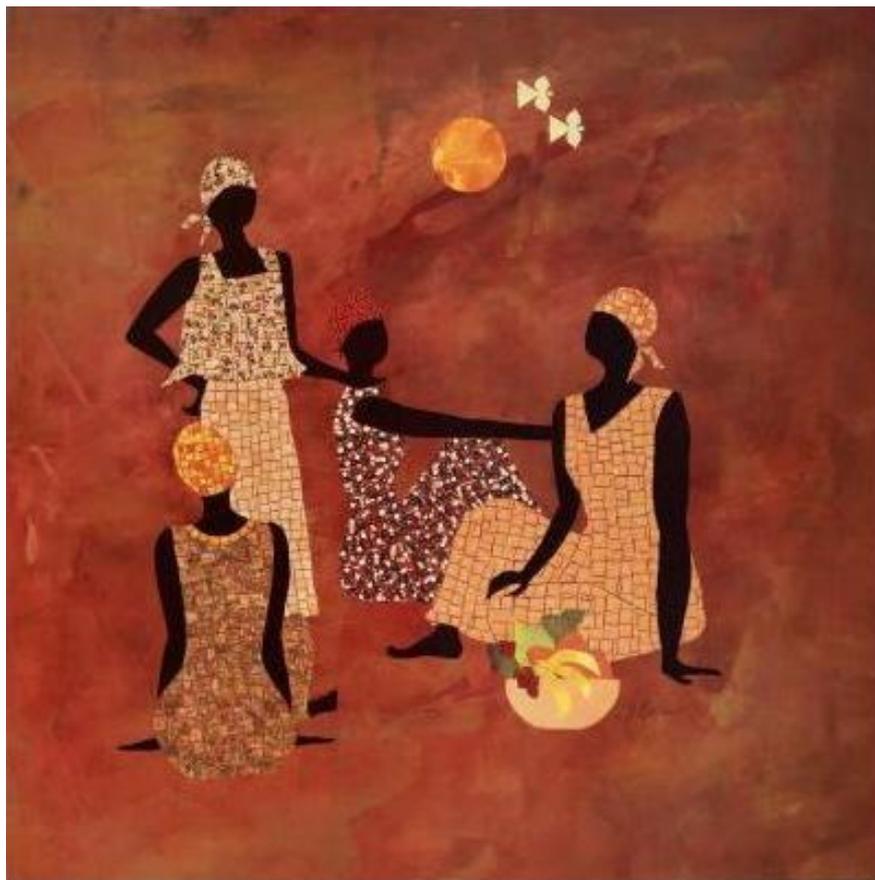


FIGURA 1: *A Day at the Market*, de Charleen Martin.

Fonte: < <http://michelechristine.wordpress.com/pinturas/pintura-africana/#comment-1387> >

Acesso em: 18 fev. 2012

Introdução

Introdução

Este estudo dos nomes de lugar de provável origem africana, que compõem a realidade toponímica de Minas Gerais, tem por finalidade contribuir com as investigações linguístico-culturais referentes à formação do português do Brasil.

O estudo dos nomes de lugar possibilita a identificação e a recuperação de fatos linguísticos recorrentes no ato denominativo. Os topônimos testemunham parte da história da língua, já que os contatos linguísticos e culturais entre os povos são registrados e conservados através dos signos linguísticos. Por essa razão, decidimos investigar a contribuição das línguas africanas ao português do Brasil, seguindo os embasamentos dos estudos toponímicos.

Os dados que formam nosso *corpus* foram retirados do banco de dados do projeto ATEMIG (FALE/UFMG). Um dos objetivos desse projeto concentra-se no reconhecimento dos remanescentes lexicais na rede toponímica do estado de Minas Gerais, cuja origem remonta a nomes portugueses, indígenas, africanos, dentre outros.

A presença significativa do negro africano no território mineiro deixou marcas nos diversos aspectos da cultura local e, conseqüentemente, no léxico toponímico de Minas Gerais. A pesquisa tem por objetivo expandir e aprofundar o conhecimento sobre a contribuição das línguas africanas na nomeação território mineiro e apresentar colaborações aos estudos da formação do português brasileiro.

No Capítulo 1, **Língua, Cultura e Nomeação**, são apresentados os embasamentos teóricos da pesquisa. Primeiramente, discutimos as abordagens teóricas acerca de língua, relacionadas à sociedade, à cultura e ao ambiente. Em seguida, tratamos da conceituação de léxico e suas áreas de estudo. Neste capítulo, foram contemplados, brevemente, os conceitos de *brasileirismo* e *africanismo*. Abordamos também a definição de Onomástica e conceito de Toponímia, detalhando os estudos pioneiros e as áreas interdisciplinares dessa ciência. Destacamos, também, os estudos toponímicos realizados contemporaneamente no Brasil, em especial o *Atlas Toponímico do Brasil* e o *Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais*.

No Capítulo 2, **A presença africana em Minas Gerais**, serão apresentados os aspectos históricos relativos à presença africana em Minas Gerais, buscando assim recuperar os principais acontecimentos históricos que foram marcados pela presença do negro no território mineiro.

No Capítulo 3, **Procedimentos metodológicos**, serão explicitados os métodos utilizados nas diferentes etapas de nossa pesquisa. Explicamos, inicialmente, os critérios usados

para a formação de nosso *corpus*, que seguiram os procedimentos metodológicos propostos por Dick (1990a; 1990b; 2004) e Seabra (2004). Apresentamos os procedimentos utilizados para a elaboração das fichas toponímicas resumidas. Discutiremos também os embasamentos teóricos e metodológicos de categorização taxionômica toponímica, seguindo o modelo de Dick. Para análise da origem dos termos, observaremos, inicialmente, se a base léxica dos topônimos está registrada como africanismo em dicionários gerais, morfológicos e etimológicos do português. Os nomes foram consultados também na compilação *Vocabulário africano em dicionários e glossários do português brasileiro*, coordenada pela Profa. Dra. Sônia Queiroz.

O Capítulo 4, **Apresentação e análise dos *corpus***, contém seções organizadas de acordo com a divisão de mesorregiões de Minas Gerais, estabelecida pelo IBGE. Em cada seção apresentamos o mapa da região, as tabelas com os dados da região, denominadas fichas toponímicas resumidas, que contêm as informações acerca de cada nome de lugar. Por fim, é realizada a análise quantitativa dos dados de cada região, por meio de gráficos, nos quais representamos a contabilização das prováveis origens, dos acidentes geográficos e da natureza e da ocorrência das taxionomias toponímicas. Por fim, apresentamos os resultados gerais da análise dos topônimos mineiros.

No Capítulo 5, **Análise das bases léxicas de provável origem africana**, apresentamos os topônimos agrupados de acordo com as bases léxicas de provável origem africana e as variações dessas nos topônimos de Minas Gerais. Registramos também as fontes bibliográficas, em ordem alfabética, que serviram de embasamento para afirmar a origem dos africanismos e elaborar as definições dos verbetes.

O Capítulo 6, **Glossário**, reúne o vocabulário toponímico africano de Minas Gerais. O glossário contempla todos os topônimos registrados em nosso *corpus*, o que resulta em 162 entradas. As entradas foram organizadas pelo critério semasiológico e pelo critério onomasiológico.

No Capítulo 7, **Considerações finais**, retomamos os principais aspectos discutidos e os resultados alcançados a partir da pesquisa desenvolvida.

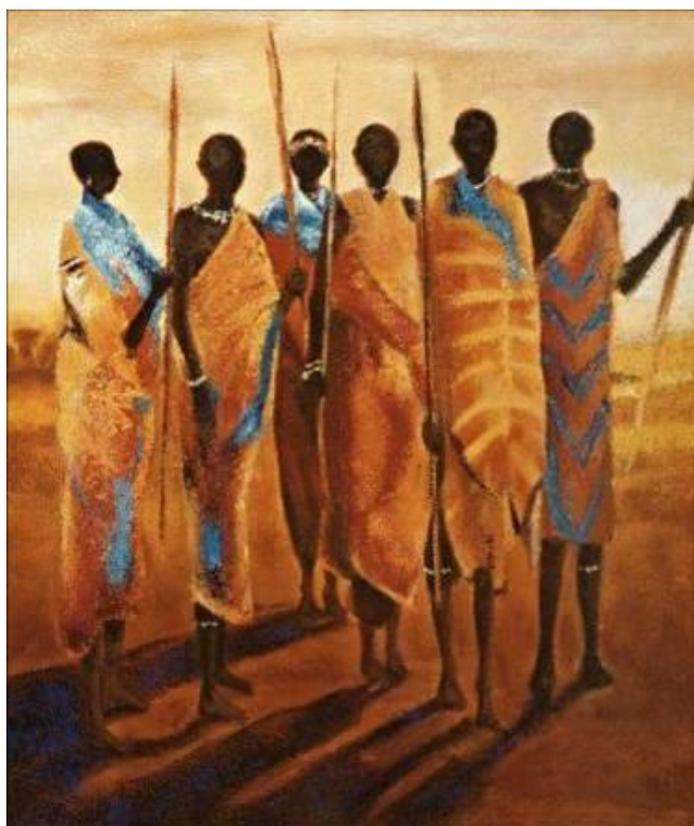


FIGURA 2: *Les Gardiens de la Terre*, de Jacques Beaumont.

Fonte: < <http://michelechristine.wordpress.com/pinturas/pintura-africana/#comment-1387> >
Acesso em: 18 fev. 2012

Capítulo 1 Língua, Cultura e Nomeação

Capítulo 1– Língua, Cultura e Nomeação

1.1 LÍNGUA: CULTURA, SOCIEDADE E AMBIENTE

O estudo da língua, que envolve a relação do homem com a sociedade, abrange inevitavelmente o estudo da cultura, cujo conceito apresenta grande amplitude e fluidez de significados. A cultura pode ser entendida como o conhecimento que o indivíduo irá adquirir em virtude de ser membro de determinado grupo, ou seja, a aquisição cultural acontece a partir do meio social do homem. Deste modo, podemos considerar a cultura como o acúmulo de conhecimentos e vivências adquiridos a partir da interação do homem com grupo no qual está inserido e que é transmitido de geração a geração. E é pela língua que essa interação acontece. A língua integra a realidade cultural na qual o homem está inserido. Conforme Duranti,

Se quisermos compreender o papel da língua na vida das pessoas, precisamos ir além do estudo de sua gramática e entrar no mundo da ação social, onde as palavras são encaixadas e constitutivas de atividades culturais específicas, tais como, contar história, pedir um favor, mostrar respeito, insultar [...].¹

A língua em uso é permeada pela cultura. O homem faz uso da língua para representar e relacionar-se com o universo cultural que o cerca. De acordo com Câmara,

A língua é assim, antes de tudo, no seu esquema, uma representação do universo cultural em que o homem se acha, e, como representa esse universo. As suas manifestações criam a comunicação entre os homens que vivem num mesmo ambiente cultural e estrutural.²

O sistema de signos que a língua compreende está estreitamente vinculado ao processo das relações sociais. Saussure admite a língua como uma instituição social:

Se pudéssemos abarcar a totalidade das imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos, atingiríamos o liame social que constitui a língua. Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo³

A língua possui a capacidade de conservar em si as vivências de um povo, acumuladas ao longo da história. Partindo desse pressuposto, Saussure (1977) a considera como um *acervo linguístico*. Conforme o autor, o acúmulo de experiências arquivadas pela língua possibilita que a pessoa compreenda e seja compreendida. Segundo Koch e Silva

¹ DURANTI, 2000, p. 28.

² CÂMARA, 1977, p. 16.

³ SAUSSURE, 1977, p. 21.

(1987, p. 8), a língua é “um conjunto de convenções necessárias adotadas por uma comunidade lingüística para se comunicar.” A língua é o bem comum entre os membros de mesmo grupo. É por meio dela que a interação entre os indivíduos concretiza-se.

No começo do século XX, a relação intrínseca entre linguagem, cultura e sociedade foi o centro das investigações de Franz Boas (1911) e seus seguidores Sapir (1921) e Whorf (1941). Acreditando na coexistência entre linguagem e cultura, Boas empenhou-se em descrever a gramática das línguas, definindo as categorias de acordo com a observação dos fenômenos lingüísticos encontrados entre falantes das línguas tomadas como objeto de análise.

Em 1921, Sapir teve sua primeira obra publicada, e nela o autor ancorou sua teoria no pressuposto de que a língua era uma condição imprescindível para o desenvolvimento da cultura. Segundo Sapir (1969, p. 20), “a trama dos padrões culturais de uma civilização está indicada na língua em que essa civilização se expressa.” Desse modo, na concepção do lingüista, cada língua tem uma visão particular de mundo e se expressa de forma própria sua realidade.

As influências do ambiente também são refletidas na língua, tanto em seus aspectos físicos quanto sociais. De acordo com Sapir,

Por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte.⁴

Para Sapir, o ambiente físico só é refletido na língua na medida em que atuam sobre ele forças sociais. A influência do ambiente na língua é reproduzida a partir da influência social, uma vez que é resultado da visão do homem sobre o ambiente. Conforme o lingüista,

a mera existência, por exemplo, de uma espécie de animal no ambiente físico de um povo não basta para fazer surgir um símbolo lingüístico correspondente. É preciso que o animal seja conhecido pelos membros do grupo em geral e que eles tenham nele algum interesse, por no mínimo que seja, antes da língua da comunidade ser levada a reportar-se a êsse elemento particular físico.⁵

Sapir orientou os trabalhos de Whorf, que analisou as línguas índias da América, principalmente a língua dos Hopi, com a qual teve contato na década de 30. Whorf ponderou em seus estudos que o acervo lexical e gramatical de cada língua expressa uma categorização de dados da realidade que lhe é própria, em função do seu meio. Nos pressupostos do autor, o a formação e estruturação da língua é produto direto da cultura.

⁴ SAPIR, 1961, p. 44.

⁵ *Ibidem*, 1961, p. 45.

Apesar das diferentes perspectivas adotadas o contato entre Sapir e Whorf resultou em diversos estudos e suas teorias foram agregadas resultando na conhecida *Teoria do Relativismo Linguístico* ou *Hipótese Sapir-Whorf*, na qual são relacionadas as categorias gramaticais da linguagem com a forma como o homem entende e conceitua o mundo. Segunda essa teoria, a língua é refletida a partir da estreita relação do homem com o universo no qual se encontra inserido. Conforme Carvalho (2010, p. 39), “embora a teoria do relativismo linguístico tenha sido refutada por alguns estudiosos, dela se beneficiam muitos estudos no âmbito da Etnolinguística, da Psicolinguística, da Antropologia e da Lexicologia.”

Os estudos de Boas, Sapir e Whorf foram fundamentais para o estabelecimento de pressupostos teóricos da Antropologia Linguística, cujo foco é a abrangência social da língua. De acordo com Duranti (2001), o objetivo principal da Antropologia Linguística é descrever a identidade da língua e explicar como ela pode aumentar nossa compreensão de linguagem, não apenas como uma forma de pensar, mas, sobretudo, como uma prática cultural, isto é, como uma forma de ação que ao mesmo tempo pressupõe e realiza modos de estar-no-mundo. Na Antropologia Linguística os falantes são “atores sociais”⁶, membros de comunidades particulares e complexas, que são articuladas a uma rede na qual crenças, valores e vários aspectos culturais são interligados. Ao analisar a língua, a Antropologia Linguística não se atém apenas ao uso da linguagem. São investigados também os diversos mecanismos utilizados pelo indivíduo e pela sua comunidade no ato comunicativo, uma vez que a compreensão da mensagem linguística é resultante do entendimento do contexto em que a mesma está sendo produzida e interpretada. A Antropologia Linguística, juntamente com outras áreas como a Dialetoleologia e a Sociolinguística, são fundamentais na investigação da língua de uma região.

A relação entre língua e sociedade se faz presente nas obras de diversos estudiosos do século XX. Meillet (1928) mostrou que os fatores sociais interferem diretamente na linguagem e apresentam um papel fundamental na variação e mudança da língua de um determinado grupo. Por considerar a língua como um fato social, Meillet demonstrou que a realidade de uma língua não é algo substancial, mas linguístico e social. Conforme Faraco (1998, p. 17), Meillet afirma a linguística como parte da Antropologia num sentido amplo. A língua não existe de modo autônomo, sua existência está condicionada ao uso. Nos dizeres do autor, “as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam”⁷.

Em 1929, Bakhtin, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, centra seus estudos na comunicação verbal propriamente dita. Criticando os postulados de Saussure, Bakhtin considera

⁶ DURANTI, 2000, p. 21.

⁷ MEILLET, 1928, citado por ALKMIM, 2001, p. 24.

que “a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social de *interação verbal* realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua” (1986, p. 124).

Jakobson (1960) também analisou a língua partir da comunicação. Seus estudos enfocam a interação social, da qual a linguagem é resultante. Conforme Alkmim (2001, p 25), o autor, ao destacar o processo comunicativo, privilegia também os aspectos funcionais da linguagem, identificando os fatores que constituem o ato de comunicação verbal: *remetente, mensagem, destinatário, contexto, canal e código*.

Benveniste (1968) destacou em seus estudos que a língua é instrumento de análise social, definindo-a como um instrumento de comunicação comum a todos os membros da sociedade. Conforme Benveniste, “a língua possibilita que o homem se situe na natureza e na sociedade”. É o instrumento próprio para descrever, conceituar a natureza e as suas experiências.

Os aspectos sociais da linguagem foram abordados ao longo do século XX sob diferentes perspectivas. Mas foi no início da década de 60 que esses estudos começaram a ganhar maior sistematicidade a partir do advento da Sociolinguística. Em 1964, o termo fixou-se e a Sociolinguística passou a ser considerada como uma área da Linguística. A relação entre língua e sociedade é o ponto de partida dos estudos da Sociolinguística, que têm como objeto a diversidade linguística, em seu sentido mais amplo. De acordo com Mollica (2003, p. 9),

A sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos lingüísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos lingüísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo.

No campo da Sociolinguística, destacam-se os estudos do linguísta americano William Labov, que, ao iniciar uma série de investigações no terreno social americano na década de 60, tornou-se referência do estudo da variação e mudança linguística.

Labov, centrado na relação entre língua e sociedade, propôs um modelo teórico-metodológico para analisar a variação e a mudança da língua em uso. O propósito de seus estudos é investigar a estrutura e evolução da língua no contexto social da comunidade. Para isso, analisou a língua em uso, com o objetivo de descrevê-la e assim verificar o que ela revela sobre a estrutura social. Ao se referir à variação, a qual a língua está sujeita, Labov ressalta a sua heterogeneidade, a fim de explicá-la e sistematizá-la, descrevendo assim a língua em uso a partir do seu âmbito social.

Ao investigar a mudança linguística, Labov acabou revelando a complexa relação desse fenômeno, que é diacrônico, com outro, sincrônico, a variação linguística. De acordo com Labov (1972), é pelo fenômeno da variação que as línguas mudam. Diversos fatores são responsáveis por provocar a variação nas línguas, dentre eles destacamos os fatores históricos e geográficos, a influência de outras línguas, e a própria variação interna, presente em todas as línguas humanas vivas. Tarallo (1994, p. 25) afirma que “para que os sistemas mudem, urge que eles tenham sofrido algum tipo de variação. E constatar o vínculo entre variação e mudança, necessariamente, implica aceitar a história e o passado da língua como reflexos do presente, dinamicamente se estruturando e funcionando.”

A língua é uma estrutura maleável que apresenta variações e está em constante mudança. Para que ocorra a mudança, é necessário haver variação e esta dura um longo período dentro da comunidade linguística até que se estabilize. A mudança linguística é, certamente, um traço constante nas línguas, mas estas mantêm uma unidade com a sua própria história. De modo geral, os falantes não têm a pretensão de modificar a língua, eles a usam e a fazem funcionar. Coseriu (1982, p. 138) afirma que

A língua muda no funcionamento, o que quer dizer que a sua utilização implica a sua renovação, a sua superação. A língua deve, pois, conter os princípios da sua própria superação, da chamada “mudança linguística.

É impossível desvincular os fatos da linguagem dos fatos sociais, uma vez que os falantes são os agentes da mudança nas línguas e esses vivem em sociedades complexas, hierarquizadas e heterogêneas. As pesquisas de Labov foram fundamentadas por estudos sistemáticos em diversas comunidades de fala, buscando assim comprovar que a língua é um sistema heterogêneo condicionado ao ambiente, à sociedade e à cultura, deste modo está em transformação constante e recebe influência de elementos de natureza linguística e extralinguística. Com a força da comprovação estatística, Labov demonstrou que a convivência de variantes numa comunidade linguística constitui um indicador de mudanças em curso.

Língua, cultura e sociedade formam um todo indissociável que não é ensinado em nenhum lugar especial, mas adquirido, formulado a partir das experiências, dos desejos e dos acontecimentos cotidianos dos membros de uma comunidade. Seabra (2004, p. 27) afirma que “não se pode estudar uma língua sem considerar as condições sociais que permitem sua existência, pois ela é um conjunto de práticas não só individuais mas, também, comunitárias.” A língua é um fato social, é o elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade na qual ele atua. Neste estudo, daremos enfoque a esse caráter social da língua, que é intrínseco à sua existência.

1.2 LÉXICO

Matoré (1953), em seus estudos sobre o léxico, define a *palavra* como um instrumento de compreensão social. Na concepção do autor, as palavras são símbolos utilizados pelos falantes para agir sobre suas ideias. O homem faz uso das palavras para nomear a realidade que o cerca. É pela palavra que o homem organiza o mundo, representando-o, de modo a categorizar a realidade na qual encontra-se inserido. Conforme Biderman (1998, p.88),

A nomeação resulta do processo de categorização. Entende-se por categorização a classificação dos objetos feita por um sujeito humano, resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estímulos do ambiente [...] As palavras podem ser consideradas como etiquetas para o processo de categorização.

O léxico apresenta uma importante função na emissão e na compreensão de significados, pois está diretamente ligado aos aspectos cognitivos, sociais e culturais de uma língua. De acordo com os princípios de Sapir (1961), as palavras são uma forma privilegiada de acesso a uma cultura, uma vez que elas são portadoras de concepções ou de visões de mundo. Para Sapir (1961, p. 45), o “léxico de uma língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de tôdas as idéias, intêresses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade.” O léxico, muito além de ser um conjunto de palavras, pode ser considerado como o patrimônio vocabular de uma comunidade linguística. Biderman também (1981, p. 132) leva-nos a refletir sobre o valor social do léxico. De acordo com a autora,

Se considerarmos a dimensão social da língua, podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural. Dentro desse ângulo de visão, esse tesouro léxico é transmitido de geração a geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem exprimir seus sentimentos e idéias.

As características específicas de cada língua podem ser consideradas como o reflexo da identidade cultural de uma determinada sociedade. Deste modo, o léxico configura-se, nos estudos da linguagem, como a área que melhor reflete a realidade linguística e sociocultural de uma comunidade. Segundo Ferraz (2006, p. 219-220),

As relações entre léxico e cultura, léxico e sociedade, são, indubitavelmente, muito fortes, considerando-se que o léxico, com seu estatuto semiótico, é o elemento da língua de maior efeito extralinguístico por se reportar, em grande parte de seu conjunto, a um mundo referencial, físico, cultural, social e psicológico em que se situa o homem.⁸

⁸ FERRAZ, 2006, p. 220.

As experiências acumuladas por um povo e todo o seu acervo cultural são arquivados no léxico. No conjunto de itens lexicais representativos do patrimônio sociocultural de uma determinada comunidade podemos ver refletida toda sua história, sua cultura, formas de vida e organização. Para Seabra (2004, p. 23-24),

O léxico é tradicionalmente definido como o conjunto de palavras de uma língua, responsável por nomear e exprimir o universo de uma sociedade. Encontra-se arraigado à história – tradição e costumes – de um povo, por isso, mantém-se em processo constante de expansão, alteração e contração.

De modo geral, o léxico pode ser definido como o repertório total de palavras existentes na língua, ou seja, o conjunto de palavras de uma determinada língua. Essa ideia de conjunto, porém, pode levar ao entendimento equivocado de que o léxico é um sistema fechado de unidades. Se assim o fosse, não seria possível designar novos seres, novos objetos, novas relações que constantemente surgem no universo do homem. Do contrário, essas constantes modificações são refletidas no arcabouço lexical dos falantes de uma determinada comunidade linguística. Deste modo, o léxico oferece recursos para construção de novas palavras, permitindo assim sua própria expansão, apresentando-se como um sistema dinâmico, capaz de ampliar-se de acordo com as novas necessidades de designação.

O falante adéqua o léxico de acordo com suas necessidades interativas, e isso faz com que o léxico seja um sistema dinâmico, que evolui constantemente, passando por adaptações de acordo com as necessidades de quem o utiliza, e, deste modo, pode-se perceber nele significações e valores semânticos novos. As transformações culturais são refletidas no léxico. A língua é capaz de adaptar-se às mudanças da sociedade. Segundo Biderman (2001, p.179),

As mudanças sociais e culturais acarretam alterações nos usos vocabulares: daí resulta que unidades ou setores completos do Léxico podem ser marginalizados, entrar em desuso e vir a desaparecer. Inversamente, porém, podem ser ressuscitados termos que voltam à circulação, geralmente com novas conotações. Enfim, novos vocábulos, ou novas significações de vocábulos já existentes, surgem para enriquecer o Léxico.

1.2.1 Lexicologia e Lexicografia

A Lexicologia, enquanto ciência do léxico, ocupa-se da sua descrição e análise. Essa ciência pode ser definida como o ramo da Linguística responsável pelo estudo científico do léxico. Conforme Biderman (1998, p. 14), “a Lexicologia, ciência antiga, tem como objeto básico de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico.”

De acordo com a concepção de Matoré (1953), a lexicologia está muito próxima da sociologia, pois o estudo desses dois domínios incide sobre fatos sociais. O que os

distingue é o fato de que a lexicologia parte do estudo do vocabulário para explicar uma sociedade. Para Matoré (1953, p. 5)

A lexicologia ocupa uma posição especial entre a linguística e a sociologia. Situação difícil, uma vez que exige documentação múltipla: disciplina sintética, a lexicologia deve pegar emprestado seu material à história da civilização, à linguística, à história econômica etc (tradução nossa)⁹

Dentre os estudos da Lexicologia, encontra-se a Lexicografia, ciência dos dicionários, que se ocupa da significação dos vocábulos, analisando o sentido das palavras de uma língua, o que querem dizer ou representar. Segundo Andrade (1998, p. 192), a lexicografia é descritiva e tem por finalidade “definir um vocábulo, caracterizando-o funcional e semanticamente, ou seja, tem por função *decodificar*.”

Para Krieger, a obra lexicográfica contém informações funcionais e, por vezes, históricas sobre vários componentes do sistema linguístico. O dicionário é um instrumento de importância vital para as sociedades, por sua capacidade de guardar o léxico de um idioma. Nos dizeres da autora:

O dicionário é uma obra que nasce para atender a necessidades específicas das coletividades lingüísticas. Em primeiro plano, permite que elas tenham à disposição o registro do léxico de sua língua, numa correspondência com os significados que os recobrem. Em consequência, constitui-se em fonte de consulta sobre palavras, expressões, termos e sentidos desconhecidos. (2006, p. 142)

Biderman define o dicionário como uma obra que tem por finalidade descrever o vocabulário de uma língua através do registro e da definição dos signos lexicais. A autora também ressalta a importância social desta obra lexicográfica:

o dicionário é um objeto cultural de suma importância nas sociedades contemporâneas, sendo uma das mais relevantes instituições da civilização moderna. Exercendo funções normativas e informativas na sociedade, esse produto cultural deveria ser de uso obrigatório para todos os usuários da língua. (1998, p. 15-16).

Por fazer parte do universo social do homem, o léxico configura-se como um sistema aberto e em constante expansão, fator que dificulta as atividades lexicográficas, uma vez que a Lexicografia busca dar ao léxico um tratamento sistêmico e formalizado em regras. Esse trabalho parte de procedimentos bastante minuciosos e organizados, que seguem uma regularidade. Os vocábulos são enumerados e expostos em uma relação bem detalhada, tendo em vista a elaboração de um dicionário, no qual há o registro metódico das formas linguísticas.

⁹ “La lexicologie occupe donc une situation particulière entre la linguistique et la sociologie. Situation difficile puisqu’elle impose une documentation multiple: discipline synthétique, la lexicologie doit emprunter ses matériaux à l’histoire de la civilisation, à la linguistique, à l’histoire économique etc.”

O dicionário reúne os vocábulos de uma língua, que podem ser dispostos por ordem alfabética, seguindo o critério semasiológico, que parte do partir do signo linguístico para a determinação do conceito. O registro lexical também pode ocorrer a partir do tema, seguindo o critério onomasiológico, que consiste em buscar, a partir do conceito, os signos linguísticos, a expressão que lhe corresponde.

Há tipos diversos de dicionários, que apresentam variados números de entradas, temática e formas diferentes de descrição do léxico. Há dicionários de língua de maior volume, que possuem de 100 mil a mais 500 mil entradas, dicionários de menor volume, pedagógicos, enciclopédicos, ilustrados, histórico-culturais etc. Os dicionários podem também ser específicos e tratar dos termos próprios de determinada ciência ou arte, podendo então receber o nome de glossário. O glossário, por sua vez, é utilizado para elucidar palavras e expressões de significação pouco conhecida, de maior dificuldade de entendimento. Podemos encontrar glossários de termos científicos, técnicos, poéticos, regionais, de um determinado texto, obra ou autor. O vocabulário segue uma linha de constituição bastante parecida com a do glossário, trazendo um conjunto de lexemas de um determinado tipo de discurso, como no caso de vocabulários técnico-científicos e especializados, que pode ter a relação de vocábulos acompanhada ou não de seus respectivos significados.

O tratamento lexicográfico dado ao *corpus* de nossa pesquisa, se insere mais apropriadamente na noção de glossário, uma vez que nosso objeto de estudo está restrito ao território mineiro, centrando-se nos nomes de lugares de provável origem africana.

1.2.2 A formação lexical do português brasileiro

A língua portuguesa foi implantada no continente sul-americano por efeito da colonização, que começa, oficialmente, com o descobrimento da terra de Vera Cruz por Pedro Álvares Cabral, em 22 de abril de 1500. A língua que veio para o continente americano, no século XVI, já havia entrado em contato com diversas outras línguas, em virtude das grandes navegações, recebendo fortes influências do italiano, do francês e de outras línguas européias.

As cartas dos viajantes descreviam a terra encontrada. José Horta Nunes ressalta que nesses relatos são estabelecidas as primeiras marcas de um discurso lexicográfico no Brasil, uma vez que em parte deles há o registro de listas de palavras e até mesmo de verbetes organizados tematicamente. A carta de Caminha, documento inicial da história do Brasil, relata a chegada ao país, descrevendo a terra encontrada, o contato com os nativos e as primeiras atividades desenvolvidas pelos portugueses. As nomeações são realizadas a partir de categorizações gerais, como aves, plantas, terra. Conforme Nunes,

A carta de Caminha, “certidão de nascimento” do Brasil, pode ser considerada como inauguradora de um discurso lexicográfico. Talvez por não apresentar neologismos nem palavras indígenas, a carta seja pouco citada para marcar os inícios de um léxico brasileiro. No entanto, surgem nela os primeiros gestos simbólicos de constituição do léxico. Além, disso, elabora-se uma breve descrição da flora e da fauna, descrição cuja imagem enunciativa nos remete ao universo prodigioso da natureza e ao desleixo dos habitantes, modo como muitos depois descreveram o país. (2006, p. 61)

Em *Duas viagens ao Brasil*, Hans Staden relata os episódios de sua estadia no país (1547 - 1555). Parte de seu relato dedica-se a descrever “a terra e seus habitantes”. Nunes ressalta na obra alguns processos que vão em direção à organização de uma prática lexicográfica:

Não havia até então uma preocupação com a língua em si, mas sim com a produção de um saber de tipo enciclopédico, onde podemos localizar: 1. A formação de verbetes, isto é, de unidades textuais encabeçadas por uma palavra (que se confunde com a coisa), a qual é descrita, comentada, explicada; 2. a delimitação de domínios temáticos (viagens, animais, plantas, costumes dos índios etc.); 3.a emergência de um modo de enunciação que conjuga a descrição (2006, p. 63).

O relato de Jean de Léry contém as primeiras reflexões acerca do tupi. Segundo Nunes (2006, p. 66), o vocabulário apresentado pelo viajante compreende “diálogo em tupi (primeira coluna) e tradução (segunda coluna)”. Ainda conforme o autor,

É um lugar onde os elementos léxicos são dispostos completamente isolados do texto narrativo. As definições tornam-se concisas. Elas se desprendem do texto narrativo, dos testemunhos, e rumam em direção à objetividade descritiva. As respostas encaixam-se perfeitamente nas perguntas.

Percebe-se então que o início da formação lexical brasileira foi apontado nos primeiros relatos de viajantes, nos quais são percebidos o desencadeamento de processos de referência, dos quais resulta uma espécie de sintonização da relação entre as palavras e as coisas, incluindo-se nesse processo mecanismos de nomeação, de tradução, de identificação, que se inserem nas formas narrativas, descritivas e dialogais dos relatos.

Pelo processo de colonização, a língua portuguesa começa a ser difundida no território brasileiro, principalmente, através da atuação dos padres jesuítas, que ensinavam o idioma português aos nativos. Conforme Biderman (2002, p.65), nesses primeiros séculos, “a língua portuguesa encontrara em terras brasileiras um forte concorrente, o tupi, uma língua franca, empregada em grande parte do território brasileiro.” A autora ainda ressalta que os indígenas levavam vantagem sobre o colonizador, pois além de serem muito mais numerosos, eram eles que conheciam o território brasileiro.

Os portugueses, assim como os espanhóis, usavam a expressão ‘língua geral’ para denominar as línguas indígenas amplamente difundidas em um território. Essa língua geral, no caso, o tupi, era fundamental para que a comunicação com os nativos acontecesse, uma vez

que o tupi era falado ao longo de toda a costa brasileira. Os índios ensinaram sua língua aos europeus que, mais tarde, passaram a se comunicar nessa língua geral. E era através dessa língua que os jesuítas realizam a evangelização dos indígenas. Além disso, as bandeiras foram outro fator importante para a expansão do tupi. Segundo Biderman (2002, p. 66),

partindo do litoral rumo à conquista do sertão, essas entradas e bandeiras conduziam um verdadeiro exército de homens que falavam a língua geral. [...]. Os bandeirantes iam nomeando, com vocábulos tupi, os acidentes geográficos que descobriam e os povoados que fundavam.

Assim, a língua portuguesa foi se juntando à família linguística tupi-guarani, em especial o tupinambá, um dos dialetos tupi. Em 1694, a língua geral reinava na então colônia portuguesa, com características de língua literária, pois os missionários traduziam peças sacras, orações e hinos, na catequese. Diversas palavras indígenas foram incorporadas ao português. Segundo Oliveira (1999), essa “incorporação de vocábulos indígenas ao léxico do português do Brasil foi motivada pela necessidade imperiosa de nomear uma realidade até então desconhecida (apud Biderman, 2006, p. 61).

Diversos foram os fatores que levaram ao declínio da língua geral. A descoberta de ouro, no século XVIII, intensificou a imigração de portugueses para o Brasil. De acordo com Biderman (2006, p. 67), “preocupada com os vazios demográficos, a Coroa Portuguesa inicia política de ocupação e colonização. Usando de incentivos, Pombal teria promovido o povoamento do Brasil e uma urbanização sem igual no período colonial.”

O desaparecimento do tupi intensificou-se quando a coroa portuguesa passou a proibir o uso da língua geral. Em 1754, Pombal determina que somente o português poderia ser falado na colônia e assim impõe a língua portuguesa aos nativos. Conforme Biderman (2002, p. 68),

o português não se impôs aos nativos de modo violento. Impôs-se por causa de seu prestígio e por representar uma civilização mais avançada que a dos aborígenes. E também porque era a língua da escola, da administração e da comunicação com o resto do mundo, pois foram eles, os portugueses, a ponte entre o Brasil e o resto da humanidade. Entretanto, os idiomas indígenas deixaram profundas marcas no português, sobretudo no léxico.

Com a proclamação da Independência do Brasil, em 1822, acentuou-se a necessidade de estabelecer a separação da metrópole e marcar as diferenças existentes no português do Brasil. E, como o léxico reflete bem essas diferenças, nesse período foi favorecida a publicação de vocabulários, nos quais a língua portuguesa do Brasil passou a ser foco de atenção dos gramáticos e filólogos. De acordo com Murakawa (2005, p.746),

Ao longo do século XIX, conheceu o Brasil um número representativo de trabalhos lexicográficos que tiveram por objetivo evidenciar a língua portuguesa do Brasil. De 1852, data da publicação da obra de Antonio Pereira Coruja, Coleção de vocábulos e frases usadas na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, até 1920, quando se publica *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, vários vocabulários gerais e regionalistas foram oferecidos ao público brasileiro. Dentre eles destacamos o Dicionário de Vocabulos Brasileiros, em 1889, de Beaurepaire-Rohan, e o Dicionário de Brasileirismos (Peculiaridades pernambucanas), em 1915 de Rodolpho Garcia.

Esse espírito de valorização da língua brasileira adentra o século XX e a partir daí intensificam-se as discussões acerca do que se pode chamar de *brasileirismo*. Murakawa (2005, p. 747) destacou uma definição encontrada na *Revista de Filologia Portuguesa*, editada em 1924, em um artigo assinado por Afrânio Peixoto, membro da Academia Brasileira de Letras, no qual *brasileirismos* são apontados como “palavras de uso nacional, estranhas ao hábito lusitano, umas de origem regional, outras da gíria das capitais. (1924, p. 191)”

Várias listas de *brasileirismos* surgiram desde então sob o argumento de legitimação do português, porém várias controvérsias surgiram em torno da definição de *brasileirismo*. O dicionarista Laudelino Freire (1943, p. 8) afirma que “não é fácil definir o que seja um *brasileirismo*. Muitos deles são expressões do português falado pelos antigos colonizadores; outros são termos da linguagem comum, os quais por não terem sido averbados em dicionários lusitanos foram considerados *brasileirismos*.” A noção de *brasileirismo* está arraigada na unidade da palavra e em uma percepção do léxico como acervo de termos aos quais são atribuídas significações. A carga de significado trazida pelo *brasileirismo* possui um caráter distintivo que é próprio do país, refletindo assim os aspectos sociais, culturais e do ambiente brasileiro.

1.2.2.1 A contribuição lexical africana ao português do Brasil

A presença do negro africano no Brasil contribuiu para a formação do português brasileiro, especialmente no léxico. As palavras de origem africana que integraram o vocabulário brasileiro são denominadas africanismos. Conforme Petter, para compreendermos o que é africanismo, é necessário analisar primeiramente o conceito de *brasileirismo*. A autora parte de um conceito de Celso Cunha, que define *brasileirismo* como “qualquer fato linguístico peculiar ao português usado no Brasil, em contraste com o fato linguístico correspondente peculiar ao português usado em Portugal ou lusitanismo”¹⁰.

¹⁰ PETTER, 2011, p. 3.

Após expor esta definição, Petter afirma que o africanismo pode estar na origem de um brasileirismo e é exatamente neste ponto que se situa uma questão: se os africanismos aportaram no Brasil e colaboraram para a constituição do léxico nacional, não seriam estes brasileirismos também? A autora nos fornece uma definição de africanismo, que de certa forma, nos auxilia a solucionar essa questão. Segundo ela, o africanismo é:

o termo ou expressão de uso coloquial resultante do contato do português com língua africana ocorrido na África, em Portugal ou no Brasil, sendo neste caso parte integrante dos brasileirismos¹¹

Ou seja, o africanismo é reconhecido pela autora como “parte integrante” da língua, não como um mero empréstimo ou uma simples influência, uma vez que esses contribuíram efetivamente na formação do léxico brasileiro.

Conforme Petter e Alkmim¹², a presença de termos de origem africana vem sendo registrada no português desde Bluteau (1712) e Morais (1813), considerados os primeiros dicionários da língua portuguesa. Ou seja, já no século XV, antes da chegada dos portugueses ao Brasil, a língua portuguesa já havia entrado em contato com as línguas africanas.

A partir da segunda metade do século XVI, o contato da língua portuguesa com as línguas africanas foi intensificado durante o processo de expansão marítima, quando os portugueses passaram a praticar o tráfico de escravos da África para a América, que estendeu-se no Brasil por mais de três séculos. Segundo Biderman (2002, p. 68-69),

A importação de escravos africanos para o Brasil, que se iniciara no século XVI, continuaria até meados do século XIX. Nesses quatro séculos quatro milhões (ou mais) de africanos das mais variadas culturas e línguas ingressaram no Brasil. Muitas foram as línguas e culturas africanas trazidas pelos escravos: iorubá (ou ioruba) e nagô (da Nigéria), gege (do Daomé), mina (da Costa do Ouro), mandinga e haussá (da Guiné e da Nigéria), línguas bantus (de Angola e do Congo), quicongo, cabinda, etc. Na formação da sociedade e da cultura brasileira foi enorme a influência africana nos costumes e na cultura em geral (cozinha, religião, música, atitudes).

O contato das línguas africanas com o português brasileiro, estabelecido ao longo desses quatro séculos, foi bastante intenso, e o vocabulário brasileiro, conseqüentemente, recebeu grande contribuição dessas línguas. Desse modo, observa-se uma quantidade bem expressiva de africanismos no português do Brasil.

Ao analisar trabalhos que registraram a presença de termos oriundos de línguas africanas no léxico do português brasileiro, Petter¹³ verifica que o registro em obras

¹¹ PETTER, 2011, p. 5.

¹² PETTER; ALKMIM, 2008, p.146.

¹³ PETTER, 2002, p. 124.

lexicográficas das palavras provenientes de línguas africanas, desde o final do século XIX até meados do século XX, esteve associado à reivindicação da identidade da língua nacional.

Embora fossem ‘termos estrangeiros’ do ponto de vista do português europeu, constituíam, na perspectiva brasileira, ao lado dos indigenismos, os *brasileirismos*, contribuindo com sua parcela de originalidade para a defesa do argumento da autonomia do português do Brasil. Assim como os africanos se incorporaram paisagem americana no século XVII, sendo considerados como habitantes naturais da América – haja vista pinturas seiscentistas –, as unidades lexicais africanas também são percebidas como autóctones pelos defensores do PB.¹⁴

Assim, Petter observa que à medida que estudos especializados se desenvolviam – Nelson de Senna (1926), Mendonça (1933), Raymundo (1933), Dante de Laytano (1936), e outros – os termos de origem africana foram ganhando autonomia, constituindo uma classe importante entre os *brasileirismos*, distinguindo-se como *africanismos*.

Nelson de Senna afirma que os africanos deixaram, por todo o País, traços de seus vocábulos nativos, termos e expressões que foram incluídos na linguagem coloquial brasileira. Estes *africanismos* são encontrados em denominações geográficas, em termos designativos de iguarias, bebidas, plantas, animais, frutos, remédios, danças, instrumentos, ferramentas e artefatos diversos.¹⁵

Outros autores, assim como Nelson de Senna e Margarida Petter, também desenvolveram estudos relacionados à contribuição africana na formação lexical e da cultura nacional como um todo. Dentre eles, destacamos os já mencionados Jacques Raymundo e Renato Mendonça, e outros como Yeda Pessoa de Castro, Fernando Tarallo, Sônia Queiroz, Tânia Alkimin, Emílio Bonvini, Ney Lopes, Tarcísio Martins. Estudiosos que deixam evidenciadas as heranças linguístico-culturais africanas que são conservadas pelo povo brasileiro.

Queiroz¹⁶ afirma que são poucas as publicações dedicadas ao registro dos aportes culturais africanos, o que acaba por delinear com maior clareza nosso ainda grande desconhecimento sobre a contribuição africana à formação da cultura brasileira.

¹⁴ PETER, 2002, p. 141.

¹⁵ SENNA, 1938..

¹⁶ QUEIROZ. In: SEABRA, 2006, p. 63.

1.3 ONOMÁSTICA

A Onomástica, campo que integra os estudos da Lexicologia, é o estudo dos nomes próprios. Duas áreas de estudos são ramificadas desse campo: a *Antroponímia* e a *Toponímia*. A *Antroponímia* investiga os nomes próprios individuais, sobrenomes, alcunhas ou apelidos de família. Enquanto a *Toponímia* estuda os nomes próprios de lugares, analisando o léxico toponímico a partir da motivação dos nomes no ato denominativo.

Leite de Vasconcelos e Dauzat foram os precursores da Onomástica. Leite de Vasconcelos concentrou sua investigação na Antroponímia, tendo como objeto de estudo os conjuntos onomásticos individuais, analisando suas diversas configurações. Em 1928, foi publicada sua obra *Antroponímia portuguesa*, na qual o estudioso trabalha o conceito e a classificação de antropônimos portugueses desde a Idade Média.

Mas foi Dauzat quem melhor sistematizou os estudos onomásticos, estabelecendo os pressupostos que norteiam as investigações atuais acerca do nome. A partir de 1922, começaram a vir a público os trabalhos onomásticos realizados por Dauzat. Além da publicação de suas obras, o francês organizou congressos periódicos nos quais eram promovidas discussões em torno da Toponímia e da Antroponímia. Em 1938, ocorreu o I Congresso Internacional de Toponímia e Antroponímia, contando com a participação de vinte e um países e a partir de então os congressos de Onomástica idealizados por Dauzat vêm sendo realizados com regularidade pelo mundo.

Segundo Dick, as diferenças existentes entre a Toponímia e a Antroponímia não impossibilitam a aproximação de seus respectivos objetos de investigação.

Ambos os designativos ultrapassam, em muito, a conceituação teórica que lhes é atribuída, tornando-se, nas Ciências Humanas, fontes de conhecimento tão excelentes quanto as melhores evidências documentais. São, por assim dizer, verdadeiros registros do cotidiano, manifestado nas atitudes e posturas sociais que, em certas circunstâncias, a não ser através deles, escaparia às gerações futuras. (DICK, 1990, p. 178)

Essas áreas de estudo não devem ser consideradas isoladamente, uma vez que suas dimensões se entrecruzam e inserem-se uma na outra. De acordo com Dick (1999, p.145), a antroponímia e a toponímia estabelecem uma mesma relação de inclusão, uma vez que se encontram no *onoma*, em uma área de intersecção. Conforme Seabra (2004, p. 37), o vocábulo, ao registrar o seu uso na língua, transitando para o uso onomástico, reveste-se de caráter denominativo e passa a ser referencializado como topônimo ou antropônimo, seguindo direções contrárias e complementares, conforme está representado na figura a seguir:

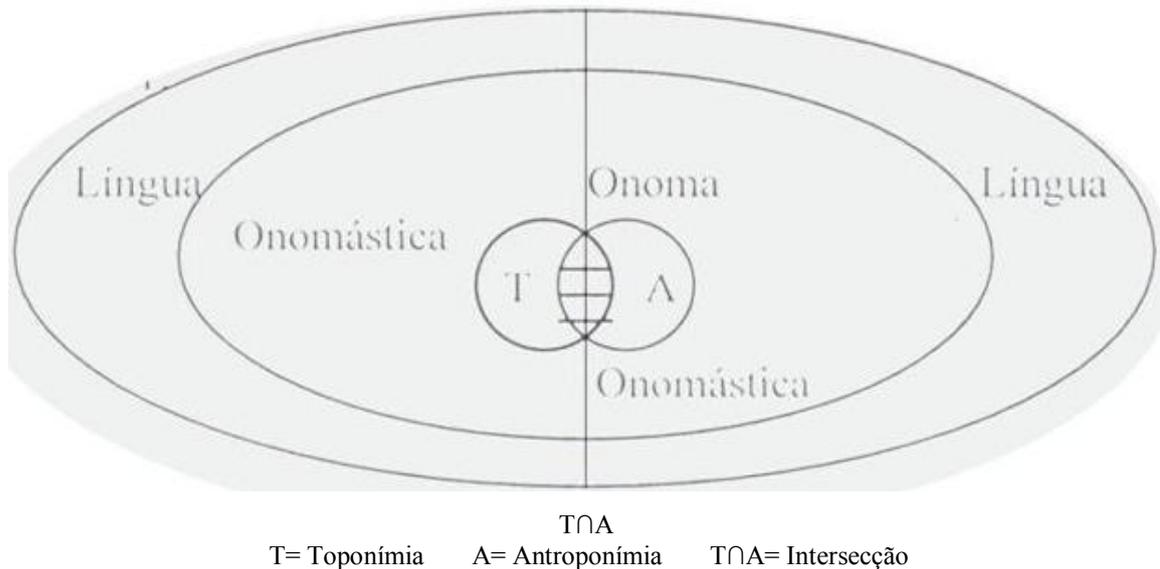


FIGURA 3 – Onomástica.
Fonte: DICK, *apud* SEABRA, 2004, p. 38.

Conforme Dick (2006, p.96), “Toponímia e Antroponímia, no Brasil, seriam, portanto, duas faces de um mesmo rosto, a *Onomástica*, cujo objeto de trabalho é o nome próprio genericamente considerado, a partir da definição do *onoma*.”. A autora ressalta que o interesse da Onomástica está centrado no *nome*, distinto da palavra, uma vez que, no ato denominativo, é preciso pressupor um nomeador e um objeto nomeado. De acordo com Seabra (2004, p. 37),

Nesta transmigração a palavra se desloca do sistema lexical para o sistema onomástico, transcodificando-se, ou seja, do plano onomasiológico da língua (da designação) se integra ao plano semasiológico (da significação). Na construção do processo denominativo, a palavra incorpora o conceito dessa operação mental, cristalizando o nome e, assim, possibilitando a sua transmissão às gerações seguintes.

Os dados que formam o *corpus* desta pesquisa qualificam-se como nomes próprios de lugares. Deste modo, voltaremos maior atenção aos estudos toponímicos, que serão tratados na seção seguinte.

1.3.1 Toponímia

A Toponímia, do grego *topos* (lugar) e *onoma* (nome) é a ciência que se dedica ao estudo dos nomes próprios de lugares. O topônimo carrega em si a designação do espaço geográfico e a carga motivacional do ato denominativo, o que faz com que os estudos toponímicos sejam de grande importância para o conhecimento de aspectos histórico-culturais de um povo, pois possibilitam o reconhecimento de fatos linguísticos, ideologias e crenças do

ato denominativo. Assim, investigar os nomes dos locais compreende também a analisar a cultura e a relação do homem com o meio em que vive. Conforme afirmação de Dick (1990a), não resta dúvida de que a cultura do grupo é determinante na condução desse saber-fazer denominativo, responsável pelas novas séries de designação que formam a cadeia lexical.¹⁷

O estudo dos nomes de lugares possibilita a identificação e a recuperação de fatos linguísticos recorrentes no ato denominativo. Os topônimos testemunham parte da história da língua, já que os contatos linguísticos e culturais entre os povos são registrados e conservados através desses signos linguísticos. Conforme Dick,

Verdadeiros “testemunhos históricos” de fato e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram, em si, um valor que transcende ao próprio ato da nomeação: se a Toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal. Chega, muitas vezes, a se espalhar além de seu foco originário, dilatando, conseqüentemente, as fronteiras políticas, e criando raízes em sítios distantes. Torna-se, pois, a reminiscência de um passado talvez esquecido, não fora a sua presença dinâmica. (DICK, 1990a, p.22, grifo nosso).

Além da influência da cultura e dos costumes dos povos, o meio exerce expressiva influência no processo denominativo. O topônimo também evidencia a realidade do ambiente físico de uma determinada região, uma vez que revela características de vegetação, hidrografia, fauna, condições de solo e relevo. Marcas que permanecem firmadas no topônimo mesmo quando a motivação toponímica, ocorrida no ato denominativo, já se faz extinta. Percebe-se, pois, o valor patrimonial do topônimo. Por essa razão, decidimos investigar a contribuição das línguas africanas ao português do Brasil, seguindo os embasamentos dos estudos toponímicos.

1.3.1.1 Estudos toponímicos

O estudo científico da toponímia começou por volta de 1878¹⁸, tendo como precursor Auguste Longnon, que inseriu os estudos toponímicos, como disciplina regular, na École Pratique des Hautes-Études e no Colégio de França. Posteriormente, resultante do curso ministrado por Longnon, é publicada, em 1912, a obra *Les noms de lieu de la France*, reconhecida como obra clássica para o conhecimento da sistematização da nomenclatura toponímica.

Em 1922, depois do falecimento de Longnon, Albert Dauzat retoma os estudos onomásticos e passa a investigar a relação entre a formação dos topônimos franceses e os

¹⁷ DICK. In: SEABRA, 2006, p. 100.

¹⁸ DICK, 1990a, p. 1.

motivos históricos que justificavam a sua existência. Os pressupostos metodológicos estabelecidos por Dauzat (1926) estão entre os mais produtivos nesta área de pesquisa linguística

Conforme Dick¹⁹, os estudos de Dauzat estabeleciam os seguintes pressupostos:

- estabelecimento das camadas dialetais, com reflexos na língua falada na região;
- pesquisa das raízes formadoras dos topônimos;
- reconstituição etimológica das formas antigas de nomeação, oriundas de substratos e adstratos lingüísticos;
- pesquisa em documentos históricos.

No Brasil, as primeiras investigações toponímicas focavam-se principalmente na análise de nomes indígenas. Os estudos toponímicos brasileiros começaram a ganhar sistematicidade quando Carlos Drumond, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), amparado pelos embasamentos da toponímia européia, pesquisou a relação existente entre as migrações indígenas e suas línguas e as designações dos acidentes geográficos a que os povos se depararam. Inicialmente, suas pesquisas contemplaram os nomes de origem indígena através das pesquisas sobre o tupi e a Toponímia Brasileira. Em 1965, publica a obra *Contribuições do Bororo à toponímia Brasileira*, ainda sem métodos apropriados, como ressalta Dick (1990, p. 4), que investiga a ocorrência de nomes de lugares de origem tupi.

Nos estudos da toponímia brasileira de nossa contemporaneidade, destaca-se o nome de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick. Professora e pesquisadora da FFLCH-USP, que, seguindo as orientações de Drumond e a teoria de Dauzat, escreveu os *Princípios Teóricos e Modelos Taxeonomícos*. Com essa obra, a autora enriqueceu enormemente os estudos toponímicos brasileiros. Nos dizeres de Drumond, “nenhum outro estudo de Toponímia do Brasil reveste-se de tantas qualidades como este, seja do ponto de vista estrutural como científico”.²⁰

A professora e pesquisadora, além de contribuir na ampliação dos estudos toponímicos propostos por Dauzat e Drumond, dedica-se à investigação da toponímia brasileira presente, nas pesquisas e orientações de vários estudos acadêmicos neste campo. O Projeto ATB – Atlas Toponímico do Brasil (FFLCH/USP, coordenado por Dick, tem por objetivo descrever a realidade toponímica do país. Para isso, o ATB conta com variantes

¹⁹ DICK, 2000, p. 231.

²⁰ DICK, 1990a, Prefácio.

regionais, que seguindo a metodologia sugerida por Dick, assim como o modelo de seus Atlas (ATB – Atlas Toponímico do Brasil e ATESP – Atlas Toponímico do Estado de São Paulo), têm-se dedicado, em nossas Universidades, aos estudos toponímicos; dentre eles citamos: Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (UFMG). Ambas vêm coordenando variantes regionais do ATB em seus respectivos estados – Mato Grosso do Sul (ATEMS – Atlas Toponímico do Estado do Mato Grosso do Sul) e Minas Gerais (ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais).

1.3.1.2 Projeto ATEMIG

O Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais, coordenado pela Profa. Maria Cândida Trindade Costa de Seabra e desenvolvido na Faculdade de Letras da UFMG, desde março de 2005, realiza o detalhamento e análise da realidade toponímica de todo o território mineiro, seguindo os pressupostos teóricos e metodológicos propostos por Dauzat²¹ e Dick²².

Conforme Seabra (2011, p. 31), o Projeto ATEMIG – Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais tem dez objetivos básicos:

1. Constituir um *corpus* com todos os topônimos presentes nas cartas geográficas do IBGE, correspondentes aos 853 municípios mineiros;
2. Catalogar e reconhecer remanescentes lexicais na rede toponímica mineira cuja origem remonta a nomes portugueses, africanos, indígenas, dentre outros;
3. Classificar e analisar o padrão motivador dos nomes, resultante das diversas tendências étnicas registradas (línguas indígenas, africanas e de imigração);
4. Buscar a influência das línguas em contato no território (fenômenos gramaticais e semânticos);
5. Cartografar nomes de acidentes físicos e humanos do Estado de Minas Gerais;
6. Realizar gravações orais com o objetivo de coletar outros topônimos que não constam na rede toponímica oficial do estado;
7. Analisar a toponímia de mapas antigos que remetem ao território mineiro;
8. Realizar estudos diacrônicos a partir dos dados coletados;
9. Construir glossários toponímicos;
10. Estudar os nomes de logradouros (bairros, ruas, praças, becos, etc) presentes em cidades mineiras.

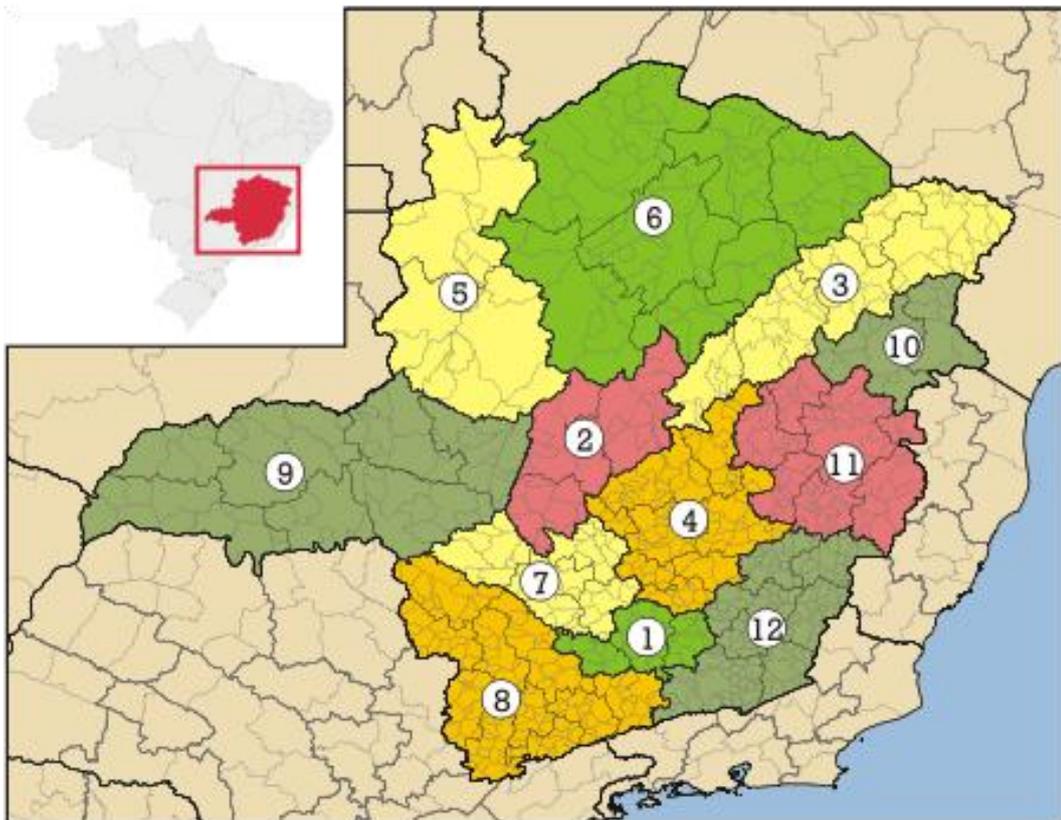
²¹ DAUZAT, 1926

²² DICK, 1990.

Seguindo os pressupostos metodológicos do ATB, o ATEMIG adota:

- a) o método das áreas, utilizado por Dauzat (1926) que propõe o remapeamento da divisão municipal, de acordo com as camadas dialetais presentes na língua padrão;
- b) a distribuição toponímica em categorias taxionômicas que representam padrões motivadores de topônimos no Brasil, segundo Dick (1990).

Para a formação do banco de dados do Projeto ATEMIG, foram levantados todos os nomes de cidades, vilas, povoados, fazendas, rios, córregos, ribeirões, morros, serras, dentre outros acidentes geográficos dos 853 municípios de Minas Gerais, documentados em cartas topográficas – fontes do IBGE, com escalas que variam de 1: 50.000 a 1: 100.000. O *corpus* de dados do Projeto ATEMIG é formado por topônimos coletados seguindo a divisão proposta pelo IBGE, que recorta o estado em 12 mesorregiões: 1. Campo das Vertentes; 2. Central Mineira; 3. Jequitinhonha; 4. Metropolitana de Belo Horizonte; 5. Noroeste de Minas; 6. Norte de Minas; 7. Oeste de Minas; 8. Sul e Sudoeste de Minas; 9. Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba; 10. Vale do Mucuri; 11. Vale do Rio Doce; 12. Zona da Mata.



MAPA 1: As mesorregiões de Minas Gerais.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_mesorregi%C3%B5es_de_Minhas_Gerais>. Acesso em: 9 set. 2011.

Em cada região foram levantados todos os nomes dos acidentes geográficos dos municípios, documentados em mapas municipais, com escalas que variam de 1: 50.000 a 1: 100.000, cumprindo as seguintes etapas:

1. coleta de dados;
2. análise e tabulação dos dados (os topônimos são registrados em fichas, conforme modelo sugerido por DICK (2004), para serem analisados e classificados);
3. organização da matéria;
4. apresentação de resultados parciais.

1.3.1.3 A toponímia africana

O estudo dos africanismos presentes na realidade toponímica mineira buscará aprofundar o estudo das contribuições das línguas africanas mais faladas no Brasil, as línguas da família banto, como quimbundo, quicongo e umbundo, e da família kwa, como iorubá. Conforme Dick,

estudar a toponímia africana, no Brasil, pressupõe, de fato, o exercício de algumas etapas metodológicas, como a análise dos principais componentes étnicos imigrados, a classificação das línguas faladas, o exame linguístico dos designativos onomásticos, a sua natureza semântica, as áreas de ocorrência²³

A autora ressalta ainda que os estudos de toponímia africana no Brasil envolvem, pela peculiaridade, um conhecimento genérico da problemática do negro no país:

Elemento alógeno, o africano que aqui se fixou, desde a segunda metade do século XVI, criou raízes no território e se tornou responsável pelo stock mestiço (mulatos e pardos) dos mais representativos no conjunto da população brasileira, se levamos em conta as estatísticas elaboradas [...] Apesar de o tráfico negreiro ter tido como uma de suas causas a mão de obra barata, destinada, no Brasil ao trabalho agrícola nas plantações de cana-de-açúcar, fumo, cacau, café e algodão, dispersas pelas da Bahia, Sergipe, Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Rio de Janeiro, São Paulo, Maranhão e Pará; os nas minerações das Gerais, Mato Grosso e, mesmo, no aproveitamento em serviços domésticos e/ou urbanos, não se pode considerar o negro como um elemento meramente “marginal” à sociedade brasileira.²⁴

Observa-se, porém, que a ocorrência de nomes de procedência africana na toponímia mineira é pouco frequente, embora o número de negros tenha sido bastante significativo em Minas Gerais.

²³ DICK, 1990, p. 139.

²⁴ *Ibidem*, p.137-138.

1.3.1.4 A toponímia africana em Minas Gerais

Nos séculos XVIII e XIX, ocorreu o povoamento do território mineiro, motivado pela descoberta de ouro e pedras preciosas na região. Segundo Carneiro²⁵, ocorreu, neste período, na então Capitania das Minas, a maior concentração de escravos verificada no país. Até o final do século XIX, a população de Minas Gerais era formada majoritariamente pelos negros. Conforme Nelson de Senna²⁶, mesmo após a extinção do tráfico negreiro e da abolição do regime de escravidão no país, os negros e mestiços de negros representavam 53,32% da população mineira.

A presença significativa do negro africano no território mineiro deixou remanescentes nos diversos aspectos da cultura local e, conseqüentemente, no léxico toponímico de Minas Gerais. Esta pesquisa busca expandir e aprofundar o conhecimento sobre a contribuição das línguas africanas no território mineiro e apresentar colaborações aos estudos da formação do português brasileiro.

1.3.1.5 A toponímia africana no âmbito do Projeto ATEMIG

Estudos realizados por Seabra registraram a ocorrência de 2,4% de topônimos de base africana na região do Carmo²⁷. Outros trabalhos mais específicos – Mendes (2009), Menezes (2009) e Carvalho (2010) – têm corroborado os dados apresentados, pois a ocorrência de nomes de procedência africana tem se revelado pouco frequente na toponímia de Minas Gerais.

Mendes (2009), ao investigar os hidrônimos, isto é, topônimos relativos às águas, em 19 municípios que abrangem as regiões Alta e Média da Bacia do Rio das Velhas, no estado de Minas Gerais, constatou que das 820 ocorrências encontradas em seu *corpus*, dezenove são de origem africana, o que representa 2,31% do total dos dados.

Menezes (2009) estudou os topônimos da região dos municípios de Pitangui, Pompéu e Papagaios, antiga área de domínio de Dona Joaquina do Pompéu – fazendeira do Alto São Francisco reconhecida como grande colaboradora no desenvolvimento da pecuária em Minas Gerais, nos séculos XVIII e XIX. Em seu estudo, a autora observou que, apesar do grande número de negros que contribuíram com o trabalho nas minas de Pitangui e da quantidade de escravos que Dona Joaquina possuía em suas fazendas, a influência de línguas

²⁵ Citado por QUEIROZ, 1998, p. 27.

²⁶ Citado por QUEIROZ. In: SEABRA, 2006, p. 61.

²⁷ SEABRA, 2004.

africanas nos municípios de Pitangui, Pompéu e Papagaios apresentou-se pouco significativa. Dos 140 topônimos analisados, foram registrados apenas dois nomes africanos – Macaco e Monjolo – nomeando córregos; e três híbridos (português + africano) – Bananeira (fazenda), Lagoa do Quilombo (pasto e córrego), Córrego Monjolo (povoado), que juntos somam 3,58% dos dados.

Carvalho (2010), ao investigar a toponímia da cidade de Montes Claros, verificou que apenas 4% do total de 156 topônimos são de origem africana, sendo que três são de origem híbrida (africana + português) e três nomes são africanos. A saber: Bananal, Bengo (nomeando dois acidentes geográficos), Mucambo do Tolme, Mucambo Firme e Muvuca.

Como os trabalhos realizados nos mostram, os topônimos de possível origem africana apresentaram baixa expressividade quantitativa nas regiões e municípios analisados. Nos capítulo 4 desta dissertação, quantificamos os topônimos de todas as mesorregiões de Minas Gerais, a fim de observar o percentual de nomes de possível origem africana em Minas Gerais.

Em nosso próximo capítulo, apresentaremos uma breve contextualização histórica acerca da presença do negro africano e seus descendentes no Brasil e em Minas Gerais e sobre as línguas africanas que contribuíram para a formação do português brasileiro.



FIGURA 4: *Cenas de Candomblé*, de Wilson Tibério
FONTE: <<http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/fotos-charges-e-tirinhas-65>>.
Acesso em: 18 fev. 2012.

Capítulo 2 – A presença africana em Minas Gerais

2.1 BREVE HISTÓRICO DO NEGRO NO BRASIL

A mercantilização dos negros do continente africano para o Brasil, por parte dos portugueses, é datada da primeira metade do século XVI. A princípio, os negros escravizados foram introduzidos nos engenhos de açúcar. Conforme Queiroz (1998, p. 24),

Embora não se saiba com exatidão em que época começaram os portugueses a trazer escravos negros para o Brasil, é certo que eles já trabalhavam nos primeiros engenhos de cana de açúcar, tendo sido aqui introduzidos muito antes da oficialização do tráfico, que se dá por Alvará de D. João III, a 29 de março de 1549. Portanto, os africanos começam a chegar ao Brasil ainda no início do século XVI e a partir daí entram oficial ou extra-oficialmente, em número cada vez maior, até o ano de 1850, quando em consequência da lei imperial de 4 de setembro, que declara extinto o tráfico, começa a diminuir a sua importação.

Nos estudos de Castro (2001, p. 45) são destacados os quatro grandes ciclos de importação de escravos africanos para as terras brasileiras, que ocorreram da segunda metade do século XVI até o século XIX, apresentados nos estudos de Goulart (1949). Esses quatro ciclos também são apresentados por Bonvini (2009, p. 26).

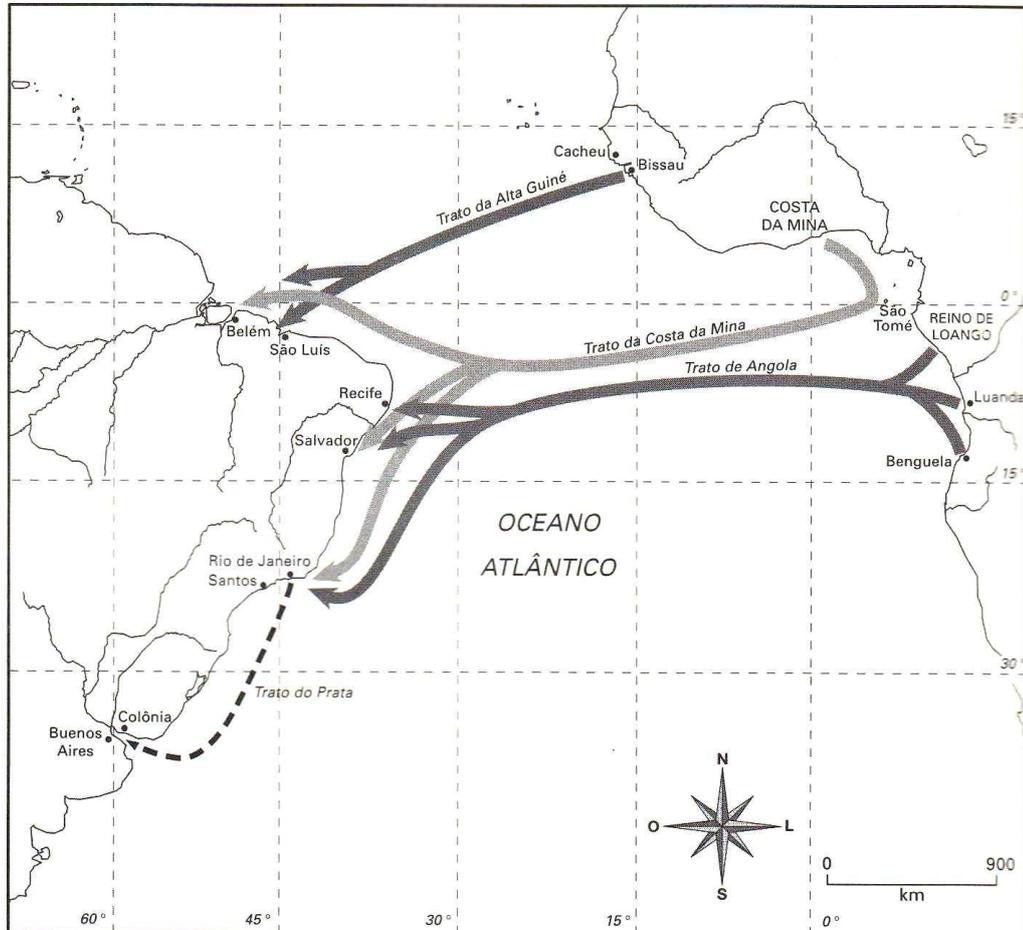
De acordo com Goulart²⁸ do primeiro ciclo, ocorrido no século XVI, fizeram parte os negros da *Guiné*. Como ressalta Bonvini (2009, p. 26), esses escravos eram principalmente sudaneses, originários da África situada ao norte do Equador. Esse período foi marcado pela posse e desbravamento do território brasileiro. Além disso, a mão-de-obra dos negros escravizados foi muito utilizada na introdução da cana-de-açúcar, do gado e engenhos.

Já no século XVII, é iniciado o ciclo *Congo-Angola*, como denomina Goulart. Nessa época, chegam ao Brasil levas de negros de partes diversas da África, em especial da zona banta. Esses negros eram denominados: congos, angolas, cabindas, banguelas, mandigas e minas – ressaltamos que todos eles foram determinantes para economia açucareira do nordeste. Nesse século, ocorre a descoberta de ouro na Bahia, Minas e Goiás. O escravo africano começou então a ser direcionado ao trabalho nas minas dessas regiões.

No século XVIII, ocorre o ciclo da *Costa da Mina*, atingindo novamente negros sudaneses, no qual negros jejes, minas, ardras, savalus, nagôs, moçambiques e quelimares são somados aos negros Congo-Angola.

²⁸ GOULART, 1949, citado por CASTRO, 2001, p. 45.

Alencastro (2000, p. 250), conforme podemos visualizar no mapa que se segue, demonstra que o tráfico de escravos para o Brasil, do século XVII ao XVIII, ocorreu, em maior parte, “de um comércio bilateral cujas consequências transformaram radicalmente a história colonial e nacional brasileira até 1850.”



MAPA 2: Tratos portugueses e brasílicos nos séculos XVII e XVIII
(ALENCASTRO, 2000, p. 250.)

No século XIX, ocorreu a introdução maciça de negros do oeste africano, região onde se localizam as culturas sudanesas, em que se destacam, o iorubá (ou nagô) e o jeje (ou mina). Nesse período, vieram negros de várias partes do continente africano, sobretudo de Angola e Moçambique, como destaca Bonvini (1998, p. 26).

O século XIX é marcado pelo fim do tráfico transatlântico (1853). A partir de então, o número de escravos começa a ser reduzido aos poucos, até que por fim é decretada a abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888.

Como mostra Castro (2001, p. 45), Goulart (1949) apontou também os números aproximados de importação de escravos ao longo dos quatro séculos de tráfico negreiro no Brasil.

Séc. XVI (Guiné)	Séc. XVII (Congo-Angola)	Séc. XVIII (Costa da Mina)	Séc. XIX (Baía de Benim, Angola e Contra-Costa)
±30.000	± 800.000	± 2.500.000	± 1.500.000

FIGURA 5: Números aproximados da importação de escravos negros para o Brasil (GOULART, 1949)

Negros de diversas partes do continente africano ingressaram em terras brasileiras, participando ativamente de vários momentos que marcaram a história de nosso País. Como vimos, a entrada dessas nações em território brasileiro se deu em espaço, tempo e em proporções bastante distintas. Como esclarece Ramos (1943, p. 317)²⁹

Os negros eram capturados em qualquer região africana, mesmo no remoto interior, sem discriminação de procedência e embarcados em pontos da costa, que reuniam assim escravos de várias tribos e várias regiões, às vezes completamente afastadas umas das outras; os nomes trazidos para o Novo Mundo eram muitas vezes os destes portos de embarque, comportando, portanto, uma informação falsa.

Conforme Bonvini (2008), o tráfico de escravos ocorreu de modo a promover o contato entre os indivíduos que seriam transportados para o Brasil, seja nos barracões, por vários meses, seja nos navios ancorados que aguardavam completar a carga, diretamente orientado para o mercado brasileiro. Essas circunstâncias favoreceram a emergência de uma nova situação linguística para os cativos: “contato com línguas africanas diferentes e próximas e contato com o português, língua dos futuros senhores.” No caso dos escravos originários de Angola, vários cativos já estavam familiarizados com o português falado naquela região.

Segundo Queiroz (1998, p. 26), devido à escassez de documentação histórica, que foi queimada³⁰, e ao fato de a escravidão ter unificado povos africanos de diversas regiões da África, há uma grande dificuldade na identificação das origens dos africanos trazidos para o Brasil. Dick (1990, p. 141), além desses fatores, ainda ressalta a complexidade do território africano:

Do ponto de vista antropológico, o continente africano nunca foi considerado um todo homogêneo, fracionado que está por áreas e sub-áreas culturais; tal qual ocorreu no Brasil, relativamente ao mosaico dos povos indígenas, mesclando o país, em toda a sua extensão, lá também diferentes etnias distribuíam-se em padrões de organização, os mais complexos e diversos.

²⁹ RAMOS, 1943, citado por DICK, 1990.

³⁰ Em obediência à Circular de 13 de maio de 1892, do Ministério da Fazenda, a documentação oficial relativa ao tráfico de negros escravizados foi queimada. (QUEIROZ, 1998, p. 23)

2.2 A PRESENÇA NEGRA NO POVOAMENTO DA CAPITANIA DAS MINAS

Até o século XVII, a economia açucareira era a atividade predominante na colônia, especialmente no norte. No século XVIII, a busca e a exploração das minas de ouro e pedras preciosas deslocou o eixo econômico para o sul.

A capital brasileira foi então transferida de Salvador para o Rio de Janeiro, que se tornou o mais importante centro de comercialização de escravos do País. Segundo Renato Mendonça (1973, p. 39-40), “o Rio semelha um porto africano. O Volango, mercado de escravos, tem um jeito de Luanda. É a maior feira de escravos de todo o Brasil, que exporta para São Paulo, Minas, Estado do Rio e Goiás.” E Minas, como destaca Queiroz (1998, p.25), era “o grande consumidor desse mercado”. Citando, Coaracy (1950, p. 100)³¹, a mesma ressalta a intensa comercialização de escravos negros do Rio de Janeiro para Minas: “as estimativas mais modestas calculam que durante o século XVIII entraram no Rio de Janeiro e aí foram vendidos mais de 800.000 africanos, dos quais a maioria foi encaminhada para Minas”.

De acordo com Lima Júnior, numerosos comboios de negros escravos foram conduzidos para Minas Gerais. Segundo o autor: “as levas de colonos chegavam continuamente, e o Norte do Brasil esvaziava seus engenhos, vendendo os escravos aos insaciáveis compradores das Minas.” (1978, p. 36). Queiroz corrobora (1998, p. 24):

Se a introdução de escravos negros no Brasil está intimamente ligada ao desenvolvimento da indústria de cana-de-açúcar, o grande incremento do tráfico se verifica nos séculos XVIII e XIX é determinado, fundamentalmente, pela descoberta do ouro e dos diamantes na região das Minas Gerais. Com efeito, a possibilidade de lucros maiores e mais rápidos desloca os interesses econômicos da agricultura para a mineração, provocando a corrida para as minas, que vai desfalar os engenhos da mão de obra-de-obra escrava.

Willian Martins (2006, p. 25) ainda confirma: “o Brasil deslocou-se todo para Minas, deixando parados os engenhos, roças e outras atividades.” A transferência da mão-de-obra negra para as minas foi tão intensa, que acabou por desequilibrar a economia da Colônia, resultante da falta de escravos para o trabalho nas lavouras de cana-de-açúcar e de tabaco, como ressalta Queiroz (1998, p. 26). A Coroa então tenta limitar o número de escravos para a mineração, através do Alvará de 20 de janeiro de 1701. Porém, Queiroz afirma que esse alvará e todas as outras tentativas de limitar ou impedir a entrada de escravos em Minas fracassaram.

³¹ Citado por Queiroz, 1998, p. 25.

O negro africano foi presença marcante no desbravamento e povoamento do território mineiro. Aires da Mata Machado Filho (1985), ao relatar o povoamento do arraial de São João da Chapada, nos arredores de Diamantina, destaca os negros como primeiros moradores das terras mineiras: “foram de negros as primeiras casas do arraial. É muito espalhada a tradição de Felipe Mina, Felipe Nagô, Pai Augusto e outros. Dá logo na vista, pelos nomes, a procedência não banto desses primeiros moradores. Entretanto, sabe-se que os negros do sul do Brasil são geralmente bantos” (1985, p. 25).

Segundo Queiroz (2006, p. 61), Minas Gerais recebeu “um dos maiores contingentes de africanos escravizados, nos séculos XVIII e XIX”, período em que se deu o povoamento da então Capitania das Minas. Citando Carneiro³²

[...] em Minas se reuniu, em período relativamente curto, a maior concentração de escravos verificada no país. Cerca de meio milhão de negros foi empregado na mineração do ouro e dos diamantes nos setenta anos em que essa exploração foi considerada economicamente rendosa.

Queiroz (1998, p. 26) apresenta ainda alguns números que demonstram a quantidade expressiva da população negra na capitania das Minas, deixando evidenciado que até o fim do século XIX, a população mineira era em sua maioria negra:

- em 1776, os negros e mestiços de negros somavam 249.105 indivíduos – 77,90% numa população total de 319.769 habitantes (SENNÁ, 1921, p. 139);
- entre os anos de 1786 a 1805, os escravos constituíam 47,94% e 46,38% da população, donde se pode inferir que os indivíduos de cor continuavam sendo maioria, pois por essa época muitos deles já eram alforriados (SENNÁ, 1938, p. 58-59);
- em 1821, há 383.061 negros e mestiços de negros, num total de 514.108 habitantes, o que equivale a 74,51% da população (ESCHEWEGE citado por BARBOSA, 1972, p. 126);
- em 1872, passados aproximadamente vinte anos da extinção do tráfico, os escravos se reduzem a 16,99% da população de Minas;
- em 13 de maio de 1888 extingue o regime escravocrata de todo o território brasileiro, os negros seus descendentes continuam constituindo um alto percentual da população mineira. No primeiro recenseamento demográfico da República, realizado em 1890, eles ainda são 53,32% dos habitantes de Minas Gerais.

Mesmo após o fim do tráfico negreiro e a abolição do regime de escravidão no Brasil, conforme Senna (1938, p. 58-59), os negros e mestiços de negros ainda eram a maioria dos habitantes de Minas Gerais, representando 53,32% da população mineira, dados esses do primeiro recenseamento demográfico da República, realizado em 1890.

³² CARNEIRO, s.n.t., p.3 citado por QUEIROZ. In: SEABRA, 2006, p. 61.

2.2.1 Remanescentes das culturas africanas em Minas Gérias

Ainda hoje podemos encontrar remanescentes das culturas africanas em Minas Gérias, nos quais estão guardadas tradições religiosas e artísticas africanas. Como ressalta Queiroz³³:

No início do século XXI, ainda encontramos remanescentes das culturas africanas que aqui se instalaram e até mesmo núcleos de resistência cultural, muitos deles associados a atividades artísticas e religiosas, de que são talvez os exemplos mais significativos as irmandades de N. S. do Rosário e os grupos de candombe.

É de extremo valor a colaboração dada por Sônia Queiroz ao estudo das contribuições linguísticas dos negros em Minas Gerais. Em pesquisa realizada na Tabatinga, comunidade de Bom Despacho, Sônia Queiroz descreve a língua afro-brasileira falada por essa comunidade, identificando nela vocabulário das línguas africanas de origem banto. O *Pé Preto no Barro Branco*: a língua dos negros da Tabatinga é resultado dessa pesquisa. Além de Bom Despacho, Queiroz (1998, p. 33) destaca mais dez núcleos de resistência cultural afro-negra em Minas Gerais: nas cidades de Uberlândia, Patrocínio, Chapada do Norte, Contagem, Itaúna e Capela Nova; e também nos povoados de Quartel do Indaiá, São João da Chapada, Milho Verde e Capivara.



MAPA 3: Núcleos de resistência cultural afro-negra em Minas Gerais.
(QUEIROZ, 1998, p. 33.)

Como registra Queiroz³⁴, a Fundação Palmares, vinculada ao Ministério da Cultura e atuando junto ao Congresso Nacional, realizou em 2001 o mapeamento das

³³ QUEIROZ. In: SEABRA, 2006, p. 61.

comunidades remanescentes de quilombos, identificando 56 comunidades remanescentes. Prosseguindo o levantamento em Minas, o CEDEFES – Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva divulgou, ao final de 2005, uma relação contendo o registro de 303 comunidades quilombolas em Minas Gerais.

Como podemos perceber, é inegável a presença e a imensa contribuição dos africanos e de seus descendentes para economia e cultura mineira. Ainda assim, como ressalta Queiroz³⁵, “poucas são as publicações dedicadas ao registro dos aportes culturais africanos ao acervo de Minas.”

2.3 AS LÍNGUAS AFRICANAS

De acordo com Emílio Bonvini, o continente africano abriga praticamente um terço das línguas do mundo, concentrando um total de 2092³⁶ línguas. Segundo o autor:

O conjunto dessas línguas, conforme os últimos estudos, reparte-se em quatro grandes troncos ou filios: o nigero-congolês (Niger-congo) (1495 línguas), o afro-asiático (Afro-asiatic) (353 línguas), o nilo-saariano (Nilo-saharian) (197 línguas) e o coissan (Khoisan) (22 línguas). Essa repartição, proposta e sistematizada por J. H. Greenberg nos anos 1950-1963, foi adotada mais tarde, pela grande maioria dos linguístas africanistas, com algumas revisões concernentes à reorganização interna de cada tronco.³⁷ In: PETTER; FIORIN, 2009, p. 23)

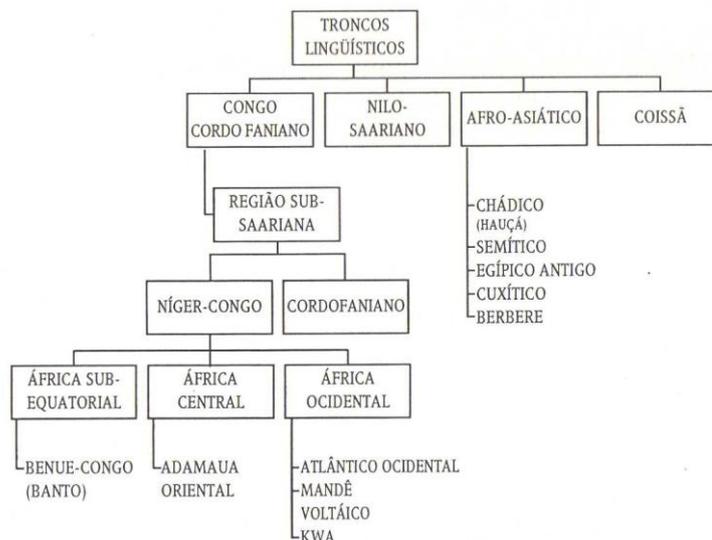


FIGURA 6: Os quatro grandes troncos linguísticos propostos por Greenberg.
FONTE: CASTRO, 2001, p. 27.

³⁴ QUEIROZ. In: SEABRA, 2006, p. 61.

³⁵ *Ibidem*, p. 63.

³⁶ Número do inventário *Etnologue*. GORDON, 2005, citado por BONVINI. In: PETTER; FIORIN, 2009, p. 22.

³⁷ BONVINI. In: PETTER; FIORIN, 2009, p. 23.

Embasando-nos em Castro (2001) e Bonvini (2009) faremos breves considerações sobre os quatro grandes troncos linguísticos africanos propostos por Greenberg.

O Nigero-congolês (nigero-cordofanês) é o mais extenso dos troncos, formado por 1495 línguas, de acordo com Bonvini (2009). Dele fazem parte as línguas subsaarianas, faladas por centenas de povos negro-africanos, que ocupam um vasto território da África, que se estende da direção sul do Saara ao cone-sul como ressalta, Castro (2001, p. 28). Esse grupo compreende duas famílias: o Niger-congo e o Cordofaniano. O Niger-congo engloba os povos do oeste africano, de línguas tradicionalmente sudanesas, que se distribuem em seis ramos:

1. Atlântico-Occidental: uolofe, fulani, serere, diola;
2. Mandê: solinquê, suçu, malinquê, bambara;
3. Voltáico (Gur): senúfo, moci, grunche, bariba;
4. Adamaua Oriental: adamaua, imbaca, songo;
5. Kwa: iorubá, ibô, ijô, fon, ewe, gun, mahi;
6. Benue-congo
 - 6.1 línguas do platô e da região do Cross-Rivers: cambari, birom, ibibio, efique;
 - 6.2 línguas do grupo bantuídeo: bitare, manbila e banto.

O tronco *Nilo-saariano*, que comporta entre 90 a 180 línguas, do sul do Sudão e do sul do Saara, abrange território africano que se estende do Mali à Etiópia e do Egito à Tanzânia. Já o tronco *Coissã* é o menor dos troncos, abrigando 22 línguas faladas em Borsuana e na Namíbia, ao longo do deserto do Calaari, cuja característica marcante está no uso dos chamados “cliques”, como destaca Castro.

O tronco afro-asiático são as 353 línguas da África do Norte (Etiópia, Somália e lago Chade), e compreende cinco ramos:

1. Semítico (árabe e línguas etíopes);
2. Egípcio antigo;
3. Berbere (Maghreb);
4. Cuxítico (Somália);
5. Chádico (housá).

2.4 AS LÍNGUAS BANTO NO BRASIL

No Brasil, a herança banto é predominante na cultura, de um modo geral, em remanescentes linguísticos e na língua nacional. No esboço de mapa traçado por Castro, podemos visualizar a presença das línguas banto no Brasil.



MAPA 4: : Esboço de mapa etnológico africano no Brasil
 (CASTRO, 2001, p. 47.)

Segundo Castro (2001), os povos de origem banto no Brasil ficaram conhecidos por diversas denominações, dentre elas as mais conhecidas são *congós* e *angolas*. Entre os bantos, três povos se destacaram por suas superioridades numéricas: *bacongos*, *ambundo* e *ovimbundo*.

Os bacongos, como descreve Castro (2001, p. 34), são os falantes do *quicongo*, língua que abrange falares regionais de territórios correspondentes com os limites do Reino do Congo, atualmente compreendidos no sul do Congo-Brazzaville até o Cabo Lopes, no Gabão, sudoeste do Congo-Kinshasa e noroeste de Angola, nas províncias de Cabinda, Zaire e Uíge. Já os ambundos são os falantes do *quimbundo*, língua concentrada na região central de Angola, entre Luanda, Malanje, Bengo e Cuanza Norte até Ambriz. Os ovimbundos são os falantes do *umbundo*, que estão localizados ao longo de uma região bastante vasta e povoada, abrangendo as províncias de Bié, Huambo e Bengala, ao sul de Angola.

No capítulo seguinte, explicaremos os procedimentos metodológicos seguidos para o reconhecimento das bases léxicas africanas e para a análise linguística e toponímica desses dados.

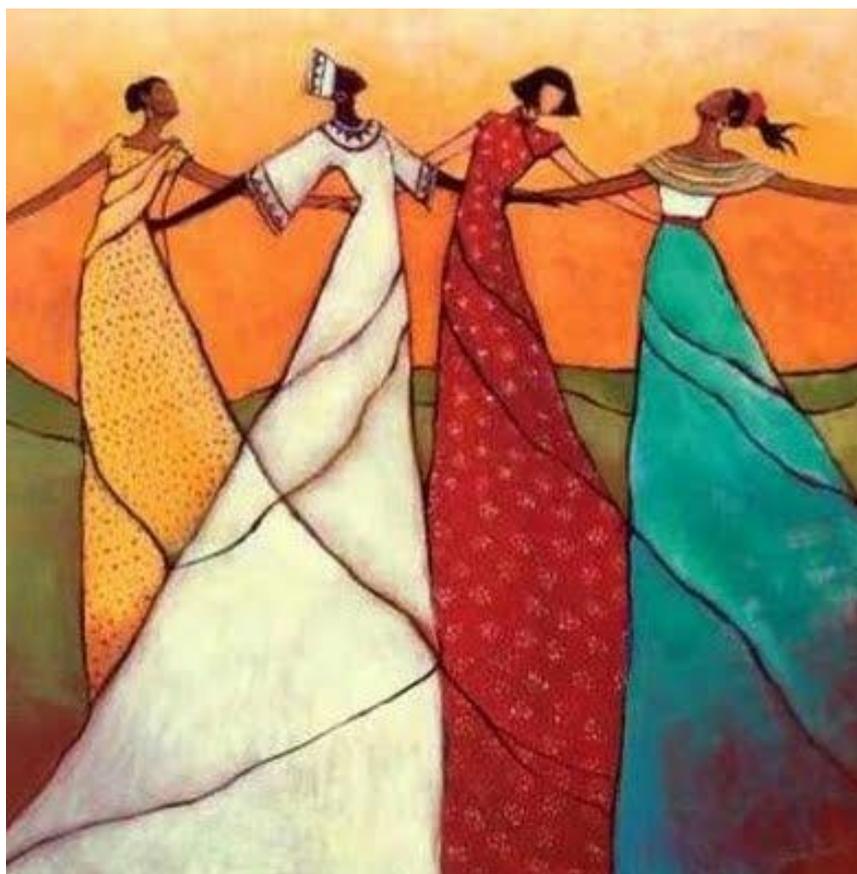


FIGURA 7: *Unique*, de Monica Stewart.

Fonte:< <http://michelechristine.wordpress.com/pinturas/pintura-africana/#comment-1387>>
Acesso em: 18 fev. 2012

Capítulo 3 – Procedimentos teórico-metodológicos

Esta pesquisa tem por objetivo colaborar com o reconhecimento do valor patrimonial das contribuições linguístico-culturais africanas para a formação do português do Brasil, de modo a conhecer e dar a conhecer um pouco da história do povo afro-brasileiro.

A ocorrência das bases léxicas toponímicas de provável origem africana foi observada nos dicionários do português e nos glossários das publicações sobre as línguas africanas no Brasil. Consultamos também o *Vocabulário africano em dicionários e glossários do português brasileiro*, de Sônia Queiroz. Os verbetes dessa compilação, além da definição do termo, oferecem as diversas fontes nas quais a palavra africana encontra-se registrada. Com base nessa análise e na categorização dos topônimos em taxinomias toponímicas, quantificamos a ocorrência dos africanismos nas mesorregiões de Minas Gerais e identificamos o padrão motivador dos topônimos africanos.

Por fim, elaboramos um glossário com os vocábulos de provável origem africana encontrados no universo toponímico de Minas Gerais. O glossário foi organizado pelo critério onomasiológico e semasiológico.

3.1 FORMAÇÃO DO *CORPUS* A PARTIR DOS DADOS DO PROJETO ATEMIG

Os dados que formam o *corpus* da pesquisa dos topônimos africanos de Minas Gerais são provenientes do banco de dados do Projeto ATEMIG, do qual foram extraídos os nomes de lugar de provável origem africana.

Conforme explicitado no capítulo anterior, o projeto ATEMIG (FALE/UFMG) realiza o detalhamento e a análise da realidade toponímica de todo o território mineiro, seguindo os pressupostos teóricos e metodológicos dos estudos de Dauzat³⁸ e Dick³⁹. Para esse fim, foram levantados todos os nomes de cidades, vilas, povoados, fazendas, rios, córregos, ribeirões, cachoeiras, morros, serras, dentre outros acidentes geográficos dos 853 municípios de Minas Gerais, documentados em cartas topográficas – fontes do IBGE, com escalas que variam de 1: 50.000 a 1: 250.000. Uma das etapas de análise do projeto ATEMIG concentra-se no reconhecimento dos remanescentes lexicais na rede toponímica mineira cuja origem remonta a nomes portugueses, indígenas, africanos, e estrangeiros. Neste estudo, voltamos nossa atenção para os remanescentes lexicais de origem africana encontrados na toponímia de Minas Gerais.

³⁸ DAUZAT, 1926.

³⁹ DICK, 1990a.

Após a coleta e catalogação dos dados, registramos os topônimos em fichas resumidas, conforme modelo sugerido por Seabra, no banco de dados do Projeto ATEMIG. Nessa categorização e análise prévia dos dados, os topônimos são organizados em tabelas, nas quais são especificados o tipo de acidente geográfico, a origem do nome e distribuição toponímica em categorias taxionômicas que representam os principais padrões motivadores dos topônimos no Brasil, propostos por Dick (1990).

Cabe ressaltar que tanto a coleta quanto a elaboração das fichas foram desenvolvidas anteriormente nas pesquisas do projeto ATEMIG, ficando a cargo desta pesquisa, a consulta dos topônimos a fontes bibliográficas diversas, a fim de confirmar a possível origem africana dos dados, a análise e a quantificação do *corpus* cedido.

3.2 ELABORAÇÃO DAS FICHAS TOPONÍMICAS RESUMIDAS

Para Seabra (2004, p.48), a ficha lexicográfica, “pode ser descrita como um conjunto estruturado de informações sobre um topônimo, objetivando explicitá-lo e classificá-lo.” A partir dessas fichas, o *corpus* é organizado e assim realiza-se uma análise sistemática dos dados, seguindo o padrão metodológico proposto pelo projeto ATEMIG.

Para cada mesorregião de Minas Gerais foi elaborada uma tabela, na qual constam as seguintes informações: *município, acidente, topônimo, origem e taxionomia*.

Município: cidade onde houve a ocorrência do registro toponímico;

Acidente: registro de acidentes geográficos físicos (córrego, morro, serra, rio, riacho, ribeirão) e acidentes geográficos humanos (cidade, vila, povoado, fazenda, localidade);

Topônimo: registro do nome de lugar de provável origem africana retirado do banco de dados do Projeto ATEMIG;

Taxionomia: categorização taxionômica, seguindo o modelo de classificação toponímica proposto por Dick, no qual há onze taxionomias de natureza física e dezoito taxionomias de natureza antropocultural;

Origem: indicação do grupo de línguas africanas a que possivelmente a base léxica toponímica pertence. As origens registradas foram banto, kwa, híbrida e origem incerta.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

3.3.1 Análise linguística dos dados

Para a análise linguística dos topônimos africanos, observamos, inicialmente, se a base léxica está registrada como africanismo em dicionários gerais, morfológicos e etimológicos do português, e alguns vocabulários de obras de renomados estudiosos que registraram termos africanos. As obras consultadas foram:

- *Vocabulario portuguez e latino*, 1712 – 1728, de Raphael Bluteau;
- *Diccionario da lingua portuguesa*, 1813, de Antonio Moraes Silva;
- *Dicionário morfológico da língua portuguesa*, 1984, de Evaldo Eckler, Sebald Back e Egon Ricardo Massing;
- *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, 1957, de Laudelino Freire;
- *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha, 2007.

Consultamos também o *Vocabulário africano em dicionários e glossários do português brasileiro*, de Sônia Queiroz. Compilação na qual os verbetes oferecem a definição do termo, as fontes bibliográficas nas quais a palavra conta registrada e os étimos possíveis, apresentados nessas fontes. Das obras utilizadas na compilação, consideramos: *Africanismos no Brasil*, 1921 e *Africanos no Brasil*, 1938, de Nelson de Senna; *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, 1933, de Jacques Raymundo; *Os africanismos do dialeto gaúcho*, 1936, de Dante Laytano; *Dicionário de vocábulos brasileiros*, 1956, de Beaurepaire-Rohan; *A influência africana no português do Brasil*, 1973, de Renato Mendonça; *Dicionário Aurélio eletrônico século XXI*, 1997, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; *Falares africanos na Bahia*, 2001, de Yeda Pessoa.

3.3.2 Análise quantitativa dos dados

3.3.2.1 Análise dos topônimos

Realizamos a análise do *corpus* a partir das taxionomias toponímicas. A quantificação dos dados foi realizada nas doze mesorregiões de Minas Gerais, que foram registrados em tabelas, nas quais informamos: o município, o acidente geográfico, topônimo, origem e taxionomia, já explicados no item 3.2 deste capítulo.

Após a exposição de cada tabela com os dados da mesorregião, apresentamos os gráficos nos quais os topônimos são analisados de acordo com a ocorrência:

- das bases de possível origem africana (banto, kwa, híbrido e origem incerta);
- dos acidentes geográficos (físicos e humanos);
- da natureza das taxionomias toponímica (físicas e humanas);
- das taxionomias toponímicas;
- dos topônimos de natureza antropocultural ;
- dos topônimos de natureza física.

3.3.2.2 Análise das bases léxicas de provável origem africana

A análise das bases léxicas de possível origem africana, que se encontra no Capítulo 5 desta dissertação, apresenta os dados organizados em uma tabela, na qual foram listadas as bases léxicas africanas, suas variações e as fontes bibliográficas nas quais os termos estão registrados como africanismos. Na tabela, foram registradas também as possibilidades de etimologias para os termos africanos, apontadas pelos autores das obras consultadas. Esses dados referentes à origem dos termos também foram quantificados e apresentados em gráfico.

3.4 Sobre a elaboração do Glossário

Os nomes que formam o *corpus* de nossa pesquisa permitiram a elaboração de um glossário, a partir dos dados arrolados nas fichas toponímicas resumidas do projeto ATEMIG. O glossário definido para nosso trabalho tem como objetivo possibilitar a pesquisa de outros estudiosos das línguas africanas e da toponímia.

3.4.1 A macroestrutura do Glossário

A organização de nosso glossário seguiu o método semasiológico e o método onomasiológico. No critério semasiológico, as entradas são organizadas a partir dos significantes e os verbetes são organizados em ordem alfabética. Já, pelo critério onomasiológico, a organização dos verbetes é realizada em categorias específicas ou em campos de significado. Para nosso estudo, consideramos de maior relevância a organização por meio das categorias taxionômicas toponímicas propostas por Dick (1990a). Desse modo, agrupamos os nomes de lugar a partir de sua taxionomia.

3.4.1.1 A microestrutura do glossário pelo critério semasiológico

Nosso glossário apresenta dois tipos de verbetes: o verbete com definição e o verbete com remissão. Os verbetes com definição foram estruturados da seguinte forma:

TOPÔNIMO • estrutura morfológica • *origem* • taxionomia toponímica • Definição do termo de provável origem africana. • Nomeações → Mesorregião: *acidente(s)* seguido(s) do município. • ocorrência(s).

Exemplo:

CACIMBA • Nf [Ssing] • *banto* • ergotopônimo • Buraco que se cava até atingir um lençol de água subterrâneo; poço, cisterna, olho-d'água. • Nomeia → Jequitinhonha: *córrego* em Turmalina e Veredinha. → Metropolitana: *fazenda* em Capim Branco, Sete Lagoas; *povoado* em Funilândia. • 5 ocorrências.

Os verbetes com remissão apresentam:

TOPÔNIMO • estrutura morfológica • *origem* • taxionomia toponímica • Nomeações → Mesorregião: *acidente(s)* seguido(s) do município. • ocorrência(s). • Ver: remissão ao verbete com o termo base.

Exemplo:

CACIMBINHA • Nf [Ssing] • híbrido [banto + suf. port.] • ergotopônimo/hidrotopônimo • Nomeia → Norte: *córrego* em Bocaiúva. • 1 ocorrência. • Ver: *Cacimba*.

3.4.1.1.1 Entrada

A entrada dos verbetes é registrada exatamente do modo como os topônimos foram encontrados nas cartas topográficas do IBGE. Especificamos, ao final do verbete, a forma dicionarizada da entrada cuja base africana está grafada de forma diferente do registro nos dicionários e glossário. No que diz respeito à apresentação gráfica, as entradas estão em negrito e versalete.

3.4.1.1.2 Estrutura morfológica

Para essa classificação seguimos os preceitos de Seabra (2004).

A) *Para nomes simples*

a) Nm [Ssing] = Nome masculino [Substantivo singular]. Exemplo: *Bambê*.

b) Nm [Spl] = Nome masculino [Substantivo plural]. Exemplo: *Macacos*.

c) Nm [ADJsing] = Nome masculino [Adjetivo singular]. Exemplo: *Cafunga*.

- d) Nm [S/ADJsing] = Nome masculino [Substantivo/ Adjetivo singular]. Exemplo: *Carimbado*.
- e) Nf [Ssing] = Nome feminino [Substantivo singular]. Exemplo: *Marimba*.
- f) Nf [Spl] = Nome feminino [Substantivo plural]. Exemplo: *Canjicas*.
- g) Nmf [S/ADJsing] = Nome masculino/ feminino [Substantivo/Adjetivo singular]. Exemplo: *Cumba*.
- h) Nmf [Ssing] = Nome masculino/ feminino [Substantivo singular]. Exemplo: *Caçanje*.

B) Para nomes compostos

I) Masculinos

- a) NCm [Ssing + Ssing] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Substantivo singular]. Exemplo: *Córrego Bananal*.
- b) NCm [Ssing + ADJsing] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + Adjetivo singular]. . Exemplo: *Banana Preta*.
- c) NCm [ADJsing + Ssing] = Nome Composto masculino [Adjetivo singular + Substantivo singular]. Exemplo: *Nêgo Cotinha*.
- d) NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Substantivo singular}]. Exemplo: *Pau de Angu*.
- g) NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {(Preposição + Artigo singular) + Substantivo singular}]. Exemplo: *Baixo do Molambo*.
- h) NCm [Ssing + {Prep + ADJsing}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {Preposição + Adjetivo singular}]. Exemplo: *Cacoco de Cima*.
- i) NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + ADJsing}] = Nome Composto masculino [Substantivo singular + {(Preposição + Artigo singular) + Adjetivo singular}]. Exemplo: *Bananal do Meio*.

II) Femininos

- a) NCf [Ssing + ADJsing] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + Adjetivo singular]. Exemplo: *Banana Preta*.
- b) NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {(Preposição + Artigo singular) + Substantivo singular}]. Exemplo: *Cachoeira do Macaco*.
- c) NCf [Ssing + {(Prep + Apl) + Spl}] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + {(Preposição + Artigo plural) + Substantivo plural}]. Exemplo: *Ilha dos Macacos*.

d) NCf [Ssing + n/e] = Nome Composto feminino [Substantivo singular + não encontrado].
Exemplo: *Bumba Gatunda*.

III) Masculino e feminino (substantivos de dois gêneros)

a) Nmf [Ssing] = Nome masculino/ feminino [Substantivo singular]. Exemplo: Caçanje.

b) Nmf [S/ADJsing] = Nome masculino/ feminino [Substantivo/ Adjetivo singular]. Exemplo: *Cumba*.

3.4.1.1.3 Origem

A classificação das origens dos topônimos está sustentada pelas fontes consultadas, principalmente no vocabulário apresentado na obra de Castro (2001). As bases definidas como de origem banto foram amparadas pelas fontes bibliográficas que embasaram nosso estudo. Revelamos, porém, a grande dificuldade encontrada em afirmar a origem das palavras do *corpus*, uma vez que há inúmeras divergências entre as fontes consultadas, no que diz respeito à origem dos africanismos. Os topônimos do *corpus* foram classificados em banto, kwa, híbrido e origem incerta.

O grupo banto é proveniente do tronco linguístico congo-cordofaniano, que é formado pelas línguas subsaarianas, da qual faz parte a família Niger-Congo. Essa é composta por seis ramos, do qual faz parte o ramo Benue-Congo, que, por sua vez é formado pelas línguas platô e pelas línguas do grupo bantuídeo, constituído pelo banto e mais duas línguas (bitare e mambila). O grupo kwa também é um dos ramos que formam a família Niger-Congo, do tronco Congo-Cordofaniano. Fazem parte do ramo kwa as línguas iorubá, ijô, ibô, fon, ewe, gun e mahi.

Consideramos como de origem *híbrida* os topônimos formados por base de possível origem africana juntamente com bases de outras origens, como o português, o tupi, origem incerta e também por antropônimos. Advertimos que nos topônimos híbridos formados por nomes de pessoas não serão especificadas as origens dos antropônimos.

Consideramos de *origem incerta*, os topônimos que apresentaram divergência na classificação das origens apontadas pelas fontes bibliográficas escolhidas para embasar nosso estudo.

3.4.1.1.4 Taxionomias toponímicas

Seguimos, em nossa pesquisa, o modelo de taxionomia toponímica proposto por Dick (1990a), que distribui os topônimos em 27 taxes, que se dividem em dois grupos: de

natureza física e de natureza antropocultural. Os dados de nosso *corpus* foram classificados em 18 taxionomias, sendo seis de natureza física e treze de natureza antropocultural.

3.4.1.1.4.1 *Taxionomias de natureza física*

- DIMENSIOTOPÔNIMO: topônimo que apresenta sentido de extensão, comprimento, largura, dimensão, profundidade. Exemplos: *Alto* da Bananeira, *Baixo* do Molambo.
- FITOTOPÔNIMO: nome de planta; topônimo relacionado à vegetação. Exemplos: *Bananalzinho*, *Maxixe*, *Quiabo*.
- GEOMORFOTOPÔNIMO: topônimo relativo ao relevo, seja por meio de depressões ou elevações. Exemplos: *Barra* do Bananal, *Grota* do Inhamé, *Cafundó*.
- HIDROTOPÔNIMO: topônimo relacionado à água. Exemplos: *Cachoeira* do Macaco, *Cacimbas*, *Córrego* da Macaquinha.
- LITOTOPÔNIMO: taxionomia referente aos elementos de natureza mineral. Exemplo: *Cachimbo*.⁴⁰
- ZOOTOPOÊNIMO: nome relacionado a animais. Exemplos: *Calango*, *Macaco*, *Marimbondão*.

3.4.1.1.4.2 *Taxionomias de natureza antropocultural*

- ANIMOTOPÔNIMO: essa classificação é usada quando o nome abrange áreas relativas ao psiquismo humano, impressões, sensações. Exemplos: *Bom Jardim* do Bananal, *Cafundó*, *Denga*, *Quindim*.
- ANTROPOTOPÔNIMO: taxionomia referente a nomes de pessoas, apelidos de família, hipocorísticos, alcunhas. Exemplos: *Bamba*, *Banguela*, *Calunguinha*, *Capiango*, *Capangas*, *Dunga José*, *Zumbi*.
- COROTOPÔNIMO: relativo a nomes de lugares, de cidades, estados ou países. Exemplos: *Angola*, *Moçambique*.
- DIRREMATOTOPÔNIMO: nome que traz expressões cristalizadas, sintagmas semantizados. Exemplos: *Come Angu*, *Derruba Moleque*.
- ECOTOPÔNIMO: refere-se a nomes relativos à habitação, como casa, sobrado, rancho, etc. Exemplo: *Cafua*.
- ERGOTOPÔNIMO: referente a elementos criados pelo homem e que tem relação com sua cultura material. Exemplo: *Anguzinho*, *Caçamba*, *Fubá*, *Monjolo*.

⁴⁰ Segundo as fontes consultadas, em Minas Gerais, o termo *cachimbo* pode significar jazida.

- ETNOTOPÔNIMO: relaciona-se aos grupos étnicos, tribos, entre outros. Exemplos: *Conguês, Dombe*.
- HAGIOTOPÔNIMO: referente aos nomes de santos e santas pertencentes ao catolicismo romano. Exemplo: São José do *Mocambo*.
- HIEROTOPÔNIMO: insere-se nesse grupo nomes relacionados à religião, ao sacro, etc. Exemplo: *Calunga, Exu*.
- HODOTOPÔNIMO: topônimo que guarda relação com os caminhos, as vias de comunicação rural e urbana. . Exemplo: *Bengo, Cafota*.
- MITOTOPÔNIMO: taxionomia relacionada a entidades mitológicas em geral. Exemplo: *Quibungo, Zumbi*.
- SOCIOTOPÔNIMO: nome ligado às atividades profissionais, locais, postos de trabalho e locais públicos onde as pessoas se reúnem. Exemplos: *Lamba, Monjolo, Quilombo*.
- SOMATOTOPÔNIMO: topônimo que carrega em si certa carga metafórica, estando relacionado a partes do corpo do homem ou dos animais, podendo ser usados como pejorativos ou não. Exemplo: *Canjica, Muxiba*.

3.4.1.1.5 Definição

As definições das acepções apresentadas são referentes às bases léxicas de possível origem africana, ou seja, as significações registradas nos verbetes não são acepções dos topônimos, mas do termo africano que faz parte da formação toponímica. As definições dos termos africanos dos topônimos derivados e compostos serão apresentadas nos verbetes de suas respectivas bases léxicas. No final do verbete formado por composição ou derivação será indicada a remissão da entrada, na qual será encontrada a definição da base africana que faz parte da formação léxica do topônimo.

3.4.1.1.6 Nomeações e ocorrências

Registramos as nomeações toponímicas, agrupadas por mesorregiões. Em seguida, apresentamos os acidentes geográficos físicos (córrego, rio, ribeirão, serra, morro) e humanos (cidade, vila, povoado, localidade, fazenda), que, por sua vez, são apresentados em itálico. Por fim, é registrado o número de ocorrências do topônimo em todo o território mineiro.

3.4.1.1 A microestrutura do glossário pelo critério semasiológico

Os nomes de lugar serão agrupados a partir de suas taxionomias. As classificações toponímicas estão separadas em duas categorias: natureza antropocultural e natureza física. Dentro das categorias, as taxionomias foram organizadas em ordem alfabética, destacadas em negrito e versalete. Ao lado das taxionomias, está registrado o número de ocorrências do topônimo em Minas Gerais. Os topônimos também foram ordenados alfabeticamente. Os nomes de lugar que possuem outras possibilidades de classificação tiveram essas registradas na linha abaixo da entrada dos topônimos.

Após descrever a metodologia para a organização e análise dos topônimos, no próximo capítulo, apresentaremos o *corpus* e análise toponímica dos dados em cada uma das mesorregiões de Minas Gerais.



FIGURA 8: *Ala de mariposas* – Anthony Ross.

Fonte: < <http://michelechristine.wordpress.com/pinturas/pintura-africana/#comment-1387> >
Acesso em: 18 fev. 2012

Capítulo 4 – Apresentação e análise do *corpus*

Apresentaremos, nesta seção, o *corpus* de nossa pesquisa, organizado pela divisão de mesorregiões estabelecida pelo IBGE. Os topônimos aqui apresentados, como dito na seção anterior, fazem parte do banco de dados do Projeto ATEMIG, coletados a partir das cartas topográficas do IBGE.

4.1 CAMPO DAS VERTENTES



MAPA 5: Campo das Vertentes

TABELA 1

Campo das Vertentes: relação de topônimos por municípios

Município	Acidente	Topônimo	Origem	Taxionomia
Antônio Carlos	córrego	Farofa	<i>origem incerta</i>	ergotopônimo
	localidade	Quilombinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
Barbacena	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Cachimbeiro	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Candongá	<i>banto</i>	animotopônimo/ antropotopônimo
	ribeirão	Candongá	<i>banto</i>	animotopônimo/ antropotopônimo
Barroso	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Caranaíba	córrego	Calunga	<i>banto</i>	hierotopônimo/ geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	localidade	Calunga	<i>banto</i>	hierotopônimo/ geomorfotopônimo/ ergotopônimo/

				antropotopônimo
	fazenda	Calunga de Damasceno Costa	<i>híbrido</i>	hierotopônimo/ geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Calunguinha	<i>híbrido</i>	hierotopônimo/ geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Carandaí	localidade	Dombe	<i>banto</i>	etnotopônimo
	córrego do	Dombe	<i>banto</i>	etnotopônimo
Carrancas	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	ribeirão	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal de Baixo	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	serra do	Moleque	<i>banto</i>	antropotopônimo
	córrego do	Moleque	<i>banto</i>	antropotopônimo
Desterro do Melo	fazenda	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Dores do Campo	córrego	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	localidade	Caxambu de Baixo	<i>híbrido</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
Ibertioga	córrego	Candongá	<i>banto</i>	animotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Quilombim	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Ingaí	córrego do	Marimbondó	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Lagoa Dourada	localidade	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
Lavras	córrego da	Cafua	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ sociotopônimo/ ecotopônimo
	fazenda da	Cafua	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ sociotopônimo/ ecotopônimo
Luminárias	córrego do	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	córrego do	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	fazenda	Marimbondó	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego do	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Madre de Deus de Minas	fazenda	Banana do Brejo	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Canjica	<i>banto</i>	fitotopônimo/ ergotopônimo/ somatotopônimo
	fazenda	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	localidade	Conga	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo
	fazenda	Zumbi	<i>banto</i>	mitotopônimo/

				antropotopônimo
Nazareno	localidade	Caçanje	<i>banto</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
	córrego	Caçanje	<i>banto</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda	Cafota	<i>banto</i>	hodotopônimo/ hidrotopônimo/ ergotopônimo
	córrego do	Cafundão	<i>híbrido</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	localidade	Canjica	<i>banto</i>	fitotopônimo/ ergotopônimo/ somatotopônimo
	fazenda	Macaca	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Nepomuceno	córrego	Marimbondó	<i>banto</i>	zootopônimo
	ribeirão do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Calunga	<i>banto</i>	hierotopônimo/ geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Piedade do Rio Grande	córrego	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Prados	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Resende Costa	fazenda	Catimbau	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ animotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Cazumba	<i>banto</i>	ergotopônimo
	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	localidade	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	serra dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Ressaquinha	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego	Bumba Gatunda	<i>híbrido</i>	ergotopônimo
São João Del Rey	córrego	Mombaça	<i>banto</i>	corotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego do	Bengo	<i>banto</i>	fitotopônimo/ zootopônimo/ hodotopônimo/ animotopônimo
São Tiago	localidade	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego do	Bengo	<i>banto</i>	fitotopônimo/ zootopônimo/

				hodotopônimo/ animotopônimo
	fazenda do	Bengo	<i>banto</i>	fitotopônimo/ zootopônimo/ hodotopônimo/ animotopônimo
Senhora dos Remédios	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Tiradentes	córrego do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	localidade	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo

Análise quantitativa dos dados

O Campo das Vertentes possui 3.738 topônimos, dentre os quais 77 são de possível origem africana, o que representa 2,2% dos dados da região. Dos 77 topônimos africanos, 54 são de origem banto, 22 são híbridos formados por possíveis africanismos e palavras de outras origens (portuguesa, indígena, estrangeirismos) e 1% são dados de origem incerta.

Total de topônimos da região: 3738
Provável origem africana: 77
Outras origens: 3661

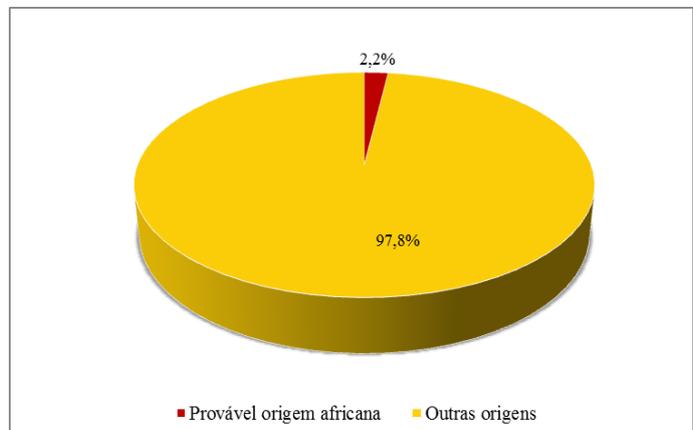


GRÁFICO 1 – Campo das Vertentes: origem

Africanismos: 77
Banto: 54
Híbrido: 22
Origem incerta: 01

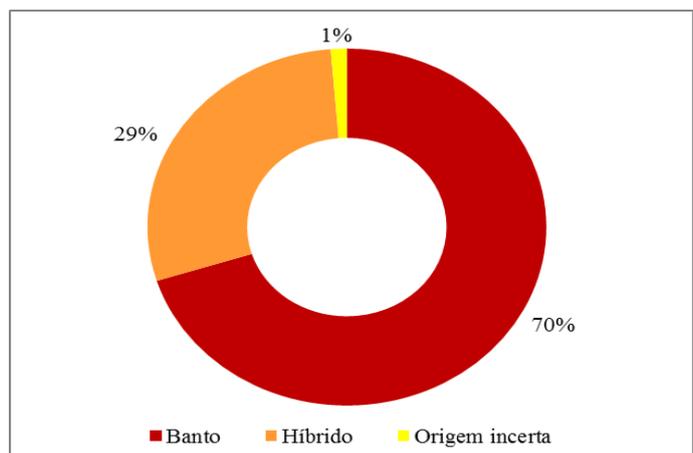


GRÁFICO 2 – Campo das Vertentes:
bases de possível origem africana

Analisamos também a ocorrência dos acidentes. Dos 77 topônimos, 36 (53%) são registros de acidentes físicos. Foram quantificados 36 córregos, 3 ribeirões e 2 serras, cujas nomeações são de provável origem africana. Já os acidentes humanos resultaram em 41 topônimos, 47% dos dados da região, dentre os quais 25 eram fazendas e 11 eram localidades.

Acidentes físicos: 41
córrego: 36/ ribeirão: 03/ serra: 02

Acidentes humanos: 36
fazenda: 25/ localidade: 11

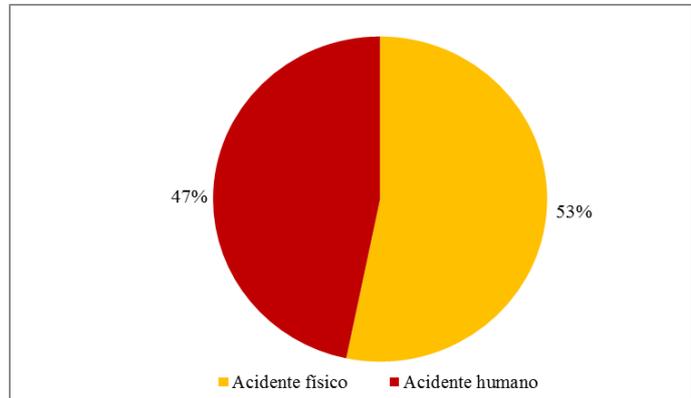


GRÁFICO 3 – Campo das Vertentes: acidentes

Esclarecemos que alguns nomes podem receber mais de uma taxionímia, por isso a quantificação das taxionímias apresenta um número maior que a quantidade de topônimos da região. A análise das taxionímias toponímicas revelou que, dentre os topônimos de provável origem africana do Campo das Vertentes, houve maior ocorrência das taxionímias de natureza antropocultural, 101 taxionímias, correspondendo a 70%, contra 44 taxionímias de natureza física, 30%.

Taxionímias toponímicas
de natureza antropocultural: 101
de natureza física: 44

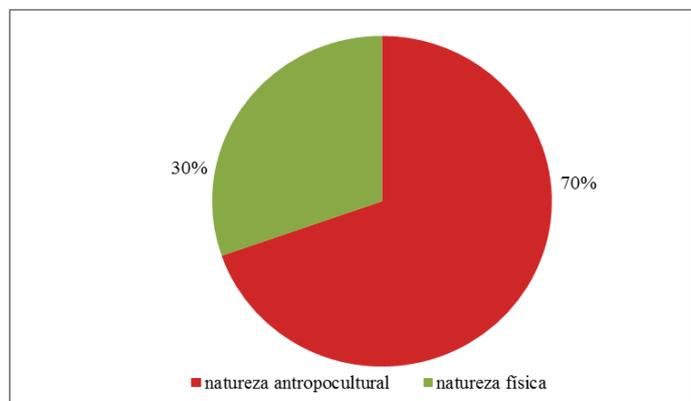


GRÁFICO 4 – Campo das Vertentes:
natureza das taxionímias toponímicas

A motivação toponímica mais recorrente foram os nomes relativos à cultura material do homem, os ergotopônimos, que tiveram 27 ocorrências, o que representa 21% dos dados da região. Em seguida, as taxionomias predominantes foram: os sociotopônimos (25 ocorrências/ 20%), os antropotopônimos (20 ocorrências/ 15%), os zootopônimos (14 ocorrências/ 11%), os animotopônimos (11 ocorrências/ 9%) e os geomorfotopônimos (10 ocorrências/ 8%).

Taxionomias toponímicas

animotopônimo: 11
antropotopônimo: 20
corotopônimo: 01
ecotopônimo: 02
ergotopônimo: 27
etnotopônimo: 04
geomorfotopônimo: 10
hidrotopônimo: 01
hierotopônimo: 05
hodotopônimo: 03
mitotopônimo: 01
sociotopônimo: 25
somatotopônimo: 02
zootopônimo: 14

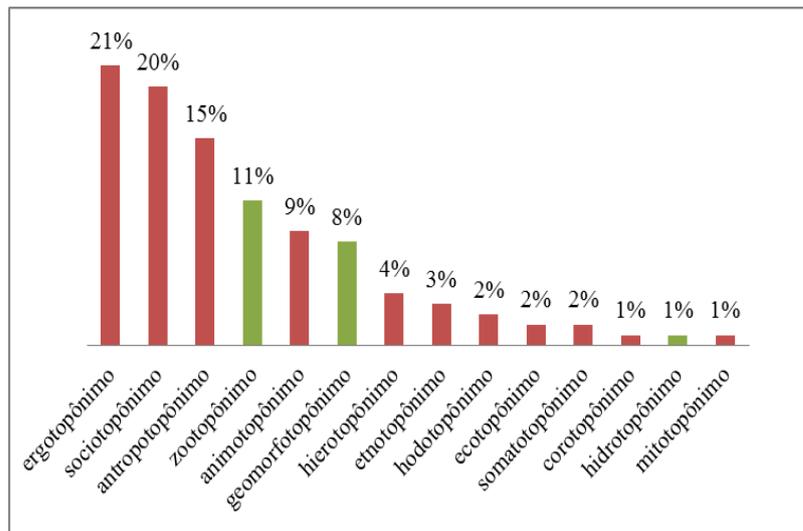


GRÁFICO 5 – Campo das Vertentes:
taxionomias toponímicas

As taxionomias de natureza antropocultural mais recorrentes foram os ergotopônimos. Tivemos 25 ocorrências, o que representa 27% das 101 taxionomias de natureza antropocultural. Em seguida, os mais recorrentes foram: sociotopônimos com 25 ocorrências (24%) e os antropotopônimos com 20 ocorrências (20%).

Topônimos de natureza antropocultural

animotopônimo: 11
antropotopônimo: 20
corotopônimo: 01
ecotopônimo: 02
ergotopônimo: 27
etnotopônimo: 04
hierotopônimo: 05
hodotopônimo: 03
mitotopônimo: 01
sociotopônimo: 25
somatotopônimo: 02

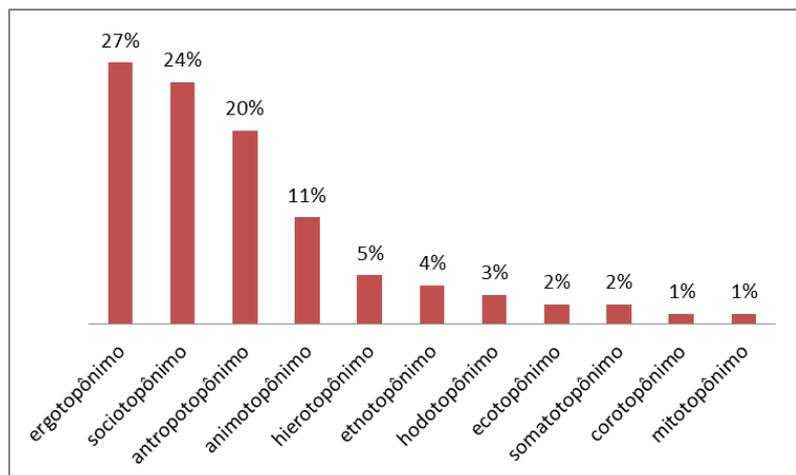


GRÁFICO 6 – Campo das Vertentes:
topônimos de natureza antropocultural

Dentre as taxionomias de natureza física, a maior motivação foi dos nomes de plantas. Os fitotopônimos representam 43% dos dados analisados, resultando em 19 ocorrências. Em seguida, os mais recorrentes foram os zootopônimos (17 ocorrências/ 43%) e os geomorfotopônimos (10 ocorrências 23%). Os nomes relativos às águas foram pouco recorrentes, havendo o registro de apenas um hidrotopônimo (2%).

**Topônimos
de natureza física**
fitotopônimo: 19
geomorfotopônimo: 10
hidrotopônimo: 01
zootopônimo: 14

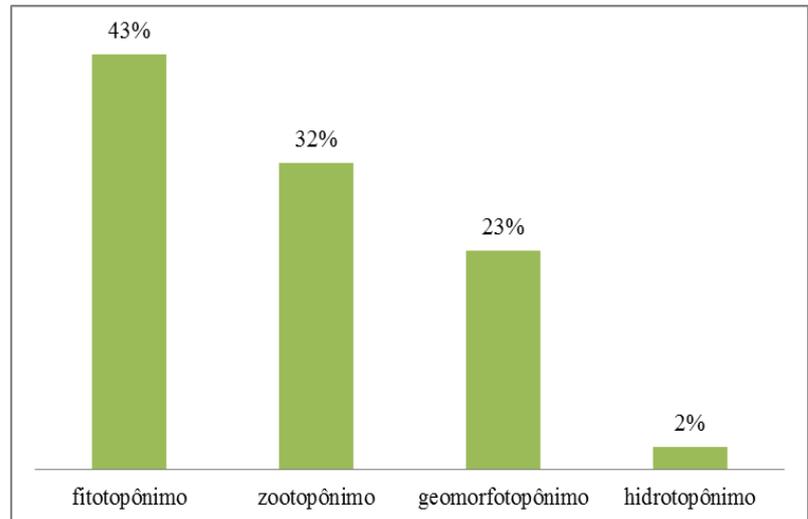


GRÁFICO 7 – Campo das Vertentes:
topônimos de natureza física

4.2 CENTRAL MINEIRA



MAPA 6: Central Mineira

TABELA 2
Central Mineira: relação de topônimos por municípios

Município	Acidente	Topônimo	Origem	Taxionomia
Abaeté	córrego do	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego do	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda do	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Augusto de Lima	fazenda	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	fazenda	Manjuba	<i>origem incerta</i>	zootopônimo/ somatotopônimo
	córrego	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Bom Despacho	córrego do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Buenópolis	córrego	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	serra dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	localidade	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	localidade	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Corinto	córrego	Banguela	<i>banto</i>	antropotopônimo/ corotopônimo
	córrego da	Canjica	<i>banto</i>	fitotopônimo/ ergotopônimo/ somatotopônimo
Curvelo	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	vila	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Banguela	<i>banto</i>	antropotopônimo/ corotopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Quilombo, de Geraldo Correia	<i>híbrido</i>	sociotopônimo

	fazenda	Quilombo, de Sadir Figueiredo	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
Dores Indaiá	do córrego	Caxambuzinho	<i>híbrido</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda	Caxambuzinho	<i>híbrido</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	córrego do	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Monjolo, de Valdir b. dos Santos	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Estrela Indaiá	fazenda do	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Felixlândia	fazenda	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Joaquim Felício	córrego	Banana	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
Lagoa Prata	da córrego	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Leandro Ferreira	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Luz	córrego do	Calango	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda do	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
Martinho Campos	córrego do	Bambê	<i>banto</i>	ergotopônimo
	fazenda do	Bambê	<i>banto</i>	ergotopônimo
	fazenda do	Bananal, de Geraldo Nilo	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda do	Bananal, de Inácio J. da Costa	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego do	Congo	<i>banto</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda do	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda do	Monjolo, de Manuel P. da Costa	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego do	Monjolo Velho	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego do	Monjolo Velho	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda do	Monjolo Velho, de Balbina Antônio da Silva	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda do	Monjolo, de Guilhermino da Costa	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo

	fazenda do	Monjolo, de Vicente L. de Camargo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda dos	Monjolos, de Darci Quirino	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Monjolos	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	cidade	Monjolos	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	cacoeira do	Quilombinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Morada Nova de Minas	fazenda	Mocambinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
Morro da Garça	lagoa da	Banguela	<i>banto</i>	antropotopônimo/ corotopônimo
Pompéu	fazenda	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	localidade	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego do	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda do	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Mucambinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
	serra	Mucambinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
	fazenda	Mucambinho, de Joaquim Machado	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
	fazenda	Mucambinho, de José Maciel	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
Presidente Juscelino	lagoa	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Quartel Geral	córrego do	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
Três Marias	córrego	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Banguela	<i>banto</i>	antropotopônimo/ corotopônimo
	córrego	Mocambinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo

Análise quantitativa dos dados

A Central Mineira possui 4.063 topônimos, dentre os quais 82 são de possível origem africana, o que representa 2% dos dados coletados. Dos 82 topônimos africanos, 49 (60%) são de origem banto, 31 (38%) são hibridismos formados por possíveis africanismos e palavras de outras origens (portuguesa, indígena, estrangeirismos) e 2% dos dados são de origem incerta.

Total de topônimos da região: 4063
 Provável origem africana: 82
 Outras origens: 3981

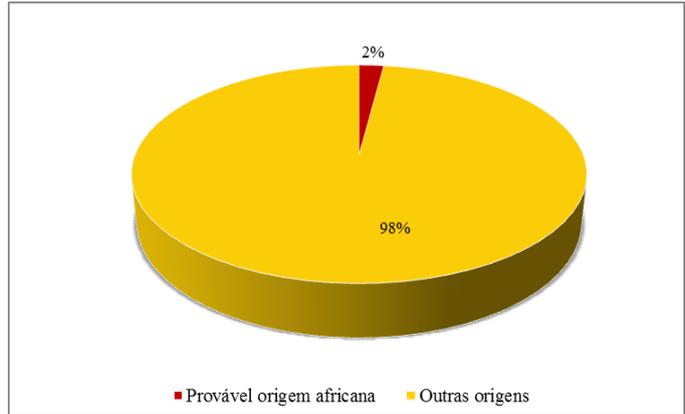


GRÁFICO 8 – Central Mineira: origem

Africanismos: 82
 Banto: 49
 Híbrido: 31
 Origem incerta: 02

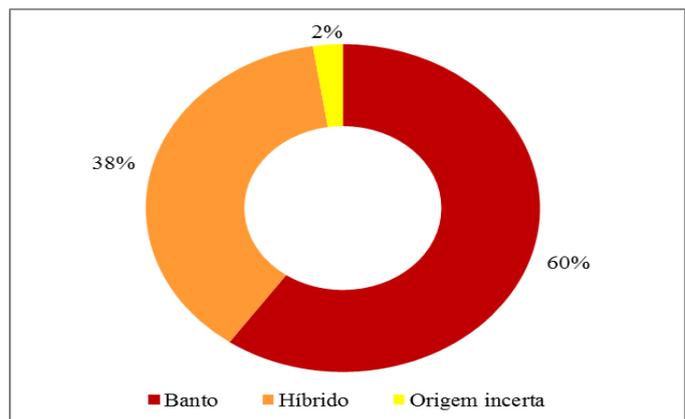


GRÁFICO 9 – Central Mineira: bases de possível origem africana

Analisando os acidentes, concluímos que, dos 82 topônimos, 41 (50%) são registros de acidentes físicos. Houve o registro de 36 córregos, 1 cachoeira, 2 lagoas e 2 serras cujas nomeações são de provável origem africana. Já os acidentes humanos resultaram em 41 topônimos (50%), dentre os quais 36 eram fazendas, 3 localidades, 1 cidade e 1 vila.

Acidentes físicos: 41
 cachoeira: 01/ córrego: 36/ lagoa: 02/
 serra: 02

Acidentes humanos: 41
 cidade: 01/ fazenda: 36/ localidade:
 03/ vila: 01

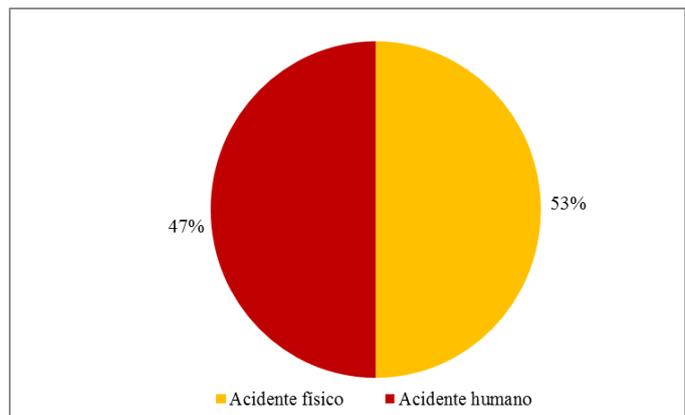


GRÁFICO 10 – Central Mineira: acidentes

A análise das taxionomias toponímicas revelou que, dentre os topônimos de provável origem africana da Central Mineira, houve maior ocorrência das taxionomias de natureza antropocultural: 122 taxionomias, 83%, contra 25 taxionomias de natureza físicas, 17%.

Taxionomias toponímicas:
de natureza antropocultural: 122
de natureza física: 25

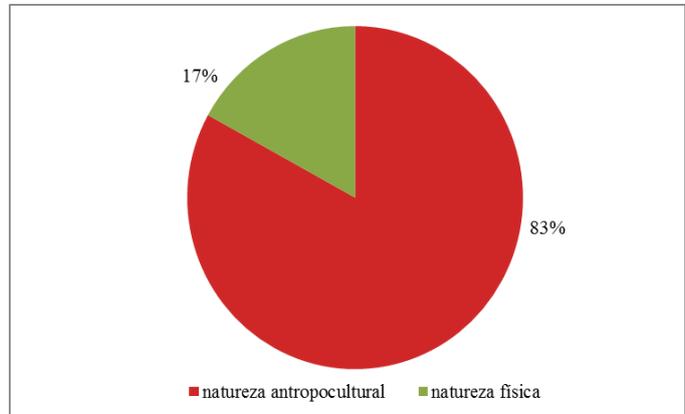


GRÁFICO 11 – Central Mineira:
natureza das taxionomias toponímicas

A motivação toponímica mais recorrente foi representada pelos nomes relativos às atividades humanas, os sociotopônimos, que tiveram 50 ocorrências, o que representa 34% dos dados da região. Em seguida, as taxionomias predominantes foram: os ergotopônimos (33 ocorrências/ 22%), os antropotopônimos (31 ocorrências/ 21%), os zootopônimos (12 ocorrências/ 8%) e os fitotopônimos (12 ocorrências/ 8%).

Taxionomias toponímicas
animotopônimo: 01
antropotopônimo: 31
corotopônimo: 04
ergotopônimo: 33
etnotopônimo: 01
fitotopônimo: 12
geomorfotopônimo: 01
sociotopônimo: 50
somatotopônimo: 02
zootopônimo: 12

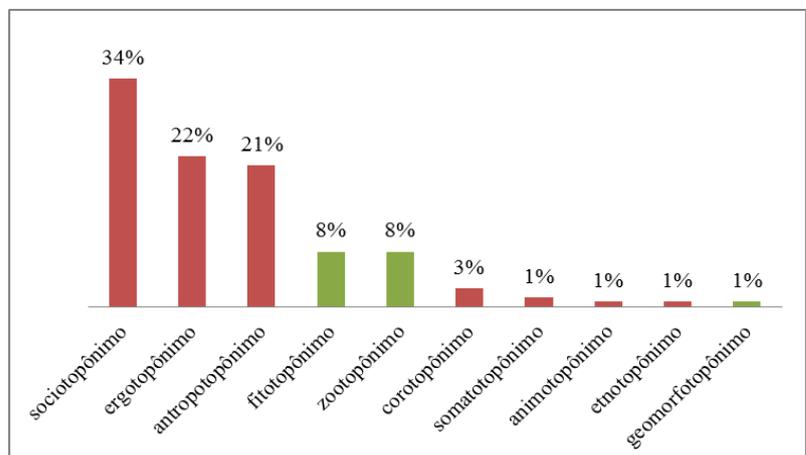


GRÁFICO 12 – Central Mineira:
taxionomias toponímicas

As taxionomias de natureza antropocultural mais recorrentes foram os sociotopônimos. Tivemos 50 ocorrências, o que representa 41% das 122 taxionomias de natureza antropocultural da região. Em seguida, os mais recorrentes foram: ergotopônimos com 33 ocorrências (22%) e os antropotopônimos com 31 ocorrências (21%).

Topônimos de natureza antropocultural

animotopônimo: 01
antropotopônimo: 31
corotopônimo: 04
ergotopônimo: 33
etnotopônimo: 01
sociotopônimo: 50
somatotopônimo: 02

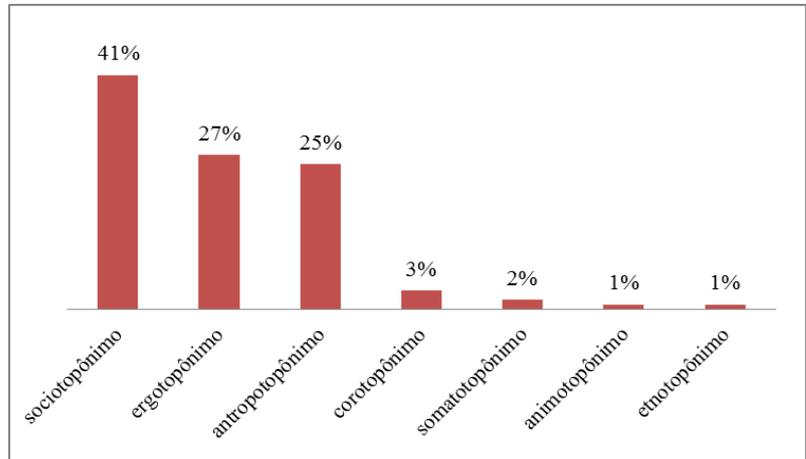


GRÁFICO 13 – Central Mineira:
topônimos de natureza antropocultural

Dentre as taxionomias de natureza física, as maiores motivações foram os nomes de plantas e os nomes de animais, ambos representando 48% dos dados analisados. Os fitotopônimos e os zootopônimos tiveram 12 ocorrências cada. Houve também a ocorrência de 1 geomorfotopônimo (4%).

Topônimos de natureza física

fitotopônimo: 12
geomorfotopônimo: 01
zootopônimo: 12

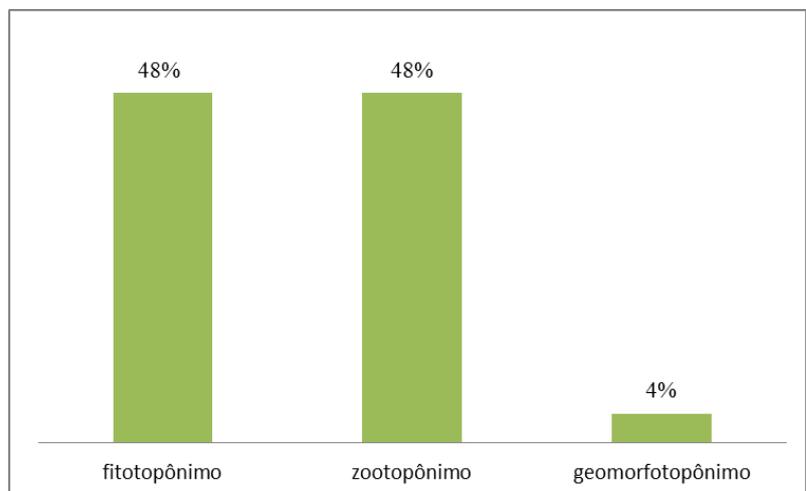


GRÁFICO 14 – Central Mineira:
topônimos de natureza física

4.3 JEQUITINHONHA



MAPA 7: Jequitinhonha

TABELA 3
Jequitinhonha: relação de topônimos por municípios

Município	Acidente	Topônimo	Origem	Taxionomia
Almenara	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
Angelândia	córrego do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Araçuaí	córrego do	Bengo	<i>banto</i>	fitotopônimo/ zootopônimo/ hodotopônimo/ animotopônimo
	córrego do	Bengo	<i>banto</i>	fitotopônimo/ zootopônimo/ hodotopônimo/ animotopônimo
	córrego do	Condonga	<i>banto</i>	animotopônimo/ antropotopônimo
	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Aricanduva	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Bandeira	córrego dos localidade	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
		Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Capelinha	lagoa	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Caraí	fazenda	Murundu	<i>banto</i>	animotopônimo/ geomorfotopônimo
Carbonita	córrego	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
Chapada do Norte	córrego	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
Comercinho	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Coronel Murta	córrego	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Maxixe	<i>banto</i>	fitotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Datas	localidade	Cachimbo	<i>banto</i>	ergotopônimo/

				litotopônimo
Diamantina	córrego	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	córrego	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	fazenda do	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	córrego	Cafundozinho	<i>híbrido</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	córrego	Camundongo	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego do	Carimbo	<i>banto</i>	ergotopônimo
	córrego do	Guiné	<i>origem incerta</i>	corotopônimo/ fitotopônimo
	serra da	Guiné	<i>origem incerta</i>	corotopônimo/ fitotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Felício dos Santos	córrego	Candongá	<i>banto</i>	animotopônimo/ antropotopônimo
Gouveia	localidade	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal de Antônio Gigo	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal do Dico Saraiva	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Itamarandiba	córrego do	Bengo	<i>banto</i>	fitotopônimo/ zootopônimo/ hodotopônimo/ animotopônimo
	localidade	Bengo	<i>banto</i>	fitotopônimo/ zootopônimo/ hodotopônimo/ animotopônimo
	córrego	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	localidade	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
Itaobim	córrego	Mandigueiro	<i>híbrido</i>	zootopônimo
	lagoa	Bananal	<i>híbrido</i>	hidrotopônimo
	lagoa	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Itinga	córrego	Macaquinho	<i>híbrido</i>	zootopônimo
	córrego	Cafumó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	córrego	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
Jacinto	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Jequitinhonha	fazenda	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Cafumó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	fazenda	Cafumó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
José Gonçalves de Minas	fazenda	Marimondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego do	Angu	<i>banto</i>	ergotopônimo
	córrego	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Medina	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	fitotopônimo

	fazenda dos	Macacos	<i>banto</i>	fitotopônimo
Novo Cruzeiro	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	morro do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Padre Paraíso	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego do	Bengo	<i>banto</i>	fitotopônimo/ zootopônimo/ hodotopônimo/ animotopônimo
	lagoa	Córrego do Bengo	<i>híbrido</i>	hidrotopônimo
	córrego do	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	lagoa	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Ponto dos Volantes	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	lagoa	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	lagoa	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Rio do Prado	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego das	Bananeiras	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Rubim	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
Senador Modestino Gonçalves	córrego	Banana	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Turmalina	lagoa	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Cacimba	<i>banto</i>	ergotopônimo/ hidrotopônimo
Veredinha	córrego	Cacimba	<i>banto</i>	ergotopônimo/ hidrotopônimo
	córrego do	Lamba	<i>banto/kwa</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo/ animotopônimo

Análise quantitativa dos dados

O Jequitinhonha possui 6.794 topônimos, dentre os quais 82 são de possível origem africana, o que representa 1,1% dos dados coletados. Dos 82 topônimos africanos, 59 (72%) são de origem banto, 1 (1%) topônimo é de origem kwa, 19 (23%) são hibridismos formados por possíveis africanismos e palavras de outras origens (portuguesa, indígena, estrangeirismos) e 3% dos dados são de origem incerta.

Total de topônimos da região: 6794
Provável origem africana: 82
Outras origens: 6712

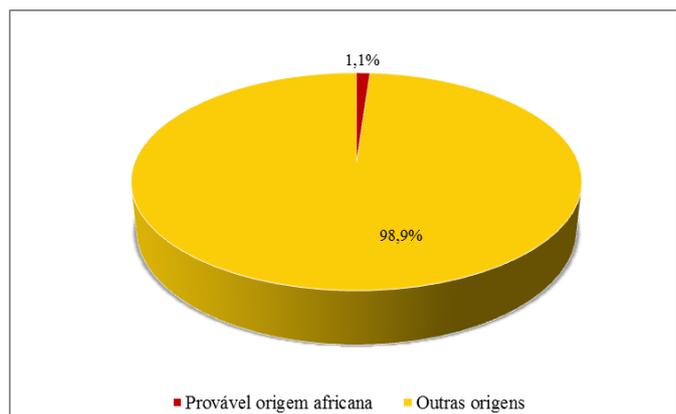


GRÁFICO 15 – Jequitinhonha: origem

Africanismos: 82
 Banto: 59
 Kwa/ banto: 01
 Híbrido: 19
 Origem incerta: 03

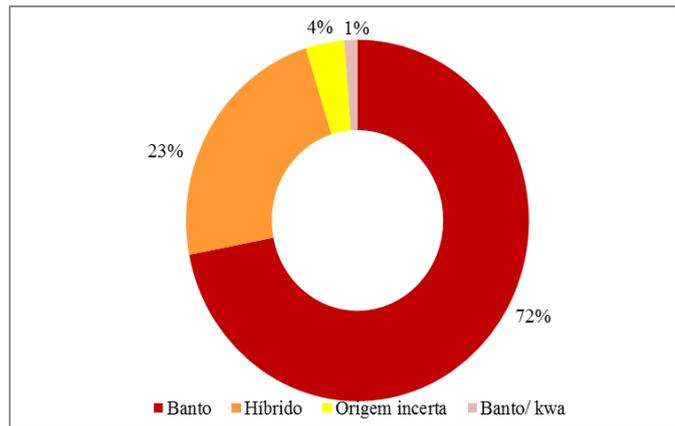


GRÁFICO 16 – Jequitinhonha:
bases de possível origem africana

Em relação aos acidentes, dos 82 topônimos, 60 (53%) são registros de acidentes físicos, dentre os quais 50 são córregos, 8 lagoas, 1 morro e 1 serra. Já os acidentes humanos resultaram em 22 (47%) topônimos, dentre os quais 17 eram fazendas e 5 localidades.

Acidentes físicos: 60
 córrego: 50/ lagoa: 08/ morro: 01/
 serra: 01

Acidentes humanos: 22
 fazenda: 17/ localidade: 05

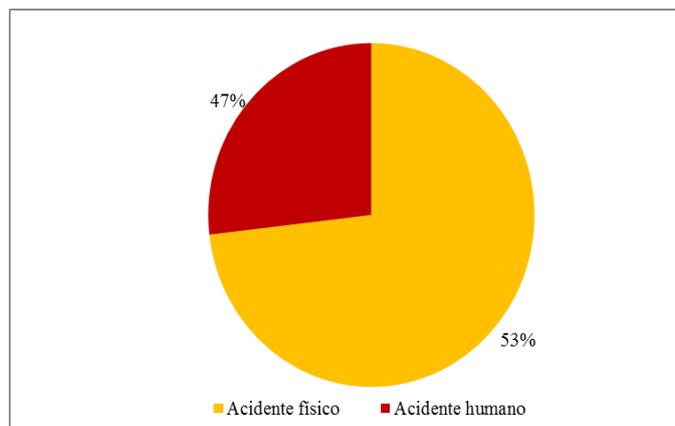


GRÁFICO 17– Jequitinhonha: acidentes

A análise das taxionomias toponímicas revelou que, dentre os topônimos de provável origem africana do Jequitinhonha, houve maior ocorrência de topônimos de taxionomias de natureza física, 71 taxionomias (59%), contra 50 taxionomias de natureza antropocultural (41%).

Taxionomias toponímicas:
de natureza antropocultural: 50
de natureza física: 71

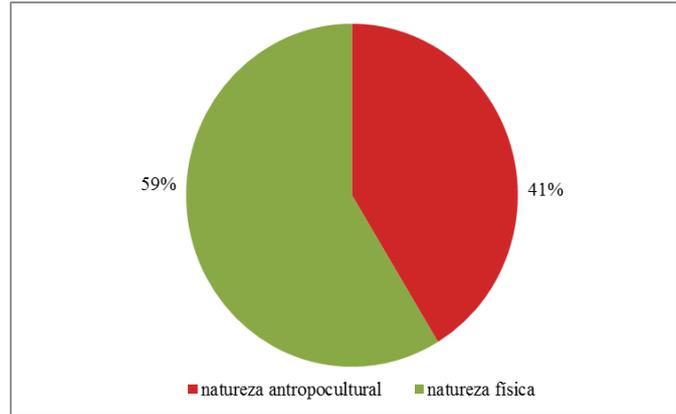


GRÁFICO 18 – Jequitinhonha:
natureza das taxionomias toponímicas

A motivação toponímica mais recorrente no Jequitinhonha foi representada pelos nomes de animais. Os zootopônimos tiveram 27 ocorrências, o que representa 22% dos dados da região. Em seguida as taxionomias predominantes foram: os fitotopônimos (26 ocorrências/ 21%), os animotopônimos (21 ocorrências/ 17%), os sociotopônimos (14 ocorrências/ 12%) e os geomortopônimos (13 ocorrências/ 11%).

Taxionomias toponímicas

animotopônimo: 21
antropotopônimo: 02
corotopônimo: 02
ergotopônimo: 06
hodotopônimo: 05
sociotopônimo: 14
fitotopônimo: 26
geomorfotopônimo: 13
hidrotopônimo: 04
litotopônimo: 01
zootopônimo: 27

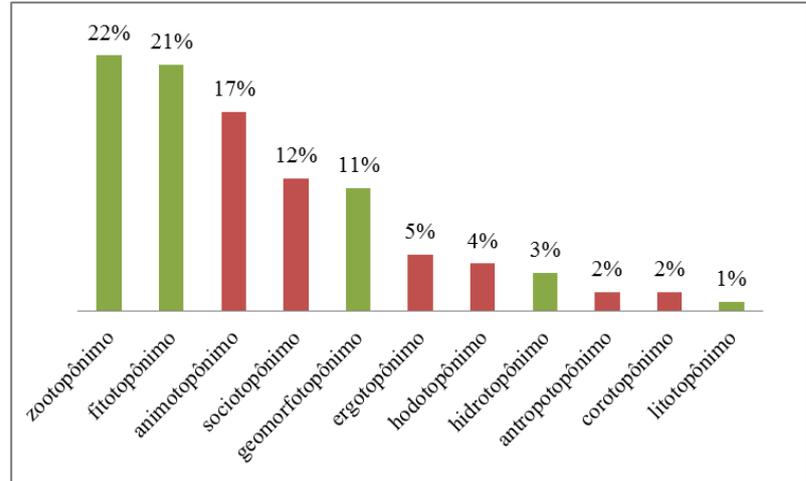


GRÁFICO 19 – Jequitinhonha:
taxionomias toponímicas

As taxionomias de natureza antropocultural mais recorrentes foram os animotopônimos, com 21 (42%) ocorrências, seguidos pelos sociotopônimos com 14 (28%) ocorrências, ergotopônimos com 6 (12%) ocorrências e hodotopônimos com 5 (10%) ocorrências.

Topônimos de natureza antropocultural

animotopônimo: 21
 antropotopônimo: 02
 corotopônimo: 02
 ergotopônimo: 06
 hodotopônimo: 05
 sociotopônimo: 14

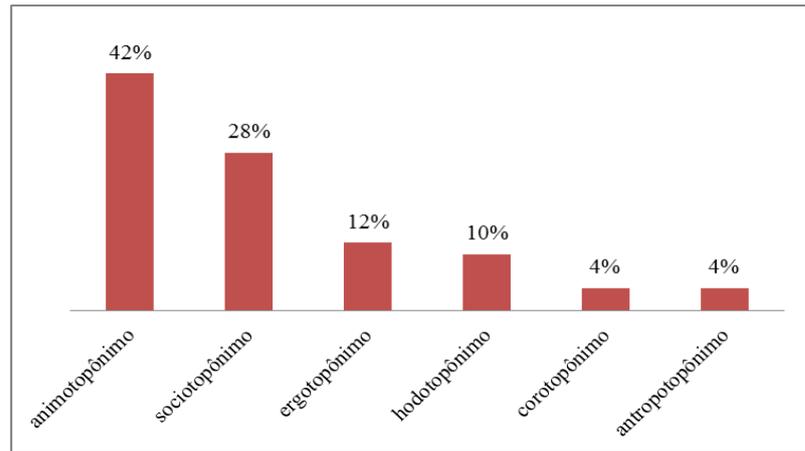


GRÁFICO 20 – Jequitinhonha:
topônimos de natureza antropocultural

Dentre as taxionomias de natureza física, as maiores motivações foram os nomes de animais e plantas. Foram 27 zootopônimos (38%) e 26 fitotopônimos (37%). Houve também ocorrência de 13 (18%) geomorfotopônimos.

Topônimos de natureza física

fitotopônimo: 26
 geomorfotopônimo: 13
 hidrotopônimo: 04
 litotopônimo: 01
 zootopônimo: 27

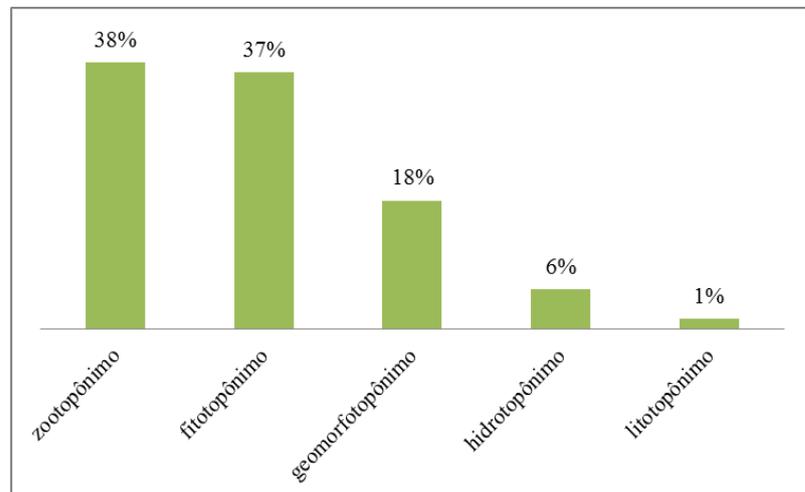


GRÁFICO 21– Jequitinhonha:
topônimos de natureza física

4.4 MATA



MAPA 8: Mata

TABELA 4
Mata: relação de topônimos por municípios

Município	Acidente	Topônimo	Origem	Taxionomia
Abre Campo	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Calundu	<i>banto</i>	animotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda	Calundu	<i>banto</i>	animotopônimo/ sociotopônimo
Além Paraíba	rio	Angu	<i>kwa</i>	ergotopônimo
Amparo da Serra	fazenda do	Gongo	<i>banto/kwa</i>	ergotopônimo/ zootopônimo
	fazenda	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
Aracitaba	córrego	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego dos	Congos	<i>banto</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda dos	Congos	<i>banto</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda dos	Congos de José Ferreira	<i>híbrido</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
Araponga	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Argirita	córrego	Angolinha	<i>híbrido</i>	corotopônimo
	localidade	Murundu	<i>banto</i>	animotopônimo/ geomorfotopônimo
Astolfo Dutra	córrego do	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda do	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	localidade	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Barra Longa	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego do	Congo	<i>banto</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda do	Congo	<i>banto</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo

Bias Fortes	fazenda	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo
	fazenda	Candongá	<i>banto</i>	animotopônimo/ antropotopônimo
	ribeirão	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Bicas	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Brás Pires	córrego	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
Caiana	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	morro do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
Canaã	localidade	Monjolinho dos Lopes	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	localidade	Monjolinho dos Teixeiras	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Caparaó	córrego da	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
Carangola	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda do	Fubá	<i>banto</i>	ergotopônimo
Chácara	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Chalé	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Bananal de Baixo	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal do Meio	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Barra do Bananal	<i>híbrido</i>	geomorfotopônimo
	localidade	Córrego Bananal do Meio	<i>híbrido</i>	hidrotopônimo
Chiador	córrego	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	localidade	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	serra do	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Divinésia	fazenda	Canjica	<i>banto</i>	fitotopônimo/ ergotopônimo/ somatotopônimo
	córrego dos	Canjicas	<i>banto</i>	fitotopônimo/ ergotopônimo/ somatotopônimo
Dom Silvério	localidade	Quitanda	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo
Dores do Turvo	localidade	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Ervália	córrego do	Congo	<i>banto</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
	localidade	Congo	<i>banto</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
	córrego do	Gongo	<i>banto/kwa</i>	ergotopônimo/ zootopônimo
	localidade	Gongo	<i>banto/kwa</i>	ergotopônimo/ zootopônimo
	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo

	localidade	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Espera Feliz	córrego do	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Eugenópolis	córrego do	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
Ewbank da Câmara	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Faria Lemos	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego do	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	morro do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
Guaraciaba	localidade	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Guarani	córrego	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
It Itamarati de Minas	localidade	Grota do Inhame	<i>híbrido</i>	geomorfotopônimo
Jequeri	córrego do	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
Juiz de Fora	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Matumbi	<i>banto</i>	antropotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Laranjal	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
Leopoldina	córrego	Angolinha	<i>híbrido</i>	corotopônimo
	córrego	Banana Preta	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Lima Duarte	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda do	Gongo	<i>banto/kwa</i>	ergotopônimo/ zootopôni
	localidade	Pão de Angu	<i>híbrida</i>	ergotopônimo
Mar de Espanha	córrego	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	localidade	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	serra do	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Mercês	córrego	Alto da Bananeira	<i>híbrido</i>	dimensiotopônimo/ geomorfotopônimo
Miraí	rio	Fubá	<i>banto</i>	ergotopônimo
Muriaé	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
Olaria	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Palma	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	localidade	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo
	córrego	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Patrocínio de Muriaé	fazenda	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo
Paula Cândido	fazenda	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Pedro Teixeira	córrego	Mandembo	<i>origem incerta</i>	fitopônimo
	córrego	Mandembo	<i>origem incerta</i>	fitopônimo
	fazenda	Mandembo	<i>origem incerta</i>	fitopônimo
Pequeri	ribeirão	Zumbi	<i>banto</i>	mitotopônimo/ antropotopônimo

Piau	córrego	Mandembo	<i>origem incerta</i>	fitopônimo
	fazenda	Mandembo	<i>origem incerta</i>	fitopônimo
Piedade de Ponte Nova	ribeirão das	Bananeiras	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Piranga	córrego	Angu	<i>kwa</i>	ergotopônimo
	localidade	Angu	<i>kwa</i>	ergotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	localidade	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	localidade	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Pirapetinga	córrego	Bananeiras	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Piraúba Piraúba	ribeirão dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	localidade	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Ponte Nova	fazenda	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	localidade	Cambutá	<i>banto</i>	antropotopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Porto Firme	córrego	Bongo	<i>banto</i>	antropotopônimo/ fitotopônimo/ ergotopônimo
Raul Soares	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Marimondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	localidade	Marimondo	<i>banto</i>	zootopônimo
Recreio	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	localidade	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Muzungu	<i>origem incerta</i>	antropotopônimo
	fazenda	Muzungu	<i>origem incerta</i>	antropotopônimo
	localidade	Muzungu	<i>origem incerta</i>	antropotopônimo
Rio Doce	córrego	Marimondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Marimondo	<i>banto</i>	zootopônimo
Rio Novo	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Rio Pomba	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Candongá	<i>banto</i>	animotopônimo/ antropotopônimo
	localidade	Candongá	<i>banto</i>	animotopônimo/ antropotopônimo
Rio Preto	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Santa Bárbara do Monte Verde	fazenda	Carimbado	<i>híbrido</i>	animotopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Santa Cruz do Escalvado	córrego do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	localidade	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Santa Rita de Jacutinga	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	localidade	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	rio	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	serra da	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Candongá	<i>banto</i>	animotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Candongá	<i>banto</i>	animotopônimo/ antropotopônimo

	serra da	Candongá	<i>banto</i>	animotopônimo/ antropotopônimo
	córrego do	Fubá	<i>banto</i>	ergotopônimo
Santa Rita do Ibitipoca	fazenda	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Santana do Deserto	córrego do	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Bananal de Baixo	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal do Meio	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Come Angu	<i>híbrido</i>	dirrematopônimo
	localidade	Come Angu	<i>híbrido</i>	dirrematopônimo
Santo Antônio do Aventureiro	rio	Angu	<i>kwa</i>	ergotopônimo
Santo Antônio do Grama	córrego do	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	fazenda	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
Santos Dumont	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	localidade	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	córrego	Mandembo	<i>origem incerta</i>	fitopônimo
São Francisco do Glória	localidade	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
São João Nepomuceno	localidade	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	serra do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	localidade	Murundu	<i>banto</i>	animotopônimo/ geomorfotopônimo
São Miguel do Anta	localidade	Muqueca	<i>banto</i>	ergotopônimo
São Pedro dos Ferros	córrego da	Denga	<i>banto</i>	fitotopônimo/ animotopônimo
	córrego do	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	localidade	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
Senador Cortes	rio	Angu	<i>kwa</i>	ergotopônimo
	rio	Angu	<i>kwa</i>	ergotopônimo
	córrego	Bananeiras	<i>híbrido</i>	ergotopônimo
	localidade	Bananeiras	<i>híbrido</i>	ergotopônimo
	fazenda	Canjerê	<i>banto</i>	sociotopônimo
Senador Firmino	fazenda	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Senhora de Oliveira	córrego do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	localidade	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Simonésia	córrego	Cambutá	<i>banto</i>	antropotopônimo
	localidade	Cambutá	<i>banto</i>	antropotopônimo
Teixeiras	fazenda	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
Tombos	fazenda	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Ubá	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo

	córrego	Muxiba	<i>banto</i>	somatotopônimo/ ergotopônimo
	localidade	Muxiba	<i>banto</i>	somatotopônimo/ ergotopônimo
Urucânia	ribeirão das	Bananeiras	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Vermelho Novo	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Viçosa	fazenda de	Dunga José	<i>híbrido</i>	antropotopônimo
	localidade	Fubá	<i>banto</i>	ergotopônimo
Volta Grande	rio do	Angu	<i>kwa</i>	ergotopônimo
	rio do	Angu	<i>kwa</i>	ergotopônimo

Análise quantitativa dos dados

A região da Mata possui 13.101 topônimos, dos quais 199 são de possível origem africana, o que representa 2,2% dos dados da região. Dos 199 topônimos africanos, 89 (47%) são de origem banto, 4 (2%) topônimos são de origem kwa, 87 (45%) são hibridismos formados por possíveis africanismos e palavras de outras origens (portuguesa, indígena, estrangeirismos) e 2% dos dados são de origem incerta.

Total de topônimos da região: 13101
Provável origem africana: 199
Outras origens: 12902

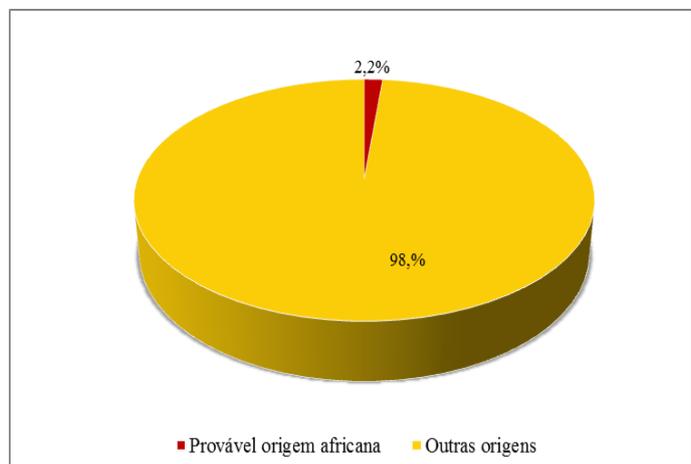


GRÁFICO 22 – Mata: origem

Africanismos: 199
Banto: 89
Kwa/ banto: 04
Híbrido: 87
Origem incerta: 12

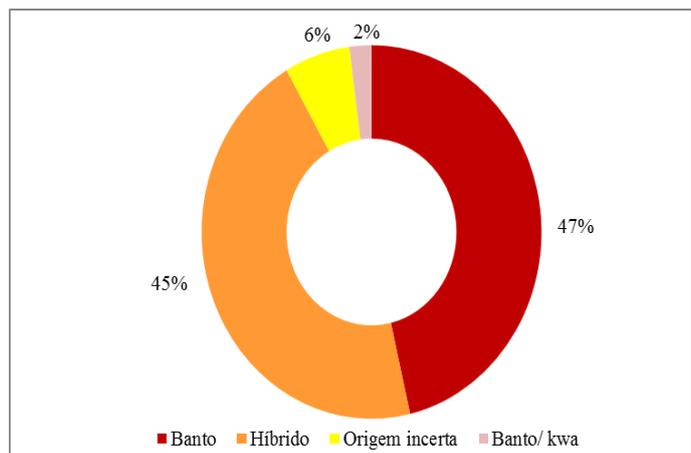


GRÁFICO 23 – Mata:
bases de possível origem africana

Analisamos também a ocorrência dos acidentes. Dos 199 topônimos, 105 (53%) são registros de acidentes físicos. Houve o registro de 72 córregos, 8 lagoas, 2 morros, 5 ribeirões, 8 rios e 5 serras de nomeação de possível origem africana. Já os acidentes humanos resultaram em 94 (47%) topônimos, dentre os quais 55 eram fazendas e 39 localidades.

Acidentes físicos: 105
córrego: 72/ lagoa: 08/ morro: 02/
ribeirão: 05/ rio: 08/ serra: 05

Acidentes humanos: 94
fazenda: 55/ localidade: 39

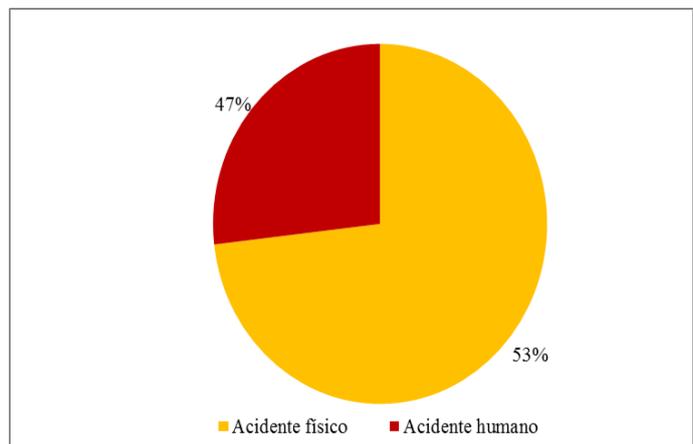


GRÁFICO 24 – Mata: acidentes

A análise das taxionomias toponímicas revelou que, dentre os topônimos de provável origem africana do Jequitinhonha, houve maior ocorrência das taxionomias de natureza antropocultural: 123 taxionomias, 53%, contra 110 taxionomias de natureza física, 47%.

Taxionomias toponímicas:
de natureza antropocultural: 123
de natureza física: 110

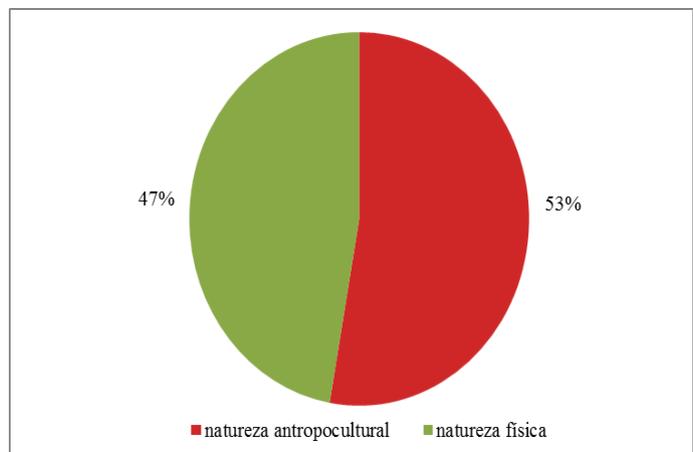


GRÁFICO 25 – Mata:
natureza das taxionomias toponímicas

A motivação toponímica mais recorrente no Jequitinhonha foi representada pelos nomes de plantas, os fitotopônimos, que tiveram 75 ocorrências, o que representa 32,2% dos

dados da região. Em seguida, as taxionomias predominantes foram: os sociotopônimos (46 ocorrências/ 19,7%), os ergotopônimos (44 ocorrências/ 18,9%) e os zootopônimos (26 ocorrências/ 11,2%).

Taxionomias toponímicas

animotopônimo: 12
 corotopônimo: 06
 dirrematotopônimo: 02
 ergotopônimo: 44
 etnotopônimo: 07
 mitotopônimo: 01
 sociotopônimo: 46
 somatotopônimo: 04
 fitotopônimo: 75
 geomorfotopônimo: 08
 hidrotopônimo: 01
 zootopônimo: 26

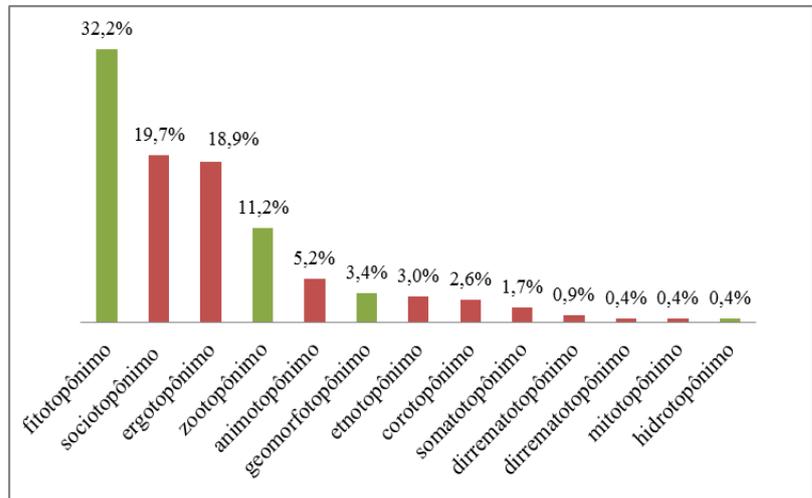


GRÁFICO 26 – Mata:
taxionomias toponímicas

As taxionomias de natureza antropocultural predominantes foram os sociotopônimos, com 46 (37%) ocorrências. Em seguida, os mais recorrentes foram: ergotopônimos com 44 ocorrências (36%) e os animotopônimos com 12 ocorrências (10%).

Topônimos de natureza antropocultural

animotopônimo: 12
 corotopônimo: 06
 dirrematotopônimo: 01
 dirrematotopônimo: 02
 ergotopônimo: 44
 etnotopônimo: 07
 mitotopônimo: 01
 sociotopônimo: 46
 somatotopônimo: 04

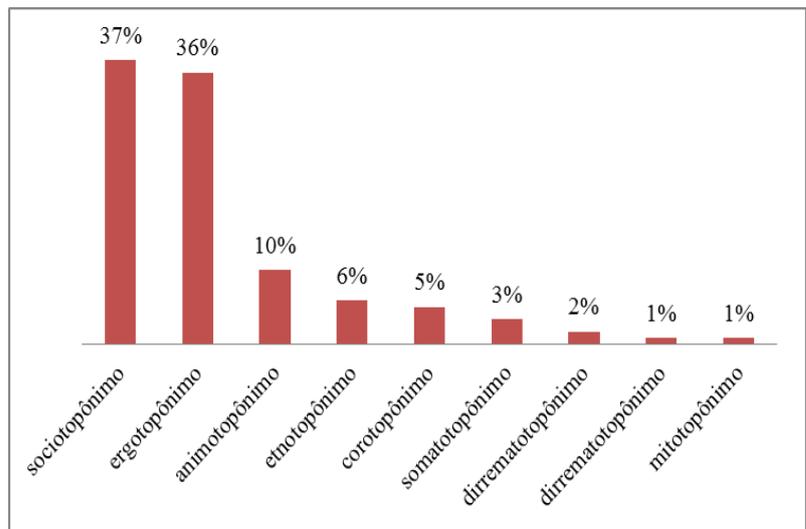


GRÁFICO 27 – Mata:
topônimos de natureza antropocultural

Dentre as taxionomias de natureza física, as maiores motivações foram os nomes de plantas, que tiveram 75 topônimos, o que representa 68% dos dados da região. Em seguida, os zootopônimos, 26 ocorrências, 24% dos topônimos de natureza física.

**Topônimos
de natureza física**

fitopônimo: 75

geomorfotopônimo: 08

hidrotopônimo: 01

zootopônimo: 26

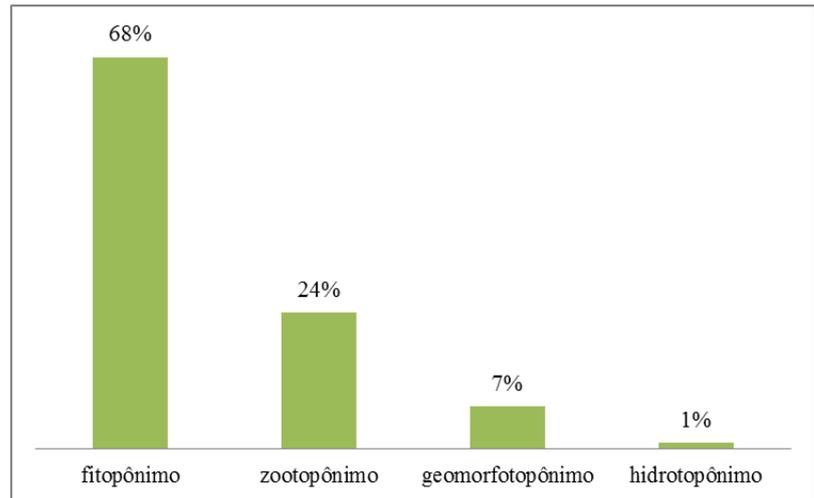


GRÁFICO 28 – Mata:
topônimos de natureza física

4.5 METROPOLITANA



MAPA 9: Metropolitana

TABELA 5

Metropolitana: relação de topônimos por municípios

Município	Acidente	Topônimo	Origem	Taxionomia
Alvinópolis	córrego	Cachimbo	<i>Banto</i>	ergotopônimo
	fazenda	Cachimbo	<i>banto</i>	ergotopônimo
	povoado	Calunga	<i>banto</i>	hierotopônimo/ geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Araçai	fazenda	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Baldim	córrego da	Cafua	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ sociotopônimo/ ecotopônimo

	córrego	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	localidade	Mucambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Barão de Cocais	córrego do	Congo	<i>banto</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
	serra do	Congo	<i>banto</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
	córrego	Congo Velho	<i>híbrido</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
	serra do	Congo Velho	<i>híbrido</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
Belo Horizonte	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Belo Vale	córrego	Calundu	<i>banto</i>	animotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda	Calundu	<i>banto</i>	animotopônimo/ sociotopônimo
	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Bom Jesus do Amparo	córrego do	Cubango	<i>banto</i>	corotopônimo
Brumadinho	córrego da	Macaca	<i>banto</i>	zootopônimo
Cachoeira da Prata	ribeirão dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Caeté	córrego	Bananeiras	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Cafundão	<i>híbrido</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	povoado	Cafundão	<i>híbrido</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
Capim Branco	fazenda	Cacimba	<i>banto</i>	ergotopônimo/ hidrotopônimo
	córrego do	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
Conceição do Mato Dentro	povoado	Macaca	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	povoado	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Congonhas	rio	Macaquinhos	<i>híbrido</i>	zootopônimo
	rio	Macaquinhos	<i>híbrido</i>	zootopônimo
	córrego dos	Monjolos	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Monjolos	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Contagem	morro do	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Cordisburgo	córrego	Canjica	<i>banto</i>	fitotopônimo/ ergotopônimo/ somatotopônimo
	fazenda	Canjica	<i>banto</i>	fitotopônimo/ ergotopônimo/

				somatotopônimo
	córrego	Moçambique	<i>banto</i>	corotopônimo
	fazenda	Moçambique	<i>banto</i>	corotopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Cristiano Otoni	córrego do	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	fazenda do	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
Crucilândia	córrego	Calumbá	<i>banto</i>	ergotopônimo/ fitotopônimo
	fazenda	Calumbá	<i>banto</i>	ergotopônimo/ fitotopônimo
Dom Joaquim	córrego	Angu Cru	<i>híbrido</i>	ergotopônimo
	fazenda	Angu Cru	<i>híbrido</i>	ergotopônimo
	córrego da	Candongá	<i>banto</i>	animotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda do	Candongá	<i>banto</i>	animotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Entre Rios de Minas	córrego do	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
Esmeraldas	fazenda do	Macacão	<i>banto</i>	zootopônimo
	localidade	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	ribeirão dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Ferros	córrego	Caçula	<i>banto</i>	antropotopônimo
	fazenda	Caçula	<i>banto</i>	antropotopônimo
	córrego do	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	fazenda	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	povoado	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Fortuna de Minas	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	ribeirão dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	ribeirão dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Funilândia	córrego	Cacimba	<i>banto</i>	ergotopônimo/ hidrotopônimo
	povoado	Cacimba	<i>banto</i>	ergotopônimo/ hidrotopônimo
	povoado	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Ibirité	córrego	Fubá	<i>banto</i>	ergotopônimo
Igarapé	córrego	Farofas	<i>origem incerta</i>	ergotopônimo
	granja	Farofas	<i>origem incerta</i>	ergotopônimo
	serra das	Farofas	<i>origem incerta</i>	ergotopônimo
Inhaúma	ribeirão dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Itabira	córrego	Calunga	<i>banto</i>	hierotopônimo/ geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Calunga	<i>banto</i>	hierotopônimo/ geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo

	povoado	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Zabumba	<i>banto</i>	ergotopônimo
	fazenda	Zabumba	<i>banto</i>	ergotopônimo
Itaguara	povoado	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Itatiaiuçu	córrego	Canjica	<i>banto</i>	fitotopônimo/ ergotopônimo/ somatotopônimo
	povoado	Canjica	<i>banto</i>	fitotopônimo/ ergotopônimo/ somatotopônimo
	fazenda	Canjica, de Manuel Ferreira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo/ ergotopônimo/ somatotopônimo
Itaverava	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Cumbé	<i>origem incerta</i>	sociotopônimo
	povoado	Cumbé	<i>origem incerta</i>	sociotopônimo
Jaboticatubas	córrego da	Farofa	<i>origem incerta</i>	ergotopônimo
	serra da	Farofa	<i>origem incerta</i>	ergotopônimo
	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Jeceaba	córrego da	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	fazenda da	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	córrego da	Angolinha	<i>híbrido</i>	corotopônimo
Juatuba	córrego da	Candongá	<i>banto</i>	animotopônimo/ antropotopônimo
Lagoa Santa	córrego	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
Maravilhas	fazenda	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Mariana	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego do	Macaquinho	<i>híbrido</i>	zootopônimo
	fazenda	Macaquinho	<i>híbrido</i>	zootopônimo
	povoado	Macaquinhos	<i>híbrido</i>	zootopônimo
Mateus Leme	córrego da	Condonga	<i>banto</i>	animotopônimo/ antropotopônimo
Matozinhos	córrego	Mucambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Mucambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Nova Era	fazenda	Mandembo	<i>origem incerta</i>	fitopônimo
	córrego do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	povoado	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Nova Lima	córrego do	Angu	<i>banto</i>	ergotopônimo
	ribeirão dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Ouro Branco	córrego	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Quindim	<i>kwa/ banto</i>	animotopônimo/ ergotopônimo
Ouro Preto	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	rio	Macaquinhos	<i>híbrido</i>	zootopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Paraopeba	córrego	Capiango	<i>banto</i>	antropotopônimo
	córrego	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	povoado	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo

Passabém	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	povoado	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
Pedro Leopoldo	córrego do	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Piedade dos Gerais	córrego	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	córrego	Mandembo	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
Pitangui	córrego	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	povoado	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
Prudente de Moraes	retiro	Cacimba da Fazenda Bebida	<i>híbrido</i>	ergotopônimo/ hidrotopônimo
Queluzita	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	povoado	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego do	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	povoado	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
Rio Piracicaba	córrego	Calunga	<i>banto</i>	hierotopônimo/ geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego do	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
Rio Vermelho	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Sabará	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	povoado	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Santa Luzia	córrego	Candango	<i>banto</i>	antropotopônimo
	fazenda dos	Candangos	<i>banto</i>	antropotopônimo
Santa Maria de Itabira	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Pirapama Santana de Pirapama	córrego	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	córrego do	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	fazenda	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	localidade	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego	Quilombo de Cima	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
Santana dos Montes	povoado	Quimburgo	<i>banto</i>	mitotopônimo/ antropotopônimo/ sociotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Santo Antônio do Rio Abaixo	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
São Domingos do Prata	povoado	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
São Gonçalo do Rio Abaixo	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
São Joaquim de Bicas	córrego	Farofas	<i>origem incerta</i>	ergotopônimo
	serra das	Farofas	<i>origem incerta</i>	ergotopônimo
São José da	córrego	Calunga	<i>banto</i>	hierotopônimo/

Varginha				geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Moleque	<i>banto</i>	antropotopônimo
	fazenda	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego dos	Monjolos	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	povoado	Monjolos	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
São Sebastião do Rio Preto	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Serro	sítio	Camundongo	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Catomba	<i>banto</i>	somatotopônimo
	sítio do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Sete Lagoas	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Cacimba	<i>banto</i>	ergotopônimo/ hidrotopônimo
	córrego do	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	córrego	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
Taquaraçu de Minas	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo

Análise quantitativa dos dados

A região Metropolitana possui 9.588 topônimos, dentre os quais 170 são de possível origem africana, o que representa 1,8% dos dados coletados. Dos 170 topônimos africanos, 126 (66%) são de origem banto, 1 (1%) topônimo é de origem kwa, 23 (30%) são hibridismos formados possíveis africanismos e palavras de outras origens (portuguesa, indígena, estrangeirismos) e 19,3% dos dados, são de origem incerta.

Total de topônimos da região: 9588
Provável origem africana: 170
Outras origens: 9418

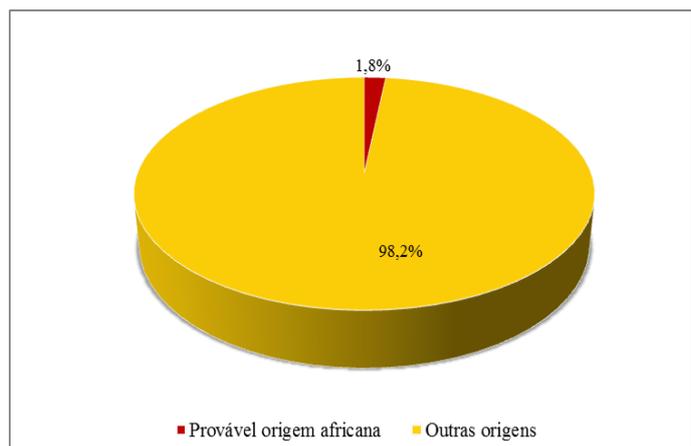


GRÁFICO 29: Metropolitana: origem

Africanismos: 170
 Banto: 126
 Kwa/ banto: 01
 Híbrido: 23
 Origem incerta: 19

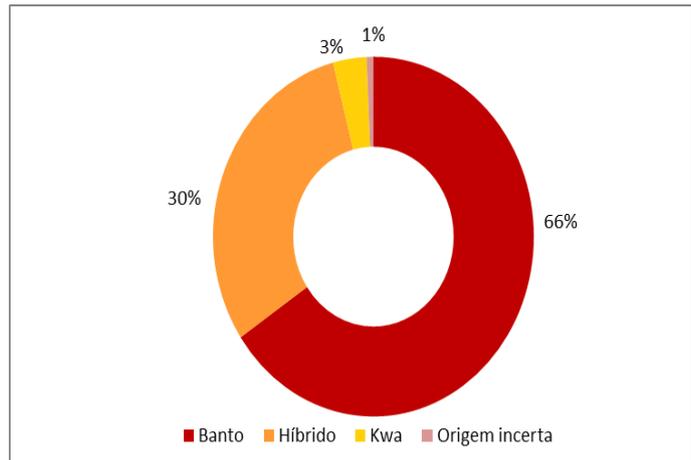


GRÁFICO 30 – Metropolitana:
bases de possível origem africana

Analisamos também a ocorrência dos acidentes. Dos 170 topônimos, 105 (70%) são registros de acidentes físicos. Houve o registro de 90 córregos, 1 morro, 6 ribeirões, 3 rios e 5 serras. Já os acidentes humanos resultaram em 65 topônimos, 30% dos dados da região, dentre os quais 39 eram fazendas, 4 localidades e 22 povoados.

Acidentes físicos: 105
 córrego: 90/ morro: 01/ ribeirão: 06/
 rio: 03/ serra: 05

Acidentes humanos: 65
 fazenda: 39/ localidade: 04/ povoado: 22

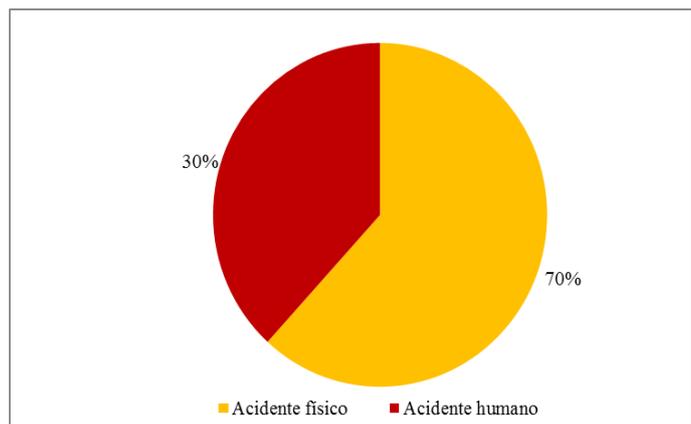


GRÁFICO 31 – Metropolitana: acidentes geográficos

A análise das taxionomias toponímicas revelou que, dentre os topônimos de provável origem africana da região Metropolitana, houve maior ocorrência das taxionomias de natureza antropocultural, registrando 188 taxionomias, 58% dos dados. Já os topônimos de natureza física, somaram 136 ocorrências, 42% dos dados da região.

Taxionomias toponímicas:
de natureza antropocultural: 188
de natureza física: 136

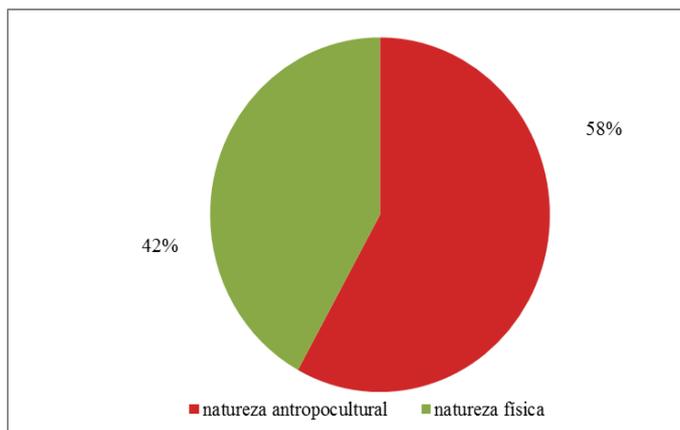


GRÁFICO 32 – Metropolitana:
natureza das taxionomias toponímicas

A motivação toponímica mais recorrente na região Metropolitana foi representada pelos nomes de animais, os zootopônimos, que tiveram 96 ocorrências, o que representa 29,6% dos dados da região. Em seguida as taxionomias predominantes foram: os sociotopônimos (63 ocorrências/ 19,4%), os ergotopônimos (54 ocorrências/ 16,7%) e os antropotopônimos (34 ocorrências/ 10,5%).

Taxionomias toponímicas

animotopônimo: 13
antropotopônimo: 34
corotopônimo: 06
ecotopônimo: 01
ergotopônimo: 54
etnotopônimo: 04
fitotopônimo: 24
geomorfotopônimo: 12
hidrotopônimo: 04
hierotopônimo: 05
mitotopônimo: 01
sociotopônimo: 63
somatotopônimo: 07
zootopônimo: 96

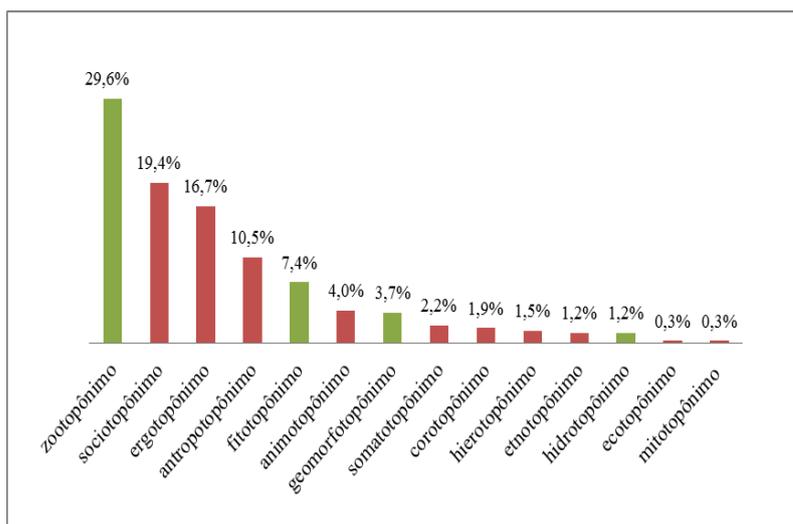


GRÁFICO 33 – Metropolitana:
taxionomias toponímicas

As taxionomias de natureza antropocultural predominantes foram os sociotopônimos, com 63 ocorrências (33%). Em seguida, os mais recorrentes foram: ergotopônimos com 54 ocorrências (29%) e os antropotopônimos com 34 ocorrências (18%).

**Topônimos
de natureza antropocultural**

animotopônimo: 13
antropotopônimo: 34
corotopônimo: 06
ecotopônimo: 01
ergotopônimo: 54
etnotopônimo: 04
hierotopônimo: 05
mitotopônimo: 01
sociotopônimo: 63
somatotopônimo: 07

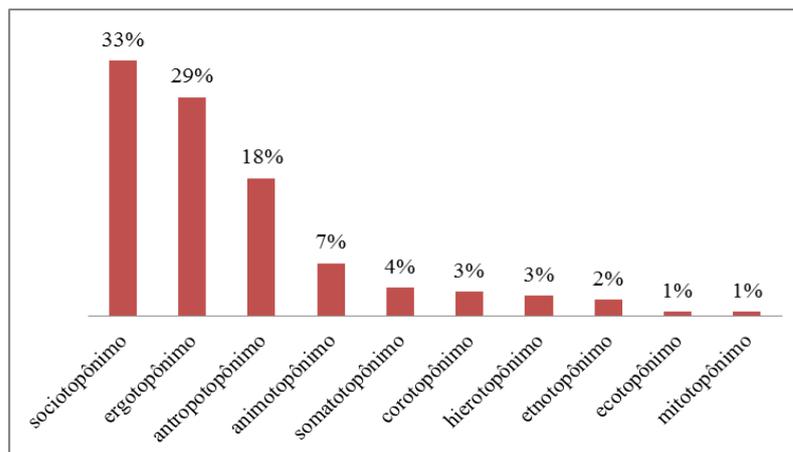


GRÁFICO 34 – Metropolitana:
topônimos de natureza antropocultural

Dentre as taxionomias de natureza física, as maiores motivações foram os nomes de animais, 96 zootopônimo (70%). Em seguida, os fitotopônimos com 24 ocorrências (18%). Houve também a ocorrência de 12 geomorfotopônimos (18%) e 4 hidrotopônimos (3%).

**Topônimos
de natureza física**

fitotopônimo: 24
geomorfotopônimo: 12
hidrotopônimo: 04
zootopônimo: 96

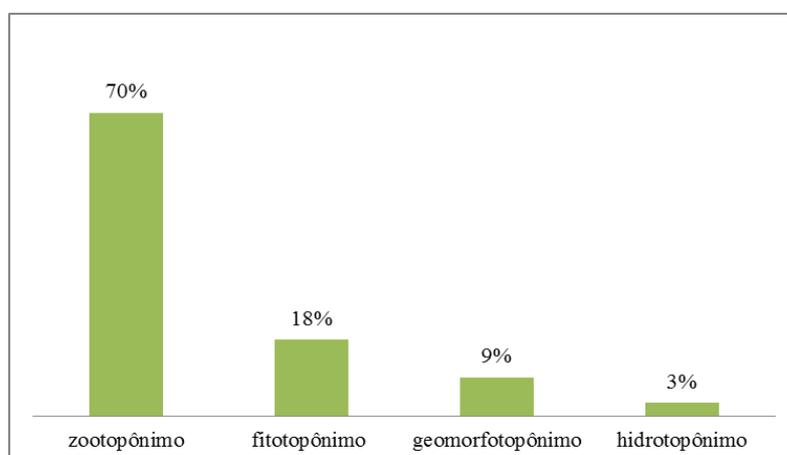


GRÁFICO 35 – Metropolitana:
topônimos de natureza física

4.6 MUCURI



MAPA 10: Mucuri

TABELA 6
Mucuri: relação de topônimos por município

Município	Acidente	Topônimo	Origem	taxionomia
Ataléia	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	povoado	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal de Ernesto Lima	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal de José Lima	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal José Colares	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	povoado	Bananalzinho	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Bananas	<i>Origem incerta</i>	fitotopônimo
	córrego	Calundó	<i>banto</i>	animotopônimo/ sociotopônimo
	córrego	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
córrego	Mulungu	<i>banto</i>	fitopônimo/ ergotopônimo/ mitotopônimo	
Bertópolis	córrego	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Carlos Chagas	córrego do	Bengo	<i>banto</i>	fitotopônimo/ zootopônimo/ hodotopônimo/ animotopônimo
Franciscópolis	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	localidade	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Frei Gaspar	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Bananal Pequeno	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Ladainha	córrego do	Monjolo	<i>banto</i>	• sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Malacacheta/	ribeirão	Banana	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo

	ribeirão	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	povoado	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Nanuque	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Teófilo Otoni/	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Córrego dos Macacos	<i>híbrido</i>	hidrotopônimo
	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo

Análise quantitativa dos dados

A região do Mucuri possui 2.333 topônimos, dentre os quais 29 são de possível origem africana, o que representa 1,2% dos dados da região. Dos 29 topônimos africanos, 9 (31%) são de origem banto, 18 (62%) são hibridismos formados por possíveis africanismos e palavras de outras origens (portuguesa, indígena, estrangeirismos) e 2 (7%) topônimos são de origem incerta.

Total de topônimos da região: 2333
Provável origem africana: 29
Outras origens: 2304

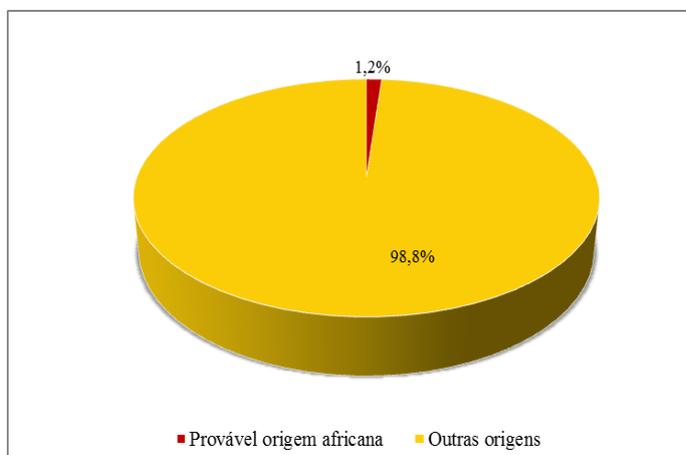


GRÁFICO 36: Mucuri: origem

Africanismos: 29
Banto: 09
Híbrido: 18
Origem incerta: 02

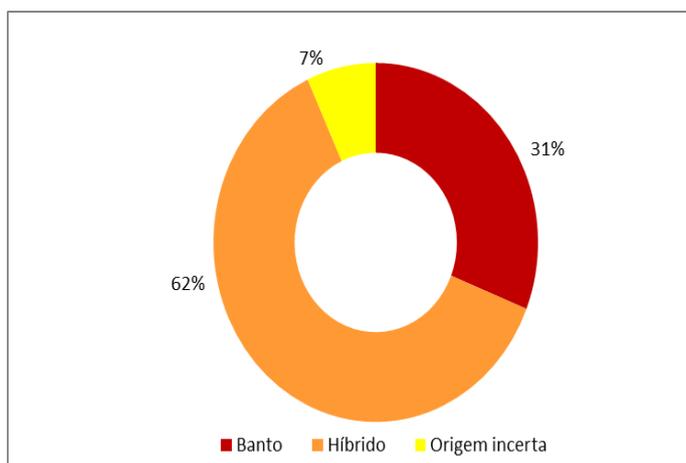


GRÁFICO 37 – Mucuri:
bases de possível origem africana

Analisamos também a ocorrência dos acidentes geográficos. Dos 29 topônimos, 16 (55%) eram registros de acidentes físicos. Houve o registro de 14 córregos e 2 ribeirões de nomeações de provável origem africana. Já os acidentes humanos resultaram em 13 (45%) topônimos, dentre os quais 9 eram fazendas, 1 localidades e 3 povoados.

Acidentes físicos: 16
córrego: 14/ ribeirão: 02

Acidentes humanos: 13
fazenda: 09/ localidade: 01/ povoado: 03

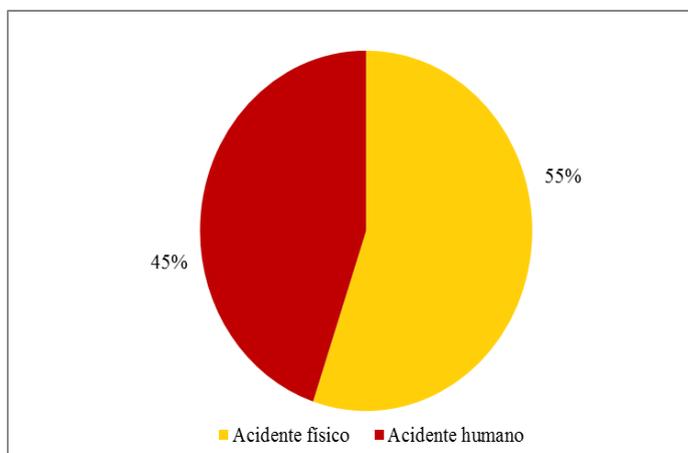


GRÁFICO 38 – Mucuri: acidentes

A análise das taxionomias toponímicas revelou que, dentre os topônimos de provável origem africana do Mucuri, houve maior ocorrência das taxionomias de natureza física: 28 taxionomias, 76%, contra 9 taxionomias de natureza antropocultural, 24%.

Taxionomias toponímicas:
de natureza antropocultural: 09
de natureza física: 28

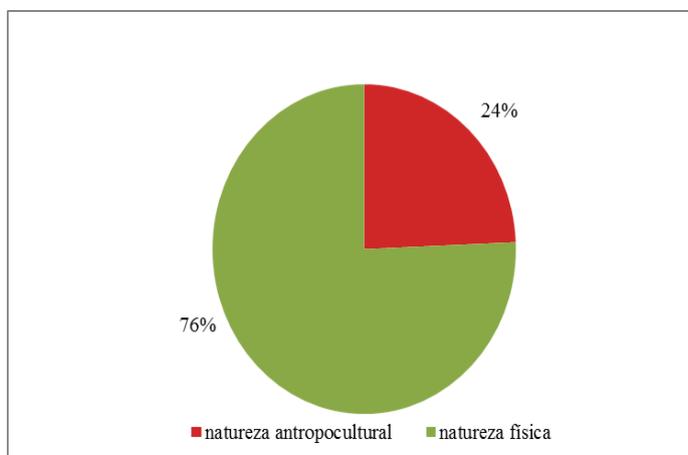


GRÁFICO 39 – Mucuri:
natureza das taxionomias toponímicas

A motivação toponímica mais recorrente no Mucuri foi representada pelos nomes de planta, os fitotopônimos, que tiveram 21 ocorrências, o que representa 57% dos dados da região. Em seguida as taxionomias predominantes foram: os zootopônimos (6 ocorrências/16%).

Taxionomias toponímicas

fitotopônimo: 21
hidrotopônimo: 01
animotopônimo: 02
antropotopônimo: 01
ergotopônimo: 02
hodotopônimo: 01
mitotopônimo: 01
sociotopônimo: 02
zootopônimo: 06

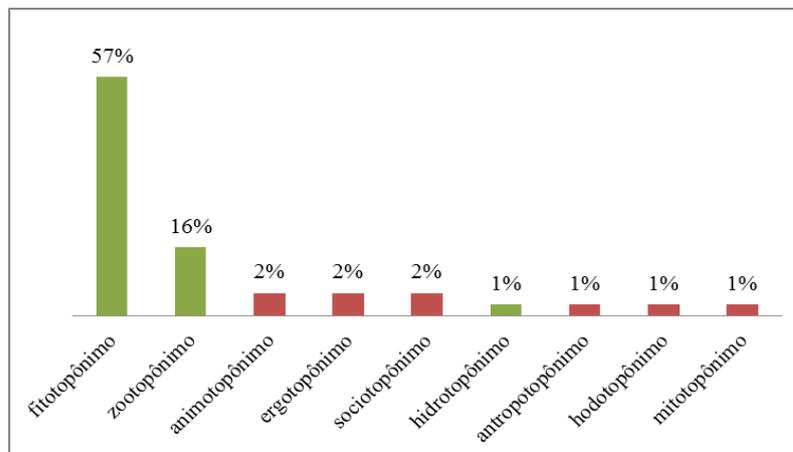


GRÁFICO 40 – Mucuri:
taxionomias toponímicas

As taxionomias de natureza antropocultural mais recorrentes foram os animotopônimos, os ergotopônimos e os sociotopônimos, todas com 2 ocorrências cada, o que representa 22,2% dos dados analisados.

Topônimos

de natureza antropocultural

animotopônimo: 02
antropotopônimo: 01
ergotopônimo: 02
hodotopônimo: 01
mitotopônimo: 01
sociotopônimo: 02

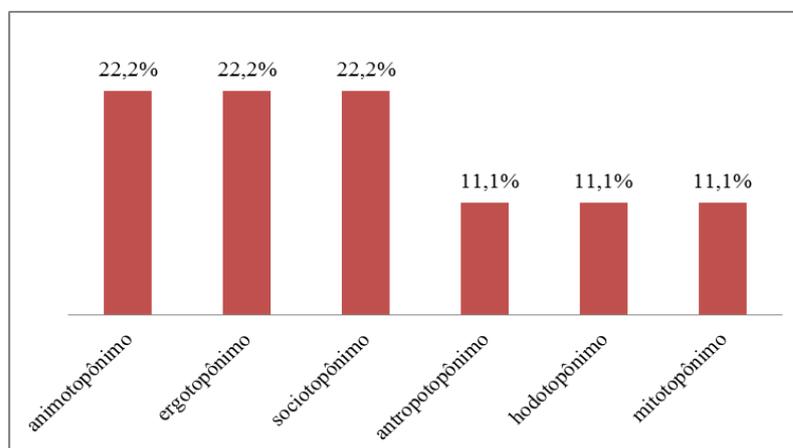


GRÁFICO 41 – Mucuri:
topônimos de natureza antropocultural

Dentre as taxionomias de natureza física, as maiores motivações foram os nomes de planta, foram 21 fitotopônimos (75%). Houve também ocorrência de 13 zootopônimo (21%) e de 1 hidrotopônimo (4%).

Topônimos de natureza física
 fitotopônimo: 21
 hidrotopônimo: 01
 zootopônimo: 06

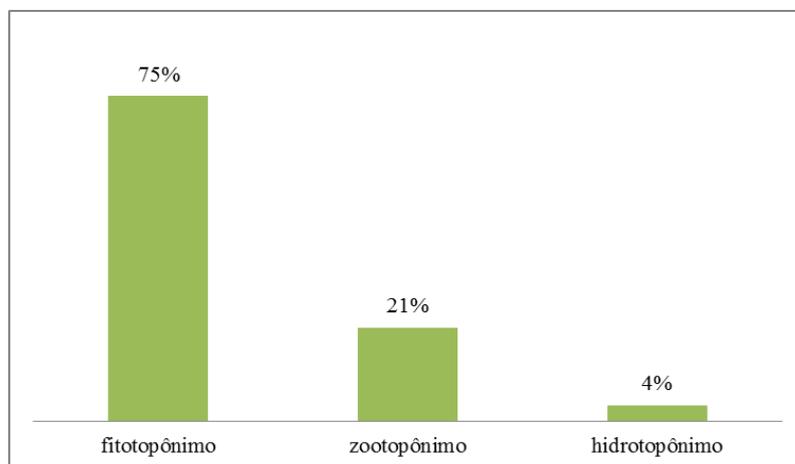
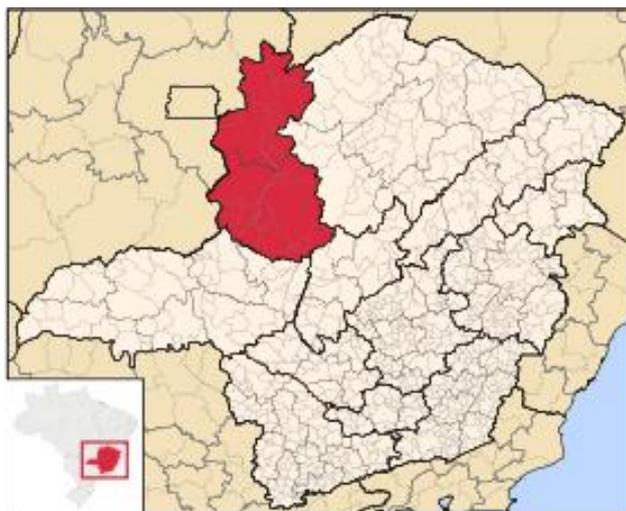


GRÁFICO 42 – Mucuri:
topônimos de natureza física

4.7 NOROESTE



MAPA 11: Noroeste

TABELA 7
Nordeste: relação de topônimos por município

Município	Acidente	Topônimo	Origem	Taxionomia
Arinos	localidade	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	serra	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
Bonfinópolis de Minas	córrego do	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	serra do	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Buritis	fazenda	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Mulungu	<i>banto</i>	fitopônimo/ ergotopônimo/ mitotopônimo
	fazenda	Mulungu	<i>banto</i>	fitopônimo/ ergotopônimo/ mitotopônimo
Cabeceira Grande	fazenda	Mocamba	<i>banto</i>	sociotopônimo
Dom Bosco	córrego	Mocambinho	<i>banto</i>	sociotopônimo
João Pinheiro	córrego	Caxambú	<i>Banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	povoado	Caxambú	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	serra do	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego	Mucambinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
Lagoa Grande	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
Logamar	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
Paracatu	serra do	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
Presidente Olegário	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
Unáí	córrego	Bananeiras	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	ribeirão	Cangalha	<i>banto</i>	ergotopônimo
	córrego	Mulungu	<i>banto</i>	fitopônimo/ ergotopônimo/ mitotopônimo
	fazenda	Mulungu	<i>banto</i>	ergotopônimo
	localidade	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Uruana de Minas	córrego	Calungu	<i>banto</i>	animotopônimo/ sociotopônimo

Análise quantitativa dos dados

A região Noroeste possui 1959 topônimos, dentre os quais 27 são de possível origem africana, o que representa 1,4% dos dados coletados. Dos 27 topônimos africanos, 24 (89%) são de origem banto e 3 (11%) são híbridos formados por possíveis africanismos e/ou palavras de outras origens (portuguesa, indígena, estrangeirismos).

Total de topônimos da região: 1959
Provável origem africana: 27
Outras origens: 1932

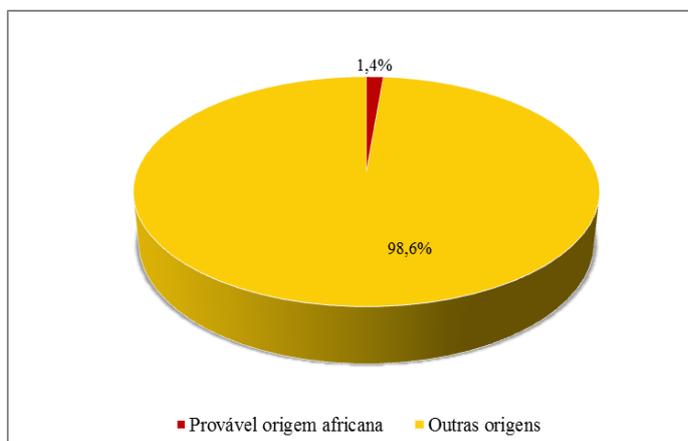


GRÁFICO 43: Noroeste: origem

Africanismos: 27
Banto: 24
Híbrido: 03

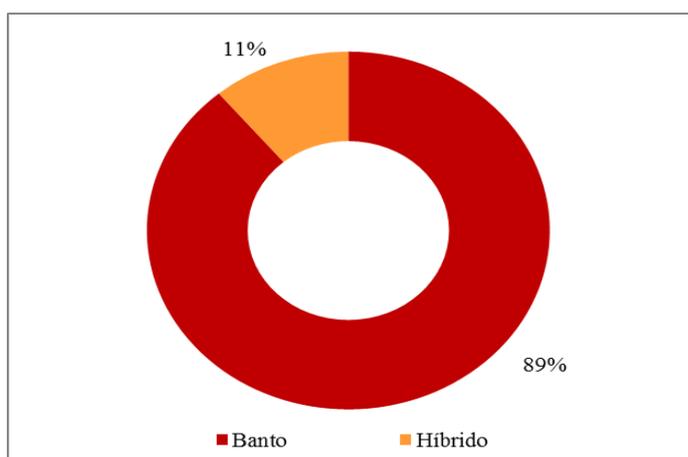


GRÁFICO 44 – Noroeste:
bases de possível origem africana

Analisamos também a ocorrência dos acidentes. Dos 27 topônimos, 19 (70%) são acidentes físicos. Houve o registro de 14 córregos, 1 ribeirão e 1 serra. de nomeação de provável origem africana. Já os acidentes humanos resultaram em 8 (30%) topônimos, dentre os quais 5 eram fazendas, 2 localidades e 1 povoado.

Acidentes físicos: 19

córrego: 14/ ribeirão: 01/ serra: 04

Acidentes humanos: 08

fazenda: 05/ localidade: 02/

povoado: 01

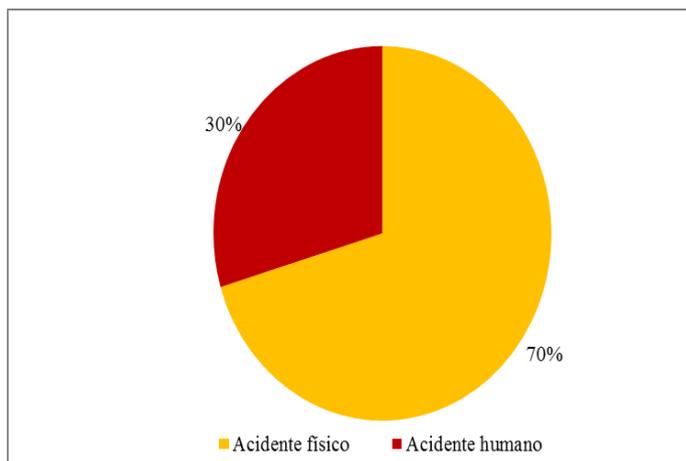


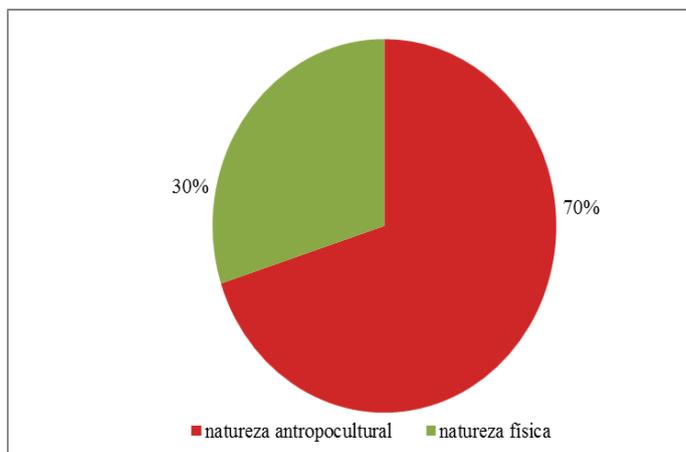
GRÁFICO 45 – Noroeste: acidentes

A análise das taxionomias toponímicas revelou que, dentre os topônimos de provável origem africana do Noroeste, houve maior ocorrência de taxionomias de natureza antropocultural: 28 taxionomias, 70%, contra 15 taxionomias de natureza antropocultural, 30%.

Taxionomias toponímicas:

de natureza antropocultural: 28

de natureza física: 12

GRÁFICO 46 – Noroeste:
natureza das taxionomias toponímicas

A motivação toponímica mais recorrente no Noroeste foi representada pelos nomes relativos às atividades dos homens, os sociotopônimos, que tiveram 12 ocorrências, o que representa 30% dos dados da região. Em seguida, as taxionomias predominantes foram: os ergotopônimos (8 ocorrências/ 21%) e os fitotopônimos (5 ocorrências/ 12%).

Taxionomias toponímicas

animotopônimo: 04
 antropotopônimo: 01
 ergotopônimo: 08
 fitotopônimo: 05
 geomorfotopônimo: 03
 mitotopônimo: 03
 sociotopônimo: 12
 zootopônimo: 04

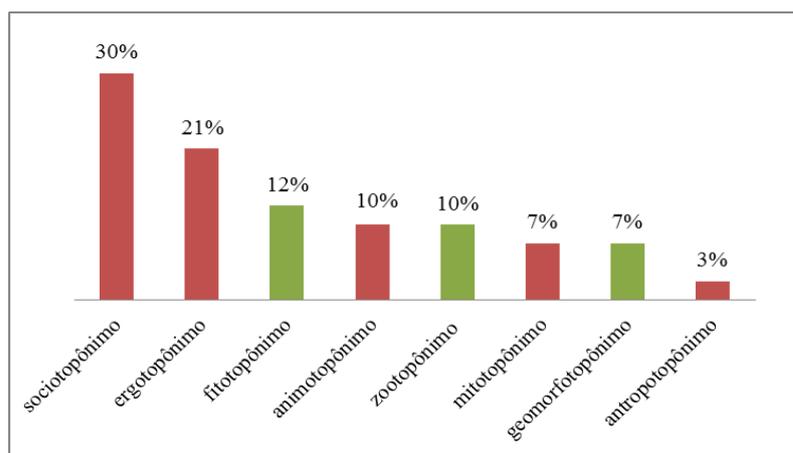


GRÁFICO 47 – Noroeste:
taxionomias toponímicas

As taxionomias de natureza antropocultural mais recorrentes foram os sociotopônimos, com 12 (43%) ocorrências. Em seguida, os mais recorrentes foram: ergotopônimos com 8 ocorrências (29%) e os animotopônimos com 4 ocorrências (14%).

Topônimos de natureza antropocultural

animotopônimo: 04
 antropotopônimo: 01
 ergotopônimo: 08
 mitotopônimo: 03
 sociotopônimo: 12

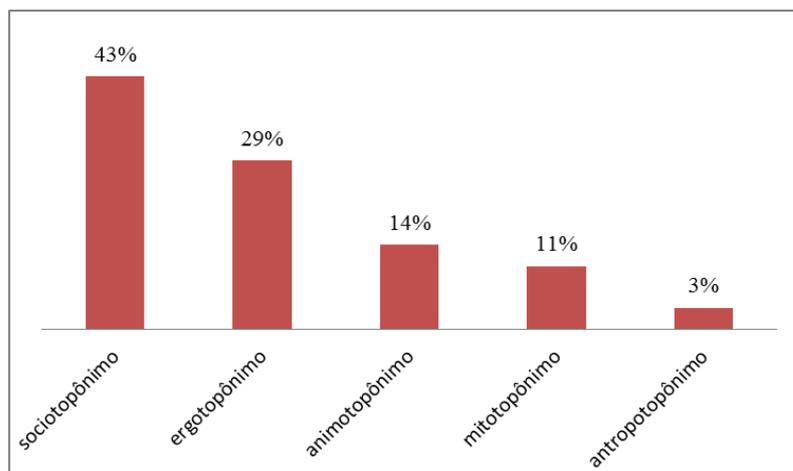


GRÁFICO 48 – Noroeste:
topônimos de natureza antropocultural

Dentre as taxionomias de natureza física, as motivações mais recorrentes foram os nomes de planta, registramos 5 fitotopônimos (42%). Em seguida, os zootopônimos, com 4 ocorrências (33%) e os geomorfotopônimos com 4 ocorrências (25%).

**Topônimos
de natureza física**

fitotopônimo: 05

geomorfotopônimo: 03

zootopônimo: 04

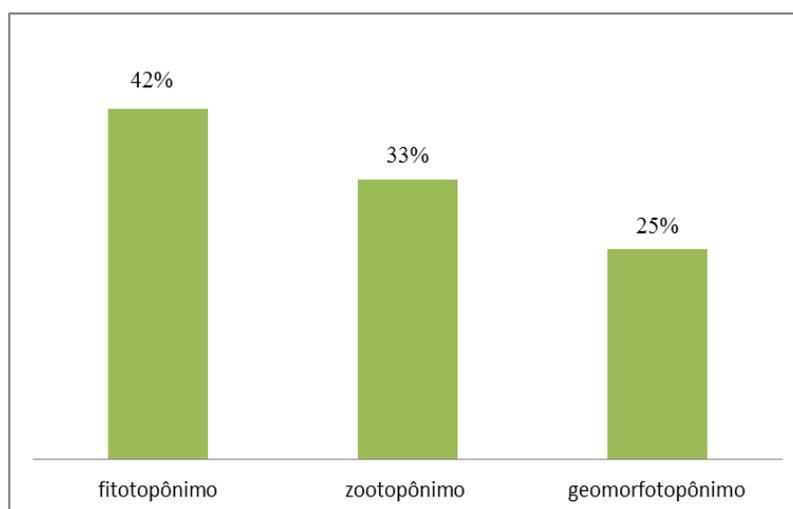


GRÁFICO 49 – Noroeste:
topônimos de natureza física

4.8 NORTE



MAPA 12: Norte

TABELA 8

Norte: relação de topônimos por município

Município	acidente	Topônimo	Origem	Taxionomia
Águas Vermelhas	fazenda	Exu	<i>kwa</i>	hierotopônimo
	lagoa do	Exu	<i>kwa</i>	hierotopônimo
Bocaiúva	córrego	Bamba	<i>banto</i>	antropotopônimo/ ergotopônimo
	córrego	Banana	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	córrego	Bangüê	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	localidade	Bangüê	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	córrego	<i>Cacimbinha</i>	<i>híbrido</i>	ergotopônimo/ hidrotopônimo
	lagoa da	Marimba	<i>banto</i>	ergotopônimo

	localidade	Marimba	<i>banto</i>	ergotopônimo
	córrego	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	localidade	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego	Mucambinho	<i>híbrido</i>	<i>sociotopônimo</i>
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Zumbi	<i>banto</i>	mitotopônimo/ antropotopônimo
Botumirim	rio	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Brasília de Minas	riacho dos	Macacos		zootopônimo
	fazenda	Mucambinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
	córrego	Mucambinho	<i>híbrido</i>	poliotopônimo
Buritizeiro	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego do	Fubá	<i>banto</i>	ergotopônimo
	córrego do	Fubá	<i>banto</i>	ergotopônimo
Campo Azul	localidade	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Capitão Enéias	córrego do	Bananal	<i>híbrido</i>	<i>fitotopônimo</i>
	povoado	Mucambinho	<i>híbrido</i>	poliotopônimo
Claro dos Poções	córrego	Bananeiras	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Coração de Jesus	córrego	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	localidade	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	riacho	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Cristália	rio	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	localidade	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Curral de Dentro	fazenda	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Exu	<i>kwa</i>	hierotopônimo
	lagoa do	Exu	<i>kwa</i>	hierotopônimo
Engenheiro Navarro	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Espinosa	localidade	Cacimbas	<i>banto</i>	ergotopônimo/ hidrotopônimo
Francisco Sá	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	localidade	Cacimbas	<i>banto</i>	ergotopônimo/ hidrotopônimo
	córrego	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	povoado	Mucambinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
Gameleiras	fazenda	Baixo do Molambo	<i>híbrido</i>	geomorfotopônimo/ dimensiotopônimo
	serra do	Caxingó	<i>banto</i>	antropotopônimo
	riacho do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Mucambinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
Grão Mongol	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	córrego do	Congo	<i>banto</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	ergotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	poliotopônimo
	localidade	Quilombo	<i>banto</i>	poliotopônimo
Guaraciama	lagoa	Marimba	<i>banto</i>	ergotopônimo

	localidade	Marimba	<i>banto</i>	ergotopônimo
Indaiabira	córrego	Mocambinho	<i>híbrido</i>	ecotopônimo
	córrego	Mocambo	<i>banto</i>	ecotopônimo
	fazenda	Mocambo	<i>banto</i>	ecotopônimo
	localidade	Mocambo	<i>banto</i>	ecotopônimo
	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Itacarambi	lagoa do	Bangüê	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	rio	Calindo	<i>banto</i>	animotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	riacho do	Mocambinho	<i>híbrido</i>	poliotopônimo
	fazenda	Mocambo	<i>banto</i>	poliotopônimo
Janaúba	córrego	Cacimbas	<i>banto</i>	ergotopônimo/ hidrotopônimo
	fazenda das	Cacimbas	<i>banto</i>	ergotopônimo/ hidrotopônimo
Januária	córrego	Cachimbo	<i>banto</i>	ergotopônimo/ litotopônimo
	riacho	Mocambo	<i>banto</i>	poliotopônimo
Juramento	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	poliotopônimo
Lagoa dos Patos	córrego	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	localidade	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Luislândia	riacho dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Mamonas	córrego	Exu	<i>kwa</i>	hierotopônimo
Manga	morro do	Calindo	<i>banto</i>	animotopônimo/ sociotopônimo
	rio	Calindo	<i>banto</i>	animotopônimo/ sociotopônimo
	riacho do	Mocambinho	<i>híbrido</i>	poliotopônimo
	fazenda	Mocambo	<i>banto</i>	poliotopônimo
Monte Azul	riacho da	Macaca	<i>banto</i>	zootopônimo
	riacho do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	faze do	Mocambinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
	córrego	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	localidade	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	serra	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Montes Claros	córrego	Bananeiras	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego	Mocambo Firme	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
	córrego	Mucambinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	localidade	São José do Mocambo	<i>híbrido</i>	hagiotopônimo
Montezuma	córrego	Cacimbas	<i>banto</i>	ergotopônimo/ hidrotopônimo
	fazenda	Calindé	<i>banto</i>	animotopônimo/ sociotopônimo
Ninheira	fazenda	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Pai Pedro	morro	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Pintópolis.	córrego	Derruba Moleque	<i>híbrido</i>	dirrematotopônimo
Porteirinha	fazenda	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	vila	Mocambinho	<i>híbrido</i>	<i>sociotopônimo</i>
	localidade	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo

	morro	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Riachinho	fazenda	Mocambinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
Riacho dos Machados	fazenda	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Mocambinho	<i>híbrido</i>	ecotopônimo
	vila	Mocambinho	<i>híbrido</i>	ecotopônimo
Rio Pardo de Minas	córrego	Caculé	<i>banto</i>	antropotopônimo
	córrego	Mocambinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
	córrego	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	povoado	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Rubelita	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego do	Macacão	<i>banto</i>	zootopônimo
	localidade	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Salinas	localidade	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	rio	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal de Eraco Teixeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal de Felismino Teixeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	localidade	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Maribombo	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Santa Cruz de Salinas	córrego	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	localidade	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego do	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Santo Antônio do Retiro	córrego	Cacimbas	<i>banto</i>	ergotopônimo/ hidrotopônimo
São Francisco	córrego	Bananeiras	<i>híbrido</i>	<i>fitotopônimo</i>
	riacho dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	riacho	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
São João da Lagoa	riacho	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
São João do Paraíso	localidade	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Serranópolis de Minas	fazenda	Caborjes	<i>banto</i>	animotopônimo/ ergotopônimo
	córrego	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	localidade	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Taiobeiras	córrego	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
Várzea da Palma	localidade	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	ribeirão	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Varzelândia	fazenda	Cachimbo	<i>banto</i>	ergotopônimo/ litotopônimo
	fazenda	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Cachimbo	<i>banto</i>	ergotopônimo/ litotopônimo

Análise quantitativa dos dados

A região Norte possui 9.466 topônimos, dentre os quais 148 são de possível origem africana, o que representa 1,6% dos dados coletados. Dos 148 topônimos africanos, 97 (66%) são de origem banto, 5 (3%) topônimo é de origem kwa, 45 (30%) são hibridismos formados por possíveis africanismos e/ ou palavras de outras origens (portuguesa, indígena, estrangeirismos) e 1% dos dados são de origem incerta

Total de topônimos da região: 9466
Provável origem africana: 148
Outras origens: 9318

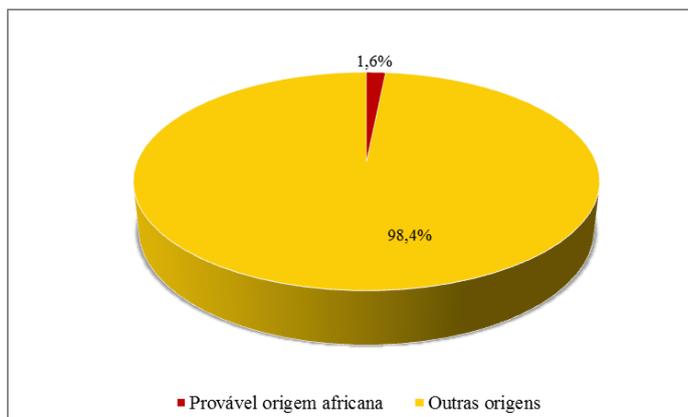


GRÁFICO 50: Norte: origem

Africanismos: 148
Banto: 97
Híbrido: 45
Kwa: 05
Origem incerta: 01

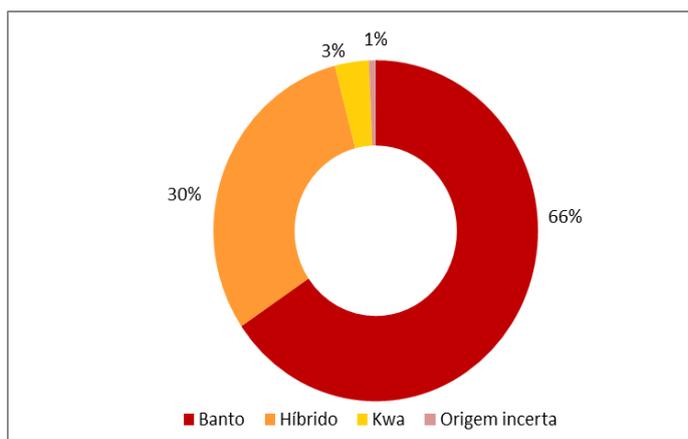


GRÁFICO 51 – Norte:
bases de possível origem africana

Analisamos também a ocorrência dos acidentes. Dos 148 topônimos, 87 (59%) eram registros de acidentes físicos. Houve o registro de 59 córregos, 5 lagoas, 3 morros, 1 riacho, 1 ribeirão, 1 rio e 1 serra de nomeação de provável origem africana. Já os acidentes humanos resultaram em 61 (41%) topônimos, dentre os quais 33 eram fazendas, 23 localidades, 3 povoados e 2 vilas.

Acidentes físicos: 87

córrego: 59/ lagoa: 05/ morro: 03/
riacho: 12/ ribeirão: 01/ rio: 05/ serra:
02

Acidentes humanos: 61

fazenda: 33/ localidade: 23/ povoado:
03/ vila: 02

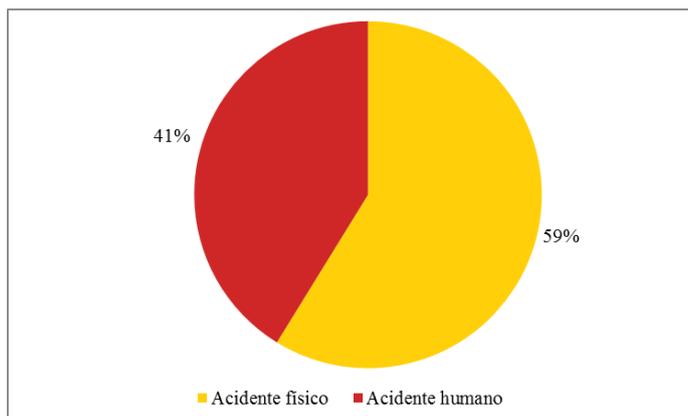


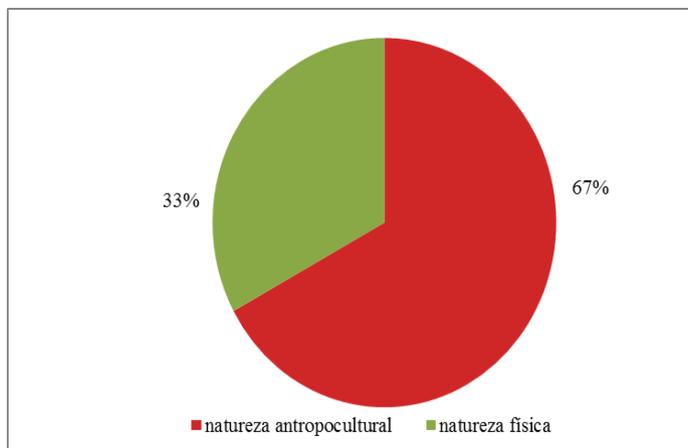
GRÁFICO 52 – Norte: acidentes

A análise das taxionomias toponímicas revelou que, dentre os topônimos de provável origem africana da região Norte, houve maior ocorrência de taxionomias de natureza antropoculturais: 116 taxionomias, 67%, contra 57 taxionomias de natureza físicas, 33%.

Taxionomias toponímicas:

de natureza antropocultural: 116

de natureza física: 57

GRÁFICO 53 – Norte:
natureza das taxionomias toponímicas

A motivação toponímica mais recorrente na região Norte foi representada pelos nomes relativos às atividades humanas, os sociotopônimos, que tiveram 73 ocorrências, o que representa 42,2% das taxionomias. Em seguida as taxionomias predominantes foram: os fitotopônimo (25 ocorrências/ 14,5%), os ergotopônimos (22 ocorrências/ 12,7%) e os zootopônimos (18 ocorrências/ 10,4%).

Taxionomias toponímicas

animotopônimo: 08
 antropotopônimo: 03
 dimensiotopônimo: 01
 dirrematotopônimo: 01
 ergotopônimo: 22
 etnotopônimo: 01
 fitotopônimo: 25
 geomorfotopônimo: 04
 hagiopônimo: 01
 hidrotopônimo: 07
 hierotopônimo: 05
 litopônimo: 03
 mitotopônimo: 01
 sociotopônimo: 73.
 zootopônimo: 18

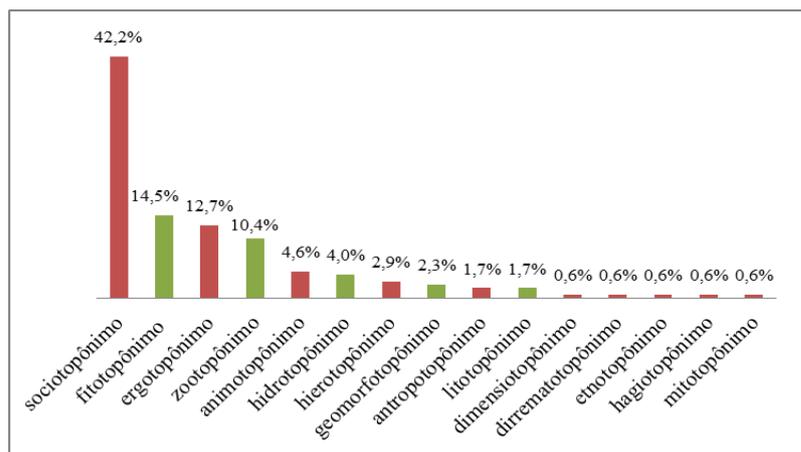


GRÁFICO 54 – Norte:
taxionomias toponímicas

As taxionomias de natureza antropocultural mais recorrentes foram os sociotopônimos, com 73 (63%) ocorrências. Em seguida, os mais recorrentes foram: ergotopônimos com 22 ocorrências (19%), e os animotopônimos com 8 ocorrências (7%).

Topônimos de natureza antropocultural

animotopônimo: 08
 antropotopônimo: 03
 dimensiotopônimo: 01
 dirrematotopônimo: 01
 ergotopônimo: 22
 etnotopônimo: 01
 hagiopônimo: 01
 hierotopônimo: 05
 mitotopônimo: 01
 sociotopônimo: 73.

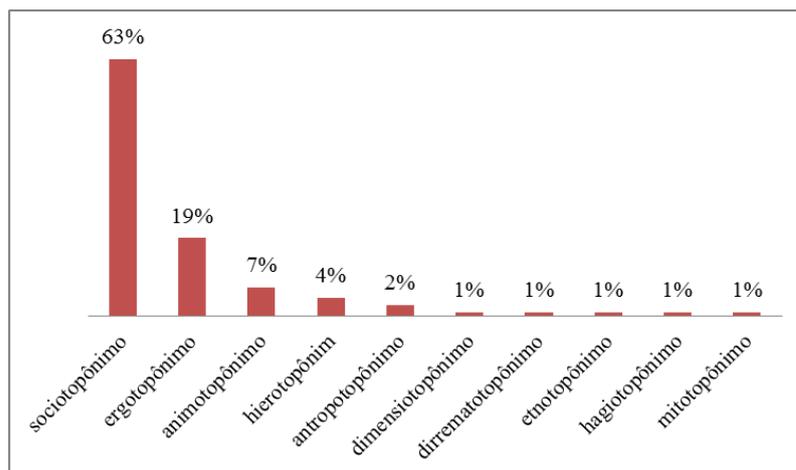


GRÁFICO 55 – Norte:
topônimos de natureza antropocultural

Dentre as taxionomias de natureza física, as maiores motivações foram os nomes de planta, foram 25 fitotopônimo (44%). Houve também ocorrência de 18 (32%) zootopônimos, 7 (12%) hidrotopônimos, 4 (7%) geomorfotopônimos e 3 (5%) litotopônimos.

Topônimos**de natureza física**

fitotopônimo: 25

geomorfotopônimo: 04

hidrotopônimo: 07

litopônimo: 03

zootopônimo: 18

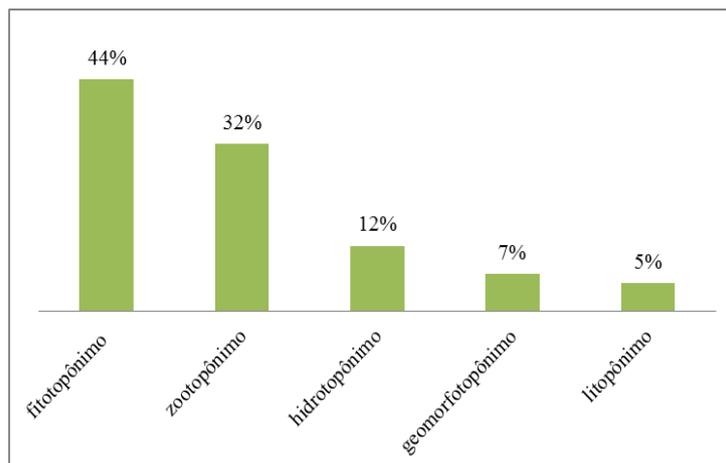


GRÁFICO 56 – Norte:
topônimos de natureza física

4.9 OESTE DE MINAS

MAPA 13: Oeste de Minas

TABELA 9

Oeste de Minas: relação de topônimos por município

Município	Acidente	Topônimo	Origem	taxionomia
Aguanil	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Arcos	fazenda	Cafunga	<i>banto</i>	animotopônimo
	rio	Candongá	<i>banto</i>	animotopônimo
BambuÍ	córrego	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	rio	Mombaça	<i>banto</i>	corotopônimo
	córrego	Monjolinho	<i>hÍbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Bom Sucesso	córrego	Bananal	<i>hÍbrido</i>	fitotopônimo
	localidade	Bananal	<i>hÍbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/

				ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Camacho	fazenda	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
Campo Belo	serra do	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
Candeias	ribeirão	Congo Choco	<i>híbrido</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
	rio do	Congo Choco	<i>híbrido</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
Carmo da Mata	ribeirão	Catinga	<i>banto</i>	animotopônimo
	córrego	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	córrego	Mandembo	<i>origem incerta</i>	fitopônimo
	fazenda	Mandembo	<i>origem incerta</i>	fitopônimo
	ribeirão	Mandembo	<i>origem incerta</i>	fitopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	povoado	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	ribeirão	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
serra do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo	
Carmo do Cajuru	localidade	Marimbondos	<i>banto</i>	zootopônimo
	ribeirão	Marimbondos	<i>banto</i>	zootopônimo
	localidade	Marimbondos de Cima	<i>híbrido</i>	zootopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Carmópolis de Minas	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	localidade	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Congo	<i>banto</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
	localidade	Congo	<i>banto</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Cláudio	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	serra do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Catinga	<i>banto</i>	animotopônimo
	córrego	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	localidade	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Conceição do Pará	córrego	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	localidade	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/

				sociotopônimo
	localidade	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
Córrego Danta	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	ribeirão	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Cristais	fazenda	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	ribeirão	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Divinópolis	ribeirão	Cacoco	<i>origem incerta</i>	zootopônimo
	localidade	Cacoco de Cima	<i>híbrido</i>	zootopônimo
	localidade	Cacoco do Meio	<i>híbrido</i>	zootopônimo
	córrego	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	localidade	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	localidade	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Quilombo da Mata	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	fazenda	Monjolos	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Formiga	córrego	Monjolos	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Monjolos	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	ribeirão	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Igaratinga	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	localidade	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Iguatama	córrego	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	fazenda	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	córrego	Mombaça	<i>banto</i>	corotopônimo
	rio do	Mombaça	<i>banto</i>	corotopônimo
	córrego	Monjolos	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Itapecirica	córrego	Cafofo	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ ergotopônimo /sociotopônimo
	localidade	Cafofo	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ ergotopônimo /sociotopônimo
	morro	Candongá	<i>banto</i>	animotopônimo
	fazenda	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	ribeirão	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
Itaúna	córrego	Angu Seco	<i>híbrido</i>	ergotopônimo
	fazenda	Angu Seco	<i>híbrido</i>	ergotopônimo
	localidade	Angu Seco	<i>híbrido</i>	ergotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Cafuringa	<i>banto</i>	animotopônimo/ antropotopônimo/

				somatotopônimo
	fazenda	Cafuringa	<i>banto</i>	animotopônimo/ antropotopônimo/ somatotopônimo
	localidade	Cafuringa	<i>banto</i>	animotopônimo/ antropotopônimo/ somatotopônimo
	serra do	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	localidade	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	serra do	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Medeiros	córrego	Caborje	<i>banto</i>	animotopônimo
Nova Serrana	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Conga	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo
	córrego	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	localidade	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
Oliveira	córrego	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	ribeirão	Catinga	<i>banto</i>	animotopônimo
	córrego	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Mandembo	<i>origem incerta</i>	fitopônimo
	ribeirão	Mandembo	<i>origem incerta</i>	fitopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Passa-Tempo	córrego	Bangüê	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	córrego	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	fazenda	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	localidade	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Mandembo	<i>origem incerta</i>	fitopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Pedra do Indaiá	cachoeira da	Cafua	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ sociotopônimo/ ecotopônimo
	fazenda	Cafua	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ sociotopônimo/ ecotopônimo
Perdigão	povoado	Canjica	<i>banto</i>	fitotopônimo/ ergotopônimo/ somatotopônimo
	ribeirão	Canjica	<i>banto</i>	fitotopônimo/ ergotopônimo/ somatotopônimo
	fazenda	Canjica, de Antônio Henrique	<i>híbrido</i>	fitotopônimo/ ergotopônimo/ somatotopônimo
Pimenta	fazenda	Cafuá	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ ergotopônimo/

				sociotopônimo/ ecotopônimo
	morro	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Piracema	córrego	Mandembo	<i>origem incerta</i>	fitopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	povoado	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Piüi	fazenda	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	córrego	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	córrego	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	fazenda	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
Santo Antônio do Amparo	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	ribeirão	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda	Caxambu de Baixo	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda	Caxambu de Cima	<i>híbrido</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	córrego	Cubango	<i>origem incerta</i>	corotopônimo
	córrego	Marimbondó	<i>banto</i>	zootopônimo
	ribeirão	Guandu	<i>banto</i>	fitotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
São Roque de Minas	fazenda	Guiné	<i>origem incerta</i>	etnotopônimo
	lagoa do	Guiné	<i>origem incerta</i>	etnotopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Tapiraí	córrego	Monjolino	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Monjolos	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	ribeirão	Monjolos	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Vargem Bonita	fazenda	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo

Análise quantitativa dos dados

A região Oeste de Minas possui 5.012 topônimos, dentre os quais 150 são de possível origem africana, o que representa 2,9% dos dados coletados. Dos 150 topônimos africanos, 91 (39%) são de origem banto, 34 (35%) são hibridismos formados por possíveis africanismos e palavras de outras origens (portuguesa, indígena, estrangeirismos) e 25 ocorrências, 26% dos dados, são de origem incerta.

Total de topônimos da região: 5012
 Provável origem africana: 150
 Outras origens: 4862

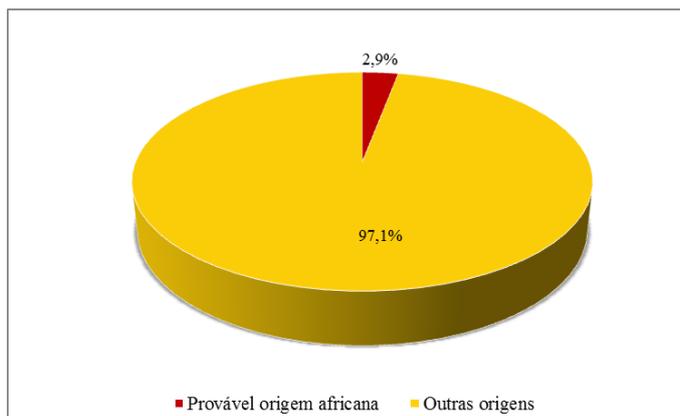


GRÁFICO 57: Oeste de Minas: origem

Africanismos: 150
 Banto: 91
 Híbrido: 34
 Origem incerta: 25

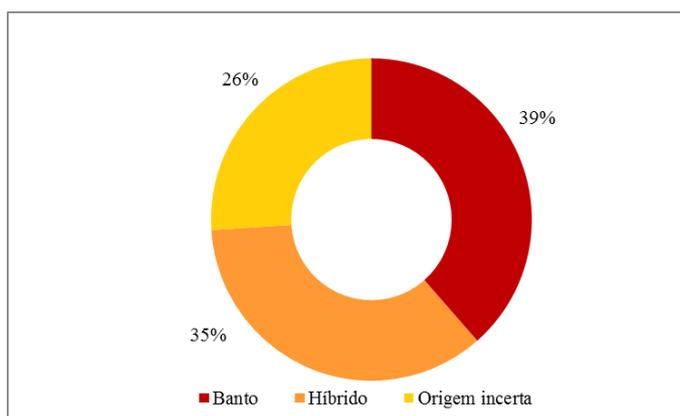


GRÁFICO 58 – Oeste de Minas:
 bases de possível origem africana

Analisamos também a ocorrência dos acidentes geográficos. Dos 150 topônimos, 85 (57%) eram registros de acidentes físicos. Houve o registro de 1 cachoeira, 56 córregos, 1 lagoa, 2 morros, 16 ribeirões, 4 rios e 1 serra de nomeação de provável origem africana. Já os acidentes humanos resultaram em 65 (43%) topônimos, dentre os quais 42 eram fazendas, 20 localidades e 3 povoados.

Acidentes físicos: 85
 cachoeira: 1/ córrego: 56/ lagoa: 1/
 morro: 02/ ribeirão: 16/ rio: 04/ serra:
 05

Acidentes humanos: 65
 fazenda: 42/ localidade: 20/ povoado:
 03/

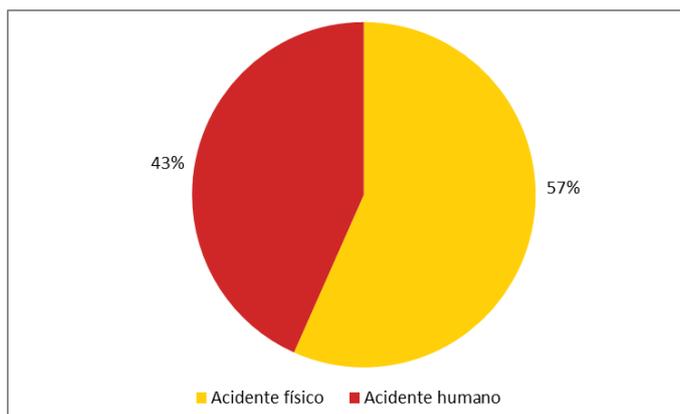


GRÁFICO 59 – Oeste de Minas: acidentes

A análise das taxionomias toponímicas revelou que, dentre os topônimos de provável origem africana do Oeste de Minas, houve maior ocorrência das taxionomias de natureza antropocultural: 243 taxionomias, 78%, contra 69 taxionomias de natureza física, 22%.

Taxionomias toponímicas:
de natureza antropocultural: 243
de natureza física: 69

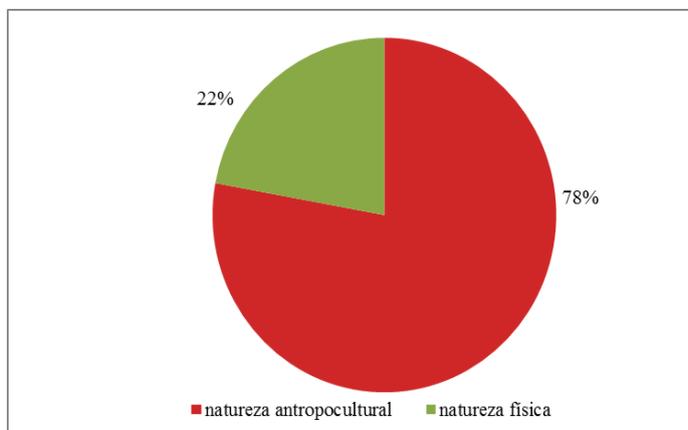


GRÁFICO 60 – Oeste de Minas:
natureza das taxionomias toponímicas

A motivação toponímica mais recorrente no Oeste de Minas foi representada pelos nomes que fazem parte da cultura material do homem, os ergotopônimos, que tiveram 83 ocorrência, o que representa 27% dos dados da região. Em seguida as taxionomias predominantes foram: os sociotopônimos (67 ocorrências/ 21%), os antropotopônimos (60 ocorrências/ 19%) e os fitotopônimos (45 ocorrências/ 14%).

Taxionomias toponímicas
animotopônimo: 11
antropotopônimo: 60
corotopônimo: 07
ecotopônimo: 03
ergotopônimo: 83
etnotopônimo: 06
fitotopônimo: 45
geomorfotopônimo: 06
sociotopônimo: 67
somatotopônimo: 06
zootopônimo: 18

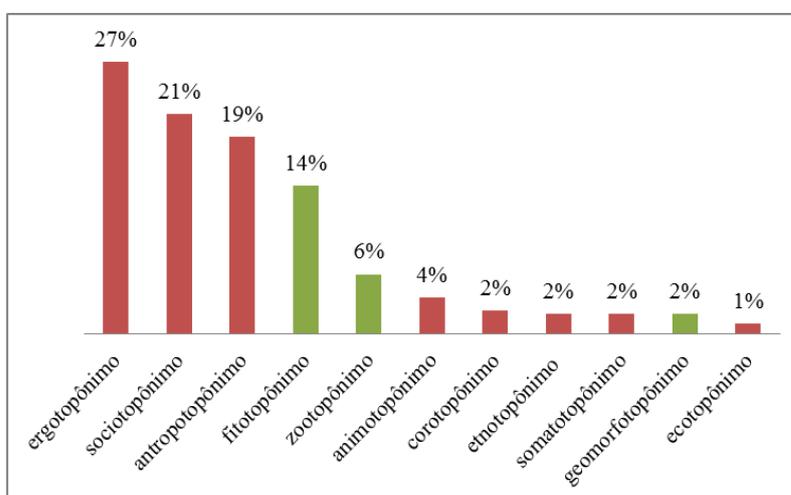


GRÁFICO 61 – Oeste de Minas:
taxionomias toponímicas

As taxionomias de natureza antropocultural mais recorrentes foram os ergotopônimos, com 83 (34%) ocorrências. Em seguida, os mais recorrentes foram: sociotopônimo com 67 ocorrências (28%) e os antropotopônimo com 60 (25%).

Topônimos de natureza antropocultural

animotopônimo: 11
antropotopônimo: 60
corotopônimo: 07
ecotopônimo: 03
ergotopônimo: 83
etnotopônimo: 06
sociotopônimo: 67
somatotopônimo: 06

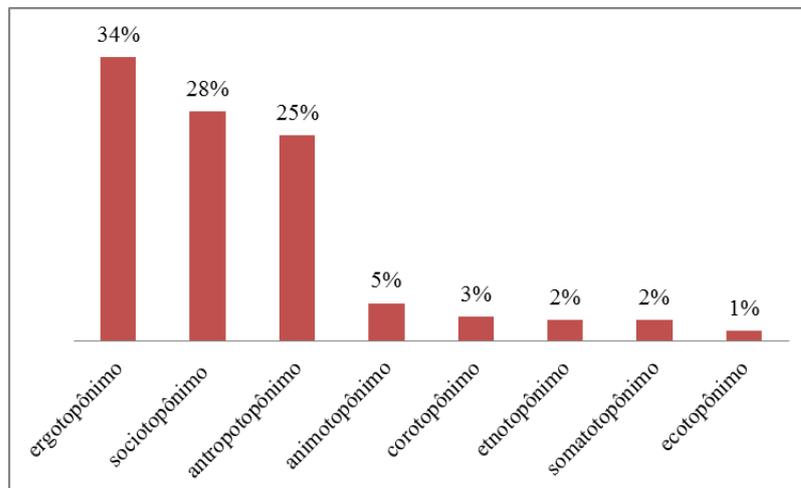


GRÁFICO 62 – Oeste de Minas:
topônimos de natureza antropocultural

Dentre as taxionomias de natureza física, as maiores motivações foram os nomes de planta, foram 45 (65%) fitotopônimos Houve também ocorrência de 18 (26%) zootopônimos e 6 (9%) geomorfotopônimos.

Topônimos de natureza física

fitotopônimo: 45
geomorfotopônimo: 06
zootopônimo: 18

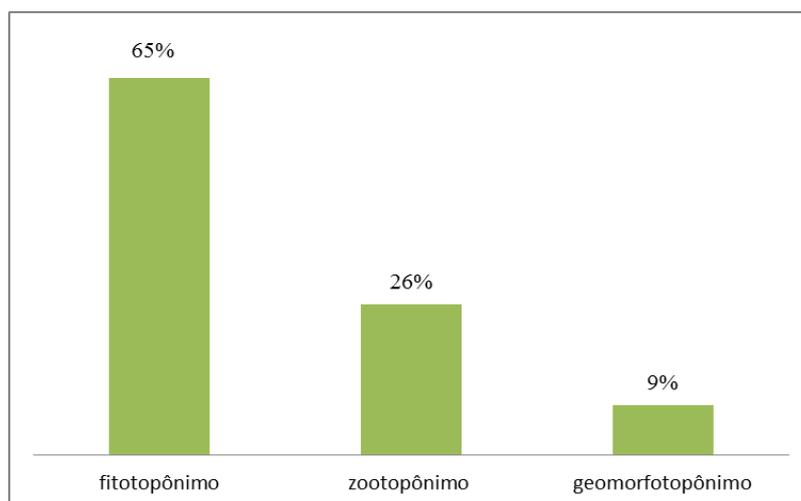


GRÁFICO 63 – Oeste de Minas:
topônimos de natureza física

4.10 RIO DOCE



MAPA 14: Rio Doce

TABELA 10
Rio Doce: relação de topônimos por município

Município	Acidente	Topônimo	Origem	Taxionomia
Açucena	localidade	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	localidade	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Água Boa	localidade	Berimbau	<i>banto</i>	ergotopônimo
Aimorés	córrego da	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	povoado	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	córrego	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Macaquinho	<i>híbrido</i>	zootopônimo
Alpercata	córrego do	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
Antônio Dias	localidade	Congo	<i>banto</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
	localidade	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
Bom Jesus do Galho	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	povoado	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego do	Macaquinho	<i>híbrido</i>	zootopônimo
	localidade	Macaquinho	<i>híbrido</i>	zootopônimo
Bom Jesus do Galho	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Braúnas	localidade	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Campanário	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	localidade	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Caçula	<i>banto</i>	antropotopônimo
	povoado	Córrego Macaquinha	<i>híbrido</i>	hidrotopônimo
	córrego	Macaquinha	<i>híbrido</i>	zootopônimo
	fazenda	Macaquinha	<i>híbrido</i>	zootopônimo
Caratinga	fazenda	Caçula	<i>banto</i>	antropotopônimo
	ribeirão do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego dos	Macacos ou	<i>híbrido</i>	zootopônimo
	córrego do	Macaquinho	<i>híbrido</i>	zootopônimo
Carmésia	localidade	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Conceição de Ipanema	córrego	Bananal de Baixo	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo

	povoado	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Coroaci	ribeirão	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Bananal do Pirapitinga	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	localidade	Bananalzinho	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	localidade	Bananalzinho do Tronqueira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	localidade	Cachoeira do Macaco	<i>híbrido</i>	hidrotopônimo
Córrego Novo	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Dores de Ganhães	localidade	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	localidade	Macaquinho	<i>híbrido</i>	zootopônimo
Galiléia	povoado	Córrego do Macaco Seco	<i>híbrido</i>	hidrotopônimo
	fazenda	Córrego Macaco Seco	<i>híbrido</i>	hidrotopônimo
Governador Valadares	povoado	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	localidade	Bananal do Bom Jardim	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	ribeirão	Bananal do Bom Jardim	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Bananal do Pirapitinga	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	povoado	Bananalzinho	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Bananalzinho do Tronqueiro	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	ilha da	Farofa	<i>origem incerta</i>	ergotopônimo
	córrego do	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	cachoeira do	Macaco	<i>banto</i>	zoomorfotopônimo
	córrego	Macaquinho	<i>híbrido</i>	zootopônimo
Guanhães	localidade	Candongá	<i>banto</i>	antropotopônimo
	localidade	Congo	<i>banto</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
Iapu	córrego	Bambaquiri	<i>origem incerta</i>	sociotopônimo
	povoado	Bambaquiri	<i>origem incerta</i>	sociotopônimo
	córrego	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
Itambacuri	fazenda	Muzambinho	<i>híbrido</i>	mitotopônimo
Itanhomi	córrego do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	povoado	Córrego do Macaco Seco	<i>híbrido</i>	hidrotopônimo
	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	povoado	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Macaco Seco	<i>híbrido</i>	zootopônimo
Itueta	córrego	Macaquinho	<i>híbrido</i>	zootopônimo
	povoado	Macaquinho	<i>híbrido</i>	zootopônimo
Jaguaraçu	localidade	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Joanésia	localidade	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Marilac	rio	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Barra do Bananal	<i>híbrido</i>	geomorfotopônimo
	fazenda	Bom Jardim do Bananal	<i>híbrido</i>	animotopônimo
Mesquita	localidade	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	localidade	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
Mutum	córrego	Candongá	<i>banto</i>	antropotopônimo
Nacip Raydan	córrego do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	localidade	Bananal do Bom Jardim	<i>híbrido</i>	fitotopônimo

	ribeirão	Bananal do Bom Jardim	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Resplendor	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	ribeirão	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Macaquinhos	<i>híbrido</i>	zootopônimo
Sabinópolis	córrego	Congo	<i>banto</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	localidade	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Santa Maria do Suaçuí	localidade	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	localidade	Bananalzinho	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Santa Rita do Itueto	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Macaquinho	<i>híbrido</i>	zootopônimo
	povoado	Marimbondão	<i>banto</i>	zootopônimo
São Geraldo da Piedade	córrego do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
São João do Oriente	povoado	Marimbondão	<i>banto</i>	zootopônimo
São José do Jacuri	localidade	Guandu	<i>banto</i>	fitotopônimo
São Sebastião do Maranhão	fazenda	Banana	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Senhora do Porto	localidade	Congo	<i>banto</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
Sobralia	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	povoado	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	serra do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Tarumirim Tarumirim	córrego	Bananalzinho	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	povoado	Bananalzinho	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Tumiritinga	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	localidade	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Bananalzinho	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Canjiquinha	<i>híbrido</i>	fitotopônimo/ ergotopônimo/ somatotopônimo
	córrego	Macaco Seco	<i>híbrido</i>	zootopônimo
Virginópolis	fazenda	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo

Análise quantitativa dos dados

A região do Rio Doce possui 7.336 topônimos, dentre os quais 104 são de possível origem africana, o que representa 1,4% dos dados da região. Dos 104 topônimos africanos, 37 (35%) são de origem banto, 60 (58%) são hibridismos formados por possíveis africanismos e palavras de outras origens (portuguesa, indígena, estrangeirismos) e 7 (7%) são de origem incerta.

Total de topônimos da região: 7336
 Provável origem africana: 104
 Outras origens: 7232

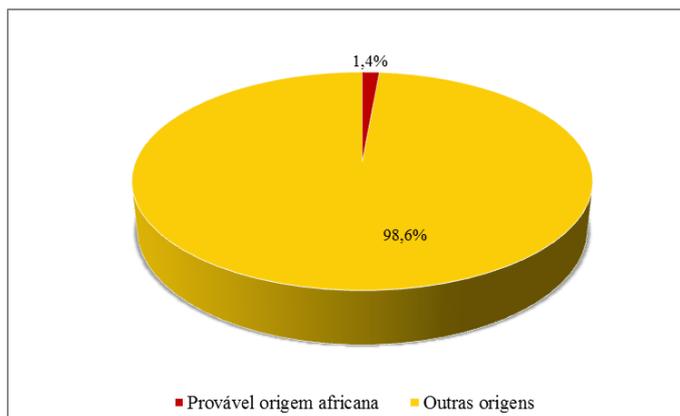


GRÁFICO 64: Rio Doce: origem

Africanismos: 104
 Banto: 37
 Híbrido: 60
 Origem incerta: 07

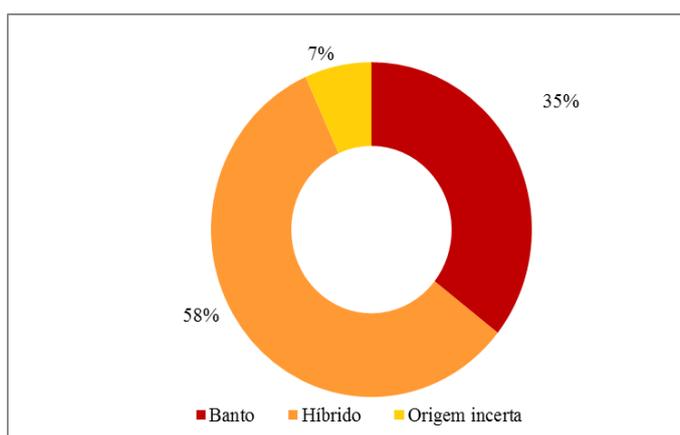


GRÁFICO 65 – Rio Doce:
bases de possível origem africana

Analisamos também a ocorrência dos acidentes. Dos 104 topônimos, 48 (46%) são registros de acidentes físicos. Houve o registro de 1 cachoeira, 40 córregos, 5 ribeirões, 1 rio e 1 serra de nomeação de provável origem africana. Já os acidentes humanos resultaram em 56 (54%) topônimos, dentre os quais 13 eram fazendas, 1 ilha, 15 povoados e 27 localidades.

Acidentes físicos: 48
 cachoeira: 01/ córrego: 40/ ribeirão:
 05/ rio: 01/ serra: 01
Acidentes humanos: 56
 fazenda: 13/ ilha: 01/ localidade: 27/
 povoado: 15

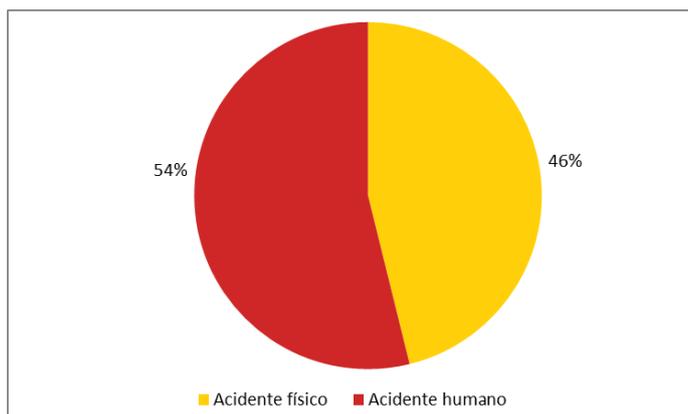


GRÁFICO 66 – Rio Doce: acidentes

A análise das taxionomias toponímicas revelou que, dentre os topônimos de provável origem africana do Rio Doce, houve maior ocorrência de taxionomias de natureza física: 77 taxionomias, 62%, contra 47 taxionomias de natureza antropocultural, 38%.

Taxionomias toponímicas:
de natureza antropocultural: 47
de natureza física: 77

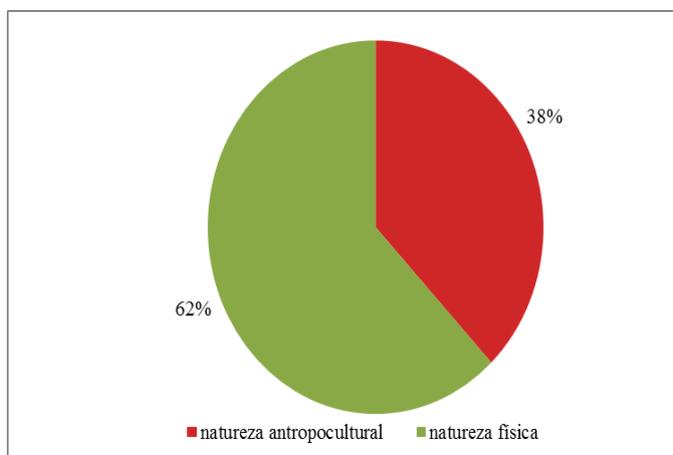


GRÁFICO 67 – Rio Doce:
natureza das taxionomias toponímicas

A motivação toponímica mais recorrente no Rio Doce foi representada pelos nomes de plantas, os fitotopônimos, que tiveram 43 ocorrências, o que representa 45% dos dados da região. Em seguida as taxionomias predominantes foram: os sociotopônimos (18 ocorrências/ 19%), os antropotopônimos (9 ocorrências/ 10%) e os ergotopônimos (9 ocorrências/ 9%).

Taxionomias toponímicas

animotopônimo: 03
antropotopônimo: 09
corotopônimo: 02
ergotopônimo: 09
etnotopônimo: 04
fitotopônimo: 43
geomorfotopônimo: 01
hidrotopônimo: 05
mitotopônimo: 01
sociotopônimo: 18
somatotopônimo: 01
zootopônimo: 28

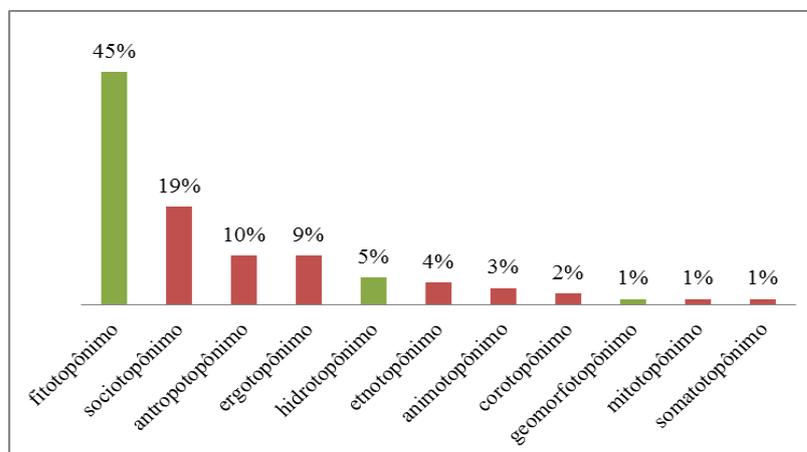


GRÁFICO 68 – Rio Doce:
taxionomias toponímicas

As taxionomias de natureza antropocultural mais recorrentes foram os sociotopônimos, com 18 (38%) ocorrências. Em seguida, os mais recorrentes foram: antropotopônimos e os ergotopônimos com 9 ocorrências (19%) cada.

Topônimos de natureza antropocultural

animotopônimo: 03
antropotopônimo: 09
corotopônimo: 02
ergotopônimo: 09
etnotopônimo: 04
mitotopônimo: 01
sociotopônimo: 18
somatotopônimo: 01

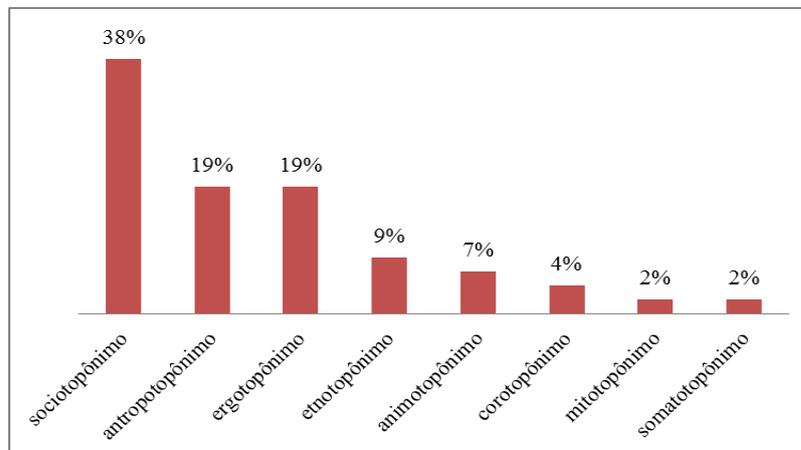


GRÁFICO 69 – Rio Doce:
topônimos de natureza antropocultural

Dentre as taxionomias de natureza física, as maiores motivações foram os nomes de animais e planta, foram 27 zootopônimo (38%) e 26 fitotopônimos (37%). Houve também ocorrência de 13 (18%) geomorfotopônimos.

Topônimos de natureza física

fitotopônimo: 43
geomorfotopônimo: 01
hidrotopônimo: 05
zootopônimo: 28

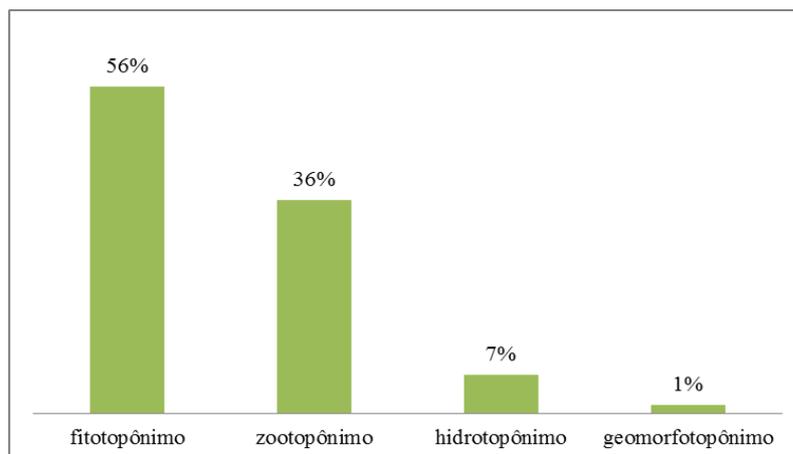


GRÁFICO 70 – Rio Doce:
topônimos de natureza física

4.11 SUL



MAPA 15: Sul

TABELA 11
Sul: relação de topônimos por município

Município	Acidente	Topônimo	Origem	Taxonomia
Aiuruoca	fazenda do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego da	Canjiquinha	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego do	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda do	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Alagoa	fazenda	Alto do Quilombo	<i>híbrido</i>	dimensiotopônimo/ geomorfotopônimo
Alfenas	fazenda	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	rio	Muzambo	<i>origem incerta</i>	mitotopônimo
Alpinópolis	córrego	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	fazenda	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	fazenda	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	serra do	Dondó (dondo)	<i>banto</i>	etnotopônimo
	fazenda	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
	fazenda do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Alterosa	rio	Muzambo	<i>origem incerta</i>	mitotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Andradas	córrego do	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	fazenda do	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/

				animotopônimo
Andrelândia	córrego	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	córrego	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	fazenda	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	córrego do	Candongga	<i>banto</i>	antropotopônimo
	fazenda do	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	serra da	Candongga	<i>banto</i>	antropotopônimo
	serra do	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	serra do	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
Areado	fazenda do	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	fazenda	Muzambo	<i>origem incerta</i>	mitotopônimo
Baependi	fazenda	Bamba	<i>banto</i>	antropotopônimo/ ergotopônimo
	ribei	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Boa Esperança	fazenda	Candongga	<i>banto</i>	antropotopônimo
	córrego do	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	ribeirão do	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
Bom Jardim de Minas	fazenda	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
Bom Jesus da Penha	fazenda	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Brasópolis	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Cachoeira de Minas	córrego do	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	morro do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Camanducaia	córrego do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	morro do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Cambuí	fazenda do	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	ribeirão	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	ribeirão do	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	córrego do	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Cambuquira	córrego	Marimbeiro	<i>híbrido</i>	antropotopônimo
	fazenda	Marimbeiro	<i>híbrido</i>	antropotopônimo
Campanha	fazenda	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
Campestre	córrego do	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	sítio do	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	fazenda dos	Capangas	<i>banto</i>	antropotopônimo
Campo do Meio	fazenda	Angolinha	<i>híbrido</i>	corotopônimo

	fazenda	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
Campos Gerais	fazenda	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	fazenda	Angolinha	<i>híbrido</i>	corotopônimo
	fazenda do	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
Carmo da Cachoeira	ribeirão do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
Carmo de Minas	fazenda do	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Carmo do Rio Claro	fazenda	Angolinha	<i>híbrido</i>	corotopônimo
	córrego do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	povoado	Mandembo	<i>origem incerta</i>	fitopônimo
Carvalhópolis	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
Carvalhos	fazenda da	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego do	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	fazenda	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	córrego do	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	córrego do	Macaquinho	<i>híbrido</i>	zootopônimo
	córrego do	Macaquinho	<i>híbrido</i>	zootopônimo
	córrego do	Macaquinho	<i>híbrido</i>	zootopônimo
	fazenda	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	morro do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	morro: 08	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	serra do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Cássia	córrego da	Banana	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	córrego do	Banana	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	fazenda do	Banana	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego do	Mandembo	<i>origem incerta</i>	fitopônimo
Caxambu	córrego do	Bengo	<i>banto</i>	hodotopônimo
	ribeirão	Bengo	<i>banto</i>	hodotopônimo
	cidade	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	morro do	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	córrego	Mombaça	<i>banto</i>	corotopônimo
Conceição dos Ouros	fazenda	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
Conceição dos Pedros	fazenda do	Guandu	<i>banto</i>	fitotopônimo
Congonhal	fazenda dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	ribeirão: 13	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Consolação	córrego	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
Coqueiral	córrego	Candongá	<i>banto</i>	antropotopônimo
	fazenda	Marimbondó	<i>banto</i>	zootopônimo
Cristina	córrego	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda	Mandembo	<i>origem incerta</i>	fitopônimo
Cristina	morro do	Mandembo	<i>origem incerta</i>	fitopônimo

Delfinópolis	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	morro do	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	fazenda dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego do	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda do	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego do	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Monjolos	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
fazenda do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo	
Delfinópolis	serra do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Divisa Nova	rio	Muzambo	<i>origem incerta</i>	mitotopônimo
Estiva	córrego do	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	córrego do	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Guapé	serra dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Heliodora	fazenda	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Ibiraci	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Ilicínea	sítio dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Inconfidentes	córrego do	Angu	<i>banto</i>	ergotopônimo
	fazenda do	Angu Frio	<i>híbrido</i>	ergotopônimo
	fazenda da	Cafua	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ sociotopônimo/ ecotopônimo
Itamoji	córrego do	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
Itanhandú	córrego do	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
Jacuí	fazenda	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego das	Bananeiras	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Canjica	<i>banto</i>	fitotopônimo/ ergotopônimo/ somatotopônimo
	córrego da	Canjica	<i>banto</i>	fitotopônimo/ ergotopônimo/ somatotopônimo
Jacutinga	córrego do	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	córrego do	Fubá	<i>banto</i>	ergotopônimo
	fazenda do	Fubá	<i>banto</i>	ergotopônimo
Jesuânia.	fazenda do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Juruiaia	córrego do	Guiné	<i>origem incerta</i>	corotopônimo/ fitotopônimo
	serra da	Guiné	<i>origem incerta</i>	corotopônimo/ fitotopônimo
	serra do	Macaca	<i>banto</i>	zootopônimo

	fazenda	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	rio	Muzambo	<i>origem incerta</i>	mitotopônimo
Lambari	fazenda	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	fazenda	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
Liberdade	córrego do	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	fazenda do	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
Minduri	serra do	Moleque	<i>banto</i>	antropotopônimo
	córrego	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Monsenhor Paulo	fazenda	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Monte Belo	córrego	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	rio	Muzambo	<i>origem incerta</i>	mitotopônimo
Monte Santo de Minas	fazenda	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	córrego do	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Monte Sião	ribeirão do	Guiné	<i>origem incerta</i>	corotopônimo/ fitotopônimo
	fazenda do	Guiné de Baixo	<i>híbrido</i>	corotopônimo/ fitotopônimo
	fazenda do	Guiné de Cima	<i>híbrido</i>	corotopônimo/ fitotopônimo
	córrego	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	serrote dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda do	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Muzambinho	povoado	Mocambo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	cidade	Muzambinho	<i>híbrido</i>	mitotopônimo
	rio	Muzambinho	<i>híbrido</i>	mitotopônimo
	rio	Muzambinho	<i>híbrido</i>	mitotopônimo
	rio	Muzambinho	<i>híbrido</i>	mitotopônimo
	serra de	Muzambinho	<i>híbrido</i>	mitotopônimo
	fazenda	Muzambo	<i>origem incerta</i>	mitotopônimo
	rio	Muzambo	<i>origem incerta</i>	mitotopônimo
	rio	Muzambo	<i>origem incerta</i>	mitotopônimo
Natércia	sítio	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Nova Resende	córrego	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	fazenda	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo

	córrego do	Cambina	<i>banto</i>	etnotopônimo/ antropotopônimo/ sociotopônimo
Passa Quatro	córrego	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	córrego do	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	córrego do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Passa Vinte	rio da	Banana	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	fazenda do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	rio	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Congo	<i>banto</i>	etnotopônimo/ sociotopônimo
	córrego do	Congo	<i>banto</i>	etnotopônimo
	fazenda do	Congo	<i>banto</i>	etnotopônimo sociotopônimo
Passos	córrego	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	fazenda	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	córrego do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego da	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda da	Canga	<i>banto</i>	ergotopônimo
	fazenda	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Poço Fundo	serra do	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	fazenda	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
Pouso Alegre	fazenda	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
Pouso Alto	córrego do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	morro	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda do	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Santa Rita de Caldas	fazenda do	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Santana da Vargem	fazenda	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
São Gonçalo do Sapucaí	ribeirão do	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	fazenda do	Conguês	<i>híbrido</i>	etnotopônimo
	serra do	Quiabeiro	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
São Pedro da União	córrego do	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda do	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	serra	Marimbondos	<i>banto</i>	zootopônimo
São Sebastião da Bela Vista.	fazenda do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
São Sebastião do Paraíso	córrego do	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	córrego do	Angolinha	<i>híbrido</i>	corotopônimo
	fazenda da	Angolinha	<i>híbrido</i>	corotopônimo
	córrego do	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/

				ergotopônimo/ antropotopônimo
São Thomé das Letras.	fazenda do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
São Tomás de Aquino	fazenda da	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	fazenda do	Córrego do Monjolo	<i>híbrido</i>	hidrotopônimo
Senador Amaral	fazenda do	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	ribeirão do	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	ribeirão do	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
Seritinga	córrego da	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	fazenda da	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Serrania	córrego do	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	fazenda	Muzambinho	<i>híbrido</i>	mitotopônimo
	ribeirão	Muzambinho	<i>híbrido</i>	mitotopônimo
	rio	Muzambo	<i>origem incerta</i>	mitotopônimo
Serranos	córrego	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Serranos	fazenda da	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Silvianópolis	córrego do	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Soledade de Minas	fazenda do	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	fazenda do	Marimbondó	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda do	Marimbondó	<i>banto</i>	zootopônimo
Tocos do Moji	córrego do	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
Três Corações	fazenda	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	fazenda do	Angu	<i>banto</i>	ergotopônimo
Três Pontas	ribeirão do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananeira	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Turvolândia	córrego do	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	fazenda	Boa Vista do Cafundó	<i>híbrido</i>	animotopônimo
	córrego da	Cafua	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ sociotopônimo/ ecotopônimo
	fazenda da	Cafua	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ sociotopônimo/ ecotopônimo
	fazenda dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Venceslau Brás	córrego do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo

Análise quantitativa dos dados

A região Sul possui 10.160 topônimos, dentre os quais 250 são de possível origem africana, o que representa 2,5% dos dados coletados. Dos 250 topônimos africanos, 150 (60%) são de origem banto, 69 (28%) são híbridos formados por possíveis africanismos e palavras de outras origens (portuguesa, indígena, estrangeirismos) e 30 (12%) são de origem incerta.

Total de topônimos da região: 10160
Provável origem africana: 250
Outras origens: 9910

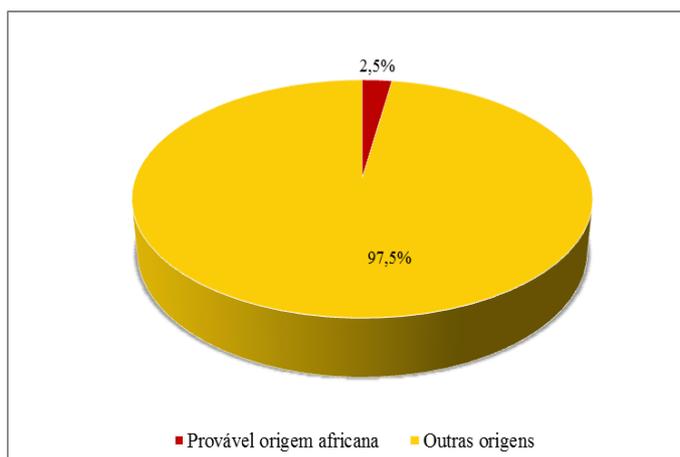


GRÁFICO 71: Sul: origem

Africanismos: 249
Banto: 150
Híbrido: 69
Origem incerta: 30

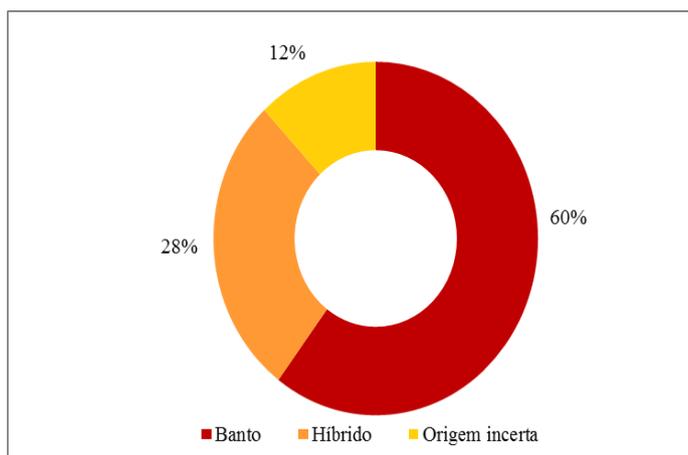


GRÁFICO 72 – Sul:
bases de possível origem africana

Analisamos também a ocorrência dos acidentes. Dos 249 topônimos, 136 (55%) eram registros de acidentes físicos. Houve o registro de 85 córregos, 8 morros, 15 ribeirões, 13 rios e 15 serras e 1 serras. Já os acidentes humanos resultaram em 113 (45%) topônimos, dentre os quais 108 fazendas e 2 povoados e 3 sítios.

Acidentes físicos: 136

córrego: 85/ morro: 08/ ribeirão: 15/
rio: 13/ serra: 15

Acidentes humanos: 113

fazenda: 106/ povoado: 02/ sítio: 03

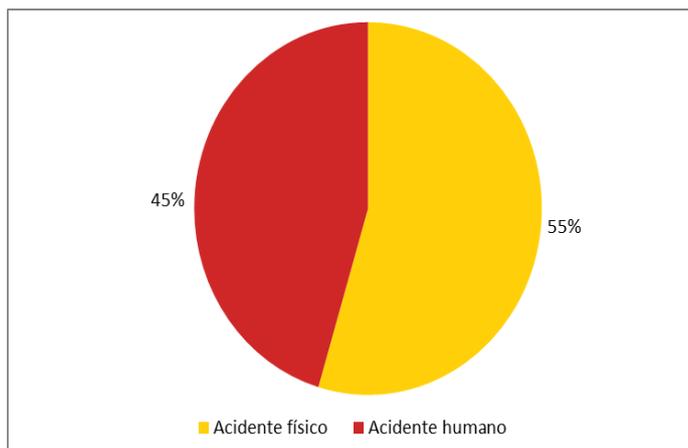


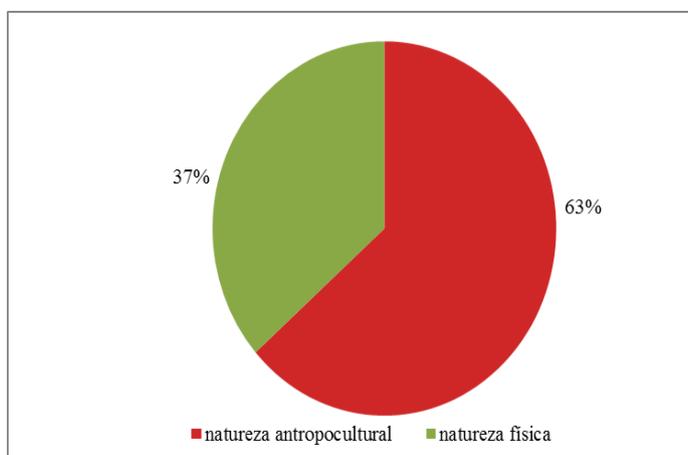
GRÁFICO 73 – Sul: acidentes

A análise das taxionomias toponímicas revelou que, dentre os topônimos de provável origem africana do Rio Doce, houve maior ocorrência de taxionomias de natureza antropocultural: 186 taxionomias, 63%, contra 37 taxionomias de natureza física, 37%.

Taxionomias toponímicas:

de natureza antropocultural: 186

de natureza física: 107

GRÁFICO 74 – Sul:
natureza das taxionomias toponímicas

A motivação toponímica mais recorrente no Sul foi representada pelos nomes que fazem parte da cultura material do homem, os ergotopônimos, que tiveram 72 ocorrências, o que representa 20,5% dos dados da região. Em seguida as taxionomias predominantes foram: os sociotopônimos (55 ocorrências/ 15,6%), os fitotopônimo (49 ocorrências/ 13,9%), os antropotopônimos (40ocorrências/ 11,4%), e os zootopônimos (36 ocorrências/ 10,2%).

Taxionomias toponímicas

animotopônimo: 20
 antropotopônimo: 40
 corotopônimo: 25
 dimensiotopônimo: 01
 ecotopônimo: 03
 ergotopônimo: 72
 etnotopônimo: 06
 fitotopônimo: 49
 geomorfotopônimo: 21
 hidrotopônimo: 01
 hodotopônimo: 02
 hodotopônimo: 01
 mitotopônimo : 17
 sociotopônimo: 55
 somatotopônimo: 03
 zootopônimo: 36

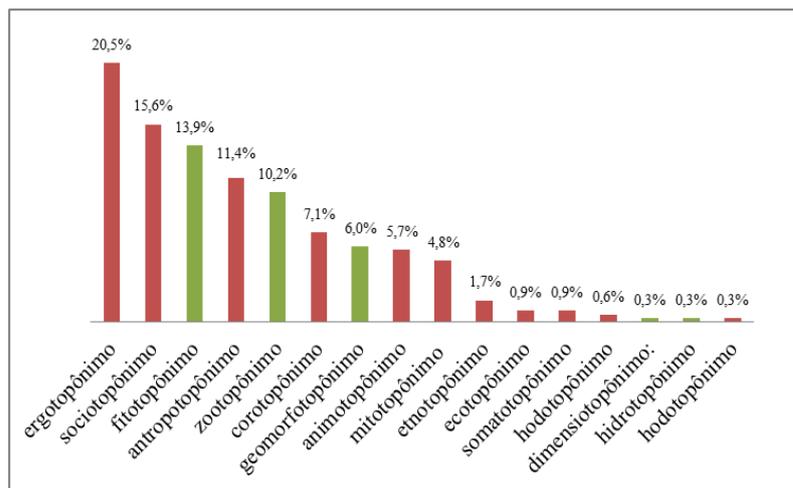


GRÁFICO 75 – Sul:
taxionomias toponímicas

As taxionomias de natureza antropocultural mais recorrentes foram os ergotopônimo, com 72 (29,5%) ocorrências. Em seguida, os mais recorrentes foram: sociotopônimo com 55 ocorrências (22,5%) e antropotopônimos com 40 (16,4%) ocorrências.

Topônimos de natureza antropocultural

animotopônimo: 20
 antropotopônimo: 40
 corotopônimo: 25
 dimensiotopônimo: 01
 ecotopônimo: 03
 ergotopônimo: 72
 etnotopônimo: 06
 hodotopônimo: 02
 mitotopônimo : 17
 sociotopônimo: 55
 somatotopônimo: 03

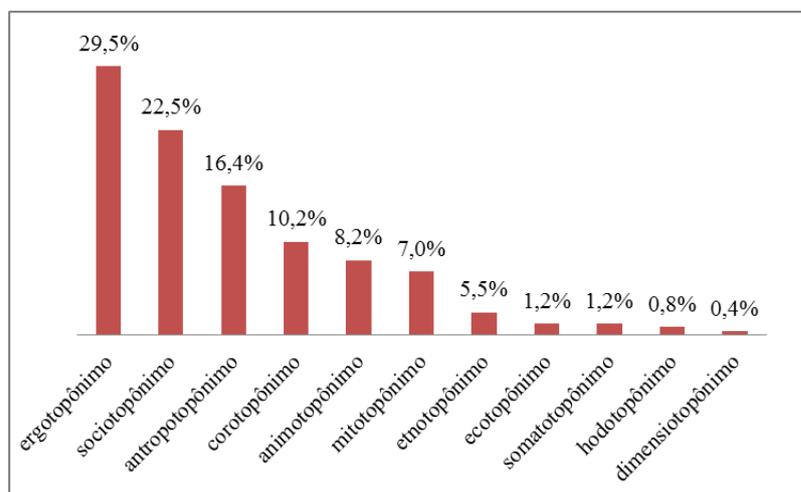


GRÁFICO 76 – Sul:
topônimos de natureza antropocultural

Dentre as taxionomias de natureza física, as maiores motivações foram os nomes de planta, foram 49 fitotopônimos (46%). Houve também ocorrência de 21 (34%) geomorfotopônimos, 36 (15%) zootopônimos e 1 (1%) hidrotopônimo.

Topônimos de natureza física

fitotopônimo: 49
geomorfotopônimo: 21
hidrotopônimo: 01
zootopônimo: 36

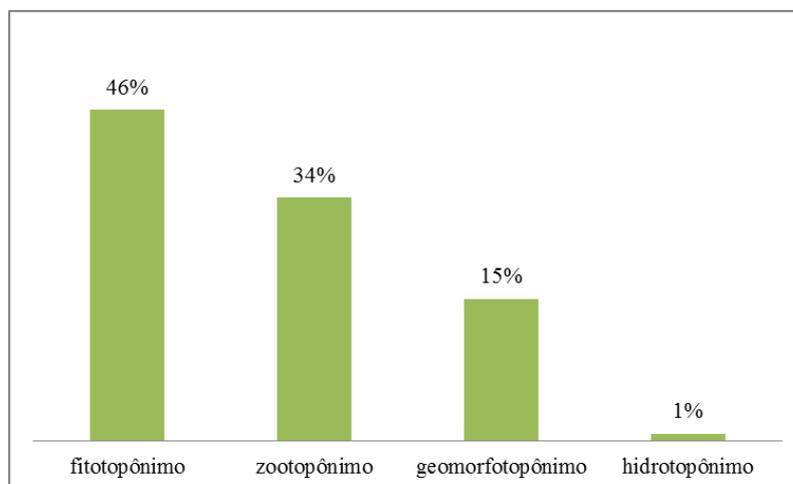


GRÁFICO 77 – Sul:
topônimos de natureza física

4.12 TRIÂNGULO/ ALTO PARANAÍBA



MAPA 15: Triângulo/ Alto Paranaíba

TABELA 12
Triângulo/Alto Paranaíba: relação de topônimos por município

Município	Acidente	Topônimo	Origem	Taxionomia
Araguari	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Cachimbo	<i>banto</i>	ergotopônimo/ litotopônimo
	córrego	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Cachimbo	<i>banto</i>	ergotopônimo/ litotopônimo
	fazenda	Catito	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Ilha dos Macacos	<i>híbrido</i>	geomorfotopônimo
	fazenda	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	fazenda	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	localidade	Cachimbo	<i>banto</i>	ergotopônimo/ litotopônimo
	localidade	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
Araxá	serra do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Campina Verde	córrego	Angolinha		corotopônimo
	córrego	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda do	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	serra do	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
Campos Altos	córrego	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda dos	Monjolos	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	morro	Guiné	<i>banto</i>	corotopônimo/ fitotopônimo
Capinópolis	córrego do	Moleque	<i>banto</i>	antropotopônimo
	córrego do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda do	Moleque	<i>banto</i>	antropotopônimo
Carmo do Paranaíba	córrego	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	córrego	Maxixe	<i>banto</i>	fitotopônimo
	fazenda	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	fazenda	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	povoado	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Conquista	córrego	Candongá	<i>banto</i>	antropotopônimo
	córrego	Marimbondinho	<i>híbrido</i>	zootopônimo
	córrego	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo

	fazenda	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
Cruzeiro da Fortaleza	fazenda do	Inhame	<i>origem incerta</i>	fitotopônimo
Douradoquara	serra do	Calango	<i>banto</i>	zootopônimo
Fronteira	represa de	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
Frutal	córrego do	Moleque	<i>banto</i>	antropotopônimo
	fazenda	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	localidade	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	ribeirão	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	serra do	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
Grupiara	ribeirão dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
Gurinhata	córrego	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	fazenda	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	serra do	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
Ibiá	chapada	Zabumba	<i>banto</i>	ergotopônimo
	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Quilombo do Ambrósio	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
	córrego	Zabumba	<i>banto</i>	ergotopônimo
	fazenda	Banana	<i>banto</i>	fitotopônimo
	fazenda	Quilombo do Ambrósio	<i>híbrido</i>	sociotopônimo
	fazenda	Zabumba	<i>banto</i>	ergotopônimo
	ribeirão	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Ipiacu	córrego	Cangalha	<i>banto</i>	ergotopônimo
Itapegipe	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Ituiutaba	córrego	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego do	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego do	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Iturama	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	fazenda do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
Lagoa Formosa	córrego	Maxixe	<i>banto</i>	fitotopônimo/ sociotopônimo
	serra do	Maxixe	<i>banto</i>	fitotopônimo/ sociotopônimo
Monte Alegre de Minas	córrego	Cumba	<i>banto</i>	antropotopônimo
	córrego	Matoco	<i>banto</i>	somatotopônimo
	córrego	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego da	Caçamba	<i>banto</i>	ergotopônimo

	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
Nova Ponte	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Patos de Minas	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
Patrocínio	córrego	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	córrego	Monjolo Velho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Perdizes	córrego	Anguzinho	<i>híbrido</i>	ergotopônimo
	córrego	Monjolo Velho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego do	Angu	<i>banto</i>	ergotopônimo
	córrego do	Monjolo Velho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Angolinha	<i>híbrido</i>	corotopônimo
Prata	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Nêgo Cotinha	<i>híbrido</i>	antropotopônimo
	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	povoado	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Rio Paranaíba	córrego	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego do	Monjolo	<i>banto</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Angola	<i>banto</i>	corotopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
Sacramento	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego	Marimbondó	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	fazenda	Cafundó	<i>banto</i>	geomorfotopônimo/ animotopônimo
	fazenda	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
	fazenda	Marimbondó	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	povoado	Bananal	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	ribeirão	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
Santa Rosa da Serra	córrego	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego do	Guiné	<i>banto</i>	antropotopônimo

	córrego do	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Monjolinho, de João Mizael	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Santa Vitória	córrego do	Cachimbo	<i>banto</i>	ergotopônimo/ litotopônimo
	fazenda da	Farofa	<i>origem incerta</i>	ergotopônimo
São Gotardo	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
Serra do Salitre	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego da	Bananeira	<i>híbrido</i>	ergotopônimo
Tapira	córrego do	Macaco	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Bananeiras	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda	Candongá	<i>banto</i>	antropotopônimo
	fazenda	Caxambu	<i>banto</i>	ergotopônimo/ sociotopônimo
Tiros	fazenda	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
Tupaciguara	córrego	Cumba	<i>banto</i>	antropotopônimo
	localidade	Cumba	<i>banto</i>	antropotopônimo
Uberaba	córrego	Catitu	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Macamba	<i>banto</i>	corotopônimo/ fitotopônimo
Uberlândia	córrego	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	córrego	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	córrego do	Quiabo Assado	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Angolinha	<i>híbrido</i>	corotopônimo
	fazenda	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo
	fazenda do	Quiabo Assado	<i>híbrido</i>	fitotopônimo
	fazenda dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	localidade	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	localidade	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
localidade	Quilombo	<i>banto</i>	sociotopônimo	
Veríssimo	córrego	Catitu	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego	Catitu	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego do	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	córrego dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Catitu	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda	Monjolinho	<i>híbrido</i>	sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo
	fazenda do	Marimbondo	<i>banto</i>	zootopônimo
	fazenda dos	Macacos	<i>banto</i>	zootopônimo

Análise quantitativa dos dados

A região do Triângulo/ Alto Paranaíba possui 11.373 topônimos, dentre os quais 162 são de possível origem africana, o que representa 1,4 % dos dados coletados. Dos 162 topônimos africanos, 108 (87%) são de origem banto, 48 (29%) são hibridismos formados por possíveis africanismos e palavras de outras origens (portuguesa, indígena, estrangeirismos) e 6 (4%) são de origem incerta.

Total de topônimos da região: 11373
Provável origem africana: 162
Outras origens: 11211

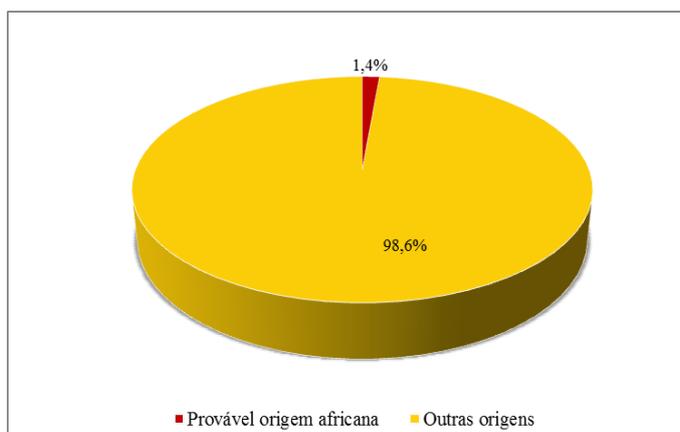


GRÁFICO 78: Triângulo/ Alto Paranaíba: origem

Africanismos: 162
Banto: 108
Híbrido: 48
Origem incerta: 06

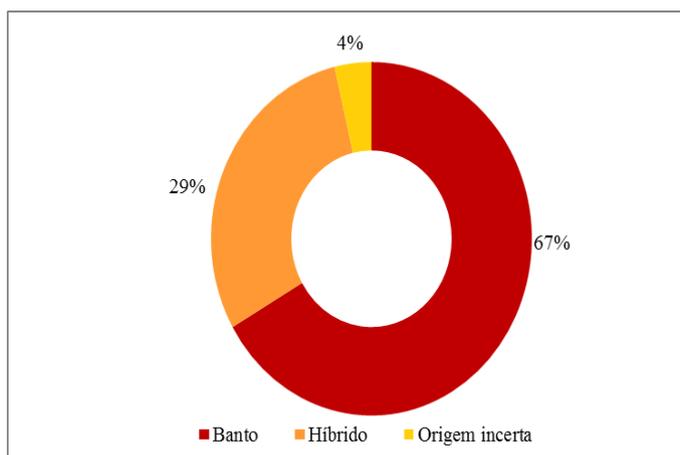


GRÁFICO 79 – Triângulo/ Alto Paranaíba:
bases de possível origem africana

Analisamos também a ocorrência dos acidentes geográficos. Dos 162 topônimos, 94 (58%) eram registros de acidentes físicos. Houve o registro de 1 chapada, 80 córregos, 1 morro, 1 represa, 5 ribeirões e 6 serras de nomeação de provável origem africana. Já os acidentes humanos resultaram em 68 (42%) topônimos, dentre os quais 57 eram fazendas, 8 localidades e 3 povoados.

Acidentes físicos: 94

chapada: 01/ córrego: 80/ morro: 01/
represa: 01/ ribeirão: 05/ serra: 06

Acidentes humanos: 68

fazenda: 57/ localidade: 08/ povoado:
03

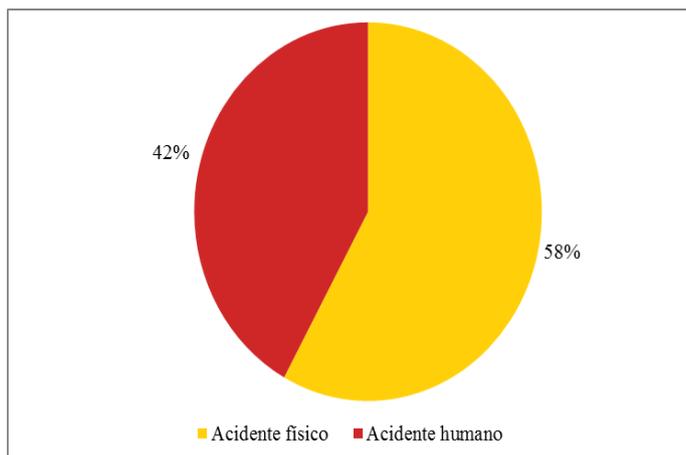


GRÁFICO 80 – Triângulo/ Alto Paranaíba:
acidentes geográficos

A análise das taxionomias toponímicas revelou que, dentre os topônimos de provável origem africana do Triângulo/ Alto Paranaíba, houve maior ocorrência de taxionomias de natureza antropocultural: 143 taxionomias, 64%, contra 81 taxionomias de natureza física, 36%.

Taxionomias toponímicas:

de natureza antropocultural: 143

de natureza física: 81

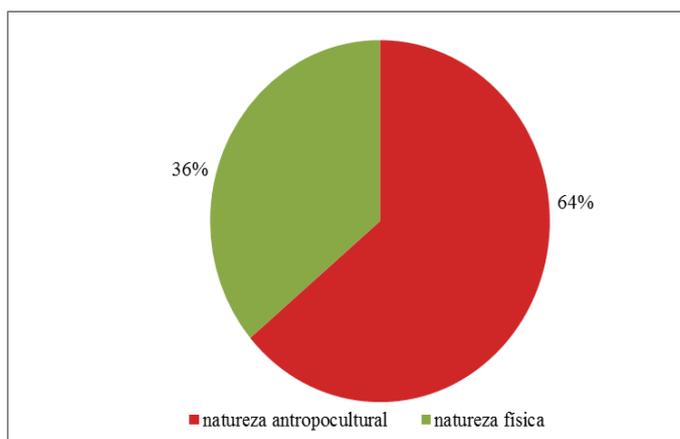


GRÁFICO 81 – Triângulo/ Alto Paranaíba:
natureza das taxionomias toponímicas

A motivação toponímica mais recorrente no Triângulo/ Alto Paranaíba foi representada pelos nomes relativos às atividades do homem, os sociotopônimos, que tiveram 52 ocorrências, o que representa 23% dos dados da região. Em seguida as taxionomias predominantes foram: os zootopônimos (47 ocorrências/ 21%), os ergotopônimos (42 ocorrências/ 19%), os antropotopônimos (36 ocorrências/ 16%) e os fitotopônimo (25 ocorrências/ 11%).

Taxionomias toponímicas

animotopônimo: 03
 antropotopônimo: 36
 corotopônimo: 10
 ergotopônimo: 42
 fitotopônimo: 25
 geomorfotopônimo: 05
 litotopônimo: 04
 sociotopônimo: 52
 zootopônimo : 47

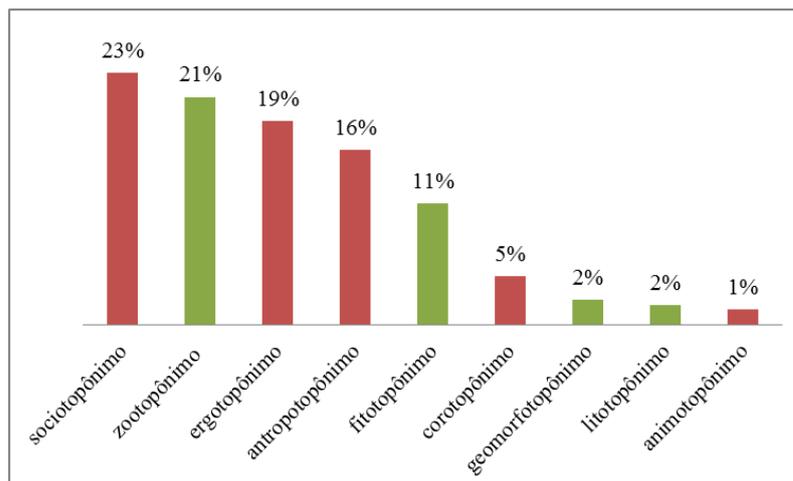


GRÁFICO 82 – Triângulo/ Alto Paranaíba:
 taxionomias toponímicas

As taxionomias de natureza antropocultural mais recorrentes foram os sociotopônimos, com 52 (37%) ocorrências. Em seguida, os mais recorrentes foram: ergotopônimo com 42 ocorrências (30%) e os antropotopônimos com 36 (25%) ocorrências.

Topônimos de natureza antropocultural

animotopônimo: 03
 antropotopônimo: 36
 corotopônimo: 10
 ergotopônimo: 42
 sociotopônimo: 52

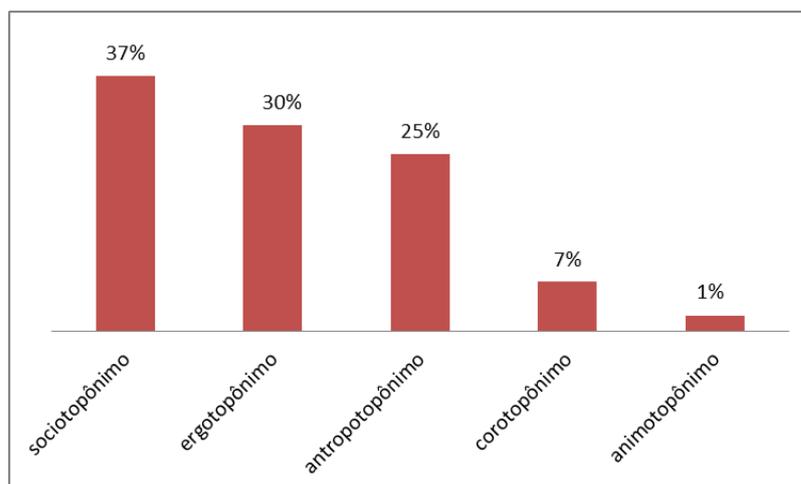


GRÁFICO 83 – Triângulo/ Alto Paranaíba:
 topônimos de natureza antropocultural

Dentre as taxionomias de natureza física, as maiores motivações foram os nomes de animais. Tivemos o registro de 47 zootopônimo (58%). Houve também a ocorrência de 25 (31%), fitotopônimos, 6 (6%), geomorfotopônimos e 4 (5%) litotopônimos.

Topônimos de natureza física

zootopônimo : 47

fitotopônimo: 25

geomorfotopônimo: 05

litotopônimo: 04

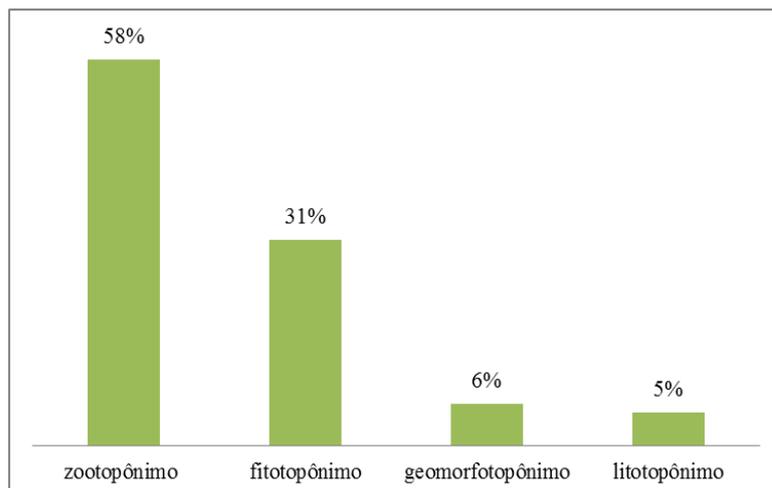


GRÁFICO 84: Triângulo/ Alto Paranaíba – Mucuri:
topônimos de natureza física

4.13 A TOPONÍMIA AFRICANA EM MINAS GERAIS: ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS

Com base na análise dos dados das mesorregiões de Minas Gerais, concluímos que a região Oeste de Minas foi a que obteve maior número percentual de topônimos de possível origem africana, registrando 2,9% dos dados da região (150 africanismos dentre os 5.012 dados coletados). Em seguida, a região Sul, registrando 2,2% dos dados coletados (250 africanismos dentre os 10.160 dados coletados). Segue, na TABELA 13, a relação dos registros de africanismos em Minas Gerais por mesorregião, ordenados a partir das regiões que obtiveram maior número percentual de registros de africanismos.

TABELA 13
Minas Gerais: africanismos por mesorregião

Mesorregião	Porcentagem	Ocorrências
Oeste de Minas	2,9%	150
Sul	2,5%	250
Mata	2,2%	199
Campo das Vertentes	2,2%	77
Central Mineira	2,0%	82
Metropolitana	1,8%	170
Norte	1,6%	148
Triângulo/ Alto Paranaíba	1,4%	162
Rio Doce	1,4%	104
Noroeste	1,4%	27
Mucuri	1,2%	29
Jequitinhonha	1,1%	82

De acordo com os dados do projeto ATEMIG, Minas Gerais possui 84.923 topônimos, dentre os quais 1480 são de possível origem africana, o que representa 1,7% dos dados coletados no Estado. Dos 1480 topônimos africanos, 898 (60,7%) são de origem banto, 463 (31,3%) são híbridos formados por possíveis africanismos e palavras de outras origens (portuguesa, indígena, estrangeirismos), 108 (7,3%) são de origem incerta, 6 (0,4%) são banto/kwa e 5 (0,3%) são do kwa.

Total de topônimos da região: 84923
Provável origem africana: 1480
Outras origens: 83443

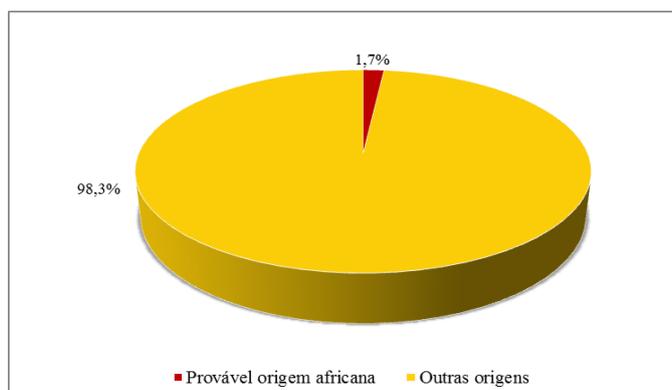


GRÁFICO 85 – Minas Gerais: topônimos de provável origem africana

Africanismos: 1480
Banto: 898
Híbrido: 463
Kwa/ banto: 06
Kwa: 05
Origem incerta: 108

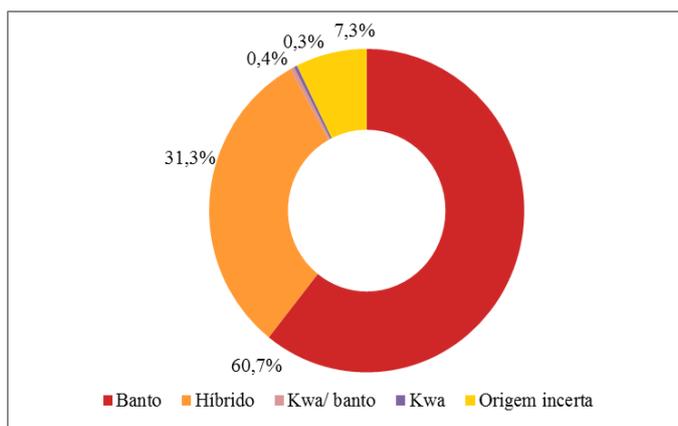


GRÁFICO 86 – Minas Gerais: bases de possível origem africana

Analisamos também a ocorrência dos acidentes geográficos de Minas Gerais. Dos 1480 topônimos, 838 (57%) são acidentes físicos. Houve o registro de 4 cachoeiras, 637 córregos, 1 ilha, 24 lagoas, 18 morros, 1 represa, 12 riachos, 59 ribeirões, 34 rios, 48 serras cujas nomeações são de provável origem africana. Já os acidentes humanos resultaram em 642 (43%) topônimos, dentre os quais 3 são cidades (Monjolos – Central Mineira/ Muzambinho e Caxambu – Sul), 427 fazendas, 143 localidades, 48 povoados, 15 serras, 3 sítios e 3 vilas.

Acidentes físicos: 838

cachoeira: 04/ córrego: 637/ ilha: 01/
 lagoa: 24/ morro: 18/ represa: 01/
 riacho: 12/ ribeirão: 59/ rio: 34/ serra:
 48

Acidentes humanos: 642

cidade: 03/ fazenda: 427/ localidade:
 143/ povoado: 48/ serra: 15/ sítio: 03/
 vila: 03

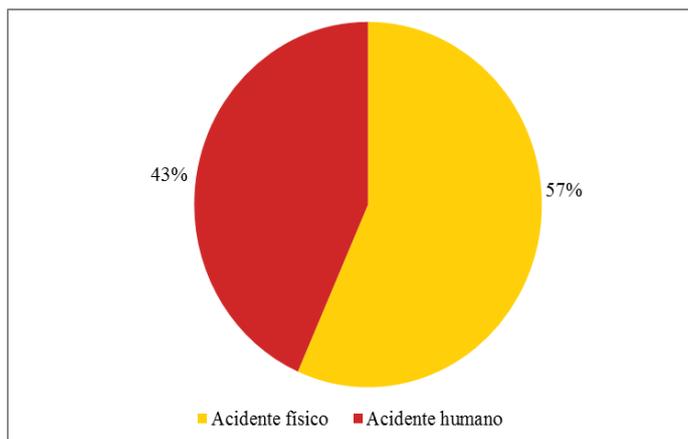
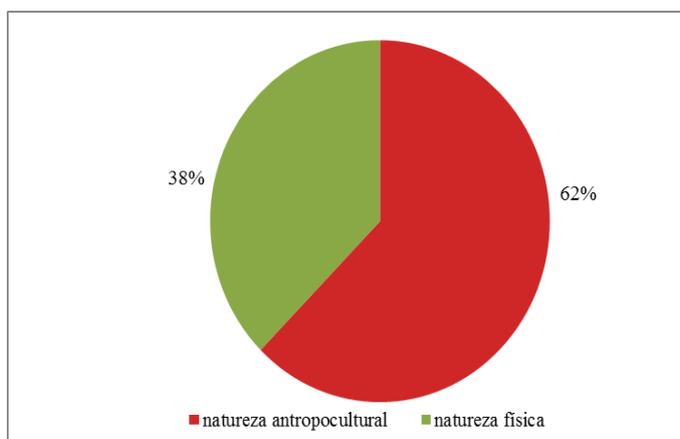


GRÁFICO 87 – Minas Gerais: acidentes geográficos

A análise das taxionomias toponímicas revelou que, dentre os topônimos de provável origem africana de Minas Gerais, houve maior ocorrência de taxionomias de natureza antropocultural: 1356 taxionomias, 62%, contra 817 taxionomias de natureza física, 38%.

Taxionomias toponímicas:

de natureza antropocultural: 1356
 de natureza física: 734

GRÁFICO 88 – Minas Gerais:
natureza das taxionomias toponímicas

A motivação toponímica mais recorrente em Minas Gerais foi representada pelos nomes relativos às atividades do homem, os sociotopônimos, que tiveram 457 ocorrências, o que representa 21,9% dos dados. Em seguida, as quatro taxionomias mais recorrentes foram: 364 (17,4%) ergotopônimo, 358 (17,1%) fitotopônimo, 265 (12,7%) zootopônimo, 252 (12,1%) antropotopônimo. Houve também a ocorrência das seguintes taxionomias: 110 (5,3%) animotopônimo, 80 (3,8%) geomorfotopônimo, 68 (3,3%) corotopônimo, 24 (1,1%) etnotopônimo, 24 (1,1%) somatotopônimo, 21 (1,0%) mitotopônimo, 20 (1,0%) hidrotopônimo, 11 (0,5%) hierotopônimo, 11(0,5%) hodotopônimo, 9 (0,4%) ecotopônimo, 8 (0,4%) litotopônimo, 4 (0,2%) dirrematotopônimo, 3(0,1%) dimensiotopônimo, 1 (0,1%) hagiopônimo.

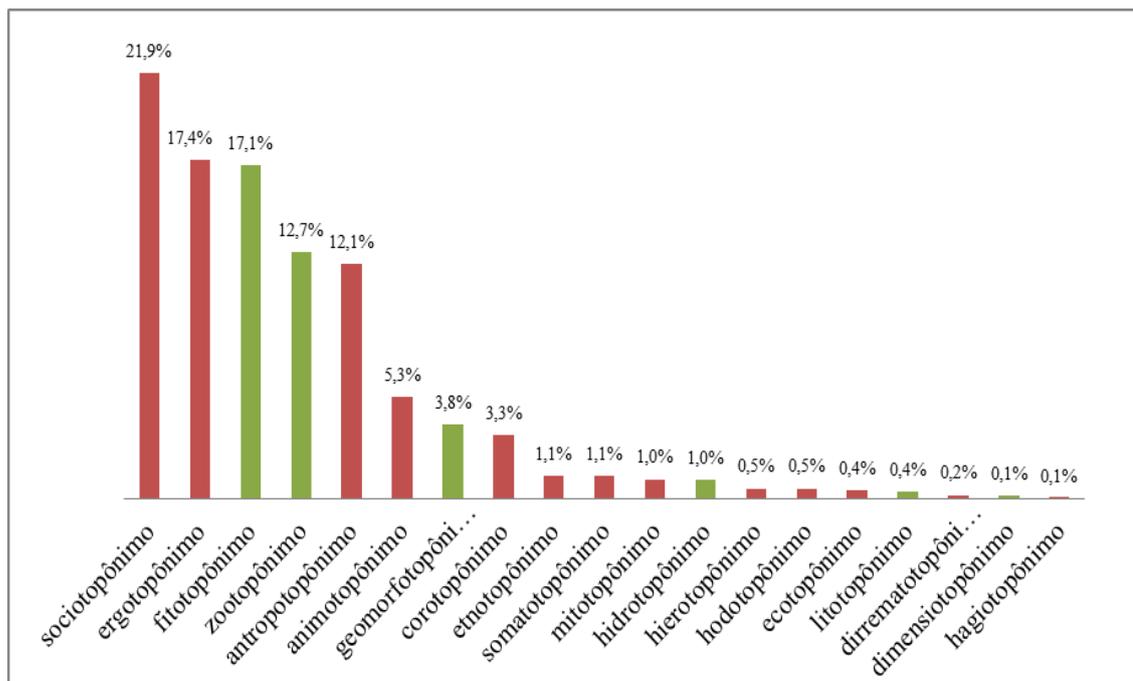


GRÁFICO 89 – Minas Gerais:
taxionomias toponímicas

As taxionomias de natureza antropocultural mais recorrentes foram os sociotopônimos, com 457 (37%) ocorrências. Em seguida, os mais recorrentes foram: ergotopônimo com 364 ocorrências (30%) e os antropotopônimos com 252 (25%) ocorrências.

Topônimos de natureza antropocultural

animotopônimo: 110
antropotopônimo: 252
corotopônimo: 68
dirrematopônimo: 04
ecotopônimo: 09
ergotopônimo: 364
etnotopônimo: 24
hagiotopônimo: 01
hierotopônimo: 11
hodotopônimo: 11
mitotopônimo: 21
sociotopônimo: 457

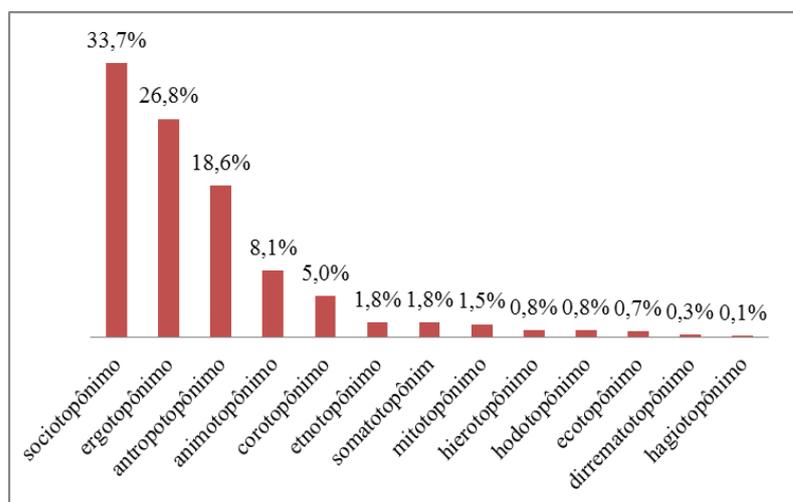


GRÁFICO 90 – Minas Gerais:
topônimos de natureza antropocultural

Dentre as taxionomias de natureza física, as maiores motivações foram os nomes de plantas. Os fitotopônimos tiveram 358 (48,8%) ocorrências. Houve também a ocorrência de 265 (36,1%) zootopônimo), 80 (10,9%). geomorfotopônimos e 20 (2,7%) hidrotopônimo, 8 (1,1%) litotopônimos e 3 (0,4%) dimensiotopônimos.

Topônimos

de natureza física

dimensiotopônimo: 03

fitotopônimo: 358

geomorfotopônimo: 80

hidrotopônimo: 20

litotopônimo: 08

zootopônimo: 265

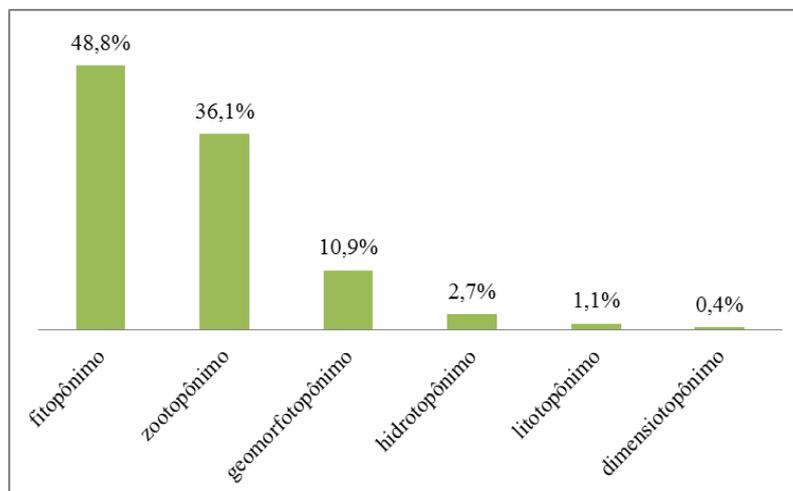


GRÁFICO 91: – Minas Gerais:
topônimos de natureza física

Neste capítulo realizamos a análise toponímica dos dados que formam nosso *corpus*. No próximo capítulo, precede à análise das bases léxicas de possível origem africana que formam os topônimos mineiros.

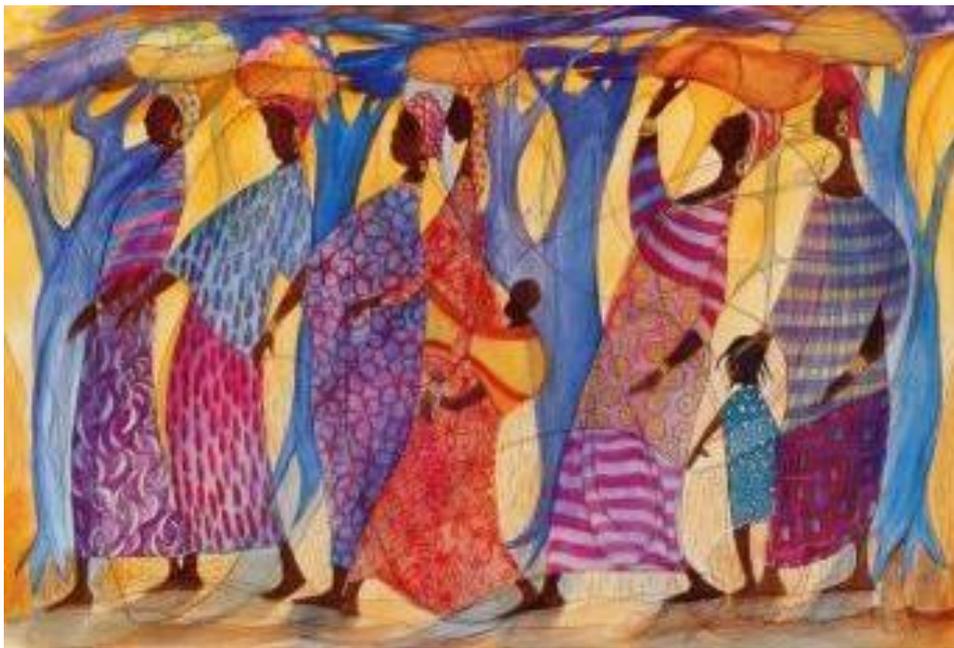


FIGURA 9: *Women's Work is Never Done*, de Sadie Patterson.
Fonte: < <http://michelechristine.wordpress.com/pinturas/pintura-africana/#comment-1387> >
Acesso em: 18 fev. 2012

Capítulo 5 – Análise linguística dos topônimos africanos

5.1 ANÁLISE DAS BASES LÉXICAS DE PROVÁVEL ORIGEM AFRICANA

Nesta seção, apresentamos os topônimos agrupados de acordo com as bases léxicas de provável origem africana e as variações dessas nos topônimos de Minas Gerais. Organizamos esses dados na TABELA 14, na qual listamos, além das bases e suas variações, as fontes bibliográficas, em ordem alfabética, que serviram de embasamento para afirmar a origem dos africanismos e elaborar as definições dos verbetes, que serão apresentados no próximo capítulo. Registramos também, entre parênteses, o número de variações da base léxica africana nos topônimos de Minas Gerais.

Para a análise linguística dos topônimos africanos foram consultados dicionários gerais, morfológico e etimológico do português e alguns vocabulários de obras que registraram termos africanos. Dentre as obras consultadas estão: *Vocabulário portuguez e latino*, 1712 – 1728, de Raphael Bluteau; *Diccionario da lingua portuguesa*, 1813, de Antonio Moraes Silva; *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, 1957, de Laudelino Freire; *Dicionário morfológico da língua portuguesa*, 1984, de Evaldo Eckler, Sebald Back e Egon Ricardo Massing; *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha, 2007.

Consultamos também a compilação *Vocabulário africano em dicionários e glossários do português brasileiro*, de Sônia Queiroz, cujos verbetes, além da definição do termo, oferecem as fontes nas quais a palavra consta registrada e os étimos possíveis registrados nessas obras. Das fontes utilizadas na compilação, destacamos: *Africanismos no Brasil*, 1921 e *Africanos no Brasil*, 1938, de Nelson de Senna; *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, 1933, de Jacques Raymundo; *Os africanismos do dialeto gaúcho*, 1936, de Dante Laytano; *Dicionário de vocábulos brasileiros*, 1956, de Beurepaire-Rohan; *A influência africana no português do Brasil*, 1973, de Renato Mendonça; *Dicionário Aurélio eletrônico século XXI*, 1997, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; *Falares africanos na Bahia*, 2001, de Yeda Pessoa de Castro.

Registramos também algumas etimologias para os termos africanos sugeridas pelos autores das obras consultadas. Nelas podemos observar as possibilidades variadas de definições de étimos dos africanismos, o que evidencia a dificuldade para definir a etimologia das palavras africanas, e o que também justifica nossa opção por afirmá-las como palavras de possível origem africana.

Embora já se use a grafia aportuguesada das línguas africanas, que inclusive é a que utilizamos neste trabalho, nos registros das etimologias possíveis, foram mantidas as abreviaturas conforme o convencionalizado que aparece nas obras consultadas, ou seja, prevalecem as letras y e k. Segue a listagem dessas abreviaturas.

Abreviaturas

Bd.– bundo
 Cg. – congo
 Fb. – fongbe da Daomeia
 Kik. – quicongo
 Kimb. – quibundo
 Umb. – umbundo
 Yor. – yorubá

TABELA 14
 Bases léxicas de provável origem africana

BASE	REGISTRO LEXIGRÁFICO		VARIANTES	
	Fontes	Possível etimologia	Topônimo	Origem
ANGOLA (2)	BLUTEAU, 1729; CASTRO, 2001; FREIRE, 1957; <i>et al.</i> , 1984; LAYTANO, 1936; SENNA, 1938 e 1921	Kimb. <i>Ngóolá/ Ángoola</i> , título do soberano dos territórios que os portugueses conquistaram no século XVI e denominaram de Angola. CASTRO. LAYTANO, SOARES; Kimb. SENNA.	Angola	<i>banto</i>
			Angolinha	<i>híbrido [banto + suf port]</i>
ANGU (8)	CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; LAYTANO, 1936; MENDONÇA, 1973; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1938 e 1921	Fon <i>àgun</i> , pirão de inhame ou de mandioca, sem tempero. CASTRO; Kimb. SENNA; No Golfo da Guiné, chama-se angu a papas semelhantes ao infunde angolês. No amb. tem-se ouangu, âuangu, ouango, erva, que talvez provenha de infunde io uangu, tendo infunde como erva, restando apenas o determinante. RAYMUNDO.	Angu	<i>kwa</i>
			Angu Cru	<i>híbrido [kwa + port]</i>
			Angu Frio	<i>híbrido [kwa + port]</i>
			Angu Seco	<i>híbrido [kwa + port]</i>
			Anguzinho	<i>híbrido [kwa + suf port]</i>
			Come Angu	<i>híbrido [port + banto]</i>
			Pão de Angu	<i>híbrido [port + banto]</i>
Pau de Angu	<i>híbrido [port + banto]</i>			
	<i>híbrido [port + banto]</i>			
BAMBA	CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; FREIRE, 1957; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1938	Kik./ Kimb. <i>mbamba</i> . CASTRO. Kik./Kimb. <i>mbangui</i> . CASTRO; Amb. <i>mbamba</i> : SENNA, RAYMUNDO. Kik./Kimb. <i>kibamba</i> , CASTRO. bd. <i>mbamba</i> = jogo; talvez, no bilhar, jogo à toa, sem reflexão, grosseiro. Encurtamento de <i>bamburro</i> [?] talvez para evitar entre os jogadores a idéia ligada às duas últimas sílabas. Propendemos para a primeira origem, tanto mais que em alguns artigos seguintes vamos achar <i>bamba</i> como tronco de vocábulos africanos abasileirados, com a significação de dança, jogo, brincadeira, divertimento de muita gente reunida. SOARES; Kimb. SENNA.	Bamba	<i>banto</i>
BAMBAQUIRI	FREIRE, 1957; LAYTANO, 1936; MENDONÇA, 1973; SENNA, 1938;	SOARES; Kimb. <i>mbamba</i> (radical) + querê, alteração do v. querer. LAYTANO.	Bamba	<i>banto</i>

BAMBÊ	CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; LAYTANO, 1936; MENDONÇA, 1973; RAYMUNDO, 1933	Kik./Kimb. <i>mbambe</i> . CASTRO, LAYTANO; bd. e cg. De Mbambi: limite, rumo, aceiro. SOARES; Amb. <i>mbambe</i> , marco, divisa. RAYMUNDO.	Bambê	<i>banto</i>
BANANA (27)	BLUTEAU, 1729; CUNHA, 2007; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; LAYTANO, 1936; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1938; SILVA, 1813	Procede da região da Guiné e arredores, no ualofo, no mandinga (Serra-Leoa e Gâmbia), banana, no sussu ou sosso banani, no vei e no limbaou iembê bana, no nsima pólen, que é uma variante. RAYMUNDO.	Banana	<i>origem incerta</i>
			Alto da Bananeira	<i>híbrido [port + (or inc + suf port)]</i>
			Banana do Brejo	<i>híbrido [or inc + port]</i>
			Banana Preta	<i>híbrido [or inc + port]</i>
			Bananal	<i>híbrido [or inc + suf port]</i>
			Bananal de Antônio Gigo	<i>híbrido [{or inc + suf port} + antropônimo]</i>
			Bananal de Baixo	<i>híbrido [{or inc + suf port} port]</i>
			Bananal de Eraco Teixeira	<i>híbrido [{or inc + suf port} + antropônimo]</i>
			Bananal de Ernesto Lima	<i>híbrido[{or inc + suf port} + antropônimo]</i>
			Bananal de Felismino Teixeira	<i>híbrido [{or inc + suf port} + antropônimo]</i>
			Bananal de Geraldo Nilo	<i>híbrido [{or inc + suf port} + antropônimo]</i>
			Bananal de Inácio J da Costa	<i>híbrido[{or inc + suf port} + antropônimo]</i>
			Bananal de José Colares	<i>híbrido [{or inc + suf port} + antropônimo]</i>
			Bananal de José Lima	<i>híbrido[{or inc + suf port} + antropônimo]</i>
			Bananal do Bom Jardim	<i>híbrido [{or inc + suf port} + antropônimo]</i>
			Bananal do Dico Saraiva	<i>híbrido [{or inc + suf port} + antropônimo]</i>
			Bananal do Meio	<i>híbrido [or inc + port + suf port]</i>
			Bananal do Pirapitinga	<i>híbrido [{or inc + suf port} + tupi]</i>
			Bananal Pequeno	<i>híbrido [{or inc + suf port} + port]</i>
			Bananalzinho	<i>híbrido [or inc + suf port]</i>
			Bananalzinho do Tronqueira	<i>híbrido [{or inc + suf port} + port]</i>
			Bananas	<i>origem incerta</i>
			Bananeira	<i>híbrido [or inc + suf port]</i>
Bananeiras	<i>híbrido [or inc + suf port]</i>			

			Barra do Bananal	<i>híbrido</i> [port + [or inc + suf port]]
			Bom Jardim do Bananal	<i>híbrido</i> [{port + port } + {or inc + suf port }]
			Córrego Bananal do Meio	<i>híbrido</i> [port + {or inc + port } + port]
BANGUÊ	CASTRO 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; LAYTANO, 1936; MENDONÇA, 1973; SENNA, 1938;	Kik. <i>bangá</i> > <i>bangi</i> , padfola de cipós entrelaçados. Kik. <i>mwanzai</i> > <i>mwanze mwange</i> , canal, rego. Kik. <i>(nzo)mwange</i> / Kimb. <i>(nzo)muenge</i> , casa de cana-de-açúcar. CASTRO; Kimb./ bd.: mbanguê. SOARES, SENNA, LAYTANO.	Banguê	<i>banto</i>
BANGUELA	CASTRO 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; MENDONÇA, 1973; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1938; SILVEIRA, 1975C, 1974; ;	Kik. <i>bangala</i> , fender, rachar. Kik. <i>(ki)bangala</i> , fenda (nos dentes). CASTRO. O sentido figurado vem do costume dos benguelas arrancarem os dentes da frente das crianças em tenra idade, como fazem os australianos. SOARES; Kimb. SENNA; Ngela é chifre e ba-ngela, pl. com o prefixo ba<bana, pra designar nação ou tribo. RAYMUNDO.	Banguela	<i>banto</i>
BENGO (2)	CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; MENDONÇA, 1973; SENNA, 1938 e 1921	Kik. <i>mbengu</i> . CASTRO, SENNA; Derivado de Bengo, povoação angolense. MENDONÇA. Kik. <i>mbengi</i> / Kimb. <i>dibengu</i> . Kik./ Kimb. <i>mbengo</i> , <i>mbungu</i> . CASTRO.	Bengo	<i>banto</i>
			Córrego do Bengo	<i>híbrido</i> [port + <i>banto</i>]
BERIMBAU	BLUTEAU, 1729; CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER ; SILVA, 1813	Kik./ Kimb/ Unb. <i>(o)madimbaw</i> . CASTRO; Quimb. <i>mbirimbau</i> . HECKLER.	Berimbau	<i>banto</i>
BONGO	CASTRO, 2001	Kik./Kimb. <i>kibongu</i> . CASTRO	Bongo	<i>banto</i>
BUMBA	BLUTEAU, 1729; CUNHA, 2007; CASTRO, 2001; SENNA, 1938; LAYTANO, 1936 FREIRE, 1957	He vocábulo de Angola, mas usado dos Portuguezes por chaça. BLUTEAU; Kimb. SENNA; Afric. de origem onomatopaica. LAYTANO	Bumba Gatunda	<i>híbrido</i> [<i>banto</i> + n/e]
CABORJE (2)	CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; MENDONÇA, 1973; SENNA, 1938	Kik. <i>kinloji</i> /Kimb. <i>kaloji</i> . CASTRO. Kimb. <i>kambanje</i> . CASTRO	Caborje	<i>banto</i>
			Caborjes	<i>banto</i>
CAÇAMBA	CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1938;	Kimb. <i>kisambu</i> , cesto grande. CASTRO, TEIXEIRA, SENNA, RAYMUNDO.	Caçamba	<i>banto</i>
CAÇANJE	CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984	Kik. <i>(Ka)Nsansi</i> , gênio protetor de crianças, nome de mulher, mulher sábia. CASTRO.	Caçanje	<i>banto</i>
CACHIMBO (2)	BLUTEAU, 1729; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; SILVA, 1813	Kik. <i>(ka)nzingu</i> / Kimb. <i>(ka)nzimu</i> , lit. pequeno tição fumegante. CASTRO; Kimb. quixima: poço, buraco, coisa ôca. MENDONÇA, SOARES, SENNA, LAYTANO; Do pref. dim. ka + tchimbu, nome de uma concha, decerto alteração de njimbu. Os ladinos de Moçambique chamam ao chocalho, feito de quengo de um coco chimbo, cujo dim. é ka-chi-imbo. RAYMUNDO.	Cachimbo	<i>banto</i>
			Cachimbeiro	<i>híbrido</i> [<i>banto</i> + suf port]
CACIMBA (2)	BLUTEAU, 1729; CASTRO, 2001;	Kik./ Kimb. <i>kisima</i> , <i>kisimbu</i> , vasilha. CASTRO; Kimb. do t. antiquado quichima, atual cacimba,	Cacimba	<i>banto</i>
			Cacimbas	<i>banto</i>

	FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; LAYTANO, 1936; MENDONÇA, 1973; SENNA, 1938; SILVA, 1813;	cacimbo, poço, fonte, composição de ca dim. + cimbo denominação freqüente dada aos lugares onde se encontra água, cavando poços. MENDONÇA, SOARES, LAYTANO.	Cacimbinha	<i>híbrido [banto + suf port]</i>
CACOCO (2)	FREIRE, 1957		Cacoco	<i>origem incerta</i>
			Cacoco de Cima	<i>híbrido [or inc + port]</i>
CAÇULA	CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; LAYTANO, 1936; MENDONÇA, 1973; RAYMUNDO, 1933.; SENNA, 1938 e 1921; ;	Kik. <i>kasuka</i> / Kimb. <i>kasule</i> / Umb. <i>okwaula</i> . CASTRO; Amb. <i>kasule</i> = o último filho. <i>ka</i> pref. dim. SENNA. Kimb. <i>cuçula</i> = <i>caçula</i> pilar, socar. MENDONÇA, SOARES, SENNA, RAYMUNDO	Caçula	<i>banto</i>
CACULÉ	FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; SENNA, 1938		Caçule	<i>banto</i>
CAFOFO	CASTRO, 2001	Kik./Kimb. <i>Kafwofo</i> ; <i>kafwofo</i> , lugar de coisas mortas. Kik. <i>muufu</i> > <i>kamufuufu</i> , lugar que exala mau-cheiro. CASTRO	Cafofo	<i>banto</i>
CAFOTA	FREIRE, 1957 CASTRO, 2001.	Kik. <i>kufutu</i> . CASTRO	Cafota	<i>banto</i>
CAFUA	BLUTEAU, 1729; CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; LAYTANO, 1936; MENDONÇA, 1973; SENNA, 1938 e 1921; SILVA, 1813	Kik. <i>kafwalala</i> , lugar obscuro, sombrio. CASTRO; Kafundu, cravar, com a substituição do prrefixo <i>ku</i> por <i>ka</i> . MENDONÇA; Kimb. <i>kufundu</i> LAYTANO	Cafua	<i>banto</i>
CAFUNDÓ (4)	FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984	Quimb. <i>kafundu</i> . HECKLER; Kik./ Kimb. (<i>ka</i>) <i>mfundu</i> . CASTRO; Amb. <i>ka-nfundu</i> . Em amb., <i>nfundu</i> é um pequeno abrigo à margem da estrada para poucos viajantes. RAYMUNDO; Kimb. <i>kufundu</i> . SENNA, LAYTANO	Cafundó	<i>banto</i>
			Cafumó	<i>banto</i>
			Cafundão	<i>[banto + suf port]</i>
			Cafundozinho	<i>híbrido [banto + suf port]</i>
CAFUNGA	CASTRO, 2001; RAYMUNDO, 1933	Kik. <i>kafunga</i> < <i>funga</i> . CASTRO; Cg. <i>nkafunga</i> , taciturno. RAYMUNDO	Cafunga	<i>banto</i>
CAFURINGA	CASTRO, 2001	Kik./Kimb. <i>kafuringa</i> . CASTRO	Cafuringa	<i>banto</i>
CALANGO	CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1921	quimb. <i>Kilangu</i> HECKLER, <i>et al.</i> ; ; Kik. <i>nkalandal</i> / Kimb. <i>dikalanga</i> . CASTRO; Amb. <i>kalanga</i> ou <i>rikalanga</i> , lagartixa. RAYMUNDO.	Calango	<i>banto</i>
CALUMBÁ	BLUTEAU, 1729; CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; MENDONÇA, 1973; SENNA, 1938.;	He uma raiz amarga que vem do Rio Senna; e outras partes da Costa da África, além do Cabo da Boa Esperança. BLUTEAU; quimb. <i>kalumba</i> HECKLER, <i>et al.</i> ; Kik. (<i>ka</i>) <i>mwamba</i> / Kimb. <i>kalumba</i> . CASTRO; Kimb. <i>calumba</i> : giboso, corcovado. MENDONÇA, SOARES.	Calumbá	<i>banto</i>
CALUNDU (5)	BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956; CAMPOS, 1936; CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; MENDONÇA, 1973; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1938 e 1921;	Kik./Kimb. <i>kalundu</i> , obedecer um mandamento, realizar um culto, invocando os espíritos, com música e dança. Kik. <i>kilundal</i> / Kimb. <i>kialundu</i> , o que recebe o espírito, de referência ao aspecto carrancudo do rosto e comportamento dos possuídos em transe pela divindade. CASTRO; Em Angola é parte de feitiçaria, também já recolhido por Gregório de Matos: “Que de quilombos os que tenho Com mestres superlativos Nos quais se ensina de noite Os calundus e feitiços”. Outra hipótese é o guar. <i>acânnundu</i> : dor de cabeça, ter febre, sezões. MENDONÇA, SOARES; bd. “Creio ser vocábulo	Calundu	<i>banto</i>
			Calundó	<i>banto</i>
			Calungu	<i>banto</i>
			Calindé	<i>banto</i>
			Calindo	<i>banto</i>

		africano. Na minha infância ouvi-o muitas vezes pronunciar pelos escravos da raça angolense” BEAUREPAIRE-ROHAN; Amb. <i>kalundu</i> , dim. de <i>lundu</i> , do v. <i>kalunda</i> , estar de guarda ou resguardo a mulher de parto recente, nessa ocasião ela se crê possuída de um calundu, entregando-se a desvarios numa dança frenética em que salta, corre, pula etc. RAYMUNDO.		
CALUNGA (3)	AURÉLIO, 1997; BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956; CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; MENDONÇA, 1973; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1938 e 1921;	Kik. / Kimb./ Umb. <i>Kalunga</i> . CASTRO; Homônimo com três significações diferentes na África Ocidental portuguesa. Ora é o nome do mar, ora o de um rio afluente do Capororo, e finalmente um título de fidalguia na Jinga. MENDONÇA; BRANDÃO; BEAUREPAIRE-ROHAN; bd.: mar, e, daí, “deus”, não o deus deles, zambi, familiarmente conhecido e representado em figura, mas o deus incognoscível dos missionários, o qual era impossível aos negros compreender, e por isso lhe deram “um nome perfeitamente como ao mar, <i>calunga</i> ou <i>lunga</i> , cuja latitude não percebem. A aplicação ao rato e ao peixe foi por ext. SOARES; De modo geral, o Amb. <i>kalunga</i> é nome com que se designa o mar, a morte, certas divindades, além de ser o tratamento que se dá a pessoas ilustres. RAYMUNDO; Kik./ Kimb. <i>kalunga</i> ! Kik. <i>Kolunga</i> . Kik./Kimb. <i>kalúnga</i> , eminente, insigne, pessoa de alta hierarquia; Kik./Kimb. <i>kalúnga</i> ; Kik./ Kimb./ Umb. <i>kalonga</i> < <i>kalongela</i> , carregar; CASTRO.	Calunga	<i>banto</i>
			Calunga de Damasceno Costa	<i>híbrido [banto + antropônimo]</i>
			Calunguinha	<i>híbrido [banto + suf port]</i>
CAMBINA	SENN, 1921		Cambina	<i>banto</i>
CAMBUTÁ	CASTRO, 2001	Kik./ Kimb./Umb. (<i>o</i>) <i>kambuta</i> . Kik./ Kimb. <i>kambula</i> , morte, lugar dos mortos. CASTRO.	Cambutá	<i>banto</i>
CAMUNDONGO	AURÉLIO, 1997; BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956; CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; LAYTANO, 1936; MENDONÇA, 1973; RAYMUNDO, 1933.; SENNA, 1938 e 1921;	Kik./Kimb. <i>kamingondo</i> . CASTRO; Amb./ Kimb. <i>ca</i> pref. dim. + <i>mundongo</i> : rato doméstico. Em Angola também lhe chamam <i>mundongo</i> . MENDONÇA, BEAUREPAIRE-ROHAN, SOARES, SENNA, LAYTANO, RAYMUNDO	Camundongo	<i>banto</i>
CANDANGOS	CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; MENDONÇA, 1973;	Kik./Kimb. <i>candundu</i> , branquicelo/ <i>kindangi</i> , pessoa de mau-gosto. CASTRO ; bd. SOARES; Kik./Kimb. <i>kindonga</i> , pioneiro, iniciante. CASTRO.	Candangos	<i>banto</i>
CANDONGA	CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; LAYTANO, 1936; MENDONÇA, 1973; RAYMUNDO, 1933.; SENNA, 1938;	Kik. <i>kandongga</i> / Kimb. <i>Kabonga</i> . Kik. <i>kindenge</i> / Kimb. <i>kandongge</i> . CASTRO. Kimb. <i>ka</i> , prefixo dim. + <i>ndenge</i> , menor, pequeno. MENDONÇA, SENNA; Evolução semântica de <i>kandongga</i> , dim. de <i>ndong</i> , o natural de Angola, propriamente o pretinho, que era instintivamente lisonjeiro. RAYMUNDO.	Candongga	<i>banto</i>
CANGA (2)	BLUTEAU, 1729; FREIRE, 1957; CASTRO, 2001; MENDONÇA, 1973.; SILVA, 1813	Kik. <i>nkanga</i> < <i>kanga</i> , amarrar; tecido com que as mulheres sustentam a criança amarrada em volta do corpo. CASTRO. Kimb. <i>kanga</i> , prender, ligar. MENDONÇA.	Canga	<i>banto</i>
			Quebra-Canga	<i>híbrido [port + banto]</i>
CANGALHA	BLUTEAU, 1729; CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; SILVA, 1813	Kik. <i>kangala</i> . CASTRO.	Cangalha	<i>banto</i>
CANJERÊ	BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956; CASTRO, 2001; MENDONÇA, 1973; SENNA, 1938 e 1921	Kik./ Kimb. <i>kanjila</i> > <i>kanjile</i> , abri(r)-ajira, ação de abençoar, abrir caminhos, passagem por meio de magia. CASTRO.	Canjerê	<i>banto</i>
CANIICA (6)	CASTRO, 2001;	Kik./ Kimb. <i>kanjika</i> . CASTRO; tp. <i>acan</i> + <i>gic</i> =	Canjica	<i>banto</i>

	CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; MENDONÇA, 1973; SENNA, 1938.;	grão mole ou cozido. Há quem afirme ser etimologia africana. MENDONÇA; Kimb., mas com um homônimo tupi-guarani. SENNA; Origem anglo-indiana. LAYTANO.	Canjica de Antônio Henrique	<i>híbrido [banto + port]</i>
			Canjica de Antônio Henrique	<i>híbrido [banto + port]</i>
			Canjica de Manuel Ferreira	<i>híbrido [banto + port]</i>
			Canjicas	<i>banto</i>
			Canjiquinha	<i>híbrido [banto + suf port] ;</i>
CAPANGAS	CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984 ; LAYTANO, 1936; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1938	Kik./ Kimb. <i>kimpunga/ kimbangala</i> . CASTRO; No amb. há <i>kapange</i> , de <i>pange</i> , irmão, que seria pejorativamente o irmãozinho, amo companheiro, um como irmão. <i>Panga</i> é o punhal ou faca e <i>kapanga</i> a faca pequena, mas com sentido pejorativo. RAYMUNDO. Kimb. <i>kimanga</i> , sacola. CASTRO; Do Lundez, da região de Lunda, oeste da Angola portuguesa/ Kimb. SENNA; Bd. <i>kapanga</i> , bolsa trazida a tiracolo pelo caçador, por analogia com a arma que o pagem traz também desse modo. LAYTANO, RAYMUNDO.	Capangas	<i>banto</i>
CAPINGO	AURÉLIO, 1997; BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956; CASTRO, 2001; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; MENDONÇA, 1973; RAYMUNDO, 1933.; SENNA, 1938;	Kik. <i>kiangangu/ kiampangu</i> . Kik./ Kimb. <i>kapyangu</i> . CASTRO; Amb. <i>kapiangu</i> , ladrão. RAYMUNDO.	Capiango	<i>banto</i>
CARIMBO (3)	CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984		Carimbo	<i>banto</i>
			Carimbado	<i>híbrido [banto + suf port]</i>
CATIMBAU	BLUTEAU, 1729; FREIRE, 1957		Catimbau	<i>banto</i>
CATINGA	BLUTEAU, 1729; CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; LAYTANO, 1936; MENDONÇA, 1973; SENNA, 1938;	Palavra de Angola, fedor de Negros BLUTEAU; Kik. <i>kanninga/ Kimb. katinga</i> . CASTRO, SENNA; tp. guar. <i>cati</i> : bolor, ferrugem, mau cheiro, contr. de caquã ting: crescido branco (bolor), donde se segue que não são metafóricas as outras duas significações. Montoya define “sobaquiña, y todo olor pesado, câti; checati huelo a sobalquiña”. Mas, o que se pode concluir é que, em Portugal, o sucedâneo de bodum era, como na colônia do Br., o tp. guar. <i>catinga</i> , e que esta palavra passou, como tantas outras, para a África na boca dos negros repatriados. O certo é que ela não se acha em vocabulário africano, nem nas relações dos viajantes. SOARES, LAYTANO. Kik./ Kimb. <i>(ka)ninga</i> . CASTRO.	Catinga	<i>banto</i>
CATITO (2)	CASTRO, 2001	Kik. <i>katutu</i> , ratinho. CASTRO	Catito	<i>banto</i>
			Catitu	<i>banto</i>
CATOMBA	CASTRO, 2001		Catomba	<i>banto</i>
CAXAMBU (4)	BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956; CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; LAYTANO, 1936; MENDONÇA, 1973; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1938;	Kik./Kimb. <i>kizungu, kazangu</i> . CASTRO, SENNA; Palavra afric. de origem onomatopaica. LAYTANO; Talvez <i>ki-otchiambu</i> , gaiola grande>coxambu>caxambu, é palavra do dialeto dos nanos e benos de Benguela: <i>otchiambu</i> , gaiola. RAYMUNDO.	Caxambu	<i>banto</i>
			Caxambu de Baixo	<i>híbrido [banto + port]</i>
			Caxambu de Cima	<i>híbrido [banto + port]</i>
			Caxambuzinho	<i>híbrido [banto + suf port]</i>
CAXINGÓ	CASTRO, 2001; SENNA, 1921.	Kik./ Kimb. <i>kasingu</i> . CASTRO	Caxingó	<i>banto</i>
CAZUMBA	CASTRO, 2001; CUNHA, 2007	Kik. <i>kadumba</i> , toro de madeira para sentar, espécie de banco nativo. CASTRO.;	Cazumba	<i>banto</i>
CONGA	FREIRE, 1957; MENDONÇA, 1973; SENNA, 1938	Kimb. SENNA	Conga	<i>banto</i>

CONGO (6)	AURÉLIO, 1997; BLUTEAU, 1729; CASTRO, 2001; LAYTANO, 1936; MENDONÇA, 1973; SENNA, 1938 e 1921;	Kik. <i>Nkongo</i> . Kik. <i>Koongo</i> . CASTRO	Congo	<i>banto</i>
			Congo Choco	<i>híbrido [banto + port]</i>
			Congo Velho	<i>híbrido [banto + port]</i>
			Congos	<i>banto</i>
			Congos de José Ferreira	<i>híbrido [banto + antropônimo]</i>
			Conguês	<i>banto</i>
CUBANGO	CASTRO, 2001; SENNA, 1938 e 1921	Kimb. SENNA	Cubango	<i>origem incerta</i>
CUMBA	BLUTEAU, 1729; CASTRO, 2001; FREIRE, 1957; RAYMUNDO, 1933	Cumbas, Gentes de Serra Leoa BLUTEAU; (<i>banto</i>) (<i>LP</i>) <i>adj.</i> Ver <i>cuba</i> . <i>sm.</i> Feiticeiro. <i>adj.</i> Decidido, forte, valente.; <i>Etim.</i> .: Kik. <i>kumbwa</i> , forte. CASTRO. De kumba, abrev. De rikumba, fechadura. Se não há ação semântica extensiva, deve relacionar-se com (ri)kumba, trago ou gole de bebida alcoólica, uma vez que a ebriedade contribui para a destimidez. RAYMUNDO.;	Cumba	<i>banto</i>
CUMBÉ	SENN, 1938 e 1921	Kimb. SENNA	Cumbé	<i>origem incerta</i>
DENGA	CASTRO, 2001.		Denga	<i>banto</i>
DOMBE	SENN, 1938 e 1921	Kimb. SENNA	Dombe	<i>banto</i>
DONDÓ			Dondó	<i>banto</i>
DUNGA JOSÉ	CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; RENATO MENDONÇA e NELSON DE SENNA;		Dunga José	<i>híbrido [banto + antropônimo]</i>
EXU	CASTRO, 2001; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; MENDONÇA, 1973; SENNA, 1938	Yor. <i>Èṣù</i> . CASTRO; Yor. exu, o espírito do mal. MENDONÇA; Kimb.mas com outra voz correspondente no tp. do Brasil com diferente significado. SENNA.	Exu	<i>kwa</i>
FAROFA	BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1938; SILVEIRA, 1975;	Supostamente de <i>falofa</i> ou <i>farofia</i> : mistura de farinha, azeite ou água a que junta-se jindungo, usada pelos negros de Angola. SILVEIRA, TEIXEIRA, RAYMUNDO; Este vocábulo não foi encontrado em dicionário algum da língua portuguesa. Aulete menciona <i>farófia</i> como vocábulo português designando uma espécie de doce feito de claras de ovos batidos com açúcar e canela, o qual, no sentido figurado, tem a significação de coisa ligeira, de pouca importância. BEAUREPAIRE-ROHAN; Kimb. SENNA.	Farofa	<i>origem incerta</i>
FUBÁ	HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; CASTRO, 2001; MENDONÇA, 1973; BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956; ; ; SENNA, 1938 e 1921; LAYTANO, 1936; RAYMUNDO, 1933	Kik./ Kimb. <i>mfuba</i> . CASTRO; Tem origem no termo <i>fuba</i> do bd., que na África dá nome a qualquer espécie de farinha. No Brasil, o fubá de milho é coisa diferente da farinha de milho. BEAUREPAIRE-ROHAN, RAYMUNDO; Kimb. Fubá, farinha. MENDONÇA, SENNA; Nas colônias ports. da África oc. é a farinha de mandioca puba. SOARES; amb. <i>fuba</i> = farinha de milho. TEIXEIRA. Kik./Kimb. <i>mfuba</i> < <i>mfumfu</i> , pó, poeira; qualquer coisa pulverizada. Kik. <i>mfumbu</i> , pelo, cabelo ruço. CASTRO	Fubá	<i>banto</i>
FUNDANGA	CASTRO, 2001	Kik. <i>funda nganga</i> / Kimb. <i>fundanga</i> . CASTRO	Fundanga	<i>banto</i>
GONGO	FREIRE, 1957; CASTRO, 2001; ; SENNA, 1938 e 1921	Kimb. SENNA. amb <i>ngunga</i> sino. TEIXEIRA.	Gongo	<i>banto/kwa</i>
GUANDU	BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956; CASTRO, 2001; LAYTANO, 1936;	Amb. <i>guandu</i> . RAYMUNDO	Guandu	<i>banto</i>

	MENDONÇA, 1973; RAYMUNDO, 1933			
GUINÉ (2)	BLUTEAU, 1729; CASTRO, 2001; FREIRE, 1957; SENNA, 1938 e 1921.	Port. <u>Guiné</u> , a costa ocidental da África a partir do século XVI. CASTRO	Guiné	<i>origem incerta</i>
			Guiné de Baixo	<i>híbrido [or inc + port]</i>
INHAME (2)	AURÉLIO, 1997; BLUTEAU, 1729; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; LAYTANO, 1936; MENDONÇA, 1973; SENNA, 1938 e 1921; SILVA, 1813;	Termo africano proveniente da raiz <i>nyame</i> , comer, existente em todas as línguas bantu. MENDONÇA, LAYTANO.	Inhame	<i>origem incerta</i>
			Grota do Inhame	<i>híbrido [port + or inc]</i>
LAMBA	CASTRO, 2001; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1938	Kik./ Kimb. <i>mbamba/ Fon lambá/ Yor. lagbà</i> . CASTRO. Amb. lamba, desventura, desgraça, infortúnio, trabalho. RAYMUNDO; Kimb. SENNA.;	Lamba	<i>banto/kwa</i>
MACACO (12)	BLUTEAU, 1729; CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; LAYTANO, 1936; SENNA, 1938 e 1921; SILVA, 1813;	He palavra de Angola, e do Congo” BLUTEAU; Kik. <i>makaaku</i> , pl. <i>de kaaku</i> , espécie de macaco vermelho e cinza, de rabo muito comprido/ <i>makaaka(ta)</i> , chimpanzé. CASTRO; bd. macacu. SOARES; SENNA. Kik. <i>(ma)káká</i> , suspensor. Kik. <i>(ma)kháaka</i> , bárbaro, matador. CASTRO.	Macaco	<i>banto</i>
			Macaca	<i>banto</i>
			Macacão	<i>híbrido [banto + suf port]</i>
			Macaco Seco	<i>híbrido [banto + port]</i>
			Macacos	<i>banto</i>
			Macaquinha	<i>híbrido [banto + suf port]</i>
			Macaquinhos	<i>híbrido [banto + suf port]</i>
			Cachoeira do Macaco	<i>híbrido [port + or inc]</i>
			Córrego do Macaco Seco	<i>híbrido [port + or inc + port]</i>
			Córrego dos Macacos	<i>híbrido [port + or inc]</i>
			Córrego Macaquinha	<i>híbrido [port + {or inc + port }]</i>
			Ilha dos Macacos	<i>híbrido [port + or inc]</i>
MACAMBA	CASTRO, 2001	Kik./ Kimb. <i>makamba</i> . CASTRO, MENDONÇA, SENNA; pl. de <i>e-camba</i> : amigo. BEAUREPAIRE-ROHAN; Do bundo <i>macamba</i> , forma do pl. do sing. <i>recumba</i> , camarada. LAYTANO; bd. <i>macamba</i> , pl. de <i>ricamba</i> , os companheiros do comboio que vieram na mesma leva, no mesmo navio, da Costa da África para o Brasil; <i>oricamba</i> , amizade e <i>quia ricamba</i> , coisa de amigo. Quebra de amizade, de família. SOARES. Kik. <i>(ma)kamba</i> . CASTRO.	Macamba	<i>híbrido [banto + suf port]</i>
MANDEMBO	FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; SENNA, 1938 e 1921	Kimb. SENNA	Mandembo	<i>origem incerta</i>
MANDIGUEIRO	BLUTEAU, 1729; CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; SILVA, 1813	Kik./ Kimb. <i>mazinga</i> , ação de complicar, de impedir também por feitiço. CASTRO, SENNA; bd. mandinga: superstição, da nação Mandinga, na África Oc., ao longo de Gâmbia, entre Tombocutu ao norte e Malagueta ao sul, cujos feiticeiros eram afamados. “Parece, diz Bluteau, que deste e outros feiticeiros de Mandinga tomaram o nome umas bolsas que trazem alguns negros, com que se fazem impenetráveis às estocadas, como se tem experimentado nesta corte (de Lisboa) e neste reino de Portugal em várias ocasiões”. SOARES, RAYMUNDO; Afric. manhinca, sangue, uma vez ser rara a cerimônia religiosa africana em que não tenha o sangue de animais. LAYTANO.	Mandigueiro	<i>híbrido [banto + suf port]</i>
MANJUBA	CASTRO, 2001; DO	Kik. <i>manvumba/ Kimb. manjambu</i> . CASTRO.	Manjuba	<i>origem incerta/</i>

	TUPI MANJUA; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; SENN, 1938	Do Cafre, proveniente dos negros da Costa Oriental e do interior de Moçambique. SENNA		<i>banto</i>
MARIMBA (2)	BLUTEAU, 1729; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984	Kik./ Kimb. <i>madimba/ Umb. omalimba</i> . CASTRO; Kimb. <i>ma</i> , prefixo + rimba, tambor. MENDONÇA, SENNA; sinfonia quichica, marimba. SOARES; No amb. e nas demais línguas marimba. RAYMUNDO.	Marimba	<i>banto</i>
			Marimbeiro	<i>híbrido [banto + suf port]</i>
MARIMBONDO (3)	AURÉLIO, 1997; BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956; CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; LAYTANO, 1936; MENDONÇA, 1973; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1938; ;	Kik. / Kimb. <i>(ma)di(m)bondo/ Umb. alimbondo</i> . CASTRO, MENDONÇA, SENNA, LAYTANO; bd. em que se diz indiferentemente <i>maribondo, maribundo e malibundo; dá mberí ybô</i> , mosca que flexa ou gere como flecha, <i>marimbondo</i> ; pl. de <i>rimbondo</i> – a vespa. BEAUREPAIRE-ROHAN, SOARES, TEIXEIRA	Marimbondo	<i>banto</i>
			Marimbondinho	<i>híbrido [banto + suf port]</i>
			Marimbondos	<i>banto</i>
MATACO	CASTRO, 2001; LAYTANO, 1936; MENDONÇA, 1973; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1938	Kik./Kimb. <i>mataku</i> . CASTRO; Amb./Kimb. <i>mataku</i> , assento, e pl. mais usado de <i>ritaku</i> , nome de quarta classe. MENDONÇA, SENNA, LAYTANO, RAYMUNDO; Do Copta, derivado do árabe, chegando ao Brasil através de africanos e portugueses. SENNA.	Mataco	<i>banto</i>
MATUMBI	CASTRO, 2001	Kik./Kimb. <i>matumbi</i>	Matumbi	<i>banto</i>
MAXIXE	CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; MENDONÇA, 1973; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1938 e 1921;	Kik./Kimb. <i>mansise/ masisi</i> . CASTRO; Kimb. <i>ma</i> , prefixo pl. da quarta classe + <i>xixe</i> , pl. de <i>rixixe, maxixe</i> . MENDONÇA, SENNA; amb. <i>maxixe</i> , pl. de <i>rixixe</i> = chuchu (cucurbitácea). TEIXEIRA, RAYMUNDO. Kik./Kimb. <i>mansiki</i> < <i>sinika</i> , balancear o corpo de lá para cá, de todos os lados, a exemplo de um bêbado. CASTRO.	Maxixe	<i>banto</i>
MOÇAMBIQUE	AURÉLIO, 1997; BLUTEAU, 1729; CASTRO, 2001; MENDONÇA, 1973; SENN, 1921	Do nome geográfico Moçambique, porto da Contracosta. MENDONÇA	Moçambique	<i>banto</i>
MOCAMBO (9)	BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956; CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; LAYTANO, 1936; MENDONÇA, 1973; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1938 e 1921; SILVA, 1813;	Kik. <i>mukambu</i> , refúgio, esconderijo; topônimo muito comum no Brasil. CASTRO	Mocambo	<i>banto</i>
			Mocamba	<i>banto</i>
			Mocambinho	<i>híbrido [banto + port]</i>
			Mucambinho	<i>híbrido [banto + suf port]</i>
			Mucambinho de Joaquim Machado	<i>híbrido [{banto + suf } + antropônimo]</i>
			Mucambinho de José Maciel	<i>híbrido [{banto + suf } + antropônimo]</i>
			Mucambo	<i>banto</i>
			Mucaminho	<i>híbrido [banto + suf port]</i>
			São José do Mocambo	<i>híbrido [port + antropônimo + banto]</i>
MOLEQUE (2)	AURÉLIO, 1997; BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956; BLUTEAU, 1729; CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; LAYTANO, 1936; MENDONÇA, 1973; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1938 e 1921; SILVA, 1813; ;	Kik./Kimb./ Umb. <i>mi- / mu- / a- nleeke</i> , jovem, garoto, discípulo, subordinado. CASTRO; Moléque e moléca são t. angolenses, do banto, do amb., com a mesma significação no Brasil. BEAUREPAIRE-ROHAN, LAYTANO; <i>Muleke</i> – menino ou moço de serviço; ou do bundo <i>moleke</i> – preto pequeno, com poucos anos de idade. TEIXEIRA, RAYMUNDO. Kik./Kimb. <i>nleku</i> . CASTRO.	Moleque	<i>banto</i>
			Derruba Moleque	<i>híbrido [port + banto]</i>
MOMBAÇA	FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> ,	Kimb. SENNA	Mombaça	<i>banto</i>

	1984; SENNA, 1938 e 1921			
MONJOLO (12)	CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; LAYTANO, 1936; SENNA, 1938	Kik./Kimb. <i>mansilu</i> > <i>mansulu</i> , almofariz primitivo para pilar e descascar milho, feijão, amêndoas de palmeiras etc. CASTRO. Kik. (<i>mu</i>) <i>silu</i> > <i>munsulu</i> , a amêndoa ou a pedra com a qual se parte a amêndoa da noz das palmeiras. CASTRO, SENNA. Afric. O mesmo que mongolo. LAYTANO.	Monjolo	<i>banto</i>
			Monjolinho	<i>híbrido</i> [<i>banto</i> + <i>suf port</i>]
			Monjolinho dos Lopes	<i>híbrido</i> [{ <i>banto</i> + <i>suf port</i> } + <i>antropônimo</i>]
			Monjolinho dos Teixeira	<i>híbrido</i> [{ <i>banto</i> + <i>suf port</i> } + <i>antropônimo</i>]
			Monjolo de Guilhermino da Costa Lopes	<i>híbrido</i> [<i>banto</i> + <i>antropônimo</i>]
			Monjolo de Manuel P da Costa Lopes	<i>híbrido</i> [<i>banto</i> + <i>antropônimo</i>]
			Monjolo de Valdir B dos Santos Lopes	<i>híbrido</i> [<i>banto</i> + <i>antropônimo</i>]
			Monjolo de Vicente L de Camargo Lopes	<i>híbrido</i> [<i>banto</i> + <i>antropônimo</i>]
			Monjolo Velho Lopes	<i>híbrido</i> [{ <i>banto</i> + <i>port</i> + <i>antropônimo</i>]
			Monjolo Velho de Balbina Antônio da Silva Lopes	<i>híbrido</i> [{ <i>banto</i> + <i>port</i> + <i>antropônimo</i>]
			Monjolos Lopes	<i>híbrido</i> [<i>banto</i> + <i>antropônimo</i>]
			Córrego do Monjolo	<i>híbrido</i> [<i>port</i> + <i>banto</i>]
MULUNGU	CASTRO, 2001; MENDONÇA, 1973; SENNA, 1938, 1921.	Kik. (<i>mu</i>) <i>ndungu</i> . CASTRO, SENNA; É o mesmo que mulúngu, nome de uma árvore africana, com acutização. MENDONÇA.	Mulungu	<i>banto</i>
MUQUECA	CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957	Kik./ Kimb. <i>mukeka</i> < <i>kuteleka</i> , guisar. CASTRO	Muqueca	<i>banto</i>
MURUNDU (2)	BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956; CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; LAYTANO, 1936; MENDONÇA, 1973; SENNA, 1938;	Kik./ Kimb. (<i>mu</i>) <i>lundu</i> , monte de barro ou feito por termitas, em forma de cone. CASTRO, MENDONÇA, LAYTANO; bd. corruptela de mulundu, monte, na língua bunda. BEAUREPAIRE-ROHAN, SOARES.	Murundu	<i>banto</i>
			Murundão	<i>banto</i>
MUXIBA	BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956; CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; MENDONÇA, 1973; QUIMBUNDO; RAYMUNDO, 1933;	Kik. <i>musiba</i> / Kimb. <i>musima</i> , nervoso, magro, descarnado. CASTRO; Kimb. <i>mu</i> , prefixo da segunda classe + <i>xiba</i> , veia, artéria. MENDONÇA; bd. <i>muxiba</i> veia, artéria, do rad. <i>quiba</i> , pl. <i>iba</i> , pele, carne magra, dura e engelhada. Talvez se podesse explicar pelo guar. <i>mbi chi</i> , pele lisa. SOARES; Amb. <i>muxiba</i> , artéria, veia, o nome foi dado em razão de as veias ficarem mais à mostra nos indivíduos magros. RAYMUNDO.	Muxiba	<i>banto</i>
MUZAMBO (2)	SENNA, 1938.	Kimb. SENNA	Muzambo	<i>origem incerta</i>
			Muzambinho	<i>híbrido</i> [<i>or inc</i> + <i>suf port</i>]
MUZUNGU			Muzungu	<i>origem incerta</i>
NÊGO COTINHA	BLUTEAU, 1729	O negro da Sotana, o branco da Cota. BLUTEAU	Nêgo Cotinha	<i>híbrido</i> [<i>port</i> + { <i>banto</i> + <i>suf port</i> }]
QUIABO (3)	AURÉLIO, 1997; BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956; CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957;	Kik./ Kimb. <i>kingombo</i> > <i>kingambo</i> > <i>kyambo</i> . CASTRO, SENNA; Amb. <i>kigombo</i> kiabi, o quingombô maduro. MENDONÇA, BEAUREPAIRE-ROHAN, SOARES, RAYMUNDO	Quiabo	<i>banto</i>
			Quiabeiro	<i>híbrido</i> [<i>banto</i> + <i>suf port</i>]
			Quiabo Assado	<i>híbrido</i> [<i>banto</i> + <i>port</i>]

	MENDONÇA, 1973; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1938, 1921;			
QUILOMBO (8)	AURÉLIO, 1997; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; CASTRO, 2001; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; LAYTANO, 1936; MENDONÇA, 1973; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1938, 1921; SILVA, 1813	Kik./Kimb. <i>kilombo</i> , aldeamento. CASTRO, MENDONÇA, SENNA, LAYTANO; Amb. <i>kilombo</i> , acampamento, arraial. RAYMUNDO.	Quilombo	<i>banto</i>
			Quilombim	<i>híbrido [banto + suf port]</i>
			Quilombinho	<i>híbrido [banto + port]</i>
			Quilombo de Cima	<i>híbrido [banto + port]</i>
			Quilombo de Geraldo Correia	<i>híbrido [banto + antropônimo]</i>
			Quilombo de Sadir Figueiredo	<i>híbrido [banto + antropônimo]</i>
			Quilombo do Ambrósio	<i>híbrido [banto + port]</i>
			Quilombo Preto	<i>híbrido [banto + port]</i>
QUIBUNGO	CASTRO, 2001; FREIRE, 1957; MENDONÇA, 1973; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1938, 1921	Kik./Kimb. <i>kimbungu</i> / Umb. <i>embungu</i> , lobo, cão selvagem. CASTRO; Amb./ Kimb. kik. prefixo da terceira classe + <i>bungu</i> , lobo. MENDONÇA, SENNA, RAYMUNDO. Kik./Kimb. <i>kibungu</i> . CASTRO.	Quibungo	<i>banto</i>
QUINDIM	CAMPOS, 1936; CASTRO, 2001; FREIRE, 1957; MENDONÇA, 1973; SENNA, 1938	Kik. (<i>ki</i>) <i>ntinti</i> , escrupuloso, difícil. CASTRO, MENDONÇA, SENNA. Kik. (<i>ki</i>) <i>ntinti</i> , delicadeza. CASTRO.	Quindim	<i>kwa/ banto</i>
QUITANDA	BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956; CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; LAYTANO, 1936; MARTINS, 1969; MENDONÇA, 1973; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1938, 1921	Kik./Kimb. <i>kitanda</i> . CASTRO; Kimb. <i>kitanda</i> , feira, nome da terceira classe, como indica o prefixo <i>ki</i> . MENDONÇA, SENNA, LAYTANO; amb. <i>quitanda</i> , mercado. TEIXEIRA, RAYMUNDO.	Quitanda	<i>banto</i>
ZABUMBA	BLUTEAU, 1729; CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; HECKLER, <i>et al.</i> , 1984; MENDONÇA, 1973; SENNA, 1938, 1921;	Kik. (<i>zu</i>) <i>nza mbuma</i> , tambor de madeira, muito grande e cumprido. CASTRO, SENNA; Cong. <i>bumba</i> : bater, e <i>bumbi</i> : globo, redondo e oco. MENDONÇA, SOARES. Kik. <i>zunza mbuma</i> , fazer música com muito ruído, com tambor. CASTRO.	Zabumba	<i>banto</i>
ZUMBI	AURÉLIO, 1997; BEAUREPAIRE-ROHAN, 1956; CASTRO, 2001; CUNHA, 2007; FREIRE, 1957; LAYTANO, 1936; RAYMUNDO, 1933; SENNA, 1938, 1921	Kik. <i>mvumbi</i> /Kimb. <i>mzumbi</i> . CASTRO, SENNA; Amb., <i>bd.</i> , significando duende, alma do outro mundo. BEAUREPAIRE-ROHAN, RAYMUNDO; Do Cafre, proveniente dos negros da Costa Oriental e do interior de Moçambique. SENNA; De <i>zambi</i> , deus; <i>zumbi</i> , fantasiar, etc. LAYTANO. Kik. (<i>ka</i>) <i>mvumbi</i> . Kik. <i>nzumbi</i> , auxiliar, ajudante. CASTRO.	Zumbi	<i>banto</i>

5.2 A VARIAÇÃO DAS BASES AFRICANAS NOS TOPÔNIMOS MINEIROS

Em nossos estudos, foram registradas 96 bases léxicas de possível origem africana, que se desdobraram em 222 variações toponímicas. Essas variantes, por sua vez, foram repetidas nos nomes de córregos, rios, ribeirões, riachos, lagoas, serras, morros, cidades, fazendas, povoados, localidades, compondo, assim, os 1480 topônimos mineiros de provável origem africana que formam o *corpus* desta dissertação.

A base léxica que apresentou maior quantidade de variantes foi *banana*, com 27 variações: *Banana, Alto da Bananeira, Banana do Brejo, Banana Preta, Bananal, Bananal de Antônio Gigo, Bananal de Baixo, Bananal de Eraco Teixeira, Bananal de Ernesto Lima, Bananal de Felismino Teixeira, Bananal de Geraldo Nilo, Bananal de Inácio J da Costa, Bananal de José Colares, Bananal de José Lima, Bananal do Bom Jardim, Bananal do Dico Saraiva, Bananal do Meio, Bananal do Pirapitinga, Bananal Pequeno, Bananalzinho, Bananalzinho do Tronqueira, Bananas, Bananeira, Bananeiras, Barra do Bananal, Bom Jardim do Bananal e Córrego Bananal do Meio*. A base *banana* foi encontrada nas doze mesorregiões de Minas Gerais, tendo 269 ocorrências toponímicas.

Outra base bastante recorrente nos topônimos mineiros foi *macaco*, com doze variantes: *Macaco, Macaca, Macacão, Macaco Seco, Macacos, Macaquinha, Macaquinhos, Cachoeira do Macaco, Córrego do Macaco Seco, Córrego dos Macacos, Córrego Macaquinha e Ilha dos Macacos*. A base foi repetida em 165 nomeações mineiras, sendo também encontrada em todas as regiões de Minas Gerais.

Em seguida, a base *monjolo* registrou onze variações: *Monjolo, Monjolinho, Monjolinho dos Lopes, Monjolinho dos Teixeiras, Monjolo de Guilhermino da Costa Lopes, Monjolo de Manuel P da Costa Lopes, Monjolo de Valdir B dos Santos Lopes, Monjolo de Vicente L de Camargo Lopes, Monjolo Velho Lopes, Monjolo Velho de Balbina Antônio da Silva Lopes, Monjolos Lopes e Córrego do Monjolo*. Ao longo de todo o território mineiro, foram registrados 202 topônimos formados pela base *manjolo*.

Três outras bases que tiveram uma quantidade significativa de variantes foram: *Mocambo*, com nove variações, que se repetiram em 75 topônimos; *Quilombo*, com oito variações, 122 topônimos; e *Angu* com oito variações, 24 topônimos.

5.3 ANÁLISE E QUANTIFICAÇÃO DAS ORIGENS

Em nossa pesquisa, foram registradas 222 variações toponímicas com bases de possível origem africana. Dentre elas: 98 topônimos são formados genuinamente por palavras de origem banto, duas são de origem kwa, três são de origem partilhada (banto/ kwa), 106 variantes são hibridismos formados por base banto e palavras de outras origens (português, tupi, origem incerta) e treze são palavras de origem incerta, as quais foram registradas como prováveis africanismos, mas com ressalva de dúvidas quanto a origem ou sem consenso na afirmação da origem por parte dos autores em que nos embasamos.

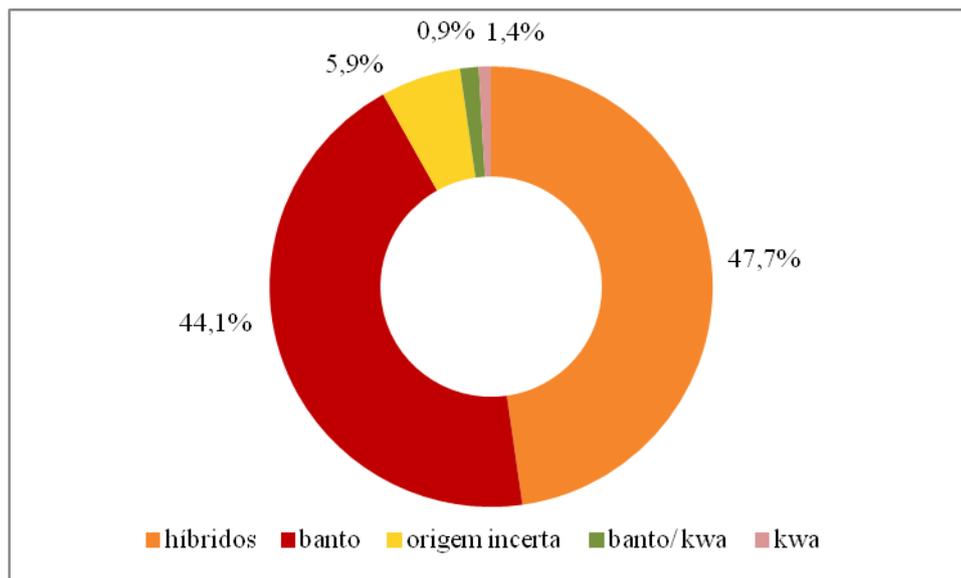


GRÁFICO 92: Variação das bases de provável origem africana

5.3.1 Os topônimos de origem banto

As bases de origem banto foram predominantes nos topônimos de Minas Gerais, o que certamente é reflexo da presença expressiva do grupo banto no território mineiro, como dito no Capítulo 2, desde o povoamento da Capitania das Minas, no séculos XVIII e XIX, com a descoberta de ouro e pedras preciosas na região.

A definição das bases de origem banto foram amparadas pelas fontes bibliográficas que embasam nosso estudo. Revelamos, porém, a grande dificuldade encontrada em afirmar a origem das palavras do *corpus*, uma vez que há inúmeras divergências entre as fontes consultadas, no que diz respeito à origem dos africanismos. Na classificação etimológica, essas divergências se multiplicam, o que praticamente impossibilita a afirmação dos étimos das supostas palavras africanas. A título de exemplo, mostraremos aqui algumas definições apresentadas nas fontes consultadas.

A palavra *cafundó* é definida por Jaques Raymundo (1933, p. 113), como “lugar êrmo e distante”, segundo o estudioso a palavra é “de étimo ambundo *ka-nfundo* [...] *nfundu* é pequeno abrigo à margem da estrada para pouso de viajante”. Já segundo Nelson Senna (*op. cit.*), *cafundó* é um topônimo híbrido: “parece termo africano, derivado do angolez *Kafundango* com a mesma significação e sentido de “brenhas” e logares ermos e retirados da estrada mais batida” (1926, p. 288). Nelson de Senna (*op. cit.*) apresenta a definição de Beaurepaire-Rohan (1889): “logar ermo e longínquo, de difícil acesso, ordinariamente entre montanhas”. Senna menciona, ainda, Seguiet (1910) e Silveira (1920), que corroboram a significação como “lugar ermo e longínquo”. Senna (*op. cit.*) não deixa de aventar a

possibilidade de *cafundó* ser um brasileirismo de composição híbrida, “o elemento tupi caá ‘mattó’, e o substantivo vernáculo fundo, aglutinados em ca-fundó, com alteração prosódica, em que o acento agudo houvesse recaído na última syllaba. O fundo da matta e longe das estradas batidas de viandantes – eis o sentido corrente da expressão, entre nós”. Heckler (1984) e Laytano (1936) corroboraram o étimo quimbundo. Já Castro (2001), além do quimbundo, também registra o étimo quicongo. Assim, aparando-nos nas fontes consultadas, classificamos a origem de *cafundó* como banto, mas não identificamos um étimo.

Observemos também as definições e étimos encontrados para a palavra *candongá*. Em Castro (2001, p. 196) encontram-se duas acepções para esse vocábulo: ‘fuxico; falsidade, manha, lisonja enganosa’; e ‘bem-querer, benzinho, amor, a pessoa querida, tratamento dado a mulheres jovens’. Mendonça (1973, p. 117) também apresenta as mesmas acepções para o termo. Já Senna (1926, p. 300), apoiando-se em vários estudiosos, diz que “a origem do vocábulo é controvertida [...] derivado de *qui* – ‘ponta’ e *ndogá* – ‘quebrada ou abertura’ e daí surgiu *quindongá*, alterado graphica e tonicamente para *candônga*, expressão tomada da língua indígena para designar a ‘quebra da ponta’ de alguma serra ou montanha.” Segundo Senna (op. cit.) “são várias as Serras de Minas denominadas por esse nome *Candongá*; e na Serra assim chamada, no município de Guanhões, a qual conhecemos, a cordilheira tem mesmo uma ‘quebrada’, dando para o valle onde estão as antigas minas de ouro do Candonga e tendo toda a Serra um corpo de mineirios, de ferro do melhor teor metálico”.

Por fim, apresentamos algumas considerações sobre o termo *quilombo*. De acordo com Raymundo (1933, p. 153), quilombo significa “pouso ou casa do mato, onde se acoitavam os escravos fugidos; mocambo. Do ambundo *kilombo*, acampamento, arraial”. Além de confirmar a origem banto do vocábulo, Castro (2001, p. 324) dá a seguinte descrição para o termo: “povoação de escravos fugidos; o mais famoso foi Palmares, construído em Alagoas, no século XVII, sob a chefia de Ganga Zumba e Zumbi. Do quicongo e quimbundo *kilombo*, aldeamento”. Assis Júnior (s.d., p. 127) define Kilómbó como “arraial, lugar de reunião ou sanzala de trabalhadores.” Machado (1984) indica este termo como topônimo no Brasil, no estado de Santa Catarina e em Angola (Quilombo dos Dembos, Quilombo-Quiá-Puto). Segundo o autor, é um substantivo masculino, com origem no quimbundo. Segundo Renato Mendonça (*apud* Beaurepaire-Rohan), *quilombo* é: “povoação fortificada dos negros fugidos ao cativoiro”. Dicionários mais atuais como o Aurélio (2004), Houaiss (2007), *idicionário Aulete* (disponível na internet) definem quilombo exclusivamente como “povação de escravos de fugidos”. Acreditamos que essa acepção não deve ser desconsiderada, pois ela é parte da história do negro africano em nosso País. Mas é preciso que os dicionários

apresentem também uma definição atualizada para termo quilombo, afinal, como vimos no Capítulo 2, há em Minas Gerais e no Brasil, diversos quilombos. E esses grupos quilombolas não são mais grupos de escravos, nem mesmo de negros fugidos. Os quilombos de hoje são terras ocupadas por negros, que partilham de mesmo território e identidade.

As variantes de origem banto correspondem a 44,1% das 222 bases léxicas que compõem as formações toponímicas de nossa pesquisa. A análise dessas bases revelou a ocorrência de 90 variações de topônimos com palavras de origem banto: *Angola, Bamba, Bambê, Bangüê, Banguela, Bengo, Berimbau, Bongo, Caborje, Caborjes, Caçamba, Caçanje, Cachimbo, Cacimba, Cacimbas, Caçula, Caçule, Cafofo, Cafota, Cafua, Cafundó, Cafumó, Cafunga, Cafuringa, Calango, Calumbá, Calundu, Calundó, Calungu, Calindé, Calindo, Calunga, Cambina, Cambutá, Camundongo, Candangos, Candonga, Canga, Cangalha, Canjerê, Canjica, Canjicas, Capangas, Capiango, Carimbo, Catimbau, Catinga, Catito, Catitu, Catomba, Caxambu, Caxingó, Cazumba, Conga, Congo, Congos, Conguês, Cumba, Denga, Dombe, Dondó, Fubá, Fundanga, Guandu, Macaco, Macaca, Macacos, Marimba, Marimbondo, Marimbondos, Mataco, Matumbi, Maxixe, Moçambique, Mocambo, Mocamba, Mucambo, Moleque, Mombaça, Monjolo, Mulungu, Muqueca, Murundu, Muxiba, Quiabo, Quilombo, Quibungo, Quitanda, Zabumba e Zumbi.*

As bases de origem banto também foram registradas nos hibridismos. Contabilizamos, em nosso *corpus*, 73 variantes híbridas, cujas bases de origem banto compõem sua formação: 29 hibridismos formados por sufixação (base banto + sufixo português), exemplos: *Quilombinho, Cachimbeiro*; 25 hibridismos formados por base banto e português, exemplos: *Caxambu de Baixo, Macaco Seco*; 19 hibridismos formados por base banto e antropônimos.

5.3.2 Os topônimos de origem kwa

Renato Mendonça e Heckler, *et al.* Informam que *exu* é do iorubá. Apenas Nelson de Senna oferece étimo quimbundo para o termo. O topônimo *Angu* também é reputado como kwa. Segundo Castro (2001), o termo pertence à língua fon, *àngu*, que faz parte do ramo kwa. Senna (1938) afirma que o termo faz parte do quimbundo, sendo provavelmente do banto. Jacques Raymundo diz que o termo é do ambundo, *ouangu*. As demais fontes nada informam sobre o étimo do termo, apenas corroboram sua provável origem africana.

5.3.3 Os topônimos de origem incerta

As bases de origem incerta correspondem a 5,9% das 222 variantes de africanismos que compõem nosso *corpus*. Foram resgistradas 13 variantes com bases de origem incerta. Essas bases também fizeram parte da composição de 31 hibridismos (exemplo: *Grota do Inhame* e *Bananalzinho do Tronqueira*).

Como exemplificação, mostraremos o que algumas das fontes consultadas informam sobre dois termos *banana* e *farofa*. *Banana* é um vocábulo que gera bastante controvérsia quanto a sua origem, entretanto Jaques Raymundo reconhece o mesmo como de origem africana. Senna (1926, p.234-235) aponta o vocábulo como de origem índico-asiática, transplantado para a África. Segundo o autor (*op. cit.*):

Em Minas, todos os toponymos derivados desta palavra e planta índico-asiática transplantadas do Oriente para o continente negro e dahi vindas para o Brasil por intermédio do trafego com a costa africana de Oéste (Atlantico), são bastante communs, havendo povoações, fazendas, rios, sitios e logares conhecidos com o nome de Bananal e de Bananeiras. [...] Banâna já é reputado nome africano affeiçoado pela língua congaleza.

Jaques Raymundo (1933, p. 118) afirma que a palavra “*banana* procede da região da Guiné e arredores, no ualofo, no mandinga (Serra-Leoa e Gaâmbia), *banana*, no süssu ou sosso *banani*, no vei e no limbaou iembê bana, no nsima pólen, que é uma variante.” As outras fontes consultadas nada afirmam sobre a suposta origem africana do termo. Assim decidimos registrá-lo como de origem incerta.

Já o termo *farofa*, segundo Assis Júnior (s.d., p.35), remete a “farinha de mandioca molhada em água / farófia”. Raymundo (1933, p.130) diz estar certo de que é um vocábulo africano: “estamos certos de que é palavra africana; entre os negros de Angola há a palavra falofa ou farofia, para designar a mistura de farinha, azeite ou água, a que se junta jindungo”. Beaurepaire-Rohan também afirma a existência do termo em Angola. Nelson de Senna (1926, p. 229) registra étimo quimbundo para farofa. Nenhuma das outras fontes consultadas afirmou a origem africana do termo.

5.3.4 Os topônimos de origem híbrida

Consideramos como de origem híbrida, os topônimos formados por base de possível origem africana juntamente com bases de outras origens, como o português, o tupi, origem incerta e também por antropônimos. Advertimos que a origem dos nomes que formam os antropônimos não foi investigada neste estudo.

Os hibridismos representaram 47,7% das 222 variantes toponímicas de nosso *corpus*. Foram contabilizados: 29 hibridismos formados por sufixação – *base banto* + *sufixo português* (exemplos: *Quilombinho*, *Cachimbeiro*); 25 hibridismos formados por *base banto* e *português* (exemplos: *Caxambu de Baixo*, *Macaco Seco*); 19 hibridismos formados por *base banto* e *antropônimo* (exemplos: *Monjolo dos Lopes*, *Quilombo do Ambrósio*); 1 hibridismo formado por termo de origem incerta + palavra de base tupi, *Bananal do Pirapitinga*.

Após à análise das bases léxicas de possível origem africana, passemos para o capítulo seguinte, no qual será apresentado o Glossário dos topônimos africanos de Minas Gerais.

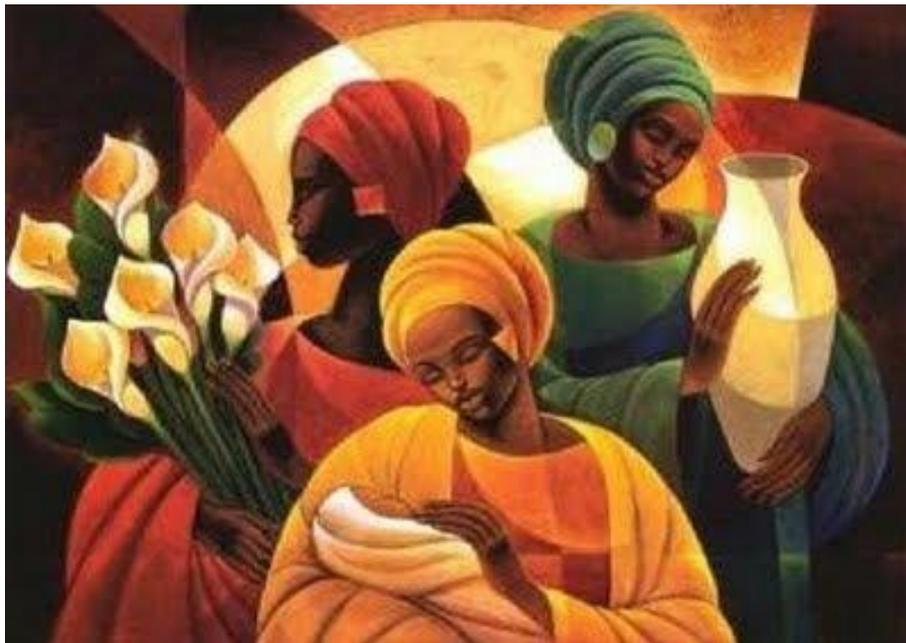


FIGURA 10: *Carícias*, de Keith Mallet.

Fonte:< <http://michelechristine.wordpress.com/pinturas/pintura-africana/#comment-1387>>
Acesso em: 18 fev. 2012

Capítulo 6 – Glossário

Neste capítulo, reunimos os nomes de lugar de Minas Gerais de provável origem africana que constituem o *corpus* desta dissertação. O glossário contempla todos os topônimos registrados em nosso *corpus*, o que resulta em 162 entradas. Ressaltamos que o número de entradas não corresponde ao número de ocorrências, uma vez que os topônimos repetem-se em diversas localidades mineiras. As entradas foram organizadas de duas maneiras distintas: pelo critério semasiológico e pelo critério onomasiológico. No intuito de orientar a consulta, ofereceremos aqui alguns esclarecimentos sobre o tratamento dado às informações do glossário nos dois métodos utilizados.

6.1. APRESENTAÇÃO DOS VERBETES PELO CRITÉRIO SEMASIOLOGICO

Esta seção reúne, em ordem alfabética, os topônimos mineiros formados por termos de provável origem africana. A entrada dos verbetes é fidedigna ao registro desses nomes nas cartas topográficas do IBGE, onde os topônimos foram coletados. Especificaremos, ao final do verbete, a forma dicionarizada da entrada cuja base africana estiver grafada de forma diferente do registro nos dicionários e glossário. No que diz respeito à apresentação gráfica, as entradas estão destacadas em negrito e versalete. Na sequência da entrada, é fornecida a estrutura morfológica do nome de lugar. Logo após, é especificada a origem dos termos que formam o topônimo.

Para classificar a origem dos africanismos, embasamo-nos, sobretudo, no trabalho de Yeda Pessoa de Castro, *Falares africanos na Bahia*, já que grande parte dos termos que formam nosso *corpus* são de origem banto. Os termos de outras origens ou que não se encontram registrados na obra de Castro foram classificados a partir de consultas a dicionários e vocabulários diversos, dentre os quais destacamos o *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*, o *Dicionário etimológico da língua portuguesa*, de Antônio Geraldo da Cunha e os vocabulários encontrados nas obras de estudiosos que tratam do léxico africano no Brasil, como Jacques Raymundo, Renato Mendonça e Nelson de Senna.

Por se tratar de um glossário de nomes de lugar, julgamos necessário informar no verbete a taxionomia toponímica, seguindo o modelo de categorização proposto por Dick (1990a).

No que diz respeito à definição, advertimos que as acepções oferecidas são referentes às bases léxicas de possível origem africana, ou seja, as definições registradas nos

verbetes não são acepções dos topônimos, mas do termo africano que faz parte da formação toponímica. As definições dos termos africanos dos topônimos derivados e compostos serão apresentadas nos verbetes de suas respectivas bases léxicas, ou seja, no corpo desses verbetes não haverá definições. No final do verbete formado por composição ou derivação será indicada a remissão da entrada na qual será encontrada a definição da base africana que faz parte da formação léxica do topônimo. Nos topônimos híbridos formados por nomes de pessoas não serão especificadas as origens dos antropônimos.

Após a definição, são registradas as nomeações, agrupadas por mesorregiões, antecedidas por um seta (→). Em seguida, são registrados os acidentes geográficos físicos (*córrego, rio, ribeirão, serra, morro*) e humanos (*cidade, vila, povoado, localidade, fazenda*), que, por sua vez, estão em itálico. Por fim, é apresentado o número de ocorrências do topônimo em todo o território mineiro.

Abreviaturas

ADJpl – adjetivo plural

ADJsing – adjetivo singular

ADV – advérbio

Apl – artigo plural

Asing – artigo singular

n/e – não encontrado

NCf – nome composto feminino

NCm – nome composto masculino

Nf – nome feminino

Nm – nome masculino

Nmf – nome de dois gêneros (masculino e feminino)

or. inc. – origem incerta

port. – português

Prep – preposição

Spl – substantivo plural

Ssing – substantivo singular

suf. – sufixo

V – verbo

A

ALTO DA BANANEIRA • NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *híbrido* [port. + (or.inc + suf. port.)] • dimensiotopônimo/ geomorfotopônimo • Nomeia → Mata: *córrego* em Mercês. • 1 ocorrência • Ver: *Banana, Bananeira*.

ALTO DO QUILOMBO • NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *híbrido* [port. + banto] • dimensiotopônimo/ geomorfotopônimo • Nomeia → Sul: *fazenda* em Alagoa • 1 ocorrência • Ver: *Quilombo*.

ANGOLA • Nf [Ssing] • *banto* • corotopônimo • 1. País da costa ocidental africana, habitado por povos do grupo linguístico banto. • Nomeia → Mata: *córrego* em Caparaó e Espera Feliz; *córrego* e *fazenda* em Santo Antônio do Grama. → Metropolitana: *córrego* e *fazenda* em Jeceaba. → Oeste de Minas: *córrego* e *localidade* em Conceição do Pará; *córrego* Bambuí. → Rio Doce: *córrego* e *povoado* em Aimorés. → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* e *fazenda* em Carmo do Paranaíba e Rio Paranaíba; *fazenda* em Gurinhatã. → Sul: *córrego* em Alpinópolis, Passos, Seritinga, Andradas, Itamoji, São Sebastião do Paraíso e Turvolândia; *fazenda* em Alpinópolis, Campanha, Campos Gerais, Monte Santo de Minas, Passos, Três Corações, São Tomás de Aquino, Seritinga e Soledade de Minas. • 32 ocorrências.

ANGOLINHA • Nf [Ssing] • *híbrido* [banto + suf. port.] • corotopônimo • Nomeia → Mata: *córrego* em Argirita e Leopoldina. → Metropolitana: *córrego* em Jeceaba. → Sul: *córrego* em Campo do Meio, Campos Gerais, Carmo do Rio Claro e São Sebastião do Paraíso. → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Campina Verde; *fazenda* em Perdizes e Uberlândia. • 11 ocorrências • Ver: *Angola*.

ANGU • Nm [Ssing] • *kwa* • ergotopônimo • Comida feita a partir da mistura de fubá ou farinha de milho, de mandioca ou de arroz, com água, temperada com sal e cozida ao fogo. • Nomeia → Jequitinhonha: *córrego* em Chapada do Norte e José Gonçalves de Minas. → Mata: *rio* em Além Paraíba, Santo Antônio do Aventureiro, Senador Cortes e Volta Grande; *córrego* e *localidade* em Piranga. → Metropolitana: *córrego* em Nova Lima; *córrego* e *fazenda* em Dom Joaquim. → Sul: *córrego* em Inconfidentes; *fazenda* em Três Corações. → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Perdizes. • 14 ocorrências.

ANGU CRU • NCm [Ssing + ADJsing] • *híbrido* [kwa + port.] • ergotopônimo • Nomeia → Metropolitana: *córrego* e *fazenda* em Dom Joaquim. • 2 ocorrências • Ver: *Angu*.

ANGU FRIO • NCm [Ssing + ADJsing] • *híbrido* [kwa + port.] • ergotopônimo • Nomeia → Sul: *fazenda* em Inconfidentes. • 1 ocorrência • Ver: *Angu*.

ANGU SECO • NCm [Ssing + ADJsing] • *híbrido* [kwa + port.] • ergotopônimo • Nomeia → Oeste de Minas: *córrego*, *fazenda* e *localidade* em Itaúna. • 3 ocorrências • Ver: *Angu*.

ANGUZINHO • Nm [Ssing] • *híbrido* [kwa + suf. port.] • ergotopônimo • Diminutivo de *angu*. • Nomeia → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Perdizes. • 1 ocorrência • Ver: *Angu*.

B

BAIXO DO MOLAMBO • NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *híbrido* [port. + banto] • geomorfotopônimo/ dimensiotopônimo • Nomeia → Norte: *fazenda* em Gameleiras. • 1 ocorrência. Ver: *Molambo*.

BAMBA • Nmf [S/ADJsing] • *banto* • antropotopônimo /ergotopônimo • 1. Indivíduo desordeiro, temível. 2. Autoridade em determinado assunto; mestre. 3. Bastão, vara, chicote. • Nomeia → Norte: *córrego* em Bocaiúva. → Sul: *fazenda* em Baependi. • 2 ocorrências.

BAMBAQUIRI • Nm [Ssing] • *origem incerta* • sociotopônimo • Dança de negro. • Nomeia → Rio Doce: *córrego* e *povoado* em Iapu. • 2 ocorrências • Dicionarizado como *bambaquerê*.

BAMBÊ • Nm [Ssing] • *banto* • ergotopônimo • Cerca de mato que forma limite, divisa de campo. • Nomeia → Central Mineira: *córrego* e *fazenda* em Martinho Campos; *córrego* em Curvelo. → Jequitinhonha: *córrego* em Senador Modestino e Gonçalves. → Mucuri: *ribeirão* em Malacacheta. → Norte: *córrego* em Bocaiúva. → Sul: *córrego* e *fazenda* em Cássia; *rio* em Passa Vinte. → Triângulo/Alto Paranaíba: *fazenda* em Ibiá. • 10 ocorrências.

BANANA • Nf [Ssing] • *origem incerta* • fitotopônimo • Fruto da bananeira de polpa carnosa e geralmente comestível. • Nomeia → Central Mineira: *córrego* em Curvelo. → Jequitinhonha: *córrego* em Senador Modestino Gonçalves. → Mucuri: *ribeirão* em Malacacheta. → Norte: *córrego* em Bocaiúva. → Rio Doce: *fazenda* em São Sebastião do Maranhão. → Sul: *córrego* e *fazenda* em Cássia; *rio* em Passa Vinte. → Triângulo/Alto Paranaíba: *fazenda* em Ibiá. • 9 ocorrências.

BANANA DO BREJO • Ncf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *híbrido* [or. inc. + port.] • fitotopônimo • Planta da família das aráceas, nativa na Guiana e no Brasil, de polpa comestível após cozimento. • Nomeia → Campo das Vertentes: *fazenda* em Madre de Deus de Minas. • 1 ocorrência • Dicionarizado como *banana-do-brejo*.

BANANA PRETA • Ncf [Ssing + ADJsing] • *híbrido* [or. inc. + port.] • fitotopônimo • Nomeia → Mata: *córrego* em Leopoldina. • 1 ocorrência • Ver: *Banana*.

BANANAL • Nm [Ssing] • *híbrido* [or. inc. + suf. port.] • fitotopônimo • Área de cultivo de bananeiras • Nomeia → Campo das Vertentes: *fazenda* em Barbacena, Carrancas, Piedade do Rio Grande, São João Del Rey e São Tiago; *córrego* em Barroso, Senhora dos Remédios e Tiradentes; *ribeirão* Carrancas e Nepomuceno. → Central Mineira: *córrego* em Leandro Ferreira, Bom Despacho e Presidente Juscelino; *fazenda* em Curvelo e Monjolos; vila em Curvelo. → Jequitinhonha: *córrego* em Aricanduva; *fazenda* em Jequitinhonha e Rio do Prado; *localidade* em Gouveia; *córrego* e *fazenda* em Comercinho; *lagoa* em Itaobim, Capelinha e Turmalina. → Mata: *córrego* em Abre Campo, Barra Longa, Laranjal, Palma, Recreio e Santana do Manhuaçu; *fazenda* em Alto Rio Doce e Vermelho Novo; *fazenda* em Araponga, Faria Lemos, Juiz de Fora, Muriaé, Olaria e Santa Rita de Jacutinga; *córrego* e *fazenda* em Bicas, Caiana, Carangola, Chácara, Chalé, Espera Feliz, Ewbank da Câmara, Lima Duarte, Raul Soares, Rio Novo e Santos Dumont; *sítio* em Caparaó; *localidade* em Guaraciaba, Palma, Recreio, Santa Rita de Jacutinga, São Francisco do Glória e São João Nepomuceno; *rio* em Santa Rita de Jacutinga; *serra* em São João Nepomuceno. → Metropolitana: *córrego* em Mariana; *córrego* e *povoado* em Queluzita; *povoado* em São

Domingos do Prata. → Mucuri: *córrego* em Ataléia e Frei Gaspar; *fazenda* em Ataléia, Franciscópolis, Frei Gaspar, Malacacheta e Teófilo Otoni; *povoado* em Ataléia; *ribeirão* em Malacacheta. → Norte: *córrego* em Engenheiro Navarro, Francisco Sá, Grão Mongol, Itacambira, Juramento e Capitão Enéias; *fazenda* em Buritizeiro, Engenheiro Navarro e Rubelita; *localidade* e *ribeirão* em Várzea da Palma; *rio* em Botumirim, Cristália e Salinas. → Oeste de Minas: *córrego* em Cláudio, Conceição do Pará, Igaratinga, Santo Antônio do Amparo, Carmópolis de Minas, Bom Sucesso e Cláudio; *fazenda* em Conceição do Pará, Doresópolis, Itaúna, Nova Serrana, Santo Antônio do Amparo e Córrego Danta; *localidade* em Bom Sucesso, Carmópolis de Minas e Igaratinga; *ribeirão* em Córrego Danta; *serra* em Cláudio. → Rio Doce: *córrego*, *fazenda* e *localidade* em Campanário; *ribeirão* em Coroaci; *fazenda* em Córrego Novo, Resplendor e Santa Rita do Itueto; *povoado* em Governador Valadares; *córrego* em Itanhomi, Nacip Raydan, Santa Rita do Itueto, São Sebastião do Maranhão e Sobrália; *localidade* em Joanésia; *rio* em Marilac e Santa Maria do Suaçuí; *povoado* e *serra* em Sobrália. → Sul: *córrego* em Delfinópolis, Carmo do Rio Claro, Passos e Pouso Alto; *fazenda* em Delfinópolis, Aiuruoca, Jesuânia, Passa Vinte, Passos, São Sebastião da Bela Vista e São Thomé das Letras; *ribeirão* em Carmo da Cachoeira, Três Pontas e Passa Vinte. → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* e *fazenda* em Araguari; *córrego* em Ibiá, Nova Ponte, Prata, Rio Paranaíba, Ituiutaba, Sacramento; *fazenda* em Itapegipe, Nova Ponte, Rio Paranaíba e Sacramento; *povoado* em Sacramento. • 179 ocorrências. Ver: *Bananeira*.

BANANAL DE ANTÔNIO GIGO • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [{*or. inc.* + *suf. port.*} + *antropônimo*] • fitotopônimo • Nomeia → Jequitinhonha: *fazenda* em Gouveia. → Norte: *fazenda* em Salinas. • 2 ocorrências • Ver: *Bananal, Banana*.

BANANAL DE BAIXO • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [{*or. inc.* + *suf. port.*} *port.*] • fitotopônimo • Nomeia → Mata: *córrego* em Chalé e Santana do Manhuaçu. → Rio Doce: *córrego* em Conceição de Ipanema. • 3 ocorrências • Ver: *Bananal Banana*.

BANANAL DE ERACO TEIXEIRA • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [{*or. inc.* + *suf. port.*} + *antropônimo*] • fitotopônimo • Nomeia → Norte: *fazenda* em Salinas. • 1 ocorrência • Ver: *Bananal, Banana*.

BANANAL DE ERNESTO LIMA • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [{*or. inc.* + *suf. port.*} + *antropônimo*] • fitotopônimo • Nomeia → Mucuri: *fazenda* em Ataléia • 1 ocorrência • Ver: *Bananal, Banana*.

BANANAL DE FELISMINO TEIXEIRA • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [{*or. inc.* + *suf. port.*} + *antropônimo*] • fitotopônimo • Nomeia → Norte: *fazenda* em Salinas. • 1 ocorrência. • Ver: *Bananal, Banana*.

BANANAL DE GERALDO NILO • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [{*or. inc.* + *suf. port.*} + *antropônimo*] • fitotopônimo • Nomeia → Central Mineira: *fazenda* em Martinho Campos. • 1 ocorrência • Ver: *Bananal, Banana*.

BANANAL DE INÁCIO J. DA COSTA • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [{*or. inc.* + *suf. port.*} + *antropônimo*] • fitotopônimo • Nomeia → Central Mineira: *fazenda* em Martinho Campos. • 1 ocorrência • Ver: *Bananal, Banana*.

BANANAL DE JOSÉ COLARES • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [{*or. inc.* + *suf. port.*} + *antropônimo*] • fitotopônimo • Nomeia → Mucuri: *fazenda* em Ataléia. • 1 ocorrência • Ver: *Bananal, Banana*.

BANANAL DE JOSÉ LIMA • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [{*or. inc.* + *suf. port.*} + *antropônimo*] • fitotopônimo • Nomeia → Mucuri: *fazenda* em Ataléia. • 1 ocorrência. • Ver: *Bananal, Banana*.

BANANAL DO BOM JARDIM • NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + ADJsing + Ssing}] • *híbrido* [{*or. inc.* + *suf. port.*} + *antropônimo*] • fitotopônimo • Nomeia → Rio Doce: *localidade* e *ribeirão* em Governador Valadares. • 2 ocorrências • Ver: *Bananal, Banana*.

BANANAL DO DICO SARAIVA NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *híbrido* [{*or. inc.* + *suf. port.*} + *antropônimo*] • fitotopônimo • Nomeia → Jequitinhonha: *fazenda* em Gouveia. • 1 ocorrência. • Ver: *Bananal, Banana*.

BANANAL DO MEIO • NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + ADJsing}] • *híbrido* [*or. inc.* + *port.* + *suf. port.*] • fitotopônimo • Nomeia → Mata: *fazenda* em Santana do Manhuaçu. • 1 ocorrência • Ver: *Bananal, Banana*.

BANANAL DO PIRAPITINGA • NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *híbrido* [{*or. inc.* + *suf. port.*} + *tupi*] • fitotopônimo • Nomeia → Rio Doce: *córrego* em Coroaci e Governador Valadares. • 2 ocorrências • Ver: *Bananal, Banana*.

BANANAL PEQUENO • NCm [Ssing + ADJsing] • *híbrido* [{*or. inc.* + *suf. port.*} + *port.*] • fitotopônimo • Nomeia → Mucuri: *córrego* em Frei Gaspar. • 1 ocorrência • Ver: *Bananal, Banana*.

BANANALZINHO • Nm [Ssing] • *híbrido* [*or. inc.* + *suf. port.*] • fitotopônimo • Nomeia → Mucuri: *povoado* em Ataléia. → Rio Doce: *localidade* em Coroaci e Santa Maria do Suaçuí; *povoado* em Governador Valadares e Tarumirim; *córrego* em Tarumirim e Tumiritinga. • 7 ocorrências • Ver: *Bananal, Banana*.

BANANALZINHO DO TRONQUEIRA • Nm [Ssing+ {Prep + Ssing}] • *híbrido* [{*or. inc.* + *suf. port.*} + *port.*] • fitotopônimo • Nomeia → Rio Doce: *localidade* em Coroaci; *córrego* em Governador Valadares. • 2 ocorrências. • Ver: *Bananal, Banana*.

BANANAS • Nm [Spl] • *origem incerta* • fitotopônimo • Nomeia → Mucuri: *córrego* em Ataléia. • 1 ocorrência • Ver: *Banana*.

BANANEIRA • Nf [Ssing] • *híbrido* [*or. inc.* + *suf. port.*] • fitotopônimo • Planta do gênero *Musa*, da família das musáceas, que produz fruto comestível, a banana. • Nomeia → Central Mineira: *fazenda* em Pompéu. → Jequitinhonha: *fazenda* Rio do Prado e Jacinto. → Mata: *córrego* em Aracitaba, Bias Fortes e Pirapetinga; *fazenda* em Paula Cândido, Ponte Nova, Senador Firmino e Tombos; *serra* em Santa Rita de Jacutinga; *córrego, fazenda* e *localidade* em Santos Dumont; *ribeirão* em Piedade de Ponte Nova. → Metropolitana: *córrego* em Caeté. → Mucuri: *localidade* em Franciscópolis e *povoado* em Malacacheta. → Noroeste: *fazenda* em Buritis. → Norte: *fazenda* em Cural de Dentro, Ninheira e Porteirinha; *localidade* em São João do Paraíso. → Oeste de Minas: *córrego* e *fazenda* em Oliveira. → Sul: *córrego* em Três Pontas, Passos e Jacuí; *fazenda* em Jacuí, Três Pontas, Carvalhos e Serranos. → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Serra do Salitre. • 36 ocorrência. • Ver: *Banana*.

BANANEIRAS • Nf [Spl] • *híbrido* [*or. inc.* + *suf. port.*] • fitotopônimo • Nomeia → Jequitinhonha: *córrego* em Rio do Prado. → Mata: *córrego* e *localidade* em Senador

Cortes; *ribeirão* em Urucânia. → Noroeste: *córrego* em Unaí. → Norte: *córrego* em Claro dos Poções, Montes Claros e São Francisco. • 8 ocorrências.

BANGÜÊ • Nm [Ssing] • *banto* • ergotopônimo/ sociotopônimo • 1. Espécie de maca, feita de cipós entrelaçados, usada antigamente para transportar crianças, enfermos ou mortos; servia também para carregar a bagaceira da moenda e materiais de construção para o canteiro de obra. 2. Engenho-de-açúcar rudimentar. • Nomeia: → Norte: *córrego* e *localidade* em Bocaiúva; *lagoa* em Itacarambi; *córrego* em Grão Mogol. → Oeste de Minas: *córrego* em Passa-Tempo. • 5 ocorrências.

BANGUELA • Nm [ADJsing] • *banto* • antropotopônimo/ corotopônimo • 1. Indivíduo desdentado ou que tem a arcada dentária falha na frente. 2. Cidade em Angola. 3. Natural do antigo reino de Benguela, a sudoeste de Angola, na África ocidental. • Nomeia → Central Mineira: *córrego* Curvelo, Três Marias e Corinto; *lagoa* em Morro da Garça. • 4 ocorrências.

BARRA DO BANANAL • Ncf [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*port.* + [{*or. inc.* + *suf. port.*}] • geomorfotopônimo • Nomeia → Mata: *fazenda* em Chalé. → Rio Doce: *fazenda* em Marilac. • 2 ocorrências. • Ver: *Bananal*, *Banana*.

BENGO • Nm [Ssing] • *banto* • fitotopônimo/ zootopônimo/ hodotopônimo/ animotopônimo • 1. Espécie de capim. 2. Preá, espécie comestível. 3. Rua estreita e tortuosa; designação depreciativa de caminhos escuros, escondidos. 4. Lugar ou estabelecimento mal frequentado. • Nomeia → Campo das Vertentes: *córrego* em São João Del Rey; *córrego* e *fazenda* em São Tiago. → Jequitinhonha: *córrego* em Araçuaí, Itamarandiba e Padre Paraíso; *localidade* em Itamarandiba. → Mucuri: *córrego* em Carlos Chagas. → Sul: *córrego* e *ribeirão* em Caxambu. • 10 ocorrências.

BERIMBAU • Nm [Ssing] • *banto* • ergotopônimo • Instrumento musical muito utilizado na capoeira, feito de um arco de madeira, cujas pontas são unidas por um fio de arame, com uma cabaça presa na extremidade inferior, e tocado com uma vareta. • Nomeia → Rio Doce: *localidade* em Água Boa. • 1 ocorrência.

BOA VISTA DO CAFUNDÓ • Ncf [ADJsing + Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [{*port.* + *port.*} + *banto*] • animotopônimo • Nomeia → Sul: *fazenda* em Turvolândia. • 1 ocorrência.

BOM JARDIM DO BANANAL • Ncm [ADJsing + Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [{*port.* + *port.*} + {*or. inc.* + *suf. port.*}] • animotopônimo • Nomeia → Rio Doce: *fazenda* em Marilac. • 1 ocorrência. • Ver: *Bananal*, *Banana*.

BONGO • Nm [Ssing] • *banto* • antropotopônimo /fitotopônimo /ergotopônimo • 1. Apanhador de papel. 2. Planta da família das moráceas; cânhamo, maconha. 3. Droga de efeito entorpecente • Nomeia → Mata: *córrego* em Porto Firme. • 1 ocorrência.

BUMBA GATUNDA • Ncf [Ssing + n/e] • *híbrido* [*banto* + n/e] • ergotopônimo/ animotopônimo • 1. Instrumento musical em formato de tambor; bombo. 2. Barulho um forte ou estrondoso, uma pancada. • Nomeia → Campo das Vertentes: *córrego* em Ressaquinha. • 1 ocorrência.

C

CABORJE • Nm [Ssing] • *banto* • animotopônimo/ ergotopônimo • 1. Prática de feitiçaria; bruxaria. 2. Amuleto. • Nomeia → Oeste de Minas: *córrego* em Medeiros. • 1 ocorrência.

CABORJES • Nm [Spl] • *banto* • animotopônimo/ ergotopônimo • Nomeia → Norte: *fazenda* em Serranópolis de Minas. • 1 ocorrência.

CAÇAMBA • Nf [Ssing] • *banto* • ergotopônimo • 1. Balde amarrado a uma corda para retirar água de poço. 2. Recipiente para depósito ou remoção de terra e entulho. • Nomeia → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Monte Alegre de Minas. • 1 ocorrência.

CAÇANJE • Nmf [Ssing] • *banto* • etnotopônimo/ sociotopônimo • 1. Grupo étnico africano proveniente de Angola. 2. Língua crioula de base portuguesa falada por esse grupo. 3. Português falado fora da norma padrão. • Nomeia → Campo das Vertentes: *localidade* e *córrego* em Nazareno. • 2 ocorrências.

CACHIMBEIRO • Nm [Ssing] • *híbrido* [*banto* + *suf. port.*] • fitotopônimo • Árvore (*Cariniana estrellensis*) de copa volumosa, tronco de mais de um metro de diâmetro, folhas com a margem serrada e pequenas flores branco-amareladas; jequitibá. • Nomeia → Campo das Vertentes: *córrego* em Barbacena. • 1 ocorrência.

CACHIMBO • Nm [Ssing] • *banto* • ergotopônimo/ litotopônimo • 1. Utensílio para fumar, formado por um tubo fino que possui, em uma das extremidades, um recipiente arredondado, onde se coloca e queima o tabaco ou outro produto, e, na outra extremidade, uma abertura por onde se aspira a fumaça. 2. Jazida em Minas Gerais. • Nomeia → Jequitinhonha: *localidade* em Datas. → Metropolitana: *córrego* e *fazenda* em Alvinópolis. → Norte: *córrego* em Januária; *fazenda* em Varzelândia. → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* e *fazenda* em Araguari; *córrego* em Santa Vitória. • 8 ocorrências.

CACHOEIRA DO MACACO • Ncf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *híbrido* [*port.* + *or.inc.*] • hidrotopônimo • Nomeia → Rio Doce: *localidade* em Coroaci. • 1 ocorrência. • Ver: *Macaco*.

CACIMBA • Nf [Ssing] • *banto* • ergotopônimo /hidrotopônimo • Buraco que se cava até atingir um lençol de água subterrâneo; poço, cisterna, olho-d'água. • Nomeia → Jequitinhonha: *córrego* em Turmalina e Veredinha. → Metropolitana: *fazenda* em Capim Branco, Sete Lagoas; *povoado* em Funilândia. • 5 ocorrências.

CACIMBAS • Nf [Spl] • *banto* • ergotopônimo/ hidrotopônimo • Nomeia → Norte: *córrego* em Montezuma e Santo Antônio do Retiro; *fazenda* em Janaúba; *localidade* em Espinosa e Francisco Sá. • 5 ocorrências.

CACIMBINHA • Nf [Ssing] • *híbrido* [*banto* + *suf. port.*] • ergotopônimo/ hidrotopônimo • Nomeia → Norte: *córrego* em Bocaiúva. • 1 ocorrência. • Ver: *Cacimba*.

CACOCO • Nm [Ssing] • *origem incerta* • zootopônimo • Ave de rapina africana, comum em Moçambique. • Nomeia → Oeste de Minas: *ribeirão* em Divinópolis. • 1 ocorrência.

CACOCO DE CIMA • NCm [Ssing + {Prep + ADJsing}] • *híbrido* [*or. inc. + port.*] • zootopônimo • Nomeia → Triângulo/Alto Paranaíba: *fazenda e morro* em Comendador Gomes; *fazenda* em Itapegipe. • 6 ocorrências. • Ver: *Cacoco*.

CAÇULA • Nmf [Ssing] • *banto* • antropotopônimo • Filho ou irmão mais novo. • Nomeia → Metropolitana: *fazenda e córrego* em Ferros. → Rio Doce: *fazenda* em Campanário e Caratinga. • 4 ocorrências.

CAÇULÉ • Nmf [Ssing] • *banto* • antropotopônimo • Nomeia → Norte: *córrego* em Rio Pardo de Minas. • 1 ocorrência. • Ver: *Caçula*.

CAFOFO • Nm [Ssing] • *banto* • geomorfotopônimo/ ergotopônimo /sociotopônimo • 1. Terreno pantanoso ou alagadiço. 2. Quarto ou lugar reservado com coisas velhas, usadas ou bagunças. 3. Lugar onde os escravos ficavam presos antes de serem vendidos. 4. Lugar pouco conhecido, esconderijo. • Nomeia → Oeste de Minas: *córrego e localidade* em Itapecirica. • 2 ocorrências.

CAFOTA • Nf [Ssing] • *banto* • hodotopônimo/ hidrotopônimo/ ergotopônimo • 1. Entrada pequena ou estreita entre pedras. 2. Água que corre num estreito entre pedras. 3. Vala de dejetos; esgoto. 4. Vaso sanitário. • Nomeia → Campo das Vertentes: *fazenda* em Nazareno. • 1 ocorrência. • Dicionarizado como *cafoto*.

CAFUA • Nf [Ssing] • *banto* • geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ sociotopônimo/ ecotopônimo • 1. Cavidade subterrânea; caverna. 2. Escavação feita na terra; cova. 3. Lugar escuro e isolado; esconderijo. 4. Habitação miserável. • Nomeia → Campo das Vertentes: *córrego e fazenda* em Lavras. → Metropolitana: *córrego* em Baldim. → Oeste de Minas: *cachoeira e fazenda* em Pedra do Indaiá; *fazenda* em Pimenta. → Sul: *córrego e fazenda* em Turvolândia; *fazenda* em Inconfidentes. • 9 ocorrências.

CAFUMÓ • Nm [Ssing] • *banto* • geomorfotopônimo/ animotopônimo • Nomeia → Jequitinhonha: *córrego e fazenda* em Jequitinhonha. • 2 ocorrências. • Ver: *Canfundó*.

CAFUNDÃO • Nm [Ssing] • *híbrido* [*banto + suf. port.*] • geomorfotopônimo/ animotopônimo • Nomeia → Campo das Vertentes: *córrego* em Nazareno. → Metropolitana: *córrego e povoado* em Caeté. • 3 ocorrências. • Ver: *Canfundó*.

CAFUNDÓ • Nm [Ssing] • *banto* • geomorfotopônimo/ animotopônimo • 1. Baixada estreita entre encostas ou lombadas altas e íngremes. 2. Lugar distante e de difícil acesso. • Nomeia → Campo das Vertentes: *localidade* em Lagoa Dourada; *córrego* em Luminárias. → Central Mineira: *fazenda* em Augusto de Lima. → Jequitinhonha: *córrego e fazenda* em Diamantina; *córrego e localidade* em Itamarandiba; *córrego* em Chapada do Norte, José Gonçalves de Minas e Itinga. → Mata: *córrego* em Palma; *fazenda* em Patrocínio de Muriaé. → Metropolitana: *córrego* em Lagoa Santa e Santana de Pirapama; *povoado* em Queluzita. → Noroeste: *serra* em Paracatu; *localidade e serra* em Arinos. → Norte: *córrego* em Grão Mongol, *córrego e localidade* em Serranópolis de Minas. → Oeste de Minas: *fazenda* em Piú. → Sul: *córrego* em Andrelândia, Nova Resende, Pouso Alto, Campestre, Carvalhos, Itanhandú e Jacutinga; *fazenda* em Alpinópolis, Andrelândia, Carvalhos, Lambari, Nova Resende, Pouso Alegre e Andradas; *morro* em Delfinópolis; *ribeirão* em São Gonçalo do Sapucaí; *serra* em Poço Fundo. → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Patrocínio; *fazenda* em Iturama e Sacramento. • 42 ocorrências.

CAFUNDOZINHO • Nm [Ssing] • *híbrido* [*banto* + *suf. port.*] • geomorfotopônimo/ animotopônimo • Nomeia → Jequitinhonha: *córrego* em Diamantina. • 1 ocorrência. • Ver: *Canfundó*

CAFUNGA • Nm [ADJsing] • *banto* • animotopônimo • Que se encontra em estado de tristeza ou enraivecimento; triste; zangado. • Nomeia → Oeste de Minas: *fazenda* em Arcos. • 1 ocorrência.

CAFURINGA • Nf [Ssing] • *banto* • animotopônimo/ antropotopônimo/ somatotopônimo • 1. Coisa pequena, insignificante. 2. Pessoa que causa intriga; mexeriqueiro. 3. Cabelo crespo. 4. Menino negro, de estatura reduzida. • Nomeia → Oeste de Minas: *fazenda* e *localidade* em Itaúna. • 1 ocorrência.

CALANGO • Nm [Ssing] • *banto* • zootopônimo • Lagarto de pequeno porte. • Nomeia → Central Mineira: *córrego* em Luz. → Triângulo/Alto Paranaíba: *serra* em Douradoquara. • 2 ocorrências.

CALINDÉ • Nm [Ssing] • *banto* • animotopônimo/ sociotopônimo • Nomeia → Norte: *fazenda* em Montezuma. • 1 ocorrência. • Ver: *Calundu*.

CALINDO • Nm [Ssing] • *banto* • animotopônimo/ sociotopônimo • Nomeia → Norte: *morro* em Manga; *rio* em Itacarambi. • 2 ocorrências. • Ver: *Calundu*.

CALUMBÁ • Nm [Ssing] • *banto* • ergotopônimo/ fitotopônimo • 1. Recipiente de madeira por meio do qual escorre e é recolhido o caldo extraído da cana nos engenhos; cocho. 2. Caldo da cana; garapa. 3. Arbusto da África Oriental. • Nomeia → Metropolitana: *córrego* e *fazenda* em Crucilândia. • 2 ocorrências.

CALUNDÓ • Nm [Ssing] • *banto* • animotopônimo/ sociotopônimo • Nomeia → Mucuri: *córrego* em Ataléia. • 1 ocorrência. • Ver: *Calundu*.

CALUNDU • Nm [Ssing] • *banto* • animotopônimo/ sociotopônimo • 1. Estado de ânimo caracterizado por mau humor, irritabilidade. 2. Manha, capricho. 3. Culto afro-brasileiro; festas ou celebrações de origem ou caráter religioso. • Nomeia → Mata: *córrego* e *fazenda* em Abre Campo. → Metropolitana: *córrego* e *fazenda* em Belo Vale. • 4 ocorrências.

CALUNGA • Nm [Ssing] • *banto* • hierotopônimo/ geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • 1. Divindade ou entidade espiritual ou sobrenatural, entre populações de origem banta, que se manifesta como força da natureza; especialmente a divindade associada ao mar. 2. Fundo do mar; fundo da terra, o abismo. 3. Cada uma das duas bonecas do maracatu. 4. Ajudante, carregador de caminhão. 5. Ente imaginário e privilegiado, ídolo. • Nomeia → Campo das Vertentes: *fazenda* em Nepomuceno; *córrego* e *localidade* em Caranaíba. → Metropolitana: *córrego* em Rio Piracicaba e São José da Varginha; *fazenda* em Itabira; *povoado* Alvinópolis. • 7 ocorrências.

CALUNGA DE DAMASCENO COSTA • Nm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *Híbrido* [*banto* + *antropônimo*] • hierotopônimo/ geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia → Campo das Vertentes: *fazenda* em Caranaíba. • 1 ocorrência. • Ver: *Calunga*.

CALUNGU • Nm [Ssing] • *banto* • animotopônimo/ sociotopônimo • Nomeia → Noroeste: *córrego* em Uruana de Minas. • 1 ocorrência. • Ver: *Calundu*

CALUNGUINHA • Nm [Ssing] • *Híbrido [banto + suf. port.]* • hierotopônimo/ geomorfotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia → Campo das Vertentes: *córrego* em Caranaíba. • 1 ocorrência. • Ver: *Calunga*.

CAMBINA • Nmf [Ssing] • *banto* • etnotopônimo/ antropotopônimo/ sociotopônimo • 1. Indivíduo do grupo dos cabindas; negro da costa norte de Angola, trazido para o Brasil. • 2. Língua do grupo quicongo falada por esse povo. • Nomeia → Sul: *córrego* em Nova Resende. • 1 ocorrência. • Dicionarizado como *cambinda*.

CAMBUTÁ • Nmf [Ssing] • *banto* • antropotopônimo • 1. Pessoa com deficiência nas pernas, coxo, manco. 2. Pessoa muito magra, fraca, malnutrida. 3. Pessoa de estatura baixa • Nomeia → Mata: *córrego e localidade* em Simonésia; *localidade* em Ponte Nova. • 3 ocorrências. • Dicionarizado como *cambuta*.

CAMUNDONGO • Nm [Ssing] • *banto* • zootopônimo • Roedor pequeno, rato caseiro • Nomeia → Jequitinhonha: *córrego* em Diamantina. → Metropolitana: *sítio* em Serro. • 2 ocorrências.

CANDANGOS • Nm [Spl] • *banto* • antropotopônimo • 1. Apelido que os africanos davam aos portugueses. 2. Designação dada aos primeiros habitantes e aos operários das grandes obras da construção de Brasília, maioria vindos do nordeste; os primeiros habitantes de Brasília. 3. Pessoa de mau-gosto 4. Aquele que inicia, pioneiro. • Nomeia → Metropolitana: *córrego e fazenda* em Santa Luzia. • 2 ocorrências. • Dicionarizado como *candongas*.

CANDONGA • Nf [Ssing] • *banto* • animotopônimo/ antropotopônimo 1. Ação enganosa, trapaça, farsa. 2. Prática de feitiçaria; olhado, quebranto. 3. Afeto enganoso, carinho fingido. 3. Pessoa bem quista, querida; benzinho, namorada. • Nomeia → Campo das Vertentes: *córrego e ribeirão* em Barbacena; *córrego* em Ibertioga. → Jequitinhonha: *córrego* em Felício dos Santos. → Mata: *córrego e localidade* em Rio Pomba; *córrego, fazenda e serra* em Santa Rita de Jacutinga. → Metropolitana: *córrego e fazenda* em Dom Joaquim; *córrego* em Juatuba. → Oeste de Minas: *morro* em Itapecirica; *rio* em Arcos. → Rio Doce: *localidade* Guanhães; *córrego* em Mutum. → Sul: *córrego* em Andrelândia; *fazenda* em Boa Esperança; *serra* em Arantina. → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Conquista e Tapira. • 22 ocorrências.

CANGA • Nf [Ssing] • *banto* • ergotopônimo • 1. Armação de madeira adaptado ao pescoço dos animais e usada nos carros de bois. 2. Tecido usado como saída-de-praia. • Nomeia → Sul: *fazenda* em Passos. • 1 ocorrência.

CANGALHA • Nf [Ssing] • *banto* • ergotopônimo • 1. Artefato de madeira ou ferro, geralmente acolchoado, colocado no lombo das cavalgaduras para pendurar carga de ambos os lados. 2. Triângulo de madeira que se coloca no pescoço dos suínos para impedir que fucem canteiros. • Nomeia → Noroeste: *ribeirão* em Unaí. • 1 ocorrência.

CANJERÊ • Nm [Ssing] • *banto* • sociotopônimo • Sessão de feitiçaria; ritual para abençoar, abrir caminhos. • Nomeia → Mata: *fazenda* em Senador Cortes. • 1 ocorrência.

CANJICA • Nf [Ssing] • *banto* • fitotopônimo/ ergotopônimo/ somatotopônimo • 1. Milho de coloração branca. 2. Prato típico de festas juninas. preparado com grãos de milho branco, leite, leite de coco, açúcar, cravo, canela e amendoim torrado. 3. Papa cremosa de milho verde ralado e cozido com leite e açúcar; corá, curau, munguzá. 4. Dentes. • Nomeia → Campo das Vertentes: *localidade* em Nazareno; *fazenda* em Madre de Deus de Minas. → Central Mineira: *córrego* em Corinto. → Mata: *fazenda* em Divinésia. → Metropolitana: *córrego* em

Cordisburgo; *córrego, fazenda e povoado* em Itatiaiuçu. • 11 ocorrência. → Oeste de Minas: *povoado e ribeirão* em Perdígão. → Sul: *córrego* em Jacuí.

CANJICA DE ANTÔNIO HENRIQUE • Nf [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*banto + port.*] • fitotopônimo/ ergotopônimo/ somatotopônimo • Nomeia → Oeste de Minas: *fazenda* em Perdígão. • 1 ocorrência. Ver: *Canjica*.

CANJICA DE MANUEL FERREIRA • Nf [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*banto + port.*] • fitotopônimo/ ergotopônimo/ somatotopônimo • Nomeia → Metropolitana: *fazenda* em Itatiaiuçu. • 1 ocorrência. Ver: *Canjica*.

CANJICAS • Nf [Spl] • *banto* • fitotopônimo/ ergotopônimo/ somatotopônimo • Nomeia → Mata: *córrego* em Divinésia. • 1 ocorrência. Ver: *Canjica*.

CANJQUINHA • Nf [Ssing] • *híbrido* [*banto + suf. port.*] • fitotopônimo/ ergotopônimo/ somatotopônimo • Nomeia → Rio Doce: *córrego* em Tumiritinga. → Sul: *córrego* em Aiuruoca. • 2 ocorrências. Ver: *Canjica*.

CAPANGAS • Nmf [Ssing] • *banto* • antropotopônimo/ ergotopônimo • 1. Pessoa encarregada de acompanhar outra para protegê-la de agressões; guarda-costas, jagunço. 2. Pequena bolsa que se leva a tiracolo. • Nomeia → Sul: *fazenda* em Campestre. • 1 ocorrência.

CAPIANGO • Nm [Ssing] • *banto* • antropotopônimo • 1. Pessoa entristecida, melancólica. 2. Indivíduo que furta; ladrão. • Nomeia → Metropolitana: *córrego* em Paraopeba. • 1 ocorrência.

CARIMBADO • Nm [S/ADJsing] • *híbrido* [*banto + suf. port.*] • animotopônimo • Que ou quem foi marcado por carimbo. • Nomeia → Mata: *fazenda* em Santa Bárbara do Monte Verde. • 1 ocorrência. • Ver: *Carimbo*.

CARIMBO • Nm [Ssing] • *banto* • ergotopônimo • Peça de metal, madeira ou borracha, contendo letras, números ou figuras em relevo, utilizada para marcar ou autenticar, à tinta, documentos, livros etc. 2. Selo, marca, sinal público com que se autentifica documentos. • Nomeia → Jequitinhonha: *córrego* em Diamantina. • 1 ocorrência.

CATIMBAU • Nm [Ssing] • *banto* • sociotopônimo/ ergotopônimo/ animotopônimo/ antropotopônimo • 1. Culto de feitiçaria ou baixo espiritismo liderado por um mestre que defuma os assistentes com seu cachimbo, e a quem se recorre para resolver problemas diversos, tanto para o bem quanto para o mal. 2. Cachimbo utilizado nesse ritual. 3. Feitiçaria. • Nomeia → Campo das Vertentes: *fazenda* em Resende Costa. • 1 ocorrência.

CATINGA • Nf [Ssing] • *banto* • animotopônimo • 1. Cheiro fétido e desagradável do corpo humano, de certos animais, de comidas ou materiais deterioradas. 2. Falta de sorte, azar, avareza. • Nomeia → Oeste de Minas: *córrego* em Cláudio; *ribeirão* em Carmo da Mata. • 2 ocorrências.

CATITO • Nm [Ssing] • *banto* • zootopônimo • Roedor de pequeno porte, camundongo. • Nomeia → Triângulo/Alto Paranaíba: *fazenda* em Araguari. • 1 ocorrência.

CATITU • Nm [Ssing] • *banto* • zootopônimo • Nomeia → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Uberaba e Veríssimo. • 2 ocorrências. Ver: *Catito*.

CATOMBA • Nf [Ssing] • *banto* • somatotopônimo • Aumento de volume em algum tecido do corpo; tumor, inchaço, calombo. • Nomeia → Metropolitana: *córrego* em Serro. • 1 ocorrência. • Dicionarizado como *catombo*.

CAXAMBU • Nm [Ssing] • *banto* • ergotopônimo/ sociotopônimo • 1. Tambor grande, tipo de membrafone, atabaque. 2. Dança afro-brasileira, semelhante ao batuque e com canto, ao som de tambor e de cuícas; jongo. • Nomeia → Campo das Vertentes: *córrego* em Dores do Campo; *localidade* em São João Del Rey. → Mata: *córrego* e *fazenda* em Santos Dumont. → Rio Doce: *córrego* em Iapu; *localidade* em Mesquita. → Metropolitana: *córrego* em Piedade dos Gerais e Rio Piracicaba; *córrego* e *povoado* Pitangui. → Noroeste: *córrego* e *povoado* em João Pinheiro. → Oeste de Minas: *córrego* em Conceição do Pará, Igaratinga, Piüi e Carmo da Mata; *fazenda* em Piüi e Carmo da Mata; *morro* em Pimenta; *localidade* em Conceição do Pará; *ribeirão* em Santo Antônio do Amparo; *serra* em Itaúna. → Sul: *cidade* em Caxambu; *córrego* em Aiuruoca, Consolação, Cristina, Passa Quatro e Boa Esperança; *fazenda* em Boa Esperança, Bom Jardim de Minas, Campo do Meio, Carmo da Cachoeira, Conceição dos Ouros, Santana da Vargem, Cambuí e Senador Amaral; *morro* em Pouso Alto; *ribeirão* em Cambuí e Senador Amaral; *serra* em Arantina. → Triângulo/Alto Paranaíba: *fazenda* em Tapira; *ribeirão* e *fazenda* em Sacramento. • 42 ocorrência.

CAXAMBU DE BAIXO • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*banto* + *port.*] • ergotopônimo/ sociotopônimo • Nomeia → Campo das Vertentes: *localidade* em Dores do Campo. → Oeste de Minas: *fazenda* em Santo Antônio do Amparo. • 2 ocorrências. Ver: *Caxambu*.

CAXAMBU DE CIMA • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*banto* + *port.*] • ergotopônimo/ sociotopônimo • Nomeia → Oeste de Minas: *fazenda* em Santo Antônio do Amparo. • 1 ocorrência. Ver: *Caxambu*.

CAXAMBUZINHO • Nm [Ssing] • *híbrido* [*banto* + *suf. port.*] • ergotopônimo/ sociotopônimo • Nomeia → Central Mineira: *córrego* e *fazenda* em Dores do Indaiá. • 2 ocorrências. Ver: *Caxambu*.

CAXINGÓ • Nm [S/ADJsing] • *banto* • antropotopônimo • 1. Que ou aquele que manca. 2. Animal ou pessoa magra; esquelético. • Nomeia → Norte: *serra* em Gameleiras. • 1 ocorrência.

CAZUMBA • Nm [Ssing] • *banto* • ergotopônimo • Móvel utilizado para assento, cadeira. • Nomeia → Campo das Vertentes: *córrego* em Resende Costa. • 1 ocorrência.

COME ANGU • NC [V + Ssing] • *híbrido* [*port* + *banto*] • dirrematotopônimo • Nomeia → Mata: *córrego* e *localidade* em Santana do Manhuaçu. • 2 ocorrências. • Ver: *Angu*.

CONDONGA • Nf [Ssing] • *banto* • animotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia → Jequitinhonha: *córrego* em Araçuaí. → Metropolitana: *córrego* em Mateus Leme. → Triângulo/Alto Paranaíba: *fazenda* em Canápolis. • 3 ocorrências. • Ver: *Candongá*.

CONGA • Nf [Ssing] • *banto* • sociotopônimo/ ergotopônimo • 1. Dança popular de Cuba e de outros países latino-americanos, de origem africana. 2. Porcentagem dada ao dono da casa de farinha, como pagamento pela desmancha da mandioca. • Nomeia → Campo das Vertentes: *localidade* em Madre de Deus de Minas. → Norte: *localidade* em São João do Paraíso. → Oeste de Minas: *córrego* em Nova Serrana. • 3 ocorrências.

CONGO • Nm [Ssing] • *banto* • etnotopônimo/ sociotopônimo • 1. Nativo do reino do Congo, nas atuais repúblicas do Congo-Kinshasa e do Congo-Brazzaville, bacongo. 2. Língua banta falada pelos congos. 3. Nação de candomblé de base religiosa essencialmente banto. • Nomeia → Central Mineira: *córrego* em Martinho Campos. → Mata: *córrego* e *fazenda* em Barra Longa; *córrego* e *localidade* em Ervália. → Metropolitana: *córrego* e *serra* em Barão de Cocais → Norte: *córrego* em Grão Mongol. → Oeste de Minas: *córrego* e *localidade* em Carmópolis de Minas. → Rio Doce: *córrego* em Sabinópolis. → Sul: *córrego* em Passa Vinte. • 12 ocorrências.

CONGO CHOCO • Nm [Ssing + ADJsing] • *híbrido* [*banto* + *port.*] • etnotopônimo/ sociotopônimo • Nomeia → Oeste de Minas: *ribeirão* em Candeias. • 1 ocorrência. • Ver: *Congo*.

CONGO VELHO • Nm [Ssing + ADJsing] • *híbrido* [*banto* + *port.*] • etnotopônimo/ sociotopônimo • Nomeia → Metropolitana: *serra* Barão de Cocais. • 1 ocorrência. • Ver: *Congo*.

CONGOS • Nm [Spl] • *banto* • etnotopônimo/ sociotopônimo • Nomeia → Mata: *córrego* e *fazenda* em Aracitaba. • 2 ocorrências.

CONGOS DE JOSÉ FERREIRA • Nm [Spl + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*banto* + *antropônimo*] • etnotopônimo/ sociotopônimo • Nomeia → Mata: *fazenda* em Aracitaba. • 1 ocorrência. • Ver: *Congo*.

CONGUÊS • Nm [S/ADJsing] • *híbrido* [*banto* + *suf. port.*] • etnotopônimo/ sociotopônimo • 1. Relativo a Congo ou seu natural ou habitante; congolês. 2. Língua do Congo. • Nomeia → Sul: *fazenda* em São Gonçalo do Sapucaí. • 1 ocorrência.

CÓRREGO BANANAL DO MEIO • NCm [Ssing + Ssing + {(Prep + Asing) + ADV}] • *híbrido* [*port.* + {*or. inc.* + *port.*} + *port.*] • hidrotopônimo • Nomeia → Mata: *localidade* em Chalé. • 1 ocorrência. • Ver: *Bananal*.

CÓRREGO DO BENGO • NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *híbrido* [*port.* + *banto*] • hidrotopônimo • Nomeia → Jequitinhonha: *lagoa* em Padre Paraíso. • 1 ocorrência. • Ver: *Bengo*.

CÓRREGO DO MACACO SECO • NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing} + ADJsing] • *híbrido* [*port.* + *or. inc.* + *port.*] • hidrotopônimo • Nomeia → Rio Doce: *povoado* em Itanhomi; *fazenda* em Galiléia. • 2 ocorrências. • Ver: *Macaco*.

CÓRREGO DO MONJOLO • NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *híbrido* [*port.* + *banto*] • hidrotopônimo • Nomeia → Sul: *fazenda* em São Tomás de Aquino. • 1 ocorrência. • Ver: *Monjolo*.

CÓRREGO DOS MACACOS • NCm [Ssing + {(Prep + Apl) + Spl}] • *híbrido* [*port.* + *or. inc.*] • hidrotopônimo • Nomeia → Mucuri: *fazenda* em Teófilo Otoni. • 1 ocorrência. • Ver: *Macaco*.

CÓRREGO MACAQUINHA • NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *híbrido* [*port.* + {*or. inc.* + *port.*}] • hidrotopônimo • Nomeia → Rio Doce: *povoado* em Campanário. • 1 ocorrência. • Ver: *Macaco*.

CUBANGO • Nm [Ssing] • *origem incerta* • corotopônimo • Topônimo; rio africano, na fronteira entre Angola e Namíbia • Nomeia → Metropolitana: córrego em Bom Jesus do Amparo. → Oeste de Minas: *córrego* em Santo Antônio do Amparo. • 2 ocorrências. • Não dicionarizado.

CUMBA • Nmf [S/ADJsing] • *banto* • antropotopônimo • 1. Que ou o que não receia o perigo, tem espírito de luta, valente; poderoso, decidido, forte. 2. Que ou aquele que é dado a feitiçaria, feiticeiro • Nomeia → Triângulo/Alto Paranaíba: *localidade* em Tupaciguara; *córrego* em Monte Alegre de Minas, Tupaciguara; *córrego* e *fazenda* em Santa Vitória. • 5 ocorrências.

CUMBÉ • Nf [Ssing] • *origem incerta*. • sociotopônimo • Dança de origem africana • Nomeia → Metropolitana: *córrego* e *povoado* em Itaverava. • 2 ocorrências.

D

DENGA • Nf [Ssing] • *banto* • fitotopônimo/ animotopônimo • 1. Árvore da família das meliáceas, nativa de regiões tropicais da África, de tronco cilíndrico, de folhas bipenadas, e que produz frutos amargos, com usos medicinais. 2. Fazer manha, dengue; denga(r). • Nomeia → Mata: *córrego* em São Pedro dos Ferros. • 1 ocorrência.

DERRUBA MOLEQUE • NC [V + Ssing] • *Híbrido* [*port.* + *banto*] • dirrematotopônimo • Nomeia → Norte: *córrego* em Pintópolis. • 1 ocorrência. • Ver: *Moleque*.

DOMBE • Nm [Ssing] • *banto* • etnotopônimo • Língua nativa falada em Angola, ndomba. • Nomeia → Campo das Vertentes: *localidade* e *córrego* em Carandaí. • 2 ocorrências.

DONDÓ • Nmf [Ssing] • *banto* • etnotopônimo • 1. Indivíduo do grupo dos dondos. • 2. Tribo banto do noroeste de Angola. • Nomeia → Sul: *serra* em Alpinópolis. • 1 ocorrência. • Dicionarizado como *dondo*.

DUNGA JOSÉ • NCm [ADJsing + Ssing] • *híbrido* [*banto* + *antropônimo*] • antropotopônimo • 1. Aquele que é especialista, mestre; exímio. 2. Indivíduo corajoso; arrojado, valentão. • Nomeia → Mata: *fazenda* em Viçosa. • 1 ocorrência.

E

EXU • Nm [Ssing] • *kwa* • hierotopônimo • 1. Divindade nagô, que faz tanto o bem quanto o mal; mensageiro dos orixás, que os guia nas encruzilhadas e nos caminhos perigosos e escuros. Também conhecido como o orixá da comunicação. 2. Seres do baixo mundo astral; espírito maligno; diabo. • Nomeia → Norte: *lagoa* e *fazenda* em Cural de Dentro; *córrego* em Águas Vermelhas. • 2 ocorrências.

F

FAROFA • Nf [Ssing] • *origem incerta* • ergotopônimo • Comida feita de farinha de mandioca ou de milho, a qual é adicionada ingredientes variados. • Nomeia → Campo das Vertentes: *localidade* em Antônio Carlos. → Metropolitana: *córrego* e *serra* em Igarapé; *córrego* em São Joaquim de Bicas; *córrego* e *serra* em Jaboticatubas. → Triângulo/ Alto Paranaíba: *fazenda* em Santa Vitória. • 7 ocorrências.

FUBÁ • Nm [Ssing] • *banto* • ergotopônimo • Farinha de milho ou de arroz. • Nomeia → Mata: *córrego* em Santa Rita de Jacutinga; *fazenda* em Carangola; *rio* em Miraiá; *localidade* em Viçosa. → Metropolitana: *córrego* em Ibitaré. → Norte: *córrego* Buritizeiro. → Sul: *córrego* e *fazenda* em Jacutinga. • 8 ocorrências.

FUNDANGA • Nf [Ssing] • *banto* • ergotopônimo • Mistura explosiva utilizada para provocar efeitos mágicos em cerimônias religiosas afro-brasileiras; pólvora. • Nomeia → Rio Doce: *córrego* em Santa Rita do Itueto; *fazenda* em Aimorés; *localidade* em Mantena. • 3 ocorrências.

G

GONGO • Nm [Ssing] • *banto/kwa* • ergotopônimo/ zootopônimo • Instrumento de percussão, formado por um disco de metal pendurado, ao qual se bate com uma baqueta pesada e acolchoada na ponta. 2. Centopeia. • Nomeia → Mata: *fazenda* em Amparo da Serra; *córrego* e *localidade* em Ervália; *fazenda* em Lima Duarte. • 4 ocorrências.

GROTA DO INHAME • NCf [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *híbrido* [port. + or. inc.] • geomorfotopônimo • Nomeia → Mata: *localidade* em Itamarati de Minas. • 1 ocorrência. • Ver: *Inhame*.

GUANDU • Nm [Ssing] • *banto* • fitotopônimo • Leguminosa de semente comestível; espécie de feijão. • Nomeia → Oeste de Minas: *ribeirão* em Santo Antônio do Monte. → Rio Doce: *localidade* em São José do Jacuri. → Sul: *fazenda* em Conceição dos Pedros. • 3 ocorrências.

GUINÉ • Nmf [Ssing] • *origem incerta* • corotopônimo/ fitotopônimo • 1. País da costa ocidental africana; República da Guiné-Bissau. 2. Herbácea de uso diurético e utilizada também para afastar maus espíritos. • Nomeia → Jequitinhonha: *córrego* e *serra* em Diamantina. → Oeste de Minas: *fazenda* e *lagoa* em São Roque de Minas. → Sul: *córrego* e *serra* em Juruáia; *ribeirão* em Monte Sião. → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Santa Rosa da Serra; *morro* em Campos Altos. • 9 ocorrências.

GUINÉ DE BAIXO • NCm [Ssing + {(Prep + Ssing)}] • *híbrido* [or. inc. + port.] • corotopônimo/ fitotopônimo • Nomeia → Sul: *fazenda* em Monte Sião. • 1 ocorrência. • Ver: Guiné.

I

ILHA DOS MACACOS • Ncf [Ssing + {(Prep + Apl) + Spl}] • *híbrido* [port. + or. inc.] • geomorfotopônimo • Nomeia → Triângulo/Alto Paranaíba: *fazenda* em Araguari; *córrego* em Campos Altos. • 2 ocorrências. • Ver: *Macaco*.

INHAME • Nm [Ssing] • *origem incerta* • fitotopônimo • Planta da família das dioscoreáceas de tubérculos comestíveis; cará. • Nomeia → Mata: *córrego* em Faria Lemos, Jequeri e Santana do Deserto. → Metropolitana: *córrego* em Capim Branco, Cristiano Otoni, Entre Rios de Minas, Santana de Pirapama e Sete Lagoas; *fazenda* em Cristiano Otoni, Ferros e Santana de Pirapama. → Oeste de Minas: *córrego* em Passa-Tempo, Iguatama, Piüi, Divinópolis e Nova Serrana; *fazenda* em Doresópolis, Itapecirica, Piüi, Iguatama e Camacho; *localidade* em Divinópolis e Nova Serrana; *ribeirão* em Itapecirica. → Rio Doce: *córrego* em Alpercata e Governador Valadares; *localidade* em Antônio Dias. → Sul: *córrego* em Estiva, Liberdade, Serrania e Tocos do Moji; *fazenda* em Poço Fundo, Areado, Campos Gerais e Liberdade. → Triângulo/Alto Paranaíba: *fazenda* em Araguari e Cruzeiro da Fortaleza. • 37 ocorrências.

L

LAMBA • Nf [Ssing] • *banto/kwa* • ergotopônimo/ sociotopônimo/ animotopônimo • 1. Vara flexível com tiras de couro utilizada para bater em animais ou castigar pessoas, chicote. 2. Trabalho forçado, penoso. 3. Tristeza, desgraça. • Nomeia → Jequitinhonha: *córrego* em Veredinha. • 1 ocorrência.

M

MACACA • Nf [Ssing] • *banto* • zootopônimo • Nomeia → Campo das Vertentes: *fazenda* em Nazareno. → Metropolitana: *córrego* em Brumadinho; *povoado* em Conceição do Mato Dentro. → Norte: *riacho* em Monte Azul. → Sul: *serra* em Juruáia. • 5 ocorrências. • Ver: *Macaco*.

MACACÃO • Nm [Ssing] • *híbrido* [*banto* + *suf. port.*] • zootopônimo • Nomeia → Metropolitana: *fazenda* em Esmeraldas. → Norte: *córrego* em Rubelita. • 2 ocorrências. • Ver: *Macaco*.

MACACO • Nm [Ssing] • *banto* • zootopônimo • Mamífero da ordem dos primatas; símio. • Nomeia → Campo das Vertentes: *córrego* em Nazareno e Resende Costa. → Jequitinhonha: *córrego* em Almenara e Rubim. → Metropolitana: *córrego* em Baldim, Belo Vale, Jaboticatubas, Passabém e Sete Lagoas; *fazenda* em Mariana; *povoado* em Passabém; *sítio* em Serro. → Mucuri: *córrego* em Ataléia, Bertópolis, Teófilo Otoni, Nanuque. → Noroeste: *córrego* em Logamar, Lagoa Grande, Presidente Olegário e João Pinheiro. Mata: *córrego* em Laranjal; *fazenda* em Amparo da Serra, Laranjal e Teixeiras; *morro* em Caiana e Faria Lemos.

→ Norte: *córrego* em Coração de Jesus, Salinas e Santa Cruz de Salinas; *fazenda* em Itacarambi e Varzelândia; *localidade* em Salinas e Santa Cruz de Salinas; *riacho* em Monte Azul. → Norte: *riacho* em Gameleiras. → Oeste de Minas: *córrego* em Cláudio Oliveira. → Rio Doce: *cachoeira* em Governador Valadares; *córrego* em Aimorés, Santa Rita do Itueto, Bom Jesus do Galho e Itanhomi; *localidade* em Dores de Ganhães; *localidade* em Mesquita; *povoado* em Bom Jesus do Galho e Itanhomi; *ribeirão* em Caratinga. → Sul: *córrego* em Aiuruoca e Carvalhópolis; *fazenda* em Juruáia e Carvalhópolis. → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Ituiutaba, Iturama, Patos de Minas, Prata, São Gotardo e Tapira; *fazenda* em Iturama. • 56 ocorrências.

MACACO SECO • NC [Ssing + ADJsing] • *híbrido* [*banto* + *port.*] • zootopônimo • Nomeia → Rio Doce: *córrego* em Itanhomi e Tumiritinga. • 2 ocorrências. • Ver: *Macaco*.

MACACOS • Nm [Spl] • *banto* • zootopônimo • Nomeia → Campo das Vertentes: *fazenda* e *córrego* em Nazareno; *localidade* e *serra* em Resende Costa. → Mata: *córrego* e *localidade* em Ervália, *ribeirão* e *localidade* em Piraúba; *córrego* em Ubá. → Central Mineira: *córrego* em Buenópolis e Pompéu; *fazenda* e *serra* Buenópolis; *localidade* em Pompéu. → Jequitinhonha: *córrego* em Itinga, José Gonçalves de Minas, Jacinto e Rio do Prado; *córrego* e *lagoa* em Padre Paraíso e Ponto dos Volantes; *córrego* e *fazenda* em Comercinho e Medina; *córrego* e *localidade* em Bandeira. → Metropolitana: *córrego* em Belo Horizonte, Fortuna de Minas, Itabira, Mariana e Ouro Preto; *fazenda* em Fortuna de Minas e Macacos; *localidade* em Esmeraldas; *povoado* em Itabira; *ribeirão* em Cachoeira da Prata, Esmeraldas, Fortuna de Minas, Inhaúma e Nova Lima. → Norte: *fazenda* em Riacho dos Machados; *riacho* em Brasília de Minas, Luislândia e São Francisco; *córrego* em Santa Cruz de Salinas. → Oeste de Minas: *fazenda* e *localidade* em Passa-Tempo. → Rio Doce: *córrego* em Caratinga. → Sul: *córrego* em Cássia, Ibiraci, Monte Sião; *fazenda* em Seritinga, Cássia, Congonhal, Delfinópolis, Ibiraci, Monte Sião e Turvolândia; *ribeirão* em Congonhal; *serra* em Guapé. → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Uberlândia, Conquista, Rio Paranaíba, Uberaba, Uberlândia e Veríssimo; *fazenda* em Matutina, Sacramento, Uberlândia, Veríssimo e Grupiara. • 74 ocorrências. • Ver: *Macaco*.

MACAMBA • Nmf [Ssing] • *híbrido* [*banto* + *suf. port.*] • antropotopônimo/ fitotopônimo • 1. Alcinha dado aos escravos pertencentes a um mesmo dono. 2. Apelido que as quitadeiras davam aos seus clientes; freguês. 3. Camarada, companheiro. 4. Espécie de inhame. • Nomeia → Triângulo/Alto Paranaíba: *fazenda* em Uberaba. • 1 ocorrência.

MACAQUINHA • Nf [Ssing] • *híbrido* [*banto* + *suf. port.*] • zootopônimo • Nomeia → Jequitinhonha: *córrego* em Itaobim. → Mata: *córrego* em Acaiaca. → Metropolitana: *córrego*, *fazenda* e *povoado* em Mariana. → Rio Doce: *córrego* em Aimorés, Governador Valadares, Itueta, Santa Rita do Itueto, Bom Jesus do Galho e Caratinga; *fazenda* em Campanário; *localidade* em Bom Jesus do Galho e Dores de Ganhães; *povoado* em Itueta. → Sul: *córrego* em Macambeiras e Carvalhos. • 17 ocorrências. • Ver: *Macaco*.

MACAQUINHOS • Nm [Spl] • *híbrido* [*banto* + *suf. port.*] • zootopônimo • Nomeia → Metropolitana: *rio* em Congonhas Ouro Preto. → Rio Doce: *córrego* em Resplendor. • 2 ocorrências. • Ver: *Macaco*.

MANDEMBO • Nm [Ssing] • *origem incerta* • fitopônimo • Lugar de mato cerrado, de difícil acesso. → Mata: *córrego* e *fazenda* em Pedro Teixeira e Piau; *córrego* em Santos Dumont e

Palma. → Metropolitana: *córrego* em Piedade dos Gerais; *fazenda* em Nova Era. → Oeste de Minas: *córrego* em Passa-Tempo, Piracema, Pains e Carmo da Mata; *fazenda* em Pains, Perdígão, Oliveira e Carmo da Mata; *ribeirão* em Oliveira e Carmo da Mata; *serra* em Perdígão. → Sul: *córrego* em Cássia; *fazenda* e *morro* em Cristina; *povoado* em Carmo do Rio Claro. • 24 ocorrências. • Dicionarizado como *mandengo*.

MANDINGUEIRO • Nm [Ssing] • *híbrido* [*banto* + *suf. port.*] • antropotopônimo • Aquele que faz feitiço, mandinga. • Nomeia → Campo das Vertentes: *córrego* em São João Del Rey. → Jequitinhonha: *córrego* em Itamarandiba; *localidade* em Araçuaí. → Mata: *fazenda* em Amparo da Serra; *córrego* em Lima Duarte. → Triângulo/Alto Paranaíba: *fazenda* em Uberaba e Veríssimo. • 7 ocorrências.

MANJUBA • Nf [Ssing] • *origem incerta/ banto* • zootopônimo/ somatotopônimo • 1. Peixe de água salgada, da família dos engraulídeos. 2. Órgão genital masculino grande. • Nomeia → Central Mineira: *fazenda* em Augusto de Lima. • 1 ocorrência.

MARIMBA • Nf [Ssing] • *banto* • ergotopônimo • Instrumento de percussão constituído por placas de madeira formando um teclado, percutidas por duas baquetas, tendo cabaças como ressoadores. • Nomeia → Norte: *lagoa* em Guaraciama e Bocaiúva. • 1 ocorrência.

MARIMBEIRO • Nm [Ssing] • *híbrido* [*banto* + *suf. port.*] • antropotopônimo • Tocador de marimba. • Nomeia → Sul: *córrego* e *fazenda* em Cambuquira. • 2 ocorrências. • Ver: *Marimba*.

MARIMBONDINHO • Nm [Ssing] • *híbrido* [*banto* + *suf. port.*] • zootopônimo • Nomeia → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Conquista. • 1 ocorrência. • Ver: *Marimbondo*.

MARIMBONDO • Nm [Ssing] • *banto* • zootopônimo • Inseto da família dos vespídeos e pompilídeos, geralmente dotados de ferrão; vespa. • Nomeia → Campo das Vertentes: *córrego* em Ingaí e Nazareno; e *fazenda* em Luminárias. → Central Mineira: *córrego* em Buenópolis e Quartel Geral; *fazenda* em Luz; *localidade* em Buenópolis. → Jequitinhonha: *córrego* em Coronel Murta; *fazenda* em Jequitinhonha. → Mata: *córrego* e *fazenda* em Brás Pires e Rio Doce; *córrego* em Eugenópolis e Muriaé; *fazenda* em Teixeiras; *córrego* e *localidade* em Raul Soares e São Pedro dos Ferros. → Metropolitana: *córrego* em Ouro Branco e Pedro Leopoldo. → Norte: *córrego* e *fazenda* em Taiobeiras; *córrego* em Salinas. → Rio Doce: *localidade* em Açucena; *povoado* em Santa Rita do Itueto e São João do Oriente. → Sul: *córrego* em São Pedro da União; *fazenda* em Coqueiral, Lambari, Passos e São Pedro da União; *córrego* e *fazenda* em Soledade de Minas; *ribeirão* Boa Esperança. → Triângulo/Alto Paranaíba: *localidade* em Araguari, Frutal e Uberlândia; *córrego* em Araguari, Campina Verde, Conquista, Sacramento, Uberaba, Uberlândia e Veríssimo; *fazenda* em Araguari, Conquista, Frutal, Sacramento, Campina Verde e Veríssimo; *ribeirão* em Frutal; *serra* em Campina Verde, Frutal e Gurinhatã. • 81 ocorrências.

MARIMBONDOS • Nm [Ssing] • *banto* • zootopônimo • Nomeia → Sul: *serra* em São Pedro da União. • 1 ocorrência.

MATACO • Nm [Ssing] • *banto* • somatotopônimo • Região glútea; nádegas. • Nomeia → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Monte Alegre de Minas. • 1 ocorrência.

MATUMBI • Nm [Ssing] • *banto* • antropotopônimo • Indivíduo do campo, de espírito rústico; matuto, homem rude. → Mata: *fazenda* em Juiz de Fora. • 1 ocorrência.

MAXIXE • Nm [Ssing] • *banto* • fitotopônimo/ sociotopônimo • 1. Fruto do maxixeiro, planta anual da família das cucurbitáceas. 2. Dança urbana, de par unido, resultante da fusão da habanera e da polca com uma adaptação do ritmo sincopado africano. • Nomeia → Jequitinhonha: *córrego* Coronel Murta. → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Carmo do Paranaíba; *córrego* e *serra* em Lagoa Formosa. • 4 ocorrências.

MOCAMBA • Nf [Ssing] • *banto* • sociotopônimo • Nomeia → Noroeste: *fazenda* em Cabeceira Grande. • 1 ocorrência. • Ver: *Mocambo*. Dicionarizado como *mocambo*.

MOCAMBINHO • Nm [Ssing] • *híbrido* [*banto* + *port.*] • sociotopônimo • Nomeia → Noroeste: *córrego* em Dom Bosco. → Norte: *córrego* em Riacho dos Machados e Rio Pardo de Minas; *fazenda* em Monte Azul, Brasília de Minas, Gameleiras e Riachinho; *riacho* em Itacarambi e Manga; *vila* em Porteirinha e Riacho dos Machados. • 11 ocorrência.

MOÇAMBIQUE • Nm [Ssing] • *banto* • corotopônimo/ antropotopônimo/ sociotopônimo • 1. País situado na costa oriental da África Austral, oficialmente denominado República de Moçambique. 2. Indivíduo natural de Moçambique trazido para o Brasil, de fala majoritária ronga e chagada. 3. Dança. • Nomeia → Metropolitana: *córrego* e *fazenda* Cordisburgo. • 2 ocorrências.

MOCAMBO • Nm [Ssing] • *banto* • sociotopônimo • Refúgio de escravos, geralmente em matas, equivalente ao quilombo. • Nomeia → Central Mineira: *córrego* e *fazenda* em Augusto de Lima e Pompéu; *localidade* em Buenópolis e Mocambinho; *córrego* em Três Marias; *fazenda* em Morada Nova de Minas. → Jequitinhonha: *fazenda* em Araçuaí, Coronel Murta e Jacinto. → Mata: *córrego* em Palma. → Metropolitana: *córrego* em Baldim; *córrego*, *fazenda* e *povoado* em Paraopeba. → Noroeste: *córrego* e *fazenda* em Bonfinópolis de Minas; *serra* em João Pinheiro. → Norte: *córrego* em Bocaiúva, Claro dos Poções, Francisco Sá, Indaiabira, Juramento, Lagoa dos Patos, Monte Azul, Montes Claros, Rio Pardo de Minas e Santa Fé de Minas; *fazenda* em Bocaiúva, Coração de Jesus, Indaiabira, Itacarambi, Manga e Santa Fé de Minas; *localidade* em Bocaiúva, Campo Azul, Coração de Jesus, Indaiabira, Lagoa dos Patos, Monte Azul, Porteirinha, Rubelita; *povoado* em Rio Pardo de Minas; *riacho* em Coração de Jesus, Januária, São Francisco, São João da Lagoa e Montes Claros. → Sul: *fazenda* em Carmo de Minas; *povoado* em Muzambinho. • 66 ocorrências.

MOLEQUE • Nm [Ssing] • *banto* • antropotopônimo • 1. Menino negro. 2. Menino novo, de pouca idade. 3. Garoto travesso. • Nomeia → Campo das Vertentes: *serra* em *Córrego* e Carrancas. → Metropolitana: *fazenda* em São José da Varginha. → Sul: *serra* em Minduri. → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* e *fazenda* em Capinópolis; *córrego* em Frutal. • 7 ocorrências.

MOMBAÇA • Nm [Ssing] • *banto* • corotopônimo • Nome do porto e da localidade na costa oriental africana, hoje pertencente ao Quênia. • Nomeia → Campo das Vertentes: *córrego* em Ressaquinha. → Sul: *córrego* em Caxambu. • 2 ocorrências.

MONJOLINHO • Nm [Ssing] • *híbrido* [*banto* + *suf. port.*] • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia → Campo das Vertentes: *córrego* em Nepomuceno. → Central Mineira: *córrego* em Pompéu, Bom Despacho, Lagoa da Prata, Abaeté e Quartel Geral; *fazenda* em Bom Despacho, Lagoa da Prata, Estrela do Indaiá e Martinho Campos. → Mata: *córrego*, *localidade* e *serra* em Chiador e Mar de Espanha *córrego* em Guarani; *fazenda* em Santa Rita do Ibitipoca. → Sul: *córrego* em Minduri, Monte Belo, Aiuruoca, Cachoeira de Minas, Delfinópolis, Estiva e Silvianópolis; *fazenda* em Alfenas, Alpinópolis, Bom Jesus da

Penha, Carvalhos, Heliadora, Minduri, Monsenhor Paulo, Monte Belo, Aiuruoca, Delfinópolis, Monte Sião, Pouso Alto e Santa Rita de Caldas. → Triângulo/Alto Paranaíba: *localidade* em Comendador Gomes; *córrego* em Gurinhatã, Comendador Gomes, Ituiutaba, Prata, Santa Rosa da Serra e Uberlândia; *fazenda* em Carmo do Paranaíba, Gurinhatã, Ituiutaba, Prata, Santa Rosa da Serra, Tiros, Uberlândia e Veríssimo; *povoado* em Carmo do Paranaíba e Prata. • 55 ocorrências. • Ver: *Monjolo*.

MONJOLINHO DOS LOPES • Nm [Ssing + {(Prep + Apl) + Ssing}] • *híbrido* [{*banto* + *suf. port.*}.+ *antropônimo*] • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia → Mata: *localidade* em Canaã. • 1 ocorrência. • Ver: *Monjolo*.

MONJOLINHO DOS TEIXEIRAS • Nm [Ssing + {(Prep + Apl) + Ssing}] • *híbrido* [{*banto* + *suf. port.*}.+ *antropônimo*] • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia → Mata: *localidade* em Canaã. • 1 ocorrência. • Ver: *Monjolo*.

MONJOLO • Nm [Ssing] • *banto* • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • 1. Engenho rudimentar movido por água, utilizado para pilar milho e descascar café. 2. Antigo povo banto no Brasil, da etnia onjolo; indivíduo do grupo de línguas cuainama do sudoeste de Angola. • Nomeia → Campo das Vertentes: *córrego* em Barroso, Ibertioga, Luminárias e Resende Costa; *fazenda* em Desterro do Melo, Resende Costa. → Central Mineira: *córrego* em Curvelo, Abaeté, Presidente Juscelino e Dores do Indaiá; *fazenda* em Curvelo, Felixlândia e Abaeté. → Mata: *córrego*, *fazenda* e *localidade* em Astolfo Dutra; *córrego* em Rio Preto e Santa Bárbara do Monte Verde; *fazenda* em Santa Rita do Ibitipoca. → Metropolitana: *córrego* em Baldim, Conceição do Mato Dentro, Cordisburgo, Ferros, Sabará e Serro; *fazenda* em Araçai, Jaboticatubas, Maravilhas, Sabará e São José da Varginha; *morro* em Contagem; *povoado* em Conceição do Mato Dentro, Ferros e Sabará. → Mucuri: *córrego* em Ladainha. → Noroeste: *córrego* em Buritis. → Norte: *córrego* em Grão Mongol. → Rio Doce: *córrego* em Bom Jesus do Galho e Conselheiro Pena; *fazenda* em Virginópolis; *localidade* em Açucena; *povoado* em Conselheiro Pena. → Sul: *córrego* em Monte Belo, Cambuí, Delfinópolis, Monte Santo de Minas e São Sebastião do Paraíso; *fazenda* em Alfenas, Passos, Três Pontas, Andrelândia, Delfinópolis e Brasópolis. → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Conquista, Gurinhatã, Monte Alegre de Minas e Rio Paranaíba. • 77 ocorrências.

MONJOLO DE GUILHERMINO DA COSTA LOPES • Nm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*banto* + *antropônimo*] • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia → Central Mineira: *córrego* em Martinho Campos. • 1 ocorrência. • Ver: *Monjolo*.

MONJOLO DE MANUEL P. DA COSTA LOPES • Nm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*banto* + *antropônimo*] • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia → Central Mineira: *córrego* em Martinho Campos. • 1 ocorrência. • Ver: *Monjolo*.

MONJOLO DE VALDIR B. DOS SANTOS LOPES • Nm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*banto* + *antropônimo*] • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia → Central Mineira: *fazenda* em Dores do Indaiá. • 1 ocorrência. • Ver: *Monjolo*.

MONJOLO DE VICENTE L. DE CAMARGO LOPES • Nm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*banto* + *antropônimo*] • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia → Central Mineira: *fazenda* em Dores do Indaiá. • 1 ocorrência. • Ver: *Monjolo*.

MONJOLO VELHO LOPES • Nm [Ssing + ADJsing + Ssing] • *híbrido* [{*banto* + *port.* + *antropônimo*] • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia → Central Mineira: *córrego* em Martinho Campos. → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Patrocínio e Perdizes. • 3 ocorrências. • Ver: *Monjolo*.

MONJOLO VELHO DE BALBINA ANTÔNIO DA SILVA LOPES • Nm [Ssing + ADJsing + Ssing] • *híbrido* [{*banto* + *port.* + *antropônimo*] • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia → Central Mineira: *córrego* em Martinho Campos. • 1 ocorrência. • Ver: *Monjolo*. • Ver: *Monjolo*.

MONJOLOS • Nm [Spl] • *banto* • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia → Central Mineira: *cidade* em Monjolos. • 1 ocorrências.

MONJOLOS LOPES • Nm [Spl + Ssing] • *híbrido* [*banto* + *antropônimo*] • sociotopônimo/ ergotopônimo/ antropotopônimo • Nomeia → Metropolitana: *córrego* em São José da Varginha; *fazenda* em Congonhas; *povoado* em São José da Varginha. → Triângulo/Alto Paranaíba: *fazenda* e *ribeirão* em Campos Altos. • 5 ocorrências. • Ver: *Monjolo*.

MUCAMBINHO • Nm [Ssing] • *híbrido* [*banto* + *suf. port.*] • sociotopônimo • Nomeia → Central Mineira: *córrego* e *serra* em Pompéu. • Nomeia → Norte: *córrego* em Bocaiúva, Brasília de Minas e Montes Claros; *povoado* em Francisco Sá. • 5 ocorrências. Ver: *Mocambo*. • Ver: *Mocambo*.

MUCAMBINHO DE JOAQUIM MACHADO • Nm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [{*banto* + *suf.*} + *antropônimo*] • sociotopônimo • Nomeia → Central Mineira: *fazenda* em Pompéu. • 1 ocorrência. • Ver: *Mocambo*.

MUCAMBINHO DE JOSÉ MACIEL • Nm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [{*banto* + *suf.*} + *antropônimo*] • sociotopônimo • Nomeia → Central Mineira: *fazenda* em Pompéu. • 1 ocorrência. • Ver: *Mocambo*.

MUCAMBO • Nm [Ssing] • *banto* • sociotopônimo • Nomeia → Metropolitana: *córrego* e *fazenda* em Matozinhos; *localidade* em Baldim. • 3 ocorrências. • Ver: *Mocambo*.

MUCAMINHO • Nm [Ssing] • *híbrido* [*banto* + *suf. port.*] • sociotopônimo • Nomeia → Mucuri: *fazenda* em Teófilo Otoni. • 1 ocorrência. • Ver: *Mocambo*.

MULUNGU • Nm [Ssing] • *banto* • fitopônimo/ ergotopônimo/ mitotopônimo. • 1. Árvore da família das leguminosas, de flores vermelhas ou alaranjadas. 2. Grande tambor, usado nas cerimônias religiosas dos xangôs. 3. Ser superior aos homens; deus. • Nomeia → Mucuri: *córrego* em Ataléia. → Noroeste: *córrego* e *fazenda* em Buritis e Unaí. • 5 ocorrências.

MUQUECA • Nf [Ssing] • *banto* • ergotopônimo • Comida preparada com peixe, frutos do mar, carne ou ovos, feito com leite de coco, dendê e bastante tempero, de preferência em recipiente de barro, onde também é servida. • Nomeia → Mata: *localidade* em São Miguel do Anta. • 1 ocorrência. • Dicionarizado como *moqueca*.

MURUNDÃO • Nm [Ssing] • *banto* • animotopônimo/ geomorfotopônimo • Nomeia → Rio Doce: *córrego* em Governador Valadares. • 1 ocorrência. Ver: *Murundu*.

MURUNDU • Nm [Ssing] • *banto* • animotopônimo/ geomorfotopônimo • 1. Quantidade de qualquer coisa; porção. 2. Monte de terra, microrrelevo, característico dos cerrados e planaltos do Brasil central, em forma de pequena elevação ou montículo, geralmente arredondado,

muitas vezes apresentando solo e vegetação diferentes dos da área circundante; aterroada, capãozinho. • Nomeia → Jequitinhonha: *fazenda* em Caraí. → Mata: *localidade* em Argirita e São João Nepomuceno. • 3 ocorrências.

MUXIBA • Nf [Ssing] • *banto* • somatotopônimo/ ergotopônimo • 1. Pele flácida, pelanca. 2. Carne de boi magra e cheia de nervo. • Nomeia → Mata: *córrego* e *localidade* em Ubá. • 2 ocorrências.

MUZAMBINHO • Nm [Ssing] • *híbrido* [*or. inc.* + *suf. port.*] • mitotopônimo • Nomeia → Rio Doce: *fazenda* em Itambacuri. → Sul: *cidade* de Muzambinho; *fazenda* em Serrania; *ribeirão* em Serrania; *rio* e *serra* em Muzambinho. • 7 ocorrências. • Ver: *Muzambo*. • Dicionarizado como *muzambê*.

MUZAMBO • Nm [Ssing] • *origem incerta* • mitotopônimo • Espécie de papão do folclore; o que apavora. • Nomeia → Sul: *rio* em Muzambinho, Alfenas, Alterosa, Divisa Nova, Juruiaia e Serrania; *fazenda* em Areado, Monte Belo e Muzambinho. • 6 ocorrências. • Ver: *Muzambo*. • Dicionarizado como *muzambê*.

MUZUNGU • Nm[Ssing] • *origem incerta* • antropotopônimo • 1. Homem branco; senhor. 2. Negro que assimilou cultura diferente da sua. • Nomeia → Mata: *córrego*, *fazenda* e *localidade* em Recreio. • 3 ocorrências. • Dicionarizado como *muzúngu*.

N

NÊGO COTINHA • NCm [ADJsing + Ssing] • *híbrido* [*port.* + {*banto* + *suf. port.*}] • antropotopônimo • Natural de Bacota, povo do Gabão e da República do Congo; cota. • Nomeia → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Prata. • 1 ocorrência. • Dicionarizado como *cota*, *bacota*.

P

PÃO DE ANGU • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*port.* + *banto*] • ergotopônimo • Nomeia → Mata: *localidade* em Lima Duarte. • 1 ocorrência. • Ver: *Angu*. Pau de Angu – pau de mexer angu. *córrego* em Prados.

PAU DE ANGU • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*port.* + *banto*] • ergotopônimo • Nomeia → Campo das Vertentes: *córrego* em Prados. • 1 ocorrência. • Ver: *Angu*.

Q

QUEBRA-CANGA • NCf [V + Ssing] • *híbrido* [port. + banto] • dirrematotopônimo • Ladeira íngreme. • Nomeia → Triângulo/Alto Paranaíba: *fazenda* em Araxá. • 1 ocorrência. • Dicionarizado como *quebra-cangalha*.

QUIABEIRO • Nm [Ssing] • *híbrido* [banto + suf. port.] • fitotopônimo • Planta da família das malvácea, cujo fruto é o quiabo. • Nomeia → Sul: *serra* em São Gonçalo do Sapucaí. • 1 ocorrência.

QUIABO • Nm [Ssing] • *banto* • fitotopônimo • Fruto capsular cônico, verde e peludo, produzido pelo quiabeiro. • Nomeia → Rio Doce: *córrego* em Tarumirim. • 1 ocorrência.

QUIABO ASSADO • Nm [Ssing + ADJsing] • *híbrido* [banto + port.] • fitotopônimo • Nomeia → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* e *fazenda* em Uberlândia. • 2 ocorrência. • Ver: *Quiabo*.

QUILOMBIM • Nm [Ssing] • *híbrido* [banto + suf. port.] • sociotopônimo • Nomeia → Campo das Vertentes: *fazenda* em Ibertioga. • 1 ocorrência. • Ver: *Quilombo*.

QUILOMBINHO • Nm [Ssing] • *híbrido* [banto + port.] • sociotopônimo • Nomeia → Campo das Vertentes: *localidade* em Antônio Carlos. • 1 ocorrência. • Ver: *Quilombo*.

QUILOMBO • Nm [Ssing] • *banto* • sociotopônimo • Território de negros. • Nomeia → Campo das Vertentes: *fazenda* e *córrego* em Ingaí; *fazenda* em Prados e Resende Costa. → Central Mineira: *córrego* em Curvelo, Buenópolis e Bom Despacho; *fazenda* em Curvelo, Monjolos e Lagoa da Prata; *lagoa* em Pompéu. → Jequitinhonha: *córrego* em Angelândia, Diamantina, Senador Modestino Gonçalves e José Gonçalves de Minas; *córrego*, *fazenda* e *morro* em Novo Cruzeiro; *lagoa* em Ponto dos Volantes. → Metropolitana: *córrego* em Dom Joaquim, Ouro Preto, Pedro Leopoldo, Santo Antônio do Rio Abaixo, São Sebastião do Rio Preto e Serro; *fazenda* em Jaboticatubas, Rio Vermelho e Taquaraçu de Minas; *córrego* e *fazenda* em Alvinópolis, Belo Vale, Santa Maria de Itabira, Santana de Pirapama e Nova Era; *localidade* em Santana de Pirapama; *povoado* em Funilândia e Nova Era. → Noroeste: *localidade* em Unaí. → Mata: *córrego* Juiz de Fora, Piedade de Ponte Nova e Rio Preto; *ribeirão* em Bias Fortes; *fazenda* em Ponte Nova; *localidade* em Dores do Turvo; *córrego* e *localidade* em Piranga, Santa Cruz do Escalvado e Senhora de Oliveira. → Norte: *córrego* em Botumirim, Coração de Jesus, Cristália, Grão Mongol, Juramento, Monte Azul, Montes Claros, Porteirinha e Várzea da Palma; *fazenda* em Salinas e Serranópolis de Minas; *localidade* em Grão Mongol; *morro* em Pai Pedro e Porteirinha; *serra* em Monte Azul. → Rio Doce: *fazenda* em Sabinópolis; *localidade* em Braúnas, Carmésia, Jaguarapu e Sabinópolis. → Sul: *córrego* em Alterosa, Camanducaia, Carvalhos, Passa Quatro, Pouso Alto e Venceslau Brás; *fazenda* em Alterosa, Andrelândia, Brasópolis, Alpinópolis, Delfinópolis, Pouso Alto e Venceslau Brás; *morro* em Cachoeira de Minas, Camanducaia e Carvalhos; *ribeirão*, *córrego* e *fazenda* em Baependi; *serra* em Carvalhos e Delfinópolis. → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* em Araguari, Campina Verde, Campos Altos, Gurinhatã, Monte Alegre de Minas, Serra do Salitre, Uberlândia, Capinópolis e Ituiutaba; *fazenda* em Araguari, Campos Altos, Monte Alegre de Minas e Uberlândia; *ribeirão* em Ibiá; *serra* em Araxá. • 114 ocorrências.

QUILOMBO DE CIMA • NCm [Ssing {Prep + ADJ}] • *híbrido* [banto + port.] • sociotopônimo • Nomeia → Metropolitana: *córrego* em Santana de Pirapama. • 1 ocorrência. • Ver: *Quilombo*.

QUILOMBO DE GERALDO CORREIA • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*banto* + *antropônimo*] • sociotopônimo • Nomeia → Central Mineira: *fazenda* em Curvelo • 1 ocorrência. • Ver: *Quilombo*.

QUILOMBO DE SADIR FIGUEIREDO • NCm [Ssing + {Prep + Ssing}] • *híbrido* [*banto* + *antropônimo*] • sociotopônimo • Nomeia → Central Mineira: *fazenda* em Curvelo. • 1 ocorrência. • Ver: *Quilombo*.

QUILOMBO DO AMBRÓSIO • NCm [Ssing + {(Prep + Asing) + Ssing}] • *híbrido* [*banto* + *port.*] • sociotopônimo • Nomeia → Triângulo/Alto Paranaíba: *córrego* e *fazenda* em Ibiá. • 2 ocorrência. • Ver: *Quilombo*.

QUILOMBO PRETO • NCm [Ssing + ADJ] • *híbrido* [*banto* + *port.*] • sociotopônimo • Nomeia → Metropolitana: *localidade* em Santana de Pirapama. • 1 ocorrência. • Ver: *Quilombo*.

QUIBUNGO • Nm [Ssing] • *banto* • mitotopônimo/ antropotopônimo/ sociotopônimo • 1. Ente fabuloso do mito afro-brasileiro, trazido pelos bantos e popularizado na literatura oral. Ser fantástico, meio homem, meio animal, de cabeça enorme e um buraco no meio das costas, que se abre quando ele abaixa a cabeça e fecha quando levanta. 2. Indivíduo que faz feitiços; feiticeiro. 3. Baile de negros. • Nomeia → Metropolitana: *povoado* em Santana dos Montes. • 1 ocorrência.

QUINDIM • Nm [Ssing] • *kwa/ banto* • animotopônimo/ ergotopônimo • 1. Dificuldade, particularidades, minúcias. 2. Graça, meiguice, dengue. 3. Doce feito de gema de ovo, coco e açúcar, de aspecto gelatinoso. • Nomeia → Metropolitana: *fazenda* em Ouro Branco. • 1 ocorrência.

QUITANDA • Nf [Ssing] • *banto* • sociotopônimo/ ergotopônimo • 1. Pequeno estabelecimento onde são vendidas verduras e frutas; tabuleiro em que os vendedores ambulantes expõem a sua mercadoria; feira. 2. Guloseimas semelhantes aos sequilhos, doces secos. Qualquer espécie de biscoito, bolo ou doce caseiro. • Nomeia → Mata: *localidade* em Dom Silvério. • 1 ocorrência.

S

SÃO JOSÉ DO MOCAMBO Nm [Ssing] • *híbrido* [*port* + *antropônimo* + *banto*] • hagiopônimo • → Norte: *localidade* em Montes Claros. • 1 ocorrência. • Ver: *Mocambo*.

Z

ZABUMBA • Nm [Ssing] • *banto* • ergotopônimo • Tambor de sonoridade grave; bombo. • Nomeia → Metropolitana: *córrego fazenda* em Itabira. → Triângulo/Alto Paranaíba: *chapada*, *córrego* e *fazenda* em Ibiá. • 4 ocorrências.

ZUMBI • Nm [Ssing] • *banto* • mitotopônimo/ antropotopônimo • 1. Alma errante, fantasma que vagueia em casa altas horas da noite. 2. Pessoa de hábitos noturnos. 3. O chefe do Quilombo dos Palmares; Zumbi dos Palmares. • Nomeia → Mata: *ribeirão* em Pequeri. → Campo das Vertentes: *fazenda* em Madre de Deus de Minas. • 2 ocorrências.

6.2. APRESENTAÇÃO DOS VERBETES PELO CRITÉRIO ONOMASIOLÓGICO

Nesta seção, apresentamos os verbetes a partir do critério onomasiológico. A classificação onomasiológica organiza os verbetes em categorias específicas ou em campos de significados. Para nosso estudo, consideramos de maior relevância a organização por meio das categorias taxionômicas toponímicas propostas por Dick (1990a). Desse modo, agrupamos os nomes de lugar a partir de sua classificação. As taxionomias toponímicas estão separadas em duas categorias: natureza antropocultural e natureza física. Dentro das categorias, as taxionomias foram organizadas em ordem alfabética, destacadas em negrito e fonte versalete. Ao lado das taxionomias, está registrado o número de ocorrências do topônimo em Minas Gerais. Os topônimos também foram ordenados alfabeticamente. No caso dos nomes de lugar que possuem outras possibilidades de classificação, essas foram registradas na linha abaixo da entrada dos topônimo.

6.2.1. Topônimos de natureza antropocultural

ANIMOTOPÔNIMO	Ocorrências: 110
Bengo fitotopônimo/ hodotopônimo/ animotopônimo	Calundó sociotopônimo
Boa Vista do Cafundó	Calundu sociotopônimo
Bom Jardim do Bananal	Calungu sociotopônimo
Bumba Gatunda ergotopônimo	Candongga antropotopônimo
Caborje ergotopônimo	Carimbado
Caborjes ergotopônimo	Catimbau antropotopônimo/ ergotopônimo/ sociotopônimo
Cafumó geomorfotopônimo	Catinga
Cafundão geomorfotopônimo	Condonga antropotopônimo
Cafundó geomorfotopônimo	Denga fitotopônimo
Cafundozinho geomorfotopônimo	Lamba ergotopônimo/ sociotopônimo
Cafunga	Murundão geomorfotopônimo
Cafuringa antropotopônimo/ somatotopônimo	Murundu geomorfotopônimo
Calindé sociotopônimo	Quindim ergotopônimo
Calindo sociotopônimo	

ANTROPOTOPÔNIMO**Ocorrências: 252**

Bamba ergotopônimo	Mandigueiro
Banguela corotopônimo	Marimbeiro
Bongo ergotopônimo/ fitotopônimo	Matumbi
Caçula	Moçambique corotopônimo/ sociotopônimo
Caculé	Moleque
Cafuringa animotopônimo/ somatotopônimo	Monjolinho ergotopônimo/ sociotopônimo
Calunga ergotopônimo/ geomorfotopônimo/ hierotopônimo	Monjolinho dos Lopes ergotopônimo/ sociotopônimo
Calunga de Damasceno Costa ergotopônimo/ geomorfotopônimo/ hierotopônimo	Monjolinho dos Teixeiras ergotopônimo/ sociotopônimo
Calunguinha ergotopônimo/ geomorfotopônimo/ hierotopônimo	Monjolo ergotopônimo/ sociotopônimo
Cambina etnotopônimo/ sociotopônimo	Monjolo de Guilhermino de C. Lopes ergotopônimo/ sociotopônimo
Cambutá	Monjolo de Manuel P da Consta Lopes ergotopônimo/ sociotopônimo
Candangos	Monjolo de Valdir B dos Santos Lopes ergotopônimo/ sociotopônimo
Candongá animotopônimo	Monjolo de Vicente L. de Camargo ergotopônimo/ sociotopônimo
Capangas ergotopônimo	Monjolo Velho de Balbina A. da S. Lopes ergotopônimo/ sociotopônimo
Capiango	Monjolo Velho Lopes ergotopônimo/ sociotopônimo
Catimbau animotopônimo /ergotopônimo/ sociotopônimo	Monjolos Lopes ergotopônimo/ sociotopônimo
Caxingó	Muzungu
Condonga animotopônimo	Nêgo Cotinha
Cumba	Quibungo mitotopônimo/ sociotopônimo
Dunga José	Zumbi mitotopônimo
Macamba fitotopônimo	

COROTOPÔNIMO**Ocorrências: 68**

Angola	Guiné
Angolinha	fitotopônimo
Bangüê	Moçambique
Banguela	Mombaça
Cubango	Guiné de Baixo
Guandu	fitotopônimo

DIRREMATOTOPÔNIMO**Ocorrências: 04**

Come Angu	Quebra Canga
Derruba Moleque	

ECOTOPÔNIMO**Ocorrências: 09**

Cafua

ERGOTOPÔNIMO**Ocorrências: 364**

Angu	fitotopônimo/ somatotopônimo
Angu Cru	Canjica de Manuel Ferreira fitotopônimo/ somatotopônimo
Angu Frio	Canjicas fitotopônimo/ somatotopônimo
Angu Seco	Canjiquinha fitotopônimo/ somatotopônimo
Anguzinho	Capangas antropotopônimo
Bamba	Carimbo
antropotopônimo	Catimbau animotopônimo/ antropotopônimo/ sociotopônimo
Bambê	Caxambu sociotopônimo
Bangüê	Caxambu de Baixo sociotopônimo
sociotopônimo	Caxambu de Cima sociotopônimo
Berimbau	Caxambuzinho sociotopônimo
Bongo	Cazumba
antropotopônimo /fitotopônimo	Conga sociotopônimo
Bumba Gatunda	Farofa
Caborje	Fubá
animotopônimo	Fundanga
Caborjes	Gongo zootopônimo
animotopônimo	Lamba animotopônimo/ sociotopônimo
Caçamba	Marimba
Cachimbo	Monjolinho antropotopônimo/ sociotopônimo
litotopônimo	Monjolinho dos Lopes antropotopônimo/ sociotopônimo
Cacimba	Monjolinho dos Teixeiras antropotopônimo/ sociotopônimo
hidrotopônimo	Monjolo antropotopônimo/ sociotopônimo
Cacimbas	Monjolo de Guilhermino de C. Lopes antropotopônimo/ sociotopônimo
hidrotopônimo	Monjolo de Manuel P. da Costa Lopes antropotopônimo/ sociotopônimo
Cacimbinha	Monjolo de Valdir B. dos Santos Lopes antropotopônimo/ sociotopônimo
hidrotopônimo	Monjolo de Vicente L. de Camargo antropotopônimo/ sociotopônimo
Cafofo	Monjolo Velho de Balbina A. da S. Lopes
geomorfotopônimo/sociotopônimo	
Cafota	
hidrotopônimo/ hodotopônimo	
Cafua	
ecotopônimo/ geomorfotopônimo/ sociotopônimo	
Calumbá	
fitotopônimo	
Calunga	
antropotopônimo/ geomorfotopônimo/ hierotopônimo	
Calunga de Damasceno Costa	
antropotopônimo/ geomorfotopônimo/ hierotopônimo	
Calunguinha	
antropotopônimo/ geomorfotopônimo/ hierotopônimo	
Canga	
Cangalha	
Canjica	
fitotopônimo/ somatotopônimo	
Canjica de Antônio Henrique	

antropotopônimo/ sociotopônimo
 Monjolo Velho Lopes
 antropotopônimo/ sociotopônimo
 Monjolos Lopes
 antropotopônimo/ sociotopônimo
 Mulungu
 Muqueca
 Muxiba

somatotopônimo
 Pão de Angu
 Quindim
 animotopônimo
 Quitanda
 sociotopônimo
 Zabumba

ETNOTOPÔNIMO**Ocorrências: 24**

Caçanje
 sociotopônimo
 Cambina
 antropotopônimo/ sociotopônimo
 Congo
 sociotopônimo
 Congo Choco
 sociotopônimo
 Congo Velho
 sociotopônimo

Congos
 sociotopônimo
 Congos de José Ferreira
 sociotopônimo
 Conguês
 sociotopônimo
 Dombe
 Dondó

HAGIOTOPÔNIMO**Ocorrências: 01**

São José do Mocambo

HIEROTOPÔNIMO**Ocorrências: 11**

Calunga
 ergotopônimo/ geomorfotopônimo
 Calunga de Damasceno Costa
 ergotopônimo/ geomorfotopônimo

Calunguinha
 ergotopônimo/ geomorfotopônimo
 Exu

HODOTOPÔNIMO**Ocorrências: 11**

Bengo
 animotopônimo/ fitotopônimo/ zootopônimo

Cafota
 ergotopônimo/ hidrotopônimo

MITOTOPÔNIMO**Ocorrências: 21**

Muzambinho
 Muzambo
 Quibungo

antropotopônimo/ sociotopônimo
 Zumbi
 antropotopônimo

SOCIOTOPÔNIMO**Ocorrências: 457**

Bambaquiri
 Bangüê
 ergotopônimo
 Cafofo
 ergotopônimo/ geomorfotopônimo
 Cafua
 ecotopônimo/ ergotopônimo/ geomorfotopônimo
 Calindé
 sociotopônimo
 Calindo
 sociotopônimo
 Calundó

sociotopônimo
 Calundu
 sociotopônimo
 Calungu
 sociotopônimo
 Cambina
 antropotopônimo/ etnotopônimo/ sociotopônimo
 Canjerê
 Catimbau
 animotopônimo/ antropotopônimo/ ergotopônimo
 Caxambu
 ergotopônimo

Caxambu de Baixo
ergotopônimo

Caxambu de Cima
ergotopônimo

Caxambuzinho
ergotopônimo

Conga
ergotopônimo

Congo
etnotopônimo

Congo Choco
etnotopônimo

Congo Velho
etnotopônimo

Conguês
etnotopônimo

Cumbé

Lamba
animotopônimo/ sociotopônimo

Maxixe
fitotopônimo

Mocamba

Mocambinho

Moçambique
antropotopônimo/ corotopônimo

Mocambo
antropotopônimo/ ergotopônimo

Monjolinho
antropotopônimo/ ergotopônimo

Monjolinho dos Lopes
antropotopônimo/ ergotopônimo

Monjolinho dos Teixeiras
antropotopônimo/ ergotopônimo

Monjolo
antropotopônimo/ ergotopônimo

Monjolo de Guilhermino da C. Lopes
antropotopônimo/ ergotopônimo

Monjolo de Manuel P da C. Lopes
antropotopônimo/ ergotopônimo

Monjolo de Valdir B dos Santos Lopes
antropotopônimo/ ergotopônimo

Monjolo de Vicente L de Camargo Lopes
antropotopônimo/ ergotopônimo

Monjolo Velho de Balbina A. da S. Lopes
antropotopônimo/ ergotopônimo

Monjolo Velho Lopes
antropotopônimo/ ergotopônimo

Monjolos Lopes
antropotopônimo/ ergotopônimo

Mucambinho

Mucambinho de Joaquim Machado

Mucambinho de José Maciel

Mucambo

Mucaminho

Quibungo
antropotopônimo/ mitotopônimo

Quilombim

Quilombinho

Quilombo

Quilombo de Cima

Quilombo de Geraldo Correia

Quilombo de Sadir Figueiredo

Quilombo do Ambrósio

Quilombo Preto

Quitanda
ergotopônimo

SOMATOTOPÔNIMO
Ocorrências: 24

Cafuringa
animotopônimo

Canjica
ergotopônimo/ fitotopônimo

Canjica de Antônio Henrique
ergotopônimo/ fitotopônimo

Canjica de Manuel Ferreira
ergotopônimo/ fitotopônimo

Canjicas
ergotopônimo/ fitotopônimo

Canjiquinha
ergotopônimo/ fitotopônimo

Catomba

Manjuba
zootopônimo

Mataco

Muxiba
ergotopônimo

6.2.2. Topônimos de natureza física

DIMENSIOTOPÔNIMO

Ocorrências: 03

Alto da Bananeira
geomorfotopônimo

Baixo do Molambo
geomorfotopônimo

Alto do Quilombo
geomortotopônimo

FITOTOPÔNIMO

Ocorrências: 358

Banana

Calumbá
ergotopônimo

Banana do Brejo

Canjica
ergotopônimo/ somatotopônimo

Banana Preta

Canjica de Antônio Henrique
ergotopônimo/ somatotopônimo

Bananal

Canjica de Manuel Ferreira
ergotopônimo/ somatotopônimo

Bananal de Antônio Gigo

Canjicas
ergotopônimo/ somatotopônimo

Bananal de Baixo

Canjiquinha
ergotopônimo/ somatotopônimo

Bananal de Eraco Teixeira

Denga
animotopônimo

Bananal de Ernesto Lima

Guandu
corotopônimo

Bananal de Felismino Teixeira

Guiné
corotopônimo

Bananal de Geraldo Nilo

Guiné de Baixo
corotopônimo

Bananal de Inácio J da Costa

Inhame

Bananal de José Colares

Macamba
antropotopônimo

Bananal de José Lima

Mandembo

Bananal do Bom Jardim

Maxixe
sociotopônimo

Bananal do Dico Saraiva

Mulungu
ergotopônimo/ mitotopônimo

Bananal do Meio

Quiabeiro

Bananal do Pirapitinga

Quiabo

Bananal Pequeno

Quiabo Assado

Bananalzinho

Bananalzinho do Tronqueira

Bananas

Bananeira

Bananeiras

Bengo

animotopônimo/ hodotopônimo/ zootopônimo

Bongo

antropotopônimo/ ergotopônimo

Cachimbeiro

GEOMORFOTOPÔNIMO

Ocorrências: 80

Alto da Bananeira
dimensiotopônimo

ergotopônimo /sociotopônimo

Alto do Quilombo
dimensiotopônimo

Cafua
ecotopônimo/ ergotopônimo/ sociotopônimo

Baixo do Molambo
dimensiotopônimo

Cafumó
animotopônimo

Barra do Bananal
dimensiotopônimo

Cafundão
animotopônimo

Cafofo

Cafundó
animotopônimo

Cafundozinho
animotopônimo

Calunga
ergotopônimo/ hierotopônimo

Calunga de Damasceno Costa
ergotopônimo/ hierotopônimo

Calunguinha
ergotopônimo/ hierotopônimo

Grota do Inhame

Ilha dos Macacos

Murundão
animotopônimo

HIDROTOPÔNIMO

Ocorrências: 20

Cachoeira do Macaco

Cacimba
ergotopônimo

Cacimbas
ergotopônimo

Cacimbinha
ergotopônimo

Cafota
ergotopônimo/ hodotopônimo

Córrego Bananal do Meio

Córrego do Bengo

Córrego do Macaco Seco

Córrego do Monjolo

Córrego dos Macacos

Córrego Macaquinha

LITOTOPÔNIMO

Ocorrências: 08

Cachimbo
ergotopônimo

ZOOTOPÔNIMO

Ocorrências: 265

Bengo
animotopônimo/ fitotopônimo/ hodotopônimo

Cacoco

Cacoco de Cima

Calango

Camundongo

Catito

Catitu

Gongo
ergotopônimo

Macaca

Macacão

Macaco

Macaco Seco

Macacos

Macaquinha

Macaquinhos

Manjuba
somatotopônimo

Marimbondinho

Marimbondo



FIGURA 11: *Rush hour*, de Been Agbee.

Fonte: < <http://michelechristine.wordpress.com/pinturas/pintura-africana/#comment-1387> >
Acesso em: 18 fev. 2012

Considerações finais

Este estudo da toponímia africana de Minas Gerais teve por intento demonstrar um pouco das contribuições linguístico-culturais africanas para a formação do português do Brasil.

Os topônimos são “verdadeiros testemunhos históricos de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população”, como afirma Dick⁴¹. Guardam, portanto, significados que transcendem ao próprio ato da nomeação, o que faz com que o estudo científico dos nomes de lugar seja capaz de resgatar memórias do passado. Os topônimos possuem valor patrimonial, uma vez que possibilitam o reconhecimento e a conservação das tradições e costumes de uma comunidade. Por essa razão, investigamos a contribuição dos negros africanos e de seus descendentes ao português, a partir do estudo toponímico.

Na **Introdução**, buscamos mostrar a importância da presença negra em Minas Gerais, que deixou remanescentes nos diversos aspectos da cultura local e, conseqüentemente, no léxico toponímico mineiro. Esse léxico, que forma nosso *corpus*, foi retirado do banco de dados do projeto ATEMIG (FALE/UFMG).

No Capítulo 1, **Língua, Cultura e Nomeação**, expusemos e discutimos as bases teóricas que sustentam nossa pesquisa. Como afirma Seabra⁴², “não se pode estudar uma língua sem considerar as condições sociais que permitem sua existência, pois ela é um conjunto de práticas não só individuais mas, também, comunitárias.” Língua, cultura e sociedade formam um todo indissociável. Tendo em vista que o aspecto social da linguagem é abordado pelos estudos da Sociolinguística, apresentamos algumas considerações sobre os principais aspectos dessa subárea da Linguística, ressaltando principalmente o trabalho de Labov, referência nos estudos da variação e mudança linguística.

No Capítulo 2, **A presença africana em Minas Gerais**, destacamos a participação do negro africano, ocorrida nos XVIII e XIX, no povoamento do território mineiro, período em que os lugares de Minas Gerais começaram a ser nomeados. Além disso, o capítulo aborda também as línguas africanas que estiveram em contato com o português brasileiro.

No Capítulo 3, **Procedimentos teórico-metodológicos**, apresentamos os métodos utilizados para o desenvolvimento pesquisa, detalhando, principalmente, os procedimentos seguidos para o trabalho com o *corpus*. A metodologia para a análise toponímica dos dados

⁴¹ DICK, 1990, p. 23.

⁴² SEABRA, 2004, p. 27.

foi embasada nas teorias de Dauzat (1926) e Dick (1990a, 1990b e 2004). Além da análise dos topônimos, explicamos como se deu a análise das bases léxicas, para a qual utilizamos dicionários gerais, etimológico, morfológico e vocabulários diversos que reúnem palavras de possível origem africana. Por fim, explicamos os procedimentos metodológicos adotados na formulação Glossário, nos critérios onomasiológico e semasiológico.

No Capítulo 4, Apresentação e análise do *corpus*, procedemos à análise quantitativa dos dados nas mesorregiões de Minas Gerais. Em cada região quantificamos: os topônimos africanos; as bases de provável origem africana (banto, kwa, híbrido e origem incerta); os acidentes geográficos (físicos e humanos); a natureza e a motivação das taxionomias toponímicas.

Nosso *corpus* apresentou 1480 topônimos de possível origem africana, o que corresponde a 1,7% dos 84.923 topônimos que compõem o banco de dados do projeto ATEMIG. Observando a origem dos topônimos africanos, constatamos que: 898 (60,7%) são do banto, 463 (31,3%) hibridismos formados por africanismos e palavras de outras origens (portuguesa, indígena, estrangeirismos), 108 (7,3%) são de origem incerta, 6 (0,4%) são de origem partilhada (banto/kwa) e 5 (0,3%) são do kwa. A análise toponímica revelou maior ocorrência dos topônimos de natureza antropocultural (1356 taxionomias, 62%) em detrimento das taxionomias de natureza física (734 taxionomias, 38%). A motivação toponímica mais recorrente em Minas Gerais foi representada pelos nomes relativos às atividades do homem, os sociotopônimos, que tiveram 457 ocorrências, o que representa 21,9% dos dados. Em seguida, as quatro taxionomias mais recorrentes foram: 364 (17,4%) ergotopônimos, 358 (17,1%) fitotopônimos, 265 (12,7%) zootopônimos, 252 (12,1%) antropotopônimos.

Dentre as mesorregiões, a Oeste de Minas apresentou maior percentual de topônimos de possível origem africana, registrando 2,9% dos dados da região (150 africanismos dentre os 5.012 dados coletados). Em seguida, a região Sul, registrando 2,2% dos dados coletados: 250 africanismos dentre os 10.160 dados coletados na região. O Jequitinhonha foi a região que apresentou menor percentual de africanismos, 82 topônimos, o que representa 1,1% dos dados analisados.

No Capítulo 5, **Análise linguística dos topônimos africanos**, realizamos a análise das bases léxicas de possível origem africana. Em nossos estudos, foram registradas 96 bases léxicas africanas, que se desdobraram em 222 variações toponímicas. Essas variantes, por sua vez, foram repetidas nos nomes de córregos, rios, ribeirões, riachos, lagoas, serras, morros, cidades, fazendas, povoados, localidades, compondo, assim, os 1480

topônimos mineiros de provável origem africana que formam o *corpus* desta dissertação. A base léxica que apresentou maior quantidade de variantes foi banana, com 27 variações toponímicas.

Dentre as 222 bases léxicas de provável origem africana: 98 topônimos são formados por palavras de origem banto, duas são de origem kwa, três são de origem partilhada (banto/ kwa), 106 variantes são hibridismos formados por base banto e palavras de outras origens (português, tupi, origem incerta) e treze são palavras de origem incerta, as quais foram registradas como prováveis africanismos, mas com ressalva de dúvidas quanto a origem ou sem consenso na afirmação da origem por parte dos autores que nos embasamos.

No Capítulo 6, **Glossário**, reunimos os topônimos africanos de Minas Gerais em um Glossário, que possui 162 entradas, que foram organizadas, primeiramente, pelo critério semasiológico e depois pelo critério onomasiológico.

Com esse estudo dos nomes de lugares de origem africana em Minas Gerais buscamos mostrar a participação das línguas africanas na nomeação do território mineiro. O negro africano se fez presente desde o começo da povoação da Capitania das Minas, período em que os lugares começaram a ser nomeados. Apesar disso, pelo que os dados da pesquisa revelaram, percebemos uma parca ocorrência de africanismos na toponímia de Minas Gerais. Acreditamos que esse fato se dá, principalmente, por razões históricas, econômicas, políticas.

Como afirma Queiroz⁴³,

O registro escrito de um saber linguístico é, sem dúvida, um documento histórico de relevância. Todavia não se pode deixar que o reconhecimento dessas línguas se restrinja à anotação de cada palavra e de seu significado. Afinal, se há língua, há homens. E se há homens, há histórias que buscam corpos e vozes para se eternizarem.

A importância de nossa pesquisa, portanto, não está apenas no registro dos topônimos africanos. Seu valor está em mostrar a participação significativa do negro em nossa história, em nossa cultura e na constituição da língua portuguesa no Brasil.

⁴³ QUEIROZ. In: SEABRA, 2006, p. 72.

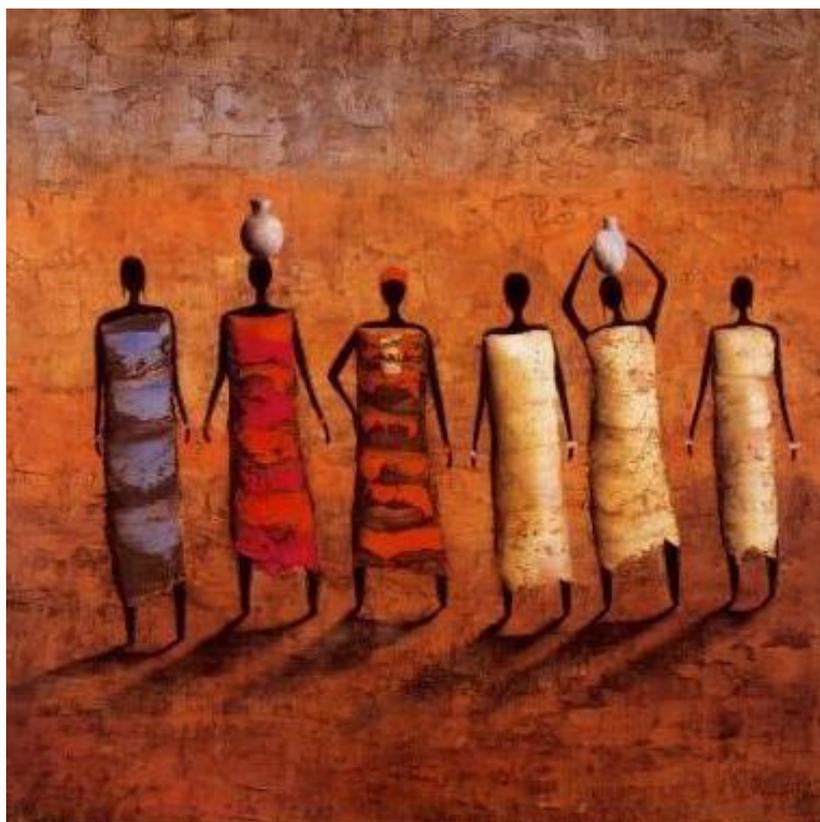


FIGURA 12: *La reunión*, de Michel Rauscher.

Fonte:< <http://michelechristine.wordpress.com/pinturas/pintura-africana/#comment-1387>>
Acesso em: 18 fev. 2012

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos Viventes: formação do Brasil do Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F; BENTES, Anna Chistina (Org.). *Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.
- As mesorregiões de Minas Gerais. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_mesorregi%C3%B5es_de_Minas_Gerais>. Acesso em: 9 set. 2011.
- BARBOSA, Waldemar de Almeida. *Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1995
- BATINGA, Gastão. *Aspectos da presença do negro no Triângulo Mineiro / Alto Paranaíba*: Kalunga. Uberlândia: edição do autor, 1994.
- BEAUREPAIRE-ROHAN. *Dicionário de vocábulos brasileiros*. 2.ed. Salvador: Progresso, 1956. (Coleção de Estudos Brasileiros/Série Cruzeiro-IN 8)
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: *Estudos de Filologia*. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, p. 131-145, 1981.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de, ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. Campo Grande (MS): Ed. UFMS, 2001.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Dimensões da palavra. In: *Filologia e Linguística Portuguesa*. n.2, São Paulo. Humanitas. FFLCH/USP. 1998.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos, 1978.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BLUTEAU, Padre Raphael. *Vocabulario Portuguez e Latino*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.
- BONVINI, Emílio. Línguas africanas e o português falado no Brasil. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Orgs.). *África no Brasil: formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2009.
- BONVINI, Emílio. Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Orgs.). *África no Brasil: formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2009.
- BYNON, Theodora. *Historical Linguistics*. London: CUP, 1977.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *História da Lingüística*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979.
- CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*. Petrópolis: Vozes, 2003.

- CARVALHO, Mônica Emmanuelle Ferreira de. *Língua e Cultura do Norte de Minas: a toponímia do município de Montes Claros*. 2010. (Dissertação – Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- CASTRO, Yeda P. de. *Falares africanos na Bahia* (um vocabulário afro-brasileiro). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, Topbooks, 2001.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *A língua jeje-mina no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2003.
- COSERIU, Eugenio. *Princípios de Semântica Estructural*. Madrid: Gredos, 1977.
- COSTA E SILVA, Alberto de. *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2003.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Lexikon,
- DAUZAT, Albert. *Les noms de lieux*. Paris: Librairie Delagrave, 1926.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Rede de conhecimento e campo lexical: hidrônimos e hidrotopônimos na onomástica brasileira. In: *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande, MS: UFMS, 2004. p.121-130.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *A Motivação Toponímica: princípios teóricos e modelos taxionômicos*. São Paulo: FFLCH/USP, 1990.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil. Coletânea de Estudos*. 2. ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990a.
- DURANTI, Alessandro. *Antropología Lingüística*. Trad. espanhola: Pedro Tena. Madrid: Cambridge University Press, 2000.
- FERRAZ, Aderlande. A inovação lexical e a dimensão social da língua. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). *O Léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio eletrônico século XXI*. Versão 3.0. São Paulo: Editora Nova Fronteira - Lexikon Informática, 1999.1CD-ROM.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
- FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (Orgs.). *África no Brasil: formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2009.
- FREIRE, Laudelino. *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- HECKLER, Evaldo; BACK, Sebald; MASSING, Egon Ricardo. *Dicionário morfológico da língua portuguesa*. São Leopoldo: UNISINOS, 1984. 5v.

HOUAISS, A. & VILLAR, M. de S. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HYMES, Dell. *Language in culture and society*. A Reader in Linguistics and Antropology. New York: Harper and Row, 1964.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: Pennsylvania University Press, Oxford, Blackwell, 1972.

LAYTANO, Dante. *Os africanismos do dialeto gaúcho*. Revista do Instituto Historico e Geografico do Rio Grande do Sul. 1936. V. 2.

LIMA, Emanoela Cristina; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. A toponímia de origem africana do Triângulo Mineiro: resultados parciais do Projeto ATEMIG. 1º Encontro sobre a diversidade linguística em Minas Gerais: cultura e memória. FALE/UFMG, UFOP: Ouro Preto, 2010. Anais.

MACHADO FILHO, Aires da Mata. *O negro e o garimpo em Minas Gerais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. (Retratos do Brasil, 26)

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Confluência, 1952.

MANSUR GUÉRIOS, R. F. *Nomes e Sobrenomes*. São Paulo: Ave-Maria Editora, 1994.

MARTINET, André. *Elementos de Linguística Geral*. Rio de Janeiro: martins fontes, 1975.

MARTINS, José Tarcísio. *Quilombo do Campo Grande: a história de Minas que se devolve povoaoo*. 2. ed. aum. Belo Horizonte: [s.n], 2006.

MATORÉ, G. *La méthode em lexicologie. Domaine Française*. Paris: Didier, 1953.

MENDES, Letícia Rodrigues Guimarães; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *Hidronímia da região do Rio das Velhas: de Ouro Preto ao Sumidouro*. 2009. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1973. (Retrato do Brasil, 83)

MENEZES, Joara Maria de Campos; SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *O léxico toponímico nos domínios de Dona Joaquina de Pompéu*. 2009. (Dissertação – Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

MILROY, L. *Language and Social networks*. 2ª edición, Oxford, Basil, Backwell, 1987.

NUNES, José Horta; PETTER, Margarida. *História do saber lexical e a constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP: Pontes, 2006.

OLIVEIRA, Amanda; QUEIROZ, Sônia. *Palavra Africana em Minas Gerais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG – Edições VivaVoz, 2006.

PAIVA, Eduardo França. *Escravidão e universo cultural na colônia: Minas Gerais, 1716 – 1789*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

PESSOA DE CASTRO, Y. *Falares Africanos na Bahia: um Vocabulário Afro-Brasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

PETTER, M; ALKMIM, T. Palavras da África no Brasil de ontem e hoje. PETTER, M.; FIORIN, J. L. (orgs.) *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 145-177

PETTER, Margarida Maria Taddonni. Termos de origem africana no léxico do português do Brasil. In: NUNES, José Horta & PETTER, Margarida (Orgs.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, Pontes, 2002. (História das Idéias Lingüísticas). p. 123-145.

Pinturas africanas. Disponível em: < <http://michelechristine.wordpress.com/pinturas/pintura-africana/#comment-1387>> Acesso em: 18 fev. 2012

QUEIROZ, Sônia. Palavra africana em Minas Gerais. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). *O Léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

QUEIROZ, Sônia. *Pé preto no barro branco: a língua dos negros da Tabatinga*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

QUEIROZ, Sônia. Remanescentes culturais africanos no Brasil. In: ALETRIA: Revista de estudos de Literatura, v.9, Dez/2002. Belo Horizonte: POSLIT/CEL, Faculdade de Letras da UFMG, 2002. p.48-60

RAIMUNDO, Jacques. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

SAPIR, E. *Linguística como ciência: ensaios*. Rio de Janeiro : Acadêmica, 1961.

SAPIR, Edward. *Language: an introduction to the study of speech*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1949.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1969.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. (Org.). *O Léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*. Belo Horizonte, FALÉ/UFMG, 2004 (Tese de doutorado, inédita).

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Toponímia africana em Minas Gerais: Região do Rio Doce. In: Aparecida Negri Isquierdo; Ieda Maria Alves. (Org.). *As Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia - vol. IV*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2008, v. 4, p. 145-160.

SENNA, Nelson de. Africanismos no Brasil. *Revista de Língua Portuguesa*, n.10, mar. 1921, p. 159-163.

SENNA, Nelson de. *Africanos no Brasil*; estudos sobre os negros africanos e influências sobre a linguagem e costumes do povo brasileiro. Belo Horizonte: Of. Gráf. Queiroz Breyner, 1938.

SENNA, Nelson de. Nótulas sobre a toponímia geográfica brasílico-indígena em Minas Gerais. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v.20, 1926.

SILVA, António de Moraes. *Diccionario da Lingua Portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

SOUZA, Vander Lúcio de. *Caminho do boi, caminho do homem: O léxico de Águas Vermelhas – Norte de Minas*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.